

**Hugo Hoffmann**

**FOLHEANDO  
MEMÓRIAS.....**



**FOLHEANDO MEMÓRIAS.....**



**Hugo Hoffmann**



**FOLHEANDO MEMÓRIAS.....**

**Prefácio**

Helena Marques de Almeida Trzeciak

Marco Antonio Deprá

Edição do autor  
Maringá, PR  
2023

Copyright ©2023 para o autor, Hugo Hoffmann

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, mesmo parcial, por qualquer processo mecânico, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito, do autor.

**Projeto gráfico e editoração:** Jaime Luiz Lopes Pereira

**Organização e estrutura da obra:** Maria Salete Ribelatto Arita

**Capa:** Jaime Luiz Lopes Pereira

**Pesquisa:** Hugo Hoffmann

**Revisão ortográfica:** Hugo Hoffmann

**Normalização:** Maria Salete Ribelatto Arita

**Tamanho da obra:** 33 x 28 cm

**Fontes:** Book Antiqua e Myriad Pro

**Papel:** Couché brilho fosco

**“Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)”  
(Biblioteca Setorial - UEM. Nupélia, Maringá, PR, Brasil)**

H711f Hoffmann, Hugo, 1938-  
Folheando memórias..... / Hugo Hoffmann ; prefácio Helena Marques de Almeida  
Trzeciak, Marco Antonio Deprá. -- Maringá : Edição do autor, 2023.  
296 f. : il. color.  
Obra ilustrada com fotografias e figuras de acervos particulares.  
Referências: p. 295-296.  
ISBN 978-65-00-85858-7 (capa dura).  
1. Hoffmann, Hugo, 1938- - Autobiografia - Brasil - Região Sul. 2. Hoffmann,  
Família - Genealogia - Brasil - Região Sul - História. 3. Delai, Família - Genealogia - Brasil  
- Região Sul - História. 4. Imigração alemã - Brasil - Região Sul - História. 5. Imigração  
italiana - Brasil - Região Sul - História. I. Trzeciak, Helena Marques de Almeida, pref.  
II. Deprá, Marco Antonio, pref.

CDD 23. ed. 929.209816

Maria Salete Ribelatto Arita CRB 9/858  
João Fábio Hildebrandt CRB 9/1140

ISBN 978-65-00-85858-7 (capa dura)

*Dedicatória*

*Buscando sentimentos e recordações do passado distante, sou levado a dedicar essas lembranças aqui expostas, à nobre generosidade de meus pais Paulino e Helena que declinaram de minha parceria junto ao seu trabalho, quando saí de casa para estudar, e à não menos generosa grandeza de meus irmãos Rosalinda, Leonida, Milton Eugênio, Líria Maria, Nair Terezinha e José Airton, que assumiram o posto por mim deixado na família.*

*Atendo-me ao tempo presente, passo a enaltecer o precioso e constante estímulo recebido da parte de meus familiares, que estiveram a meu lado no tempo que envolveu essa conquista: Loretti, parceira em todos os instantes, nossos queridos filhos Ricardo, Renato e Lilene que, conquistando seus pares Sílvia, Suzana e Adriano, nos enriqueceram com os benvindos netos Ana Beatriz, Ana Giulia, Victória, Renan, Agnes, Lorena e Heron.*

## *Agradecimentos*

*Agradeço a Deus o dom da vida e as incontáveis graças dEle recebidas desde a rusticidade do lar em que nasci, envolto sempre, porém, em muito carinho e princípios cristãos.*

*Agradeço o saber auferido junto a meus professores desde Luiz Fioravante Dezanette, incomparável em seu magistério primário, os competentes frades dos Seminários de Luzerna (SC), Rio Negro (PR) e Agudos (SP), com início às ciências e às ricas noções da vivência franciscana, até os mestres dos conhecimentos técnicos a nível de curso secundário e superior em Maringá.*

*Agradeço à família Arno Wilibaldo Vier o terno acolhimento e a singular oportunidade de envolver-me no marcante pioneirismo então vigente no Norte do Paraná, onde encontrei chão para realizar os sonhos de minha vida.*

*Agradeço a João Narciso de Souza, colega de bancos escolares da Escola Técnica de Comércio de Maringá, a providencial sugestão para inscrever-me no concurso público do Banco do Brasil, onde obtive aprovação e acabei abraçando a então cobiçada carreira naquela importante e bicentenária instituição bancária.*

*Agradeço a Dom Jaime Luiz Coelho, 1º Bispo e Arcebispo de Maringá, a criação da Juventude Estudantil Católica (JEC), em cujas fileiras eu e Loretti nos conhecemos e, resolvendo unir nossas vidas para sempre, fomos agraciados com nossos queridos filhos e netos.*

*Agradeço ao amigo e professor Amauri Antônio Meller a oportunidade de realizar o Curso de Especialização em Estatística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), cuja aprovação foi o primeiro diferencial para habilitar-me a lecionar na então pioneira Universidade Estadual de Maringá (UEM) por 22 anos.*

*Agradeço ao amigo e colega de Banco do Brasil, Dr. Raimundo M.B. Carvalho, o notório saber jurídico imposto, a meu favor, na perfeita e incontestável defesa judicial contra pessoa perversa, que tentara transformar um empréstimo pecuniário (negociado a nível de relativa boa-fé) em aquisição da valiosa garantia oferecida.*

*Agradeço às primas Anita David (Hoffmann) e Érica Delai a generosa disponibilização dos dados de suas cuidadosas pesquisas para a estruturação das árvores genealógicas Hoffmann e Delai aqui apresentadas.*

*Agradeço a cordial amizade e a longeva parceria do amigo Oswaldo Pereira Ayres, desde os primeiros anos de 1960 (JEC, Escola Técnica de Comércio, Faculdade de Economia, Banco do Brasil (mesmo concurso e mesmo setor) e, em tempos recentes, em diretorias da AABB Maringá e do Núcleo Social Papa João XXIII, nesse até hoje.*

*Agradeço o consistente acompanhamento e apoio específico nesse Folheando Memórias, da parte do amigo Marco Antônio Deprá, colega de Banco do Brasil, escritor e incansável memorialista.*

*Um Pensamento:*

*Lute com determinação e  
Abraça a vida com paixão.  
Perca com classe e  
Vença com ousadia,  
Porque o mundo pertence  
A quem se atreve e  
A vida é muito bela  
Para ser insignificante.*

*Charles Chaplin*



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	11	2.23 Tio Leo na Itália com a Força Expedicionária Brasileira.....	50
<b>Prefácio</b> .....	13	2.24 Pensando em deixar a atividade rural.....	51
<b>CAPÍTULO 1</b> .....	15	2.25 A Venda da propriedade de Barra do Estreito.....	51
1.1 O vale do rio do Peixe após Guerra do Contestado.....	15	<b>CAPÍTULO 3</b> .....	55
1.2 A chegada da família José Hoffmann/ Emília Ludwig a Bom Retiro (SC).....	21	3.1 Residindo na Vila de Bom Retiro, hoje Luzerna (SC).....	55
1.3 A chegada da família João Delai/ Rosa Tonetto a Bom Retiro, hoje Luzerna (SC).....	25	3.2 Um incidente de percurso.....	55
1.4 A ponte Emílio Baumgart entre Herval do Oeste (SC) e Joaçaba (SC).....	27	3.3 A Nova propriedade.....	55
1.5 Paulino Hoffmann e Helena Delai casam-se em Bom Retiro (SC).....	29	3.4 Topando um desafio.....	57
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	33	3.5 Paulino na montagem de máquinas agrícolas.....	57
2.1 Paulino e Helena morando em Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC).....	33	3.6 Nascimento de Nair Terezinha.....	58
2.2 A Pequena casa de Paulino e Helena.....	35	3.7 O Primeiro emprego.....	59
2.3 Outras instalações e o companheiro Pitico.....	36	3.8 Voltando a estudar.....	59
2.4 O Nascimento do primeiro filho.....	36	3.9 Mudando para o Clube Vitória.....	59
2.5 Melhoramentos programados e realizados.....	37	3.10 No Seminário Franciscano São João Batista em Luzerna (SC).....	61
2.6 O Nascimento de Rosalinda e Leonida.....	38	3.11 Em Luzerna, os rios e as pescarias.....	63
2.7 O Novo paiol e o novo chiqueiro.....	39	3.12 No Seminário São Luiz de Tolosa em Rio Negro (PR).....	63
2.8 Acidente com o minguinho.....	39	3.13 O nascimento do José Airton em 15/05/1954.....	66
2.9 O Nascimento de Milton Eugênio.....	40	3.14 No Seminário Franciscano Santo Antônio em Agudos (SP).....	67
2.10 Hugo e Rosalinda indo à escola de Barra do Estreito.....	40	3.15 Atividades extraclasse em Agudos.....	72
2.11 O Aumento da casa.....	41	3.16 Deixando o seminário no final de 1959.....	72
2.11.1 Nascimento de Líria Maria.....	42	<b>CAPÍTULO 4</b> .....	75
2.12 A Alfafa e a prensa enfardadeira.....	42	4.1 Em Maringá sonhos e conquistas.....	75
2.13 Um Entrevero com Atílio Fontana.....	44	4.2 Em Maringá, com a família de Dr. Arno W. Vier.....	75
2.14 O Trigo.....	44	4.3 A cidade de Maringá que me acolheu.....	75
2.15 O Serviço comunitário.....	44	4.4 Pioneiros de Luzerna (SC) em Maringá (PR).....	79
2.16 Detalhes entre amigos da roça.....	46	4.5 Os desafios na Dental Arno.....	80
2.17 A Marcenaria e a produção de vinho.....	46	4.6 Cursando a Escola Técnica de Comércio de Maringá.....	81
2.18 Mãe Helena e suas iniciativas.....	46	4.7 A Carteira de motorista.....	82
2.19 Ajudando e sendo ajudado.....	47	4.8 Participando da Juventude Estudantil Católica (JEC).....	82
2.20 Na luta diária.....	47	4.9 Liberada a kombi para visitar os dentistas.....	83
2.21 Amigos de infância e suas proezas.....	48	4.10 Comercializando também vinho.....	83
2.22 Paulino e seus amigos.....	48	4.11 A viagem da "Generosa" para Maringá.....	84
		4.12 O concurso para o Banco do Brasil (1961).....	85
		4.13 A Liquigás e a Dental Arno encerrando atividades.....	85
		4.14 A Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM).....	86





4.15 O retorno da "Generosa" a Luzerna .....	87	<b>CAPÍTULO 6</b> .....	123
4.16 Uns dias com a família em Luzerna.....	88	6.1 Peregrinação à Terra Santa, Egito e Europa .....	123
4.17 Funcionário do Banco do Brasil S.A. em Maringá .....	89	6.2 De Campinas (SP) a Madri (Espanha).....	123
4.18 Morando no Castelinho .....	89	6.3 Em Tell Aviv e cidades da Terra Santa .....	124
4.19 Os funcionários do Banco do Brasil .....	90	6.4 O Mar da Galileia (Lago de Tiberíades).....	126
4.20 Primeiras férias no Banco do Brasil .....	90	6.5 O Mar Morto .....	128
4.21 Lecionando no Colégio Estadual Doutor Gastão Vidigal de Maringá .....	91	6.6 O caminho da Via Sacra .....	130
4.22 Certificado de Professor no Ministério da Educação e Cultura.....	92	6.7 Na cidade do Cairo no Egito.....	131
4.23 Cursando a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECHEM).....	93	6.8 Em Atenas, capital da Grécia.....	132
4.24 Compra de casa na Av. Anchieta esquina com Santa Maria .....	94	6.9 Em Roma, capital da Itália.....	133
4.25 Pela frente sempre mais sonhos .....	94	6.10 O Coliseu, símbolo de Roma.....	135
4.26 O encontro no retorno de férias.....	96	6.11 A cidade de São Francisco de Assis.....	136
4.27 O noivado, o fusca e o casamento.....	97	6.12 Em Florença na Toscana-Itália.....	137
4.28 Uma sacanagem frustrada e nossa viagem de núpcias .....	100	6.13 Na cidade de Veneza-Itália .....	138
4.29 As bodas de ouro dos avós João Delai/Rosa Tonetto.....	102	6.14 Na cidade de Genebra-Suíça .....	139
4.30 Loretti, ao volante e eu, aulas à noite.....	102	6.15 Em Paris-França .....	140
4.31 O nascimento do filho Ricardo .....	103	6.16 Em Lisieux, cidade de Santa Terezinha do Menino Jesus.....	141
4.32 Lance sobre a AABB Maringá .....	104	6.17 Em Lourdes de Santa Bernadete Soubirous .....	142
4.33 Cursando a FAFIMAM.....	105	6.18 Por cidades da Espanha, rumo a Fátima em Portugal.....	143
4.34 O nascimento do filho Renato .....	106	6.19 Rumo à Lisboa-Portugal.....	143
4.35 Especialização em Estatística na PUC de Porto Alegre (RS).....	106	6.20 Em Lisboa .....	145
4.36 Um imprevisto de percurso em Osório (RS).....	107	<b>CAPÍTULO 7</b> .....	147
4.37 Lecionando na Universidade Estadual de Maringá (UEM) .....	109	7.1 A Associação Atlética Banco do Brasil de Maringá (AABB) .....	147
4.38 O nascimento da filha Lilene.....	110	7.2 Na Presidência do Conselho de Administração da AABB Maringá.....	147
4.39 Loretti também lecionando na UEM .....	111	7.3 Segundo campo de futebol suíço para os Abebeanos .....	148
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	113	7.4 Aquisição dos lotes 18 e 19 para realocar o ginásio de esportes .....	148
5.1 Envolvimento em atividades agrícolas .....	113	7.5 Em disponibilidade funcional para administrar a AABB Maringá .....	148
5.2 Um financiamento PREVI/CARIM .....	115	7.6 Atenção ao ginásio de esportes .....	150
5.3 A construção da casa nova na Avenida Anchieta/Santa Maria .....	116	7.7 Churrascada ao fogo de chão.....	150
5.4 Uma surpresa extremamente desagradável.....	118	7.8 Aquisição dos lotes 7 e 8 para quadras de tênis.....	151
5.5 Aquisição de mais áreas agrícolas .....	118	7.9 Uma Olimpíada Abebeana .....	151
5.6 Fim da parceria Hugo/primo Valdemar .....	120	7.10 Bar e lanchonete administrados pela AABB .....	152
5.7 Ricardo e Renato participando das atividades.....	121	7.11 A churrasqueira nova.....	152
		7.12 Programa integração AABB/comunidade .....	153
		7.13 Melhoramentos no campo I de futebol suíço .....	154



7.14 Almoços festivos aos domingos .....	154	9.6 Geada no plantio de café e no milho safrinha.....	195
7.15 Jantares e bailes comemorativos.....	154	9.7 A Força da lei contra uma safadeza .....	197
7.16 O Jubileu de Diamante da AABB Maringá.....	155	9.8 Venda da casa na Avenida Anchieta .....	199
7.17 Uma decisão em novos tempos de AABB Maringá.....	155	9.9 Traição sórdida de um colega de BB .....	200
7.18 Texto desabafo .....	155	9.10 O Enfrentando à sórdida traição .....	202
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	161	9.11 Teimando na atividade com vacas leiteiras.....	202
8.1 Na Presidência do Núcleo Social Papa João XXIII.....	161	9.12 Revés do BB repercute na Caixa Econômica .....	204
8.2 O Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá.....	161	9.13 Princípios feridos, mas leve compensação.....	205
8.3 A ajuda que veio da Itália.....	162	9.14 Baixando as velas do barco.....	205
8.4 O Núcleo Social Papa João XXIII em 30/10/1985.....	164	<b>CAPÍTULO 10</b> .....	207
8.5 A criação de um fundo mútuo solidário de poupança .....	165	10.1 164 Anos depois .....	207
8.6 A Escola Profissionalizante Papa João XXIII .....	167	10.2 Em Luzerna (SC) .....	207
8.7 Desempenho da Escola Profissionalizante Papa João XXIII.....	168	10.3 Em Bento Gonçalves (RS).....	210
8.8 Irmãos Maristas na direção da Escola Profissionalizante.....	170	10.4 Em Joanetha/Picada Café (RS) .....	211
8.9 “Pró-Vida” agracia o Núcleo com doação.....	171	10.5 Novamente em Bento Gonçalves.....	214
8.10 O Núcleo recebe o Prêmio Bem Eficiente 1998.....	172	10.6 Em Canoinhas (SC) .....	215
8.11 Título do Mérito Comunitário .....	173	10.7 Em Rio Negro (PR) .....	216
8.12 Um projeto de obtenção de recursos bem sucedido.....	174	10.8 Em Porto União (SC)/União da Vitória (PR).....	217
8.13 Parceria com o Rotary Club de Maringá Colombo .....	175	<b>CAPÍTULO 11 Linha do Tempo I</b> .....	221
8.14 Menção honrosa a Yukio Oscar Yanaga.....	176	Tios Hoffmann e Tios Delai .....	222
8.15 Comenda “Insígnia da Augusta Cruz Pro Ecclesia et Pontífice”.....	176	O Casal Paulino/Helena e Filhos .....	232
8.16 A perda de Dom Jaime .....	177	O Casal Hugo/Loretti e Filhos .....	240
8.17 Cidadãos Beneméritos de Maringá.....	177	<b>CAPÍTULO 12 Linha do Tempo II</b> .....	245
8.18 O Memorial do Núcleo .....	181	Bodas de Ouro do casal Hugo/Loretti .....	255
8.19 O Projeto Catedral (Minha História).....	182	<b>CAPÍTULO 13</b> .....	265
8.19.1 Diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII.....	188	Genealogia de 1.10.5.5 JOSÉ HOFFMANN *20/04/1881	
8.20 Senhoras voluntárias.....	188	em Picada Joanetha Café/São Leopoldo (RS) .....	265
8.21 As Irmãs Servas Adoradoras da Misericórdia.....	190	<b>CAPÍTULO 14</b> .....	281
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	191	Árvore geneológica de 1.3.1 JOÃO DELAI *1894 em Arroio	
9.1 A Fazenda Maringá, no histórico caminho de Peabiru.....	191	Grande/Santa Maria (RS) .....	281
9.2 Primeiras avaliações e conquistas.....	192	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	295
9.3 Reforços para o enfrentamento.....	193		
9.4 Ajustes e aportes financeiros.....	193		
9.5 Construção de uma nova estrada .....	194		





## Apresentação

Minha mãe Helena Delai Hoffmann, aos quase 99 anos (após ter deixado há anos a área rural no mesmo município), morava em Luzerna (SC) e tinha próximos de si dois filhos casados, José Airton e Milton Eugênio, este e família sendo vizinhos, na mesma quadra, à Rua Paulino Hoffmann.

Em 15/05/2018, sentira-se mal e os filhos e as noras Marlene e Ezair hospitalizaram-na com urgência na cidade de Joaçaba (SC), onde veio a falecer na manhã do dia seguinte. Informados da triste ocorrência, filhos e filhas comparecemos às exéquias: Líria Maria, de Chapecó (SC), Leonida, de Toledo (PR), Nair Terezinha, de Brasília (DF) e eu, de Maringá (PR).

As palavras proferidas por Frei Leo Severino Schmidt, ao conduzir a cerimônia religiosa do sepultamento, sensibilizaram a todos, ao enaltecerem gratas lembranças sobre a grandeza de vida de nossos pais, tolhendo qualquer familiar de tentar completá-las.

Impus-me, naquele momento, que deveria dar mais consistência àquelas nobres lembranças, enriquecendo-as e mesmo estendendo-as para o longo do tempo.

Nesse intuito dispus-me a registrar neste “Folheando Memórias” Cap. 13 a árvore genealógica da família José Hoffmann (pai de meu pai) e Cap. 14 a da família João Delai (pai de minha mãe), em configuração do Programa Excel (criada por mim), cujos dados provêm, em sua maioria, de pesquisas das primas Anita David (da parte dos Hoffmann) e de Erica Delai Dotto (da parte dos Delai), de cuja contextualização participei com bastante carinho.

Anita, filha de tia Vergínia Hoffmann, foi extremamente competente em buscar registros históricos até na Alemanha, sobre a origem dos Hoffmann (mãe dela) e na Croácia, dos David (pai dela), que emigraram para o Brasil na segunda metade do século XIX, a cujos dados recorro, com o devido incentivo e anuência da brilhante prima, compulsando seu livro “Raízes e Memórias” editado em 2015.

Erica, filha de tio Arlindo Delai, por outro lado, através de inúmeros encontros de famílias Delai (alguns organizados por ela), coletou elementos de que me valho para apresentar também

a árvore genealógica de João Delai, a partir da emigração Itália/Rio Grande do Sul dos avós de minha mãe, ocorrida também na segunda metade do século XIX.

Procuro registrar fatos vividos por familiares Hoffmann/Delai, iniciados pela saga da emigração ítalo-germânica gaúcha, rumo ao então sonhado solo catarinense do vale do rio do Peixe (ressentido ainda das atrocidades da Guerra do Contestado de 1912 a 1916), em que meus pais se instalaram em área rural de Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) e depois, após deixarem a área rural, continuaram morando no mesmo município, os demais dias de suas vidas.

Da convivência com meus seis irmãos, consigno ocorrências e compartilho lembranças de dias vividos no seio de nossa família Paulino/Helena, até quando deixei, em 1959, os estudos no Seminário Franciscano de Agudos (SP) e busquei o pioneirismo do Norte do Paraná, encontrando chão em Maringá (PR), então “Cidade Menina” aos seus 12 anos. Os desafios foram aí sendo enfrentados no comércio de artigos dentários na Dental Arno, depois como funcionário aprovado em concurso público do Banco do Brasil S.A. e concomitantemente como professor (Matemática e Português) no ensino secundário do Colégio Estadual Gastão Vidigal por 10 anos, quando a continuidade nos estudos (secundário e superior) levou-me a assumir também o magistério superior (Estatística), por 22 anos, na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Em Maringá, onde resido até hoje, casei-me com Loretta Girardi e tivemos três filhos: o Ricardo, casado com Sílvia Regina Gasparotto, nos deu as netas Ana Beatriz e Ana Giulia; Renato e a esposa Suzana Karling são pais de Renan, Agnes e Heron e, a filha Lilene, com Adriano Bezerra de Oliveira, é mãe de Victória e Lorena.

Se faço menção, por vezes, a conturbados enfrentamentos vividos em Maringá, há distantes dias, faço-o para confrontá-los com a marcante diferença de vivência nos dias de hoje ricos em benesses do progresso.

Abordo nestas páginas também minha efetiva participação comunitária na cidade de Maringá, ao lado de Loretta e de nossos filhos, bem como de uma plêiade de amigos colaboradores, nas presidências da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), (por



10 anos) e do Núcleo Social Papa João XXIII (por 32 anos), nesse, participando da diretoria até hoje, com Loretti na presidência.

Interponho ainda, ao final, dois espaços com “Linha do Tempo I” e “Linha do Tempo II”, em cujos contextos procuro incluir fotos (a maioria delas retiradas da Caixa de Recordações de Mãe Helena) e registros de acontecimentos, cujo conteúdo visualiza a passagem do tempo, com tópicos e particularidades vividas com amigos, colegas, parentes e familiares.

Neste desafio senti-me impulsionado também pela doce satisfação com que são tomados aqueles que podem vivenciar, bem além de um tosco retrato, pendente em alguma parede, a história repleta de saudosas lembranças vividas com pessoas que lhes são caras.

Em suma, este “Folheando Memórias” é, antes de tudo, fruto de fascinantes sensações vividas, ao buscar/registrar momentos e fatos, que o tempo levou, mas que oportunizam reviver emoções, que juntadas às do presente, cada um desfruta as suas.



## Prefácio

Coube-nos a honrosa missão de prefaciarmos a obra de Hugo Hoffmann, intitulada “Folheando Memórias”. Confessamo-nos lisonjeados com o convite do querido amigo, de tão longa data. Somos dois dentre tantos amigos angariados e conservados ao longo da sua vida.

A inspiração para escrever este livro surgiu em maio de 2018, durante o funeral de sua mãe Helena, ao ouvir as palavras do Frei Leo Severino Schmidt que a enalteciam e valorizavam a trajetória da família.

Acreditamos que publicar memórias é, antes de tudo, um ato de coragem, pois o autor compartilha sua história pessoal e familiar, suas conquistas, alegrias, sucessos, frustrações e dissabores. Hugo Hoffmann fez isto de forma clara e sem rodeios.

No processo de elaboração, por cinco anos, o autor não economizou esforços, pesquisou a bibliografia existente, conversou com amigos, fez viagens em família, para garimpar imagens e documentos e reavivar memórias.

Filho primogênito de Paulino Hoffmann, descendente de alemães, e Helena Delai, descendente de italianos, Hugo Hoffmann nasceu em Luzerna (SC), estudou em Seminários Franciscanos em Luzerna (SC), Rio Negro (PR) e Agudos (SP) e fincou raízes em Maringá (PR), onde foi professor secundarista no Colégio Estadual Dr. Gastão Vidigal, professor universitário na Universidade Estadual de Maringá, bancário do Banco do Brasil, agropecuarista, cooperativista e presidente da Associação Atlética Banco do Brasil e do Núcleo Social Papa João XXIII.

Esta obra inicialmente foi pensada para ser distribuída somente aos familiares. Porém, em função de seus relevantes, reconhecidos e premiados serviços prestados à comunidade maringaense, o autor foi encorajado a ampliar a tiragem do livro para ser entregue a amigos, colaboradores, bibliotecas e centros de memórias.

“Folheando Memórias” é uma leitura leve, escrito de forma sincera, elegante e em muitos momentos transforma-se em um belo romance, em que o autor declara seu amor à esposa, Loretta Girardi Hoffmann.

Além do bom texto, o leitor terá acesso a centenas de imagens e às bem elaboradas árvores genealógicas das famílias Hoffmann e Delai, apresentadas em modo diferenciado nos Cap. 13 e 14 do livro.

Adentre ao aprazível e singelo mundo rural de Luzerna (SC), das décadas de 1930 e 1940, acompanhe a trajetória de Hugo Hoffmann pelos seminários em que estudou e sua mudança para Maringá, cidade ainda menina aonde chegou em 1959, casou-se, formou família, empreendeu, criou um vasto círculo de amigos e onde vive até os dias atuais, exercendo com dinamismo e de modo exemplar o seu papel de cidadão.

Boa leitura!

Helena Marques de Almeida Trzeciak  
e Marco Antonio Deprá

Maringá (PR), 12 de maio de 2023.





# CAPÍTULO 1

## 1.1 O vale do rio do Peixe após Guerra do Contestado

Não posso deixar de abordar, embora brevemente, o contido no título deste primeiro capítulo, se procuro registrar, nestas páginas, memórias de famílias Hoffmann (por parte de meu

pai, de origem alemã) e de famílias Delai (da parte de minha mãe, de origem italiana), que deixaram o Rio Grande do Sul no final da segunda e no início da terceira década do século XIX, respectivamente, rumo ao vale do rio do Peixe em Santa Catarina e se estabeleceram em Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC) na então Região do Contestado (FOTO 1).

**Foto 1** - Vista atual de Luzerna (SC), antiga Vila Bom Retiro, desde 25/08/1917 ao ser criado o município de Cruzeiro do Sul, hoje Joaçaba (SC).



Fonte: LUZERNA (SC). Prefeitura Municipal (2023).





Ainda no tempo do Império, o Governo Brasileiro havia previsto e iniciado um projeto de construção de uma estrada de ferro, ligando a Província de São Paulo à do Rio Grande do Sul, a qual deveria passar pelo centro do Paraná e oeste de Santa Catarina, objetivando fortalecer a unidade nacional e garantir o domínio desse ameaçado território brasileiro e mesmo usufruir das riquezas naturais aí existentes.

A ferrovia chegou, porém, a Porto União (SC) somente em 1905 (no rio Iguaçu) e a Marcelino Ramos (RS), em 1910, já no Governo da República, passando em solo catarinense pela margem esquerda do rio do Peixe.

A construção dessa ferrovia (Decreto Imperial em 09/11/1889 e término em 17/12/1910) chegou a envolver mais de 8.000 trabalhadores (a maioria imigrantes ou vindos de fora da região), cuja presença (principalmente após a conclusão) passou a gerar fortes conflitos sociais com os nativos da região denominada Contestado, ao Sul do rio Iguaçu e ao Norte do rio Uruguai, na bacia do rio do Peixe (MAPA 1).

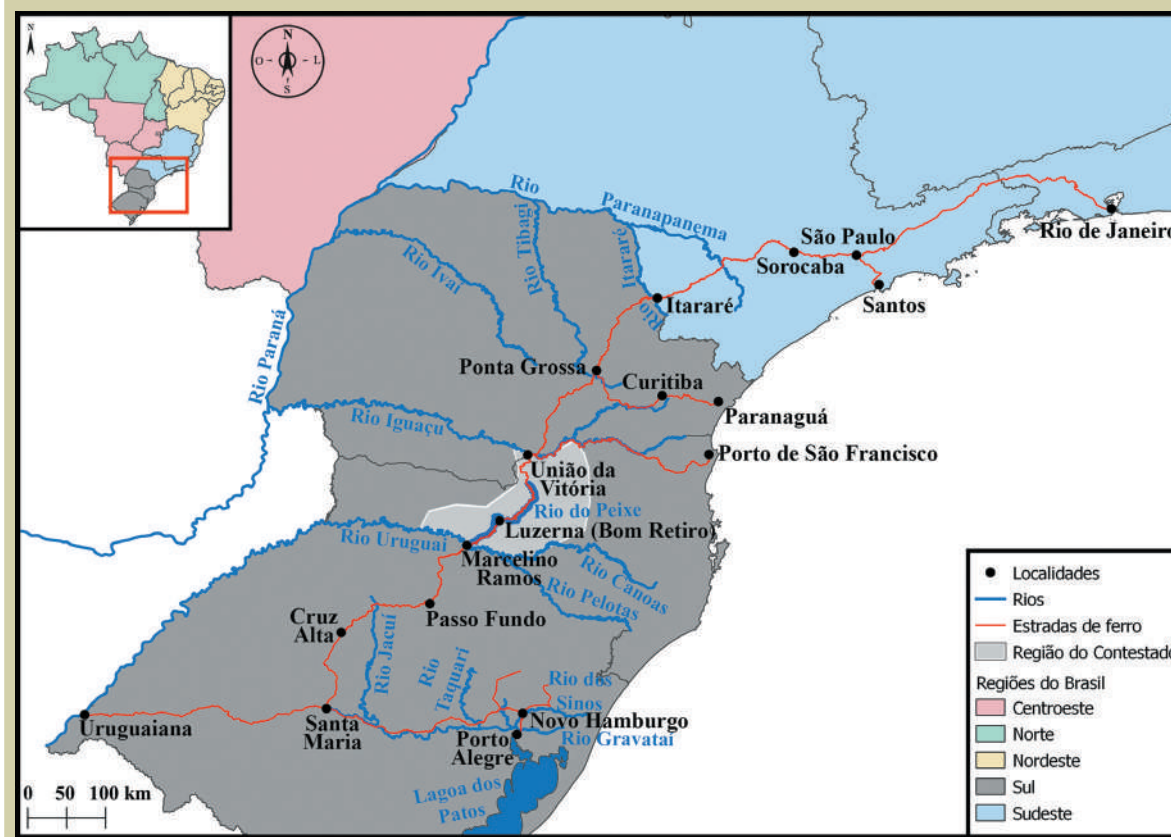
De outubro de 1912 a agosto de 1916 deflagrou-se uma cruel revolta social que levou o nome de Guerra do Contestado, tomando proporções dramáticas em toda a Região (Canoinhas, Itápolis, União da Vitória, Palmas, Porto União, Calmon, Matos Costa, Caçador, Santa Maria, Campos Novos, Curitiba, Lages, Irani entre outras), envolvendo caboclos nativos, posseiros e sertanejos de um lado (lutando por seu chão) e do outro, o Governo da República e o dos dois Estados (PR e SC), por questões legais.

A presença de um monge de nome João Maria (morto e logo substituído por outros monges), impôs conotações de messianismo ao conflito, com forte influência motivacional na organização da resistência local. No final, porém, ocorreu a dizimação praticamente completa dos insurgentes pelo exército brasileiro, com os nativos armados e concentrados na região de Santa Maria (SC), culminando com a desapropriação generalizada de todas aquelas áreas pelo Governo

Brasileiro, que as destinou a serem alienadas a novos colonizadores. Os então ocupantes teriam sido julgados inaptos à organização civil pretendida pelo Governo e deveriam ser substituídos por novos/diferentes colonizadores.

Bom Retiro (hoje Luzerna) localizado à margem direita do médio rio do Peixe, no Oeste Catarinense, era um povoado que, no início do século XX, fazia parte desse Território Contestado, cujo litígio por domínio vinha ocorrendo entre os Governos do Paraná e de Santa Catarina, ocorrido também anteriormente por parte da Argentina, mas, em relação a essa, já houvera ganho de causa em prol do Brasil, em arbitramento litigioso internacional, envolvendo decisão do presidente dos E.U.A. Sr. Stephen Grouver Cleveland em 1895. (Daí a homenagem ao ilustre norte-americano no nome da cidade paranaense de Clevelândia (PR).

Mapa 1 - Região do Contestado, incluindo estrada de ferro SP/RS.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá.

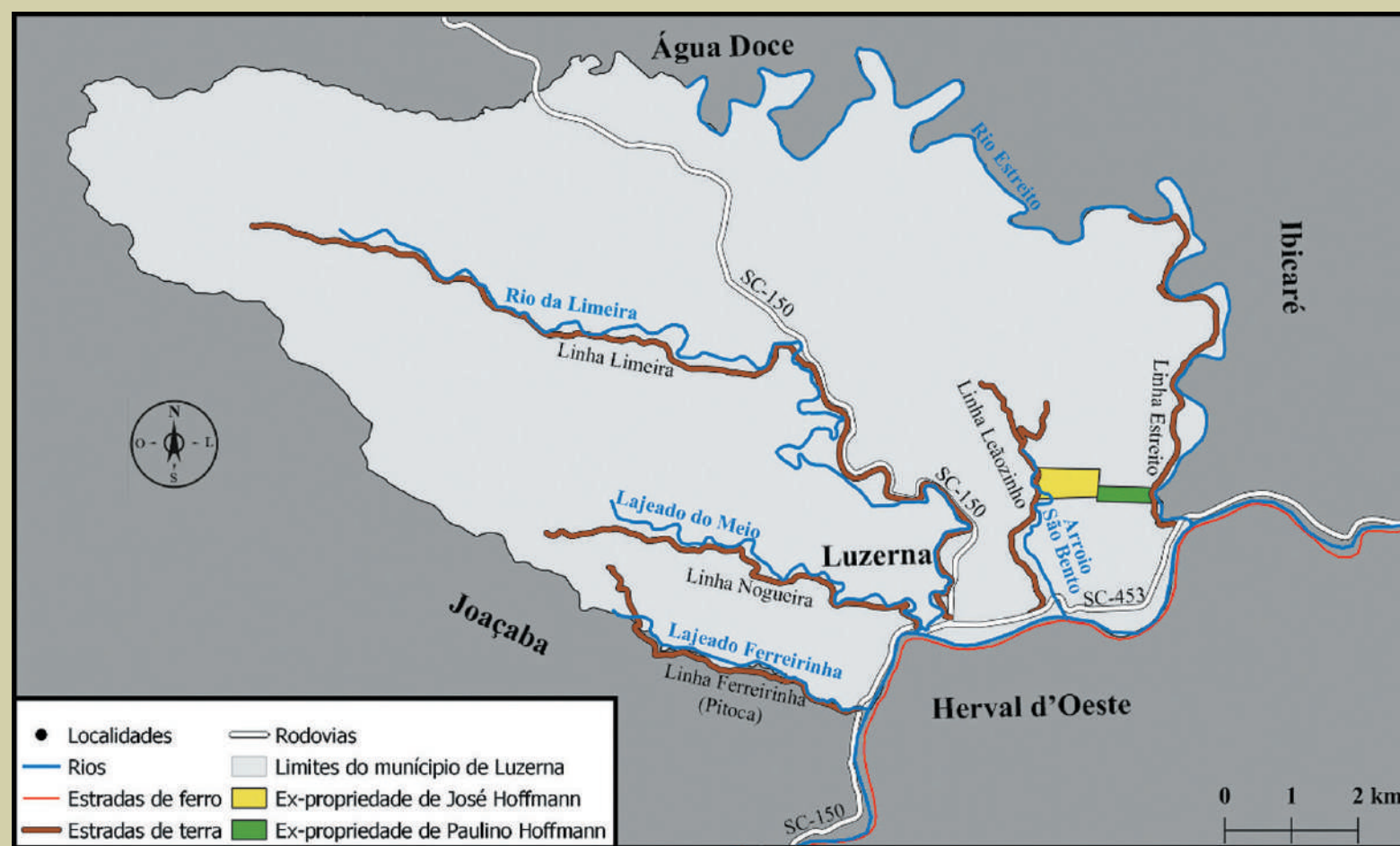


Em 1915, antes mesmo do final dessa guerra fratricida, como o centro das contendas deslocara-se dessa região, era constituída politicamente a Colônia Bom Retiro, que, adquirida pelo engenheiro eletrotécnico alemão Henrique Hacker, foi dividida em 900 lotes de 10 alqueires e postos à venda principalmente a imigrantes rio-grandenses. Em abril de 1916 já eram recebidos os primeiros compradores (de cultura germânica e italiana) procedentes de municípios riograndenses como São Leopoldo, Montenegro, Santa Cruz, Santa Maria e outros, onde teutos e ítalos brasileiros já enfrentavam dificuldades em obter chão e trabalho para suas numerosas e sempre crescentes famílias.

As atuais divisas entre os estados de Santa Catarina e do Paraná, nessa região, foram arbitradas em 20/10/1916, em ato do presidente da República do Brasil Wenceslau Braz.

Extinta a contenda, a Região passou a ser organizada politicamente e em 25/08/1917 era criado o Município de Cruzeiro do Sul, hoje Joaçaba (SC), quando o povoado Bom Retiro (SC), referenciado até então como Passo do Limeira, à direita do rio do Peixe, passou a fazer parte do novo município. Era notório o fato de nas proximidades da foz do afluente rio Limeira haver condições favoráveis para alcançar a margem oposta do rio do Peixe, onde em 1915 fora inaugurada a “Estação Bom Retiro”, da via férrea (MAPA 2).

**Mapa 2** - Município de Luzerna (SC), mostrando, em amarelo, propriedade que pertenceu a José Hoffmann e, em verde, colônia de Paulino Hoffmann.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco António Deprá.



Outros empreendimentos mais foram ocorrendo e a estrada de ferro São Paulo/Rio Grande do Sul, como projetado pelo governo brasileiro, foi importante elemento facilitador da reocupação e da colonização dessa região contestada e mesmo desse todo Sul Brasileiro em moldes então impostos para garantir a unidade nacional.

Nesse processo migratório, famílias em sua maioria rio-grandenses foram se estabelecendo nos vales de rios, em lotes disponibilizados à compra e à exploração agrícola, cujas localizações recebiam a denominação de Linhas, seguidas do nome do rio que banhava o respectivo vale. Assim surgiram na região as Linhas: Ferreirinha (Pitoca), Nogueira, Limeira, Grafunda, Leãozinho, Estreito, Triângulo e outras tantas mais, seguindo sempre esse critério.

O empreendedor alemão católico Henrique Hacker, adquirente da Colônia Bom Retiro, relacionava-se muito bem com os frades franciscanos da Província Imaculada Conceição em São Paulo (SP), onde atuavam muitos frades alemães e, buscando também contato com a Igreja Luterana, doou a essas instituições, em 1918, boas áreas de terra. Ciente de que a religião sempre exercera decisiva influência na sustentação e na evolução de novas comunidades/civilizações (opondo-se a noções vigentes do positivismo) exigiu apenas que viessem padres e pastores e se estabelecessem nas áreas doadas.

Em 1925 era inaugurada a primeira igreja católica em Bom Retiro (SC), atendida por frei Osvaldo Schlenger que residia em Palmas (PR). Por certo, exercia seu sacerdócio percorrendo as comunidades a cavalo, pois esse meio de locomoção era o caminho mais razoável naqueles dias.

Em 06 de outubro de 1935 era criada a Paróquia Franciscana São João Batista na Vila Bom Retiro (SC), sendo Frei João Evangelista Reinert seu primeiro vigário, (FOTO 2) a nova igreja.

A presença da religião cristã revelou-se efetivamente fundamental no evoluir da colonização que aí se estruturou com grandeza, após os trágicos sacrifícios de vidas nos terríveis anos de guerra social. A escassez e inexistência

de recursos, já vivenciada pelos caboclos nativos e então também pelos novos ocupantes colonizadores, só pôde ser enfrentada com heroicas lutas providas de forte determinação e fé de cada família.

Em 1937 chegavam também as irmãs Franciscanas de Bonlanden (Alemanha), que ergueram na localidade seu colégio denominado Imaculada Conceição. (Todos os filhos do casal Paulino Hoffmann/Helena Delai estudaram no colégio dessas irmãs, cujas atividades marcaram fortemente o magistério local até o ano de 1996, quando deixaram Luzerna, e são lembrados até hoje os nomes das irmãs Sixta, Marieta, Contarda e Bertilha).

**Foto 2** - No alto a casa paroquial e a Igreja Matriz São João Batista de Luzerna (SC). Na esquina, em primeiro plano, ora sem construção, localizava-se o Colégio Imaculada Conceição das Irmãs Franciscanas de Bonlanden (Alemanha), em que estudaram todos os filhos do casal Paulino Hoffmann e Helena Delai. Era uma construção em madeira em três pavimentos e foi reconstruída em alvenaria do outro lado da Igreja Matriz e nele as irmãs franciscanas atuaram até 1996. (O atual prédio pertence hoje à Prefeitura do Município de Luzerna (SC).



Fonte: FRANCISCANOS (c2023).



Em 1941 era inaugurado o Hospital São Roque, pioneiro na região, sob a administração das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo (Religiosas que também corroboraram no Núcleo Social Papa João XXIII em Maringá (PR), desde a fundação em 1972 até 2018, de cuja administração, eu e Loretta, temos participado desde 1985).

Nesse mesmo ano, era instalado também o Seminário São João Batista (onde estudei) (FOTOS 3,4,5), que atuando no ensino primário e na admissão ao ginásio, encerrou as atividades em 1994, pelo qual, nesse período (53 anos), passou um contingente de mais de 2.500 adolescentes de famílias de toda a região (Google: Seminário Franciscano de Luzerna), uns chegando a serem ordenados frades franciscanos, após completarem a formação em Filosofia e Teológica em Petrópolis (RJ) e outros, como eu, buscando outros caminhos.

**Foto 4** - No centro à esquerda o antigo Seminário, onde em primeiro plano alguns seminaristas aparecem colaborando em serviços de campo e no alto, à direita, o Hospital São Roque, que foi por longo tempo administrado pelas Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo.



Fonte: SEMINARISTAS ... (2012).

**Foto 3** - Antigo Seminário São João Batista de Luzerna inaugurado em 1941, pela Ordem do Padres Franciscanos (OFM), em área recebida em doação do empreendedor Henrique Hacker em 1915. Esteve atuante até o ano de 1971, quando passou para novas instalações (Foto 5).



Fonte: SEMINARISTAS ... (2012).

**Foto 5** - As novas instalações do Seminário São João Batista de Luzerna, inauguradas em 1971, substituíram o antigo em madeira (Foto 3), que aí atuou até 1994. O imóvel é hoje propriedade da Prefeitura Municipal de Luzerna (SC).



Fonte: SEMINARISTAS ... (2019).



Em 1946, Bom Retiro passava a denominar-se Luzerna (SC), atendendo a uma lei federal que pedia a eliminação de mesmos topônimos (nomes de locais) para cidades e lugares. Quando estudei no seminário ouvi que o nome “Luzerna” teria advindo de sugestão de Frei Jerônimo Back, que lá lecionava e que teria sugerido o nome “Luzerne”, que em francês significa alfafa, forrageira essa muito plantada na região naquele tempo. A semelhança do nome, porém, teria apenas influenciado na decisão do nome “Luzerna”, que significa grande clarão em português.

Em 29/12/1995 a cidade foi emancipada politicamente para Município de Luzerna (SC), tendo contado, nesse histórico processo, com o notável esforço político de José Airton Hoffmann, filho caçula de Paulino Hoffmann e de Helena Delai, que nesse tempo exercia o mandato de vereador da cidade de Joaçaba (SC), da qual Luzerna (que o elegeu) era distrito. A campanha fora intensa e incansável como revela o documento registrado a seguir (FOTO 6).

Foto 6 - Folder da “Campanha da Emancipação do Município de Luzerna”.

#### MOVIMENTO EMANCIPACIONISTA

- 1.0 - **DAS FINALIDADES:** O movimento emancipacionista, foi criado com a finalidade de estudar as possibilidades de Emancipação Política e Administrativa de LUZERNA, desencadeando assim debate sobre o tema.
- 2.0 - **DA FORMALIZAÇÃO E LEGALIDADE:** O processo de EMANCIPAÇÃO de LUZERNA, encontra-se protocolado junto a Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, desde 29 de novembro de 1.990, sob a égide da Lei nº 29 de 21 de junho de 1.990, que rege a matéria sobre a criação de novos Municípios.
- 3.0 - **DA FUNDAMENTAÇÃO JURÍDICA:** Fundamenta-se no artigo 110, § 1º da Constituição Estadual de Santa Catarina de 1.989.
- 4.0 - **DA FUNDAMENTAÇÃO SOCIOLÓGICA:** Respaldo na regra do Milenar Direito Natural de que a comunidade tem o direito de autodeterminação política, dentro do princípio consagrado de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.
- 5.0 - **DOS COMPROMISSOS:**
- 5.1 - Com a forma democrática, repudiando o empreguismo, protecionismo resguardando o direito de cada cidadão, acima dos preconceitos de cor, credo, raça e classe social.
  - 5.2 - Pela realização de plebiscito para aferir a vontade da população se deseja ou não a Emancipação Política.
  - 5.3 - Pela organização de uma estrutura administrativa horizontal, ampliando autonomia para as comunidades do interior.
  - 5.4 - Com o despertar de consciência através de debates com as diversas camadas da população.
  - 5.5 - De tornar público e deixar a disposição de pessoas ou entidades todos os nossos atos.
  - 5.6 - Com a busca e reconhecimento de nossa legitimidade junto aos demais municípios de Santa Catarina e do Brasil.
- 6.0 - **DOS FATORES QUE MOTIVAM A EMANCIPAÇÃO:**
- 6.1 - **Fatores Políticos** - O não respeito na prática a regra constitucional de que todos são iguais perante a Lei, quando nossos legítimos representantes do distrito que exercem cargos eletivos, são privados de reivindicar o que merecemos pois a primazia é sempre aos interesses da cidade de Joaçaba. HOJE, LUZERNA não comporta a dimensão que possui, de um intendente e uma secretária. LUZERNA, precisa de Autonomia Financeira e Administrativa, e para isso só emancipando.
  - 6.2 - **Fatores Tributários** - A considerável arrecadação de Luzerna, em tributos, será totalmente empregada em benefício do novo município, trazendo com isso melhores perspectivas para melhoramentos.
  - 6.3 - **Fatores Econômicos** - A produção econômica de LUZERNA na área Agrícola e Industrial, Comercial e Prestadores de Serviços, segundo consta nas estatísticas de arrecadação fiscal, por si só atestam a capacidade de desenvolvimento auto-suficiente, que levará a curto espaço de tempo um município, que será modelo em Santa Catarina.
  - 6.4 - **Fatores Geográficos/Climáticos** - Com uma malha rodoviária de 192,00 Km, entre estradas estaduais e municipais, uma área de aproximadamente 125.000 m², pode ainda ampliar muito mais abrindo novas estradas, melhorar consideravelmente as já existentes, proporcionando um escoamento dos produtos da área rural, em qualquer circunstância, para qualquer ponto do país; a área a ser emancipada está servida de um grande manancial de água pluvial e potável; possui ainda grandes várzeas próprias para a instalação de novas indústrias.
  - 6.5 - **Fatores Culturais** - Colonizada por Alemães e Italianos em especial fazem de LUZERNA um centro de Cultura Italogermânica, sem desmerecer as tradições culturais Nacionais difundindo entre a população conhecimentos que fazem os LUZERNENSES se destacarem inclusive a nível Nacional.
  - 6.6 - **Fatores Sociais** - A municipalização trará novas oportunidades a todos. Freará a possibilidade da população procurar outras oportunidades fora de LUZERNA. A grande expectativa de criação de novos empregos é uma realidade. A melhoria considerável da Zona Rural, através de convênios com o Estado, certamente manterá a população da Zona Agrícola confiante, proporcionando um aumento considerável na produção de grãos, assim como também de Leite e carnes e outros derivados da agricultura.
  - 6.7 - **Fatores Comparativos** - Um grande espelho que nos motiva a trabalhar para a implantação do nosso município é o resultado de outras emancipações que ocorreram no Estado de Santa Catarina e no País Inteiro, provando que a descentralização administrativa faz com que a população participe diretamente e ativamente, fiscalizando todos os atos administrativos. A chamada transparência administrativa é uma realidade quando a população tem facilidades em saber e conhecer, podendo opinar, ajudando aos administradores que poderá ser VOCÊ LUZERNENSE a atingir aos objetivos e anseios de toda a comunidade. Tudo isto é possível em um pequeno município. Quanto maior a área a ser administrada, maior serão as desigualdades e as dificuldades. LUZERNA dado as características peculiares, será sem dúvida um município ideal; porque temos infra-estrutura, facilidade de comunicação, extensão territorial que permite acesso e contato imediato, sem entraves de qualquer espécie para qualquer lugar do País.
- Sem pretender menosprezar municípios há muito existentes e outros recentemente emancipados, ninguém poderá por dúvidas de que LUZERNA tem mais potencial, possui melhores condições, reúne enfim sob todos os aspectos, uma grande vantagem sob todos os pontos de vista, superando inclusive até municípios que são sede de Comarcas. Portanto, porque não pode ser município? É porque teremos que sustentar uma Prefeitura? Funcionários? Uma Câmara de Vereadores? ORA, mil vezes ter essas despesas e progredir, do que permanecer eternamente dependendo de migalhas, sem vislumbrar nenhuma expectativa em relação ao futuro, assistindo sem nada poder fazer, a juventude que sem opção simplesmente vai embora não tendo alternativa para ficar, não tem onde trabalhar. A prefeitura será a primeira empresa a ser instalada no município, empresa essa que será administrada por você LUZERNENSE como também a Câmara de Vereadores, que será composta por eleitores somente de Luzerna, quando a partir daí estaremos mantendo o que é nosso, as nossas custas, razão pela qual teremos todo o direito de aqui mesmo reclamar, exigir, cobrar os nossos administradores sem precisar nos deslocar a Joaçaba, onde muitas vezes sequer somos recebidos. **Da Máquina Administrativa** - A criação de uma nova máquina administrativa, entende-se que faz parte do processo, uma vez que despesas com Prefeito, Vice-Prefeito, Câmara de Vereadores, Secretários, Funcionários, etc., hoje, LUZERNA já contribui com uma grande soma do pagamento no município de Joaçaba. Portanto porque não pagarmos em LUZERNA, uma vez que o dinheiro circularia aqui, tendo um reflexo no comércio e um efeito de Renda com a própria geração de empregos? Esperamos ter esclarecido em parte as razões da emancipação, sabemos que nem tudo é um mar de Rosas, por outro lado, não estamos aqui, fazendo uma campanha partidária, simplesmente explanando o que é melhor para LUZERNA; não ignoramos que nem todos sustentam o nosso ponto de vista, a esses respeitamos a sua opinião, porém não temos medo e sim certeza absoluta de que entre os contras e prós a Emancipação, os argumentos que determinam a nossa Independência Política Administrativa, são reais e verdadeiras; somente os pessimistas, os acomodados e principalmente uma minoria satisfeita com seus interesses, pretendem impor seu ponto de vista, sobre a maioria esmagadora. Não é nosso intuito polemizar com quem quer que seja, entretanto salta aos olhos que os fatores de Emancipação apresentados, estão acima de qualquer outro argumento contrário. Desde já conclamamos ao povo de LUZERNA a unirem-se desde o mais humilde ao mais forte, para juntos caminharmos rumo ao Futuro sem Medo, com fé esperança, pois nada poderá deter a nossa arrancada ao PROGRESSO.



## 1.2 A chegada da família José Hoffmann/ Emília Ludwig a Bom Retiro (SC)

Em 1919 José Hoffmann e Emília Ludwig, pais de Paulino Hoffmann, meu pai, deixaram Picada Joanetha do Café/São Leopoldo (RS) para radicarem-se na Linha Leãozinho/Bom

Retiro (SC), onde a colonização estava sendo empreendida por descendentes de alemães. Foram morar inicialmente em instalações bastante rústicas, mas mais tarde, já com resultados da agricultura e com corretagem (ganhos de comissão na venda de terrenos da Colonizadora), meu avô José construiu uma bela casa (FOTO 7).

**Foto 7** - Em 25/11/1933, vista da nova casa da família José Hoffmann/Emília Ludwig na Linha Leãozinho, Bom Retiro (SC), por ocasião do casamento de Vergínia Hoffmann e Miguel David. Identificados (alguns) da esquerda para a direita, separados pelo 1º pé direito, Joselino e Paulino, à direita do 2º pé direito, José e Emília com a caçula Suzana e então, os noivos Vergínia e Miguel.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1933).<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Coletânea de fotos- Caixa de recordações de Mãe Helena.



Intrigante desafio, a um bom entendimento, nos deixa a realização do casamento de José (de Picada Joanetha do Café (RS)) (FOTO 8) e Emília (de São Pedro de Alcântara (SC)), próxima a Florianópolis), em fins do ano de 1908, com residências a uma distância de mais de 500 km. Por quais caminhos e/ou estradas? Com quê meio de transporte? Sabemos, porém, que José conheceu Emília em uma viagem que fizera, em companhia de um médico, a São Pedro de Alcântara, cidade catarinense em que predominava a cultura germânica, ocasião em que, conhecendo Emília, prometera que viria buscá-la para casarem-se (conforme relato da prima

Anita, em seu livro Raízes e Memórias). Sabe-se que José cumpriu a promessa e foi buscar Emília a cavalo, quando ela já havia quase perdido a esperança de a promessa ser cumprida.

Supõe-se que José, já com seus 27 anos (fora da idade normal para o casamento na época), administrava negócios, em que utilizava cavalos para transporte e, por esse meio, de estalagem em estalagem, tenha levado a noiva e seus pertences para junto da casa da mãe Magdalena, em Picada Joanetha do Café, município de São Leopoldo (RS) em cuja companhia viveu por dez anos, antes de mudarem-se para o Vale do rio do Peixe.

**Foto 8** - Em 1912 (Picada Joanetha (RS), vista da casa dos bisavôs Johan Hoffmann/Magdalena Jung, por ocasião do casamento de Pedro Hoffmann e Catharina Spengler, ele irmão mais novo do avô José Hoffmann. Justificam essa foto os coqueiros junto aos quais José/Emília e os 4 pequenos filhos deixaram a mãe, sogra e avó Magdalena inconsolada, amargando a despedida com a sensação de que nunca mais os haveria de rever, pois partiam para a distante Linha Leãozinho, Bom Retiro (SC). (Fato ocorrido, pois faleceu 4 anos depois sem revê-los).



Fonte: DAVID (2015).

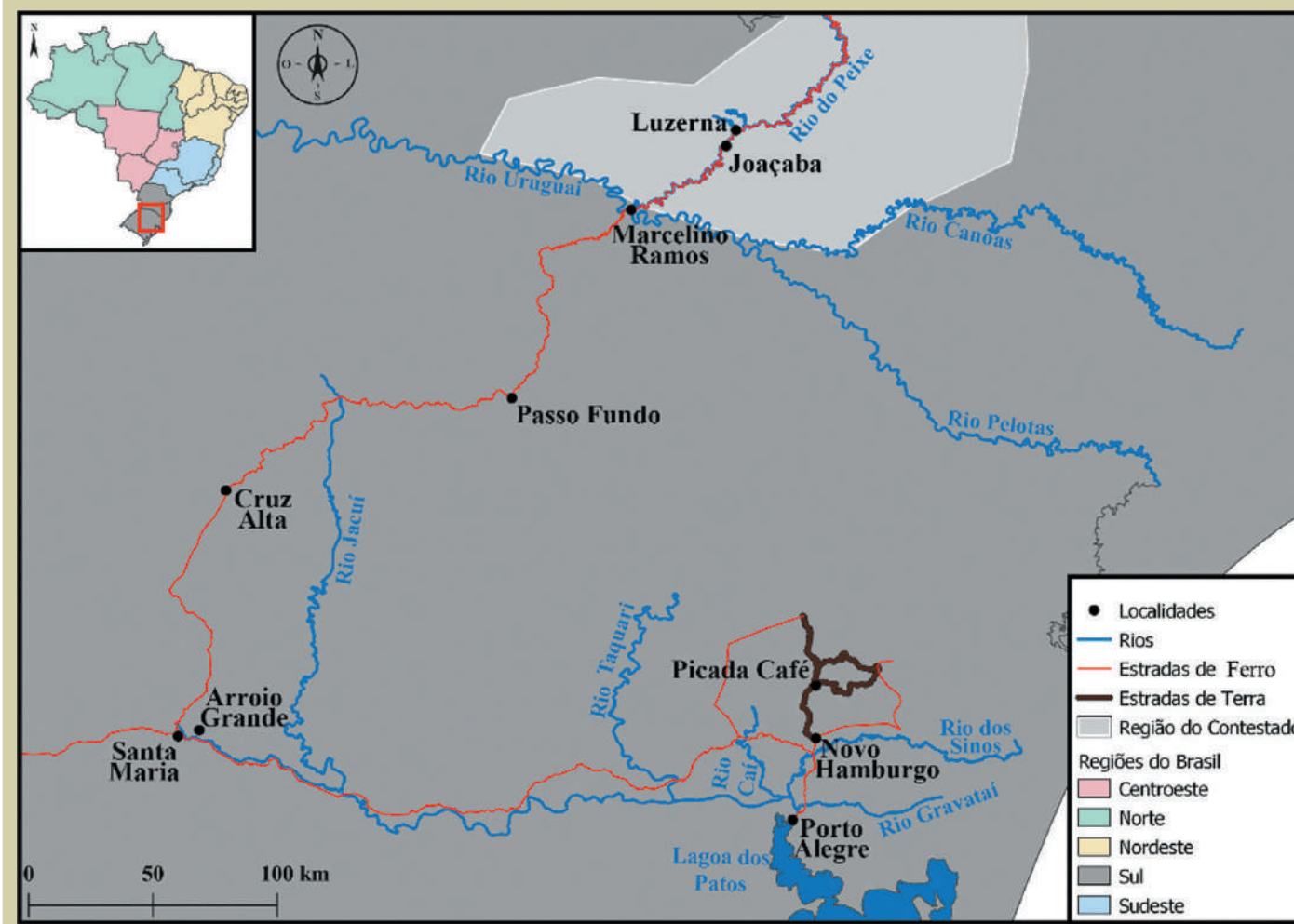


A saída da família José Hoffmann/Emília de Picada Joaneha do Café (RS) denota ter ocorrido com lances de extrema emoção, só suportada por pessoas afeitas a atos de marcante heroísmo, conforme relata a prima Anita David em seu livro já citado.

Em 1919, José já havia feito o reconhecimento da Linha Leãozinho/Bom Retiro (SC) e providenciara um local para ocuparem ao deixar a casa da mãe, após 10 anos. Em Picada Café (MAPA 3), reuniu a esposa Emília e os quatro filhos pequenos, Vergínia (9), Joselino (7), Paulino (4) e Filomena (3), recolheu os pertences

da família e, ao rumarem para estação da estrada de ferro após dramática despedida, deixaram a mãe Magdalena Jung (69), apoiada a um coqueiro em frente à casa em que morava também outro filho (Pedro). A mãe (sogra e avó), já viúva (o marido Johann, alemão de Dirmingen-Alemanha, imigrante em 1857, falecera há quase 20 anos em 1900), lá ficou sorvendo a amargura do pressentimento de que nunca mais iria ter a convivência e o afeto do filho, da nora e dos 4 netinhos, em vista da longa e difícil distância que os iria separar e também da precariedade de recursos então existentes.

**Mapa 3** - Roteiro de Picada Café, então, São Leopoldo (RS) para Linha Leãozinho/Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC) cumprido por José/Emília e seus quatro filhos em 1919.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá.





Morando em Bom Retiro na Linha Leãozinho, nasceram ainda os demais 4 filhos do casal: Leo (1920), Maria (1922), Leonardo (1925) e Suzana (1930).

A Família José Hoffmann/Emília Ludwig (FOTO 9) continuou

morando em Leãozinho até o ano de 1948, quando se mudou para Porto União (SC), juntamente com os filhos ainda não casados, sob influência do filho Leo, que retornara da Itália, aonde fora como combatente (pracinha) convocado da Segunda Guerra Mundial.

**Foto 9** - Em 1925 Família José Hoffmann e Emília Ludwig na Linha Leãozinho, Bom Retiro (SC). Identificados da esquerda para a direita, fila do alto: Filomena, Vergínia, Joselino e Paulino; pela frente: Leo, Emília, com Leonardo ao colo, Maria, José e irmão de José. A caçula Suzana ainda não havia nascido.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1925).<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



### 1.3 A chegada da família João Delai/ Rosa Tonetto a Bom Retiro, hoje Luzerna (SC)

Quanto à mudança da família João Delai/Rosa Tonetto, pais de mãe Helena Delai para Bom Retiro (SC), temos menos detalhes, porém, bastante envolventes. Sabemos que João Delai (\*21/02/1896) era natural de Arroio Grande, lugarejo pertencente à Santa Maria da Boca do Monte (RS), filho de Giuseppe Delai (\*1864), natural de Formi (Itália) e de Angelina Sartori (\*1872). Rosa Tonetto (\*21/08/1898), por sua vez, era natural da região da Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins (RS) (a que Santa Maria (RS)

também pertencia), isso por suposição, em vista do grande número de famílias “Tonetto” relacionadas no livro “Povoadores da Quarta Colônia” (pág. 160) de autoria de José Vicente Righi, Edir Lúcia Bisognin e Valmor Torri.

Em conversa com Elda Libra Marqueze (\*1925) (FOTO 10), esposa de tio Gentil Antônio Delai, colhi informes sobre a vinda dos pais de Helena Delai à Linha Pitoca/Bom Retiro (SC), dado que Elda acompanhou a família dos Delai, desde sua chegada à Linha Pitoca, onde se estabeleceram, ouvindo sempre as histórias/aventuras deles, por ser de família vizinha, com que se relacionava bastante e acabou casando-se com um dos filhos, o Gentil Antônio Delai.

**Foto 10** - Com tia Elda e filhas Gelci, Nelci e Geni, em Luzerna (SC) em Fev/2021., confirmando alguns dados aqui relatados.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girard (2021).<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Arte/celular de Loretta Girardi Hoffmann, esposa do Sr. Hugo Hoffmann, em visita ao local.



João Delai/Rosa Tonetto, em 1925, deixando Santa Maria da Bocado Monte (RS), valeram-se também da estrada de ferro São Paulo/Rio Grande do Sul, aportando na estação de Herval do Oeste (SC), cidade gêmea de Joaçaba (SC) com 4 filhos pequenos: Josephina (8), Helena (6), José (4) e Gentil Antônio (2). Como o destino era a Linha Ferreirinha (popular Linha Pitoca) que ficava à meia distância, entre a estação ferroviária de Herval d'Oeste (SC) e a de Bom Retiro (SC), à margem oposta do rio do Peixe. A decisão por Herval d'Oeste parece ter sido acertada, pois havia pela frente a travessia do rio do Peixe, sem ponte, que “quando cheio assusta”, segundo alertas que devem ter ouvido.

Transposto o rio do Peixe, o casal e os pequenos filhos rumaram para o destino que era a última colônia da Linha Pitoca, distante uns 4 km da cidade de Joaçaba (SC). Pertences pesados (se houvera) devem ter permanecido em depósito na estação férrea, pois era urgente chegar ao destino, avaliar o desafio que estava pela frente e também conhecer os vizinhos, pois João, segundo tia Elda, só tinha a indicação de amigos sobre a propriedade que adquirira.

O casal João Delai/Rosa desbravou o local em que se estabeleceu e nele nasceram os demais 5 filhos: gêmeos Ângilo e Gentila (1927), Iseo (1928), Anair (1935) e Arlindo (1936) (FOTO 11).

**Foto 11** - Em 1941, família João Delai e Rosa Tonetto com seus 9 filhos, identificados da esquerda para a direita: Gentila, Helena, Josephina, José e Gentil Antônio e, pela frente, Arlindo, Anair, entre os pais (João e Rosa), Iseo e Ângilo.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1941).<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Coletânea de fotos- Arte de João Zeni, Caixa de recordações de Mãe Helena.



## 1.4. A ponte Emílio Baumgart entre Herval do Oeste (SC) e Joaçaba (SC)

Se as famílias Hoffmann/Delai, vindos do estado do Rio Grande do Sul, tivessem chegado ao vale do rio do Peixe, que banha Bom Retiro, após 1930, teriam passado sobre a famosa Ponte Emílio Baumgart que ligava Herval d'Oeste (SC) e Joaçaba (SC), lembrada, até então, no mundo inteiro por conter o maior vão em concreto armado (60,50 m).

Antes de comentar sobre essa ponte, passo a fazer algumas considerações sobre o referencial físico desse rio do Peixe, mais vezes já aqui referido (MAPA 4). Nasce na Serra do Espigão no município de Calmon (SC), a uma altitude de 1.250 metros, percorre 299 km em uma bacia hidrográfica montanhosa de 5.238 km<sup>2</sup>, passando por 28 municípios e desemboca no rio Uruguai, com vazão média de 110 m<sup>3</sup>/segundo. (Dados obtidos em pesquisa por alunos do curso de Ciências Rurais, Campus Curitibanos (SC), da Universidade Federal do Estado de Santa Catarina).

**Mapa 4** - Bacia do rio do Peixe, no Oeste do estado de Santa Catarina.



Fonte: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA.<sup>8</sup>

<sup>8</sup>Dados obtidos em pesquisa por alunos do curso de Ciências Rurais, *Campus Curitibanos* (SC).



Esses dados ajudam a entender a dificuldade de projetar a construção de uma ponte sobre esse rio do Peixe, que “quando cheio assusta”, mas que deveria facilitar a travessia de seu leito para a conquista do cogitado Oeste Catarinense. Esse desafio e outros assemelhados pelo Brasil e pelo mundo afora foram resolvidos pela genialidade do Eng.º Emílio Henrique Baumgart, um catarinense, nascido em 25/05/1889 em Blumenau (SC) e formado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o qual criou o sistema de construções (principalmente pontes), utilizando concreto armado em balanços sucessivos, dispensando a sustentação por escoramentos (geralmente de elevada altura) que também não resistiriam à força das águas em eventuais enchentes durante o andamento da obra.

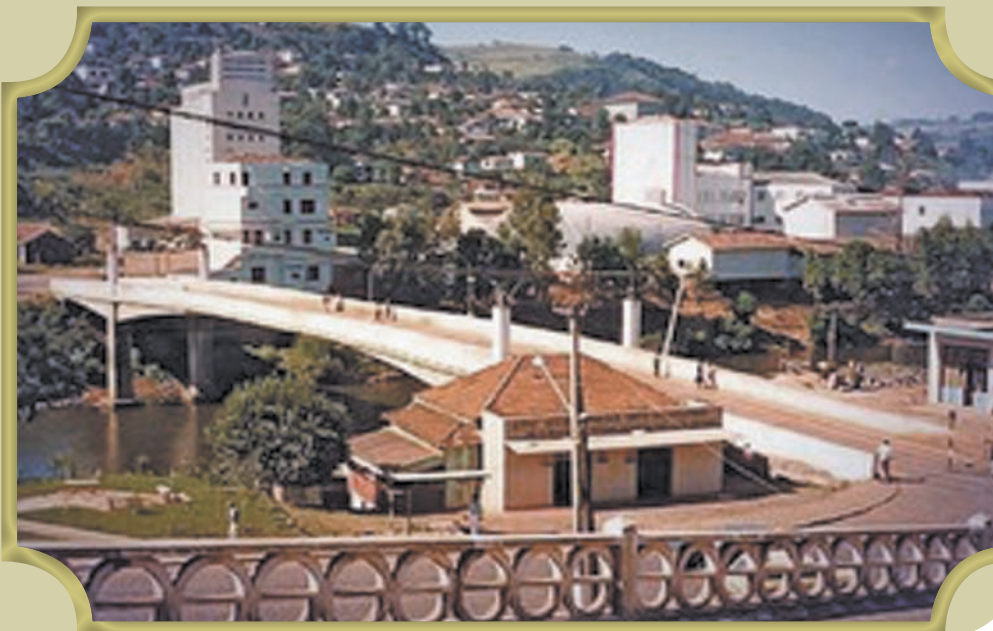
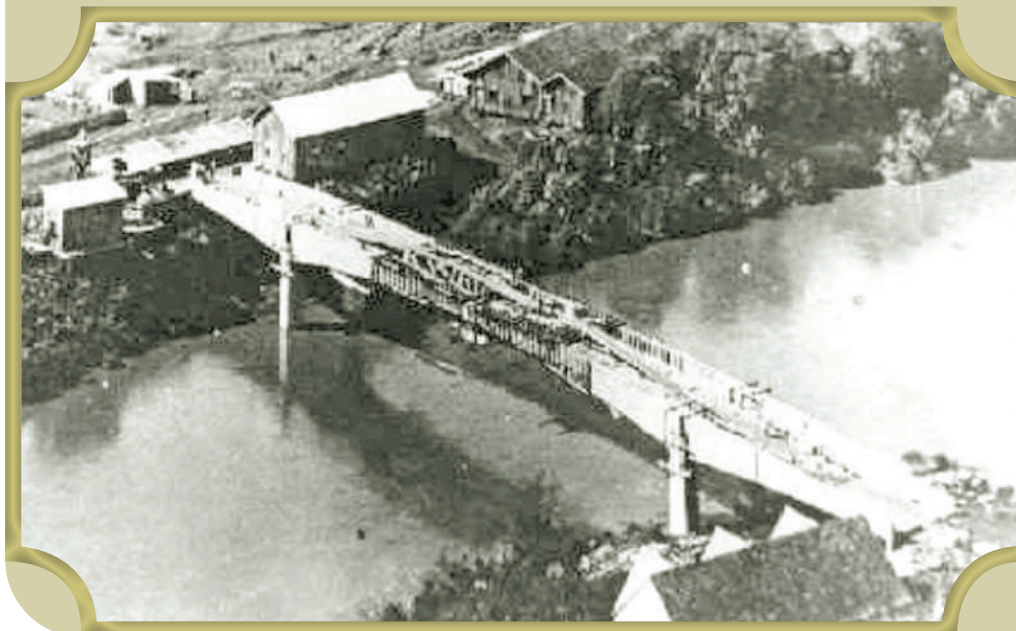
Em 1930 era inaugurada a “Ponte Baumgart”(como foi nominada) (FOTOS 12,13) entre Joaçaba (SC) e Herval d’Oeste (SC), a primeira ponte em concreto, seguindo o método inédito de balanços sucessivos, com total de 145,50 metros de comprimento, detendo um vão central de 60,50 metros, entre os dois pilares próximos

às margens, (maior vão livre referido no mundo na época), cuja construção, partindo de cada margem, deslocara-se gradativamente para o centro, em balanços sucessivos de concretagem, com ferragens sendo emendadas entre si por luvas rosqueadas.

Emílio Henrique Baumgart, cognominado “Pai do Cimento Armado”, reconhecido mundialmente como o “criador do sistema de construções em concreto com balanços sucessivos”, empregado a partir de então no mundo inteiro, foi vitimado por um ataque cardíaco no Rio de Janeiro aos 54 anos, em 1935, após ter sido responsável por mais de 500 projetos de pontes e prédios em concreto armado, construídos em vários Estados Brasileiros e mesmo no exterior (Referências Google).

A Ponte Baumgart ruiu na forte enchente de 1983 (53 anos após a construção), quando a força das águas erodiu as bases dos dois pilares próximos às margens, cuja manutenção talvez tenha sido lamentavelmente descuidada. (As históricas e contínuas rusgas políticas entre as duas cidades podem ter motivado a ausência de cuidados preventivos e determinado essa irreparável perda).

**Fotos 12, 13** - Vistas da Ponte Baumgart (em construção e acabada), entre as cidades de Joaçaba (SC) e Herval d’Oeste (SC), inaugurada em 1930, primeira ponte no mundo construída utilizando a técnica de balanços sucessivos em concreto armado, criado pelo catarinense Emílio Henrique Baumgart, nascido em Blumenau (SC) em 25/05/1889. Foi tragada pela gigantesca enchente no ano de 1983.



Fonte: SANTOS (2013) e ROSA (c2021).



## 1.5 Paulino Hoffmann e Helena Delai casam-se em Bom Retiro (SC)

Em 29 de julho de 1937 casavam-se em Bom Retiro, hoje Luzerna (SC), no Vale do rio do Peixe, na Paróquia São João Batista, Paulino Hoffmann e Helena Delai meus pais (FOTO 14).

Paulino (\*07/02/1915) natural de Picada Joanetha do Café, município de São Leopoldo (RS), filho de José Hoffmann (\*10/04/1881), também natural de Picada Joanetha do Café (RS) e de Emília Ludwig (\*15/05/1885), natural de São Pedro de Alcântara (SC) e Helena (\*13/07/1919), natural de Santa Maria

da Boca do Monte (RS), filha de João Delai (\*21/02/1896), natural de Arroio Grande/Santa Maria da Boca do Monte (RS) e de Rosa Tonetto (\*21/08/1898), da Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins (RS).

O jovem casal foi morar na casa dos pais de Paulino que residiam na Linha Leãozinho/Bom Retiro (SC).

Os recém-casados, filhos de retirantes do estado do Rio Grande do Sul, que buscavam melhorias de vida no Vale do rio do Peixe em Santa Catarina e seguiam contagiantes tendências migratórias daquele início de século, valeram-se da forte presença dos serviços da estrada de ferro ligando SP, PR, SC e RG.

**Foto 14** - Casamento Religioso Católico de Paulino Hoffmann e Helena Delai em 29/05/1937 em Bom Retiro, hoje Luzerna (SC).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1937).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



Em 1941 os pais de mãe Helena, João Delai/Rosa, que se haviam radicado na Linha Pitoca/Bom Retiro (SC), onde

predominavam habitantes descendentes de italianos, celebraram com muitos amigos e parentes as bodas de prata (FOTO 15).

**Foto15** - Em 1941, Bodas de Prata do casal João Delai/Rosa Tonetto na Linha Pitoca/Bom Retiro (SC), em frente à casa dos homenageados com presença de 52 convidados entre familiares e amigos. A partir do alto, da esquerda para a direita, identificamos a presença das seguintes pessoas: Primeira fila: 1º Olivo Sartori, 2ª Albina Tonetto (esposa de Olivo), 3ª Alexandrina Elvira Moro (esposa de Eugênio Pedro Moro), 4ª ?, 5ª Nilda Carlesso, 6ª Rosalinda Lazarotto, 7º Vitório Doré, 8º Máximo Doré, 9º ?, 10ª Elda Libra Marqueze, 11ª Esposa de João Marqueze, 12º Paulo Marqueze e 13º João Marqueze. Segunda fila: 1º Luiz Jacomini, 2º Cândido Lobato, 3º Alberto Sacol, 4º Cândido Paniz, 5º Amadeu Doré, 6º? 7º Aquiles Belibio. 8º Nin Doré, 9º José Belibio e 10º Eugênio Pedro Moro. Terceira fila: 1ª Regina, 2ª Esposa de Cândido Lobato, 3ª Maria Sacol, 4ª Duzolina Paniz, 5ª Genebra Doré, 6ª ?, 7ª ?, 8ª ?, 9ª ?, 10ª Esposa de Roberto Arenhart, 11º Roberto Arenhart. Quarta fila (assentados): 1ª Gentila Delai, 2ª Josephina Delai, 3ª Helena Delai, com a filha Leonida, 4º Paulino Hoffmann com a filha Rosalinda, 5ª Rosa Tonetto e 6º João Delai (homenageados), 7º José Delai, 8º Gentil Antônio Delai, 9º Ângilo Delai e 10º Iseo Delai. No banco: 1ª Naidés Sartori, 2ª Catarina Sartori, 3ª Nair Sartori três primas de Helena e vizinhas em Barra do Estreito, 4º Hugo Hoffmann, 5º Arlindo Delai e 6ª Anair Delai.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1941).<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



Os pais de Paulino radicaram-se na Linha Leãozinho/ Bom Retiro (SC), ocupada exclusivamente por descendentes de

alemães, sendo também agricultores com família numerosa com 8 filhos (FOTO 16).

**Foto 16** - Em 1939, família José Hoffmann e Emília Ludwig com seus 8 filhos, a nora Helena, o genro Miguel e 4 netos, por ocasião da primeira comunhão da filha caçula Suzana. Identificados da esquerda para direita: Paulino, Leo, Filomena, Maria, José, Miguel, Helena, com Hugo (neto) ao colo, Leonardo, Emília, Suzana, José, Helena David (neta), Vergínia com José David ao colo (neto) e Maria David (neta).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1939).<sup>11</sup>

<sup>11</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.







## CAPÍTULO 2

### 2.1 Paulino e Helena morando em Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC)

O jovem Paulino (22) passara a trabalhar com o pai e com os irmãos em área agrícola de propriedade da família e, por já ter cumprido o serviço militar e deter bons conhecimentos em

agricultura e noções básicas de marcenaria, entre outras habilidades, apreendidas com o pai, sentia-se confiante em empreender sua independência, contando agora também com ajuda de sua companheira. As fotos 17 e 18 abaixo ajudam a entender o arrojo pessoal de que o jovem Paulino poderia ter-se valido para lançar-se a conquistas que o desafiavam.

**Foto 17** - Em 1934, Paulino (19), após cumprir o serviço militar em Cruzeiro do Sul, hoje Joaçaba (SC).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1934).<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 18** - Em 1936, Paulino aos 21 anos em lance de bom gosto pessoal e elegância.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1936).<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



Algum tempo após morar com os pais, Paulino fez proposta de comprar parte de uma área da propriedade do pai. A área pretendida pelo filho, pouco explorada, até àquele momento, estendia-se até o vale do rio Estreito (MAPA 5), após montanha bastante elevada coberta por matas intocadas, que dividia a Linha Leãozinho da Linha Estreito. Tal montanha dividia também a propriedade da família Hoffmann e dificultava o acesso às atividades na outra frente, já no vale do rio Estreito, sendo possível atingir aquela área (10 alq.)

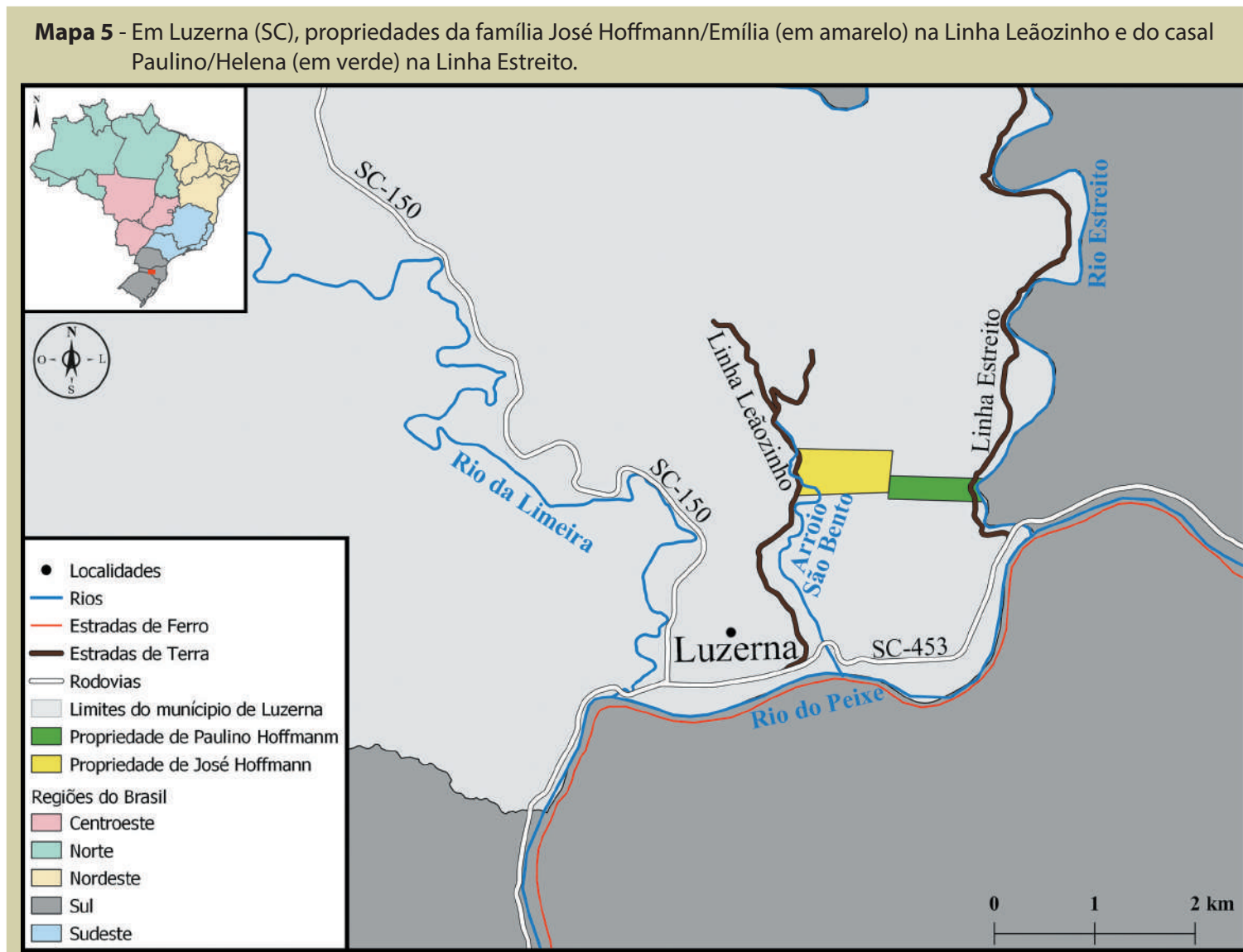
somente por picada pela montanha ou tomando outro caminho, via Linha Estreito, cuja distância elevava-se para mais de 10 km.

Os filhos mais velhos de José/Emília estavam todos também projetando suas independências, Virgínia (05/05/1910), Joselino (16/04/1912) e Filomena (21/03/1916) já casados, restando em casa ainda Leo (08/01/1920), Maria (17/11/1922) Leonardo (18/08/1925) e Suzana (28/01/1930), morando com os pais, Foto 16, cap. 1, p. 31. Diante dessa situação, entendeu o pai ser acertada a decisão de

vender a área (de complicado acesso) pretendida pelo filho, assumindo compromisso “preto no branco”, como sempre lembrava Paulino em suas conversas com amigos.

Após efetivar a compra da propriedade na Linha Estreito, Paulino e (quase sempre também) Helena deixavam a casa dos pais/sogros e, por picada na mata do morro, buscavam a área onde iriam construir seus sonhos. Paulino fez empréstimo junto a um amigo que residia em Barra Fria (SC), local também no Vale do rio do Peixe, após a cidade de Joaçaba (SC), rumo ao Rio Grande do Sul, servido pela linha férrea, que Paulino utilizava para se relacionar com seu credor. Urgia pôr o empreendimento a funcionar, pois os compromissos assumidos com o pai e com o credor tinham que ser honrados.

O local denomina-se até hoje Barra do Estreito por ser o início da linha onde se situa a foz do rio Estreito no rio do Peixe. A Linha Estreito era ocupada por moradores de origem italiana, onde apenas Paulino era de origem alemã.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá.



## 2.2 A Pequena casa de Paulino e Helena

A primeira construção, erigida por Paulino e ajudantes, foi a pequena casa para morar. Uma edificação elevada do solo, com alicerces em cepos de cerne de tarumã, construída com madeiras de pinho, contendo quatro repartições e na frente um alpendre que dava acesso também ao sótão, com cobertura em tabuinhas de pinho (FOTO 19).

O pinho era madeira abundante na região naquele tempo (sem normas de preservação), quando uma construção alta do chão garantia grande durabilidade. Assim que a morada ficou pronta o casal mudou-se para ela, pois era penoso enfrentar a picada pelo morro todo dia para chegar à propriedade, onde havia muitas melhorias a serem implantadas.

Os móveis indispensáveis para mobiliar a casa já haviam sido feitos em madeira de cedro e de pinho por Paulino, nas instalações do pai, restando apenas o fogão à lenha, que foi montado em um suporte alto do chão, chapa de ferro, tijolos, argila e acabamento em folha de zinco. (Alguns desses móveis estão presentes até hoje no invejável Galpão Gaúcho do Luiz e da Líria na Fazenda São Luiz em Ponta Serrada (SC)).

A essa altura, o casal já conhecia seus vizinhos: à esquerda os casais Antônio Carlesso/ Anita Marqueze, Arlindo Carlesso/Romilda Fiorin, plantavam cana de açúcar e produziam cachaça, Primo Bragagnollo/Elvira, agricultores e à direita, o professor Luiz Fioravante Dezanet/ Amália, de família bem numerosa (dez filhos) também agricultores e mais tarde, Olivo Sartori/Albina Tonetto (ela tia de mãe Helena), agricultores.

**Foto 19** - Casa (6mx8m) construída em 1937 por Paulino em Barra do Estreito/Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC). Casa típica de moradias germânicas com cumeeira alta, para otimizar a utilização do sótão.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1937).<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



## 2.3 Outras instalações e o companheiro Pitico

Morando na propriedade, a vida no dia a dia passou a exigir muito trabalho, visando ao sustento próprio e à engorda/venda de porcos para ocorrer a compromissos financeiros assumidos. Um chiqueiro foi logo improvisado e também um pequeno abrigo para a vaca de leite. O penoso trato da terra era diário no cultivo de milho, trigo, feijão, arroz, mandioca, abóboras e mais tarde também alfafa.

Um meio de transporte para deslocar-se até a Vila de Bom Retiro ou mesmo à casa dos pais/sogros na Linha Leãozinho e/ou Linha Pitoca passou a ser indispensável. Paulino comprou um cavalo de pelo vermelho a quem deu o nome de Pitico e o tratava com muito carinho, inclusive fazendo apostas em corridas de cavalo com amigos, que também gostavam desse tipo de lazer.

Não havia energia elétrica e à noite era inseparável a companhia da lamparina e do lampião. A água vinha de uma sanga próxima à casa e que nascia entre rochas mais ao alto ocupado por uma pequena reserva de mata.

## 2.4 O Nascimento do primeiro filho

Helena (19) estava grávida, mas, nem por isso, deixava de acompanhar o marido, no cultivo das plantações que já tomavam boa parte da área que o jovem casal estava conquistando para realizar seus sonhos.

Era um dia tido como normal, Helena havia acompanhado o marido na colheita de milho, quebrando espigas e reunindo-as em pequenos montes para serem recolhidas em balaios e levadas ao paiol, derrubando sempre os pés após a colheita, como era a habitual rotina vinda da casa dos pais e sogros.

À noite Helena sentiu sensações que lhe eram estranhas, seguidas de dores também desconhecidas e desconfortáveis. Acordou o esposo e concluíram que o(a) primeiro(a) filho(a) estaria para chegar. Era urgente a presença de Dona Bernardina, parteira que morava a uns 3 km ao longo da estrada que liga Barra do Estreito a Bom Retiro. Paulino procurou o Pitico e, após encilhá-lo e montá-lo às pressas, passou pelos vizinhos, Arlindo Carlesso/Romilda, avisando que

Helena havia ficado sozinha em seu quarto, com dores de parto, e rumou em disparada na escuridão para a casa da parteira.

Não havia tempo a perder e, então, juntando às pressas os pertences habituais da profissão e encilhando também o cavalo de Dona Bernardina (sempre preso à espera), pela escuridão a toda pressa, puseram-se a caminho para atender à mãe Helena que enfrentava, pela primeira vez a experiência de dar à luz a um filho.

Quando pai e parteira chegaram ao quarto de Helena, Hugo (eu) já estava sobre os lençóis da cama da mãe e sob os cuidados da vizinha Romilda, que pela preciosa atenção dada àquele momento, juntamente com o marido Arlindo, foram escolhidos para serem os padrinhos de batismo do menino (que ocorreu no dia 20/04/1938 na paróquia São João Batista).

Após os cuidados da parteira, tudo foi retornando à calma, mas uma nova realidade acabava de se instalar no pequeno lar do jovem casal: “a presença também do pequeno Hugo, o primeiro filho” (FOTOS 20 e 21, p. 37).

**Foto 20** - Hugo Hoffmann, nascido em 04.04.1938 em Barra do Estreito/Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1938).<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



**Foto 21** - Em 1938, Mãe Helena com o pequeno filho Hugo ao colo ao lado de pai Paulino em um dia de festa.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1938).<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

## 2.5 Melhoramentos programados e realizados

Mãe Helena, mesmo devendo dispensar cuidados especiais ao pequeno Hugo, encontrava tempo para ir melhorando sempre os arredores da casa, cobrando do marido uma horta, um pequeno galinheiro para recolher as galinhas, colher ovos e pôr galinhas para chocar. Cobrava também espaço para plantar forrageiras para servir à vaca de leite, isso sem deixar de dar a habitual atenção e aos serviços da casa e da roça.

Paulino, contando com suas habilidades, já havia, há algum tempo, montado um arado com lâmina apropriada de aço e construído uma canga caprichada para a sua junta de bois (o Figueira e o Alegre) puxarem esse instrumento indispensável a qualquer agricultor daquele tempo sem tratores. Adquiriu também as ferragens e peças necessárias à montagem de uma carroça de 4 rodas, montando em madeira/ferro: chassi, cabeçalho, caixão para acondicionar produtos a serem transportados e também duas bancadas móveis para eventualmente acomodar pessoas em viagens e visitas e/ou a negócios. A canga para os bois era a mesma utilizada no arado.

A casa fora construída próxima a uma sanga d'água, a talvez uns 300 metros da estrada pública que acompanhava o curso do rio Estreito na parte da frente da propriedade. A área entre a estrada e uma porção bastante úmida, ao lado da casa, foi destinada para potreiro, onde várias cercas foram construídas, inclusive erguendo taipas em pedras, que eram abundantes no local com presença de inúmeros pinheiros.

Um pomar já tomava uma área junto a casa, contando com muitas fruteiras como, laranjeiras, vergamoteiras, maçazeiras, pereiras, amoreiras, caquizeiros, ameixeiras, pessegueiros, inclusive um parreiral. A maioria das plantas obtida por enxertias feitas por Paulino, hábil em fazer enxertos, o que também aprendera com seu pai José, mestre na área.

Alguns lotes de porcos gordos também já haviam sido comercializados em Bom Retiro com compradores que atuavam na área: Belinazzo, Bonato, Fontana e Fuganti. Os compromissos financeiros assumidos com o pai e com o credor pesavam bastante, mas iam sendo honrados.



## 2.6 O Nascimento de Rosalinda e Leonida

Hugo já estava andando e aprontando, inclusive acompanhava os pais na roça, pois as áreas cultivadas iam sempre aumentando com trabalhos sem trégua do amanhecer ao anoitecer. Decorridos dezoito meses do nascimento de Hugo, nascia Rosalinda (05/11/1939), seguindo também os sobressaltos do nascimento de Hugo, sem os recursos e atendimentos do mundo moderno de hoje.

Mais quinze meses haviam se passado e nascia também Leonida (29/01/1940). Graças a Deus, saúde não faltava, fé e esperança eram as constantes vividas no dia a dia do casal e seus filhos.

Até início de 1942 o casal já havia enfrentado quatro anos de desafios e esses deveriam continuar. No começo, só o casal e algum ajudante, até parecia ser mais fácil de enfrentar a luta encetada, mas agora, com três crianças (sem creche), a situação assumia desafios mais sérios e que desafios...

Essa situação permaneceu por algum longo tempo. Mãe Helena nos contava, muitas vezes, que as crianças quase sempre acompanhavam pai e mãe na roça.

Era comum nesse período, Paulino atrelar os bois à carroça e irem todos para o eito. A carroça era deixada em uma sombra com as crianças, no interior do caixão com panos e brinquedos, quanto aos bois, eram desatrelados e postos a pastar. O caixão era às vezes até retirado da carroça e montado no chão, podendo aí ficar para ser utilizado em outro dia, dispensando a ida da carroça com os bois.

A convivência dos três pequenos (FOTO 22) nem sempre era passiva no recinto montado, mas, a mãe ficava sempre no eito próximo para socorrer e acompanhar. Hugo achava-se o chefe da trinca e mãe Helena comentava, que às vezes ele pulava para fora do caixão e depois procurava se esconder, achando que não iria levar uns puxões de orelhas.

**Foto 22** - Em 1942, os pequenos Leonida, Rosalinda e Hugo em uma foto em dia de festa em Barra do Estreito/Bom Retiro (SC), obtida por tio Leo Hoffmann, padrinho de Leonida, que costumava, sempre que possível, com muita alegria, tirar incontáveis fotografias pelos lugares por onde andava e a todos deixava as recordações.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1942).<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



## 2.7 O Novo paiol e o novo chiqueiro

O pequeno paiol e o apodrecido chiqueiro improvisados para o começo do desafio, logo após o casamento, sugeriam a essa altura melhoramentos, o que Paulino já vinha programando há mais tempo, pois faltava espaço e segurança contra a chuva, para o milho e o trigo colhidos, e também faltava espaço para as mamadas de leitões. Planejadas as novas instalações, começou o empenho do chefe Paulino para providenciar os materiais necessários.

As construções eram sempre erigidas em madeira de pinho, sempre altas do chão e com cepos e vigamentos, obtidos em coivaras (restos de matas abatidas) e no alto da mata, em cernes de velhos troncos de madeira (dita de lei) como angico, cabriúva, guajuvira, tarumã. Lembro-me de que estive muitas vezes junto a meu pai no alto da mata e o vi, serrando cernes de troncos lá caídos com o trançador alemão (que está comigo na Faz. Maringá), contando com ajuda de algum camarada (é o nome que se dava a um auxiliar nos serviços de roça). Serrando-os todos nas medidas já definidas para as construções, rachando os mais grossos e arrastando-os com a junta de bois até o local estabelecido para servirem nas novas construções.

Lembro-me de que havia um atrativo para acompanhar meu pai nesse trabalho, pois para rachar os troncos muito grossos, além do machado, das cunhas e marretas, meu pai usava um esquema que despertava minha curiosidade. Fazia um furo no dorso do tronco com um trado de pua de grosso calibre, punha um tanto de pólvora no buraco, deixando para fora a ponta de um pavio de estopim e socava pó de saibro fortemente até à boca do buraco. Quando tudo isso estava pronto, a gente se escondia atrás de um tronco de árvore e ele punha fogo no estopim e também corria para atrás de outro tronco. A explosão ocorria e o baita tronco se abria em dois ou mais, dependendo dos buracos instalados.

O novo paiol constou de uma parte central com duas águas acrescidas de uma meia-água de cada lado, uma para estrebaria e outra para garagem da carroça.

Como o inverno lá era sempre rigoroso e muito penoso para os animais (se permanecessem ao relento à noite), foram construídas 10 repartições com assoalho em pranchas de pinho e cocheiras individuais, onde os animais dormiam presos a correntes próprias (presas ao pescoço/chifres) no que eram servidos também alguns alimentos. O casal não se sentia bem com o sofrimento dos animais ao relento nas frias noites de inverno.

O novo chiqueiro, uma construção com cobertura também em duas águas e assoalho também em pranchões de pinho, tinha um corredor no meio e nas laterais, divisões para porcas criadeiras e para leitões desmamados. O corredor ao meio terminava ao fundo num recinto único utilizado para engorda. Na frente foi também construída uma meia água onde eram depositados alguns alimentos (mandioca, abóboras, alfafa e soja verde), onde havia também instalações para o cozimento de lavagem. Não existia encanamento de água e essa devia ser sempre apanhada em baldes ou latões na sanga que corria ao lado.

## 2.8 Acidente com o minguinho

Nessa meia água em frente ao chiqueiro ocorreu um acidente comigo quando eu tinha 7 anos e já ia à escola. Havia um alto monte de abóboras encostadas à parede, aguardando para serem servidas aos porcos, quando minha mãe, no pé da pilha, cortava algumas delas para cozinhar e fazer lavagem (tipo de comida cozida para porcos) com milho, mandioca e inhame.

Aconteceu que eu havia escalado a pilha de abóboras e, ao escorregar do alto, na queda acabei apoiando a mão direita sobre a abóbora que minha mãe estava cortando.

Foi o mínimo que podia ter acontecido. O facão atingiu a falangeta de meu minguinho, ficando esse ligado apenas por uma parte da pele.

Lembro-me pouco do que se seguiu naquele momento, porém, daí a alguns instantes eu já estava com meu pai montado no Pitico, ambos protegidos por uma capa gaúcha (ameaçava chuva)





rumo ao hospital São Roque em Bom Retiro (hoje Luzerna) para ser atendido pelo Dr. Nol, que concluiu não haver outra saída que não concluir o corte da pele, fazer a assepsia e os procedimentos médicos necessários.

Com isso eu não queria mais ir à escola por que os colegas iriam tirar sarro de meu minguinho pitoco. Minha mãe fez então uma mini tipoia que a utilizei por longo tempo para camuflar a realidade.

## 2.9 O Nascimento de Milton Eugênio

O trio Hugo, Rosalinda e Leonida já estava dando menos trabalho aos pais (é o que eles pensam até hoje), principalmente à mãe Helena, e até já garantiam a realização de uma ou outra tarefa, conforme suas idades (6, 5 e 4): cuidar para o leite não ferver e derramar na chapa do fogão, buscar gravetos e lenha para o fogão, varrer o terreiro, tocar a vaca para tirar o leite, buscar os ovos nos ninhos das galinhas, fechar as chocas com pintinhos e a porta do galinheiro ao anoitecer (para a raposa e o graxaim não atacarem), pôr a mesa para as refeições e outras mais ajudas que às vezes saíam bem, às vezes nem tanto e outras, esquecidas (aí havia complicações pela frente).

Cabia, porém, ainda algum reforço na equipe e, então, nascia Milton Eugênio em 12/08/1944, em uma perspectiva de que, além da mamãe, haveria também irmãozinhos para ajudar a cuidar dele. Pai Paulino ficou muito contente, pois o time ficou empatado, dois meninos e duas meninas.

Da euforia de meu pai eu pude participar, pois naquele dia ele me convidou para ir com ele roçar uns espinheiros que cresciam no potreiro em frente à casa. Ele foi logo me perguntando se eu estava contente com o irmãozinho e seu semblante era de pura alegria. Roçados alguns espinheiros, a empreitada parou diante de uma moita maior, onde havia uma pata chocando seus ovos. Eu fui bisbilhotar entre os ramos da espinheira e a pata veio que veio para o meu lado, atacando-me com aquele bico de serrinha. Ela venceu e seu esconderijo foi preservado.

## 2.10 Hugo e Rosalinda indo à Escola de Barra do Estreito

Em 1946, com 7 anos já completos, eu iniciava meu caminho rumo à escola em Barra do Estreito, onde o professor Luiz Fioravante Dezanet lecionava para 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries primárias, em um salão de sua própria residência, onde os meninos ficavam em bancadas de um lado e as meninas, de outro.

A escola distava quase 3 km, na estrada pública que seguia a margem direita do rio Estreito, passando em frente à nossa propriedade. Para chegar a ela tomava-se um caminho pelo potreiro, passando por uma pequena pinguela sobre um banhado e alcançava-se a estrada, quando, após passagem por uma mata, estava localizada a casa do professor. Eram uns 30 alunos que lá estudavam e alguns vinham de locais até bem distantes.

O professor Dezanet era rigoroso e muito respeitado, com alunos vindos até da Vila de Bom Retiro (6 km), cujos pais buscavam alternativas para os filhos poderem frequentar as aulas do conceituado mestre. Ele reunia os alunos em frente ao quadro negro para passar as lições a cada classe, mas ficava de olho nos que estavam nas bancadas, quando a qualquer bagunça a vara de marmelo poderia entrar e ação.

As aulas eram pela manhã, mas no inverno o rigor do frio exigia um horário especial que ia das 11h às 15h. Minha mãe Helena reclamava pra caramba desse horário que acabava com o esquema de trabalho dela, fazer almoço às 10 horas para quem costumava almoçar ao meio dia.

Em um primeiro dia desse horário de inverno eu cheguei depois do meio-dia à escola (por birra de mãe Helena). O professor veio me receber e perguntou-me se eu havia almoçado tainha. Só muito tempo depois é que entendi a tirada sarcástica do ilustre mestre, quando fiquei sabendo dos detalhes que envolvem comer tainha.

Era o tempo logo após o término da 2<sup>a</sup> Guerra Mundial e diante disso havia muitas determinações a serem cumpridas com rigor, emanadas do Governo Federal, principalmente com respeito a práticas características de descendentes de alemães e de italianos,



os grandes agentes da colonização local naquele momento, mas inimigos na guerra que apenas terminara. Qualquer fala em alemão/italiano teria que ser denunciada, o que acabava marcando fortemente o dia a dia dos alunos, pois muitos em suas casas só falavam alemão ou italiano.

Havia, porém, também clima mais descontraído como a pegadinha pregada pelo professor aos alunos. Naquele tempo corriam conversas envolvendo certos comentários misteriosos sobre o cometa Halley (a estrela com rabo) e o professor aproveitou-se do fato para pregar uma peça nos alunos no dia primeiro de abril.

No início das atividades, os alunos ainda no pátio em frente à sala de aulas, após o canto do hino nacional, ele perguntou se todos tinham visto a estrela com rabo. O assunto estava na cabeça de todos e ele foi logo convidando os alunos para que o seguissem até à esquina do caminho ao lado, quando mostrou uma novilha que se chamava Estrela e tinha rabo. Quem ainda não tinha caído, como eu, caiu nessa.

No ano seguinte, em 1947, também minha irmã Rosalinda passava a cursar a escola, onde concluímos as três séries do primário, cujos currículos eram aí lecionados pelo nobre professor.

Eu frequentei a terceira série por duas vezes porque meu pai fez questão de combinar, com o professor, um esquema para eu continuar estudando mais um ano. Nas provas, ao final da terceira série, eu teria que anotar no final da prova “estou errando a questão porque quero estudar mais um ano”, isso para garantir vaga já que, por excesso de procura, poderia não haver garantia para cursar o próximo ano.

## 2.11 O Aumento da casa

Hugo, Rosalinda e Leonida dormiam no quarto que ficava ao lado do dos pais e Milton, com os pais em seu berço. A vinda de mais alguém, que já estava a caminho, exigia providências. Diante disso, Paulino já havia programado construir ao lado um aumento da casa, com cozinha, área aberta e despensa nos fundos, bem como sala de refeições à frente, ligada ao alpendre da casa antiga por uma passarela coberta. Com isso, a cozinha da casa antiga passou a ser quarto dos meninos, ficando as meninas com o quarto em que dormiam os três maiores (FOTO 23).

**Foto 23** - Ampliada em 1947, casa da família Paulino e Helena, agora aumentada, para receber a Líria Maria e também melhorar a disponibilização de locais da moradia. Identificação: Rosalinda, Leonida, Paulino, Milton, Helena com Líria Maria ao colo e Hugo. À porta do anexo o Sr. Gomes, um senhor negro, que fora escravo, segundo ele, acompanhava muito nossa família. Nós gostávamos de ficar e conversar com ele, indo, inclusive, até seu casebre de chão batido localizado na propriedade do vizinho Jacó Gelatti.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1947).<sup>19</sup>

<sup>19</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



### 2.11.1 Nascimento de Líria Maria

Vinha o desempate entre meninos e meninas em janeiro de 1947 com o nascimento da Líria Maria, que agora já tinha um quarteto de irmãos para cuidar dela (9, 8, 7 e 3), além da mamãe e do papai. A Foto 23, em que aparecemos no alpendre da casa, pai, mãe, irmãos e o velho Gomes, à porta de entrada do aumento da casa, mostra nossa família algum tempo depois do nascimento de Líria, ela ao colo da mãe Helena.

O velho Gomes era um senhor de cor negra, que seguidamente era contratado por nosso pai para serviços de roça, e que tinha um filho chamado Olímpio, que morara conosco no seu tempo de escola e, mesmo depois, era contratado para serviços.

Eu gostava muito do velho Gomes, ele era muito paciente com as crianças, contava muitas histórias, inclusive que havia sido escravo. Fui muitas vezes ao casebre dele, junto à casa de Jacó Gelatti, a uns 4 km de nossa casa, levar alimentos que nossos pais separavam. Eu aproveitava para ficar com ele algum tempo, observando os detalhes da morada dele: ele sempre alegre, fogo no chão, uma prateleira com suas panelas, uns banquinhos, a cama ao fundo, tudo bastante escuro com muito cheiro de fumaça, bem diferente de nossa casa, onde mãe Helena tinha as coisas todas arrumadinhas e muito limpas. São lembranças que marcaram e continuam.

### 2.12 A Alfafa e a prensa enfardadeira

A alfafa, a rainha das forrageiras, já fora lembrada neste escrito, no histórico de Bom Retiro (SC), influenciando na mudança de nome para Luzerna (SC).

Era uma planta muito cultivada na região e também na Linha Estreito. Paulino e Helena também tinham vários eitos de plantio da leguminosa que era produzida e vendida em Luzerna, de onde os compradores, através da ferrovia, a remetiam enfardada para Porto Alegre (RS) e/ou São Paulo (SP), onde era utilizada para alimentar a cavalaria do exército brasileiro (ouviam-se dizer). É uma planta que exige terra muito fértil e preparos de solo com muitos

cuidados, não podendo ter pedras soltas no terreno, que deve ser sempre bem nivelado e sem ervas daninhas e, quando secada após o corte, não pode apanhar chuva e nem muito sereno.

O casal produzia a alfafa, fazendo cortes (gadanho ou alfanje a cada pouco mais de mês dependendo do clima), restelando quando bem seca e recolhendo a um paiol que ficava no alto da propriedade e próximo ao cultivo.

Para comercializá-la, porém, ela deveria estar enfardada, quando então, na maioria dos casos, o serviço era realizado por enfardadores que passavam periodicamente pelos locais na região, atendendo aos produtores.

Paulino, no entanto, contando com habilidades que detinha, resolveu construir uma enfardadeira dentro do galpão em que recolhia a alfafa.

Arrastou do alto da mata, com a ajuda de sua junta de bois, um tronco de bom cerne, uns 10 m de comprimento, e o enterrou ao nível do solo no paiol a partir de sua frente. Sobre a ponta do tronco (à frente do paiol sob a viga de sustentação da cumeeira) instalou um forte eixo giratório vertical e nele encaixou, na parte baixa, duas pás destinadas a movimentar o êmbolo de prensagem. Fixou ao eixo central também um cabeçalho de tração, que ao girar tracionado pela junta de bois, acionava (a cada meia volta), além do êmbolo de prensagem, também um braço que o recolhia, para nova prensagem.

Ao longo da parte final do tronco construiu a caixa de prensagem (4mx45cmx60cm) em pranchas de madeira (por onde a alfafa passava após prensada) com alguns detalhes: bem no final da caixa, dois controles de pressão e ao longo das laterais da caixa de prensagem, à meia altura, duas aberturas de 5 cm, em toda a extensão, para permitir acesso à introdução dos arames de amarração dos fardos, quando da passagem dos divisores de fardos pela caixa de prensagem. Na parte da frente da caixa estava a boca que recebia a alfafa a ser prensada, quando o êmbolo (peça em madeira maciça) passava acionado pela força da junta de bois.

A força era feita pelo Alegre e o Figueira, a junta de bois inseparáveis de Paulino com quem nunca usava açoite, apenas palavras e incentivos em todos os serviços.



Quem tangia a junta de bois em círculo, ao redor do eixo central da prensa, era mãe Helena e quem preparava e socava as buchas de alfafa na boca da prensa (FOTO 24), punha as divisórias que definiam o tamanho de cada fardo e os amarrava com arame era pai Paulino.

Mais tarde eu passei a ajudar meu pai, tanto tangendo a junta de bois no serviço de prensagem, quanto na preparação dos arames de amarração dos fardos.

Na preparação dos arames para amarrar os fardos, enquanto meu pai controlava o rolo, eu tomava a ponta do fio e o puxava até

certa distância, ao longo de um alto, prendendo a ponta do fio a um toco. Feito isso, meu pai tracionava o arame, esticando-o para ficar bem retinho (não era aço) e, então, eu o desamarrava do toco e meu pai o cortava em tamanhos iguais, conforme os fardos exigiam.

O transporte da alfafa enfardada para ser comercializada era feito, retirando o caixão da carroça e o substituindo por um estrado em madeira com pinos que penetravam na primeira camada de fardos e sobre esta, eram empilhadas mais camadas até compor a carga que era fortemente amarrada.

**Foto 24** - Um esboço do galpão e da máquina de pensar alfafa.



Fonte: HOFFMANN, Hugo\*

\* Rascunho do autor em suas memórias.



## 2.13 Um Entrevero com Atílio Fontana

Paulino havia vendido muita alfafa e também “chiqueiradas” de porcos a Atílio Fontana (mais tarde político e empresário, titular da Empresa Sadia S.A.), que era também retirante do Rio Grande do Sul e se firmara em Bom Retiro (SC) com comércio e comprando inclusive todo tipo de produtos da lavoura.

Com Atílio Fontana, meu pai chegou a ter um sério atrito em certa ocasião. Paulino tinha um lote de 30 porcos gordos, e Atílio enviou seu gerente lá na roça para comprar os porcos a um preço abaixo do praticado, alegando que precisava completar a lotação de um vagão e que o preço estaria para baixar. Teriam fechado o negócio, mas no mesmo dia Paulino foi alertado por um vizinho e ficou sabendo que o preço de mercado não era o alegado pelo negociador (cadê informações de mercado, sem telefone, sem rádio, sem TV, sem internet).

Paulino encilhou o Pitico, vias de dúvida pôs a garrucha no bolso (era comum moradores da roça, mesmo pacatos, andarem armados, talvez herança ainda do clima da Guerra do Contestado) e foi buscar novo entendimento para o caso.

Lá chegando, diante dos questionamentos de Paulino, Atílio foi logo perguntando se ele era ou não era “homem de palavra” e que o negócio estava feito e os porcos tinham que ser entregues.

Paulino costumava dizer a amigos, que reagira às palavras de Atílio, retrucando que sua palavra fora sempre empenhada em negócios com homens e não com velhacos (“velhaco” era uma palavra bastante usada por meu pai).

Aí, então, Atílio (um italiano fisicamente avantajado) pegou uma tranca de ferro para portas, em uma prateleira atrás do balcão, e ameaçou enfrentar Paulino, que levando a mão ao bolso foi logo bradando: “Não venha, seu velhaco, você não vai fazer comigo o que faz com muita gente”.

O negócio ficou o dito pelo não dito.

Pelo proceder que sempre vivenciei em meu pai, ele nunca iria usar a arma, mas, ser sacaneado com tamanha safadeza na venda de um dos maiores lotes de porcos gordos conseguidos com muito suor, merecia uma solução com lances até extremados.

Essa atitude de meu pai revela o espírito de revolta vivido por agricultores, tolhidos de informações de mercado ao comercializarem o que produziam, naquele tempo, mantendo-se na atividade afeitos a ilimitadas e incontáveis durezas, enquanto comerciantes acumulavam ganhos e riquezas, prosperando na vida com excessivas vantagens e facilidades.

(Atílio mudou-se, mais tarde, para o município de Concórdia (SC), foi senador da República e criou empresas, dentre elas, a Sadia S.A de renome nacional até hoje).

## 2.14 O Trigo

O trigo também era cultivado pelo casal Paulino/ Helena e com detalhes característicos da época, longe da tecnologia de hoje. Como cultura de inverno, os grãos eram semeados a lanços, após a colheita do milho. O solo era removido com enxada, arrancando o mato existente e acomodando as canas do milho deixadas após a colheita, quando então, com a chuva, a semente nascia e formava-se o trugal. Ao amadurar e secar era cortado com foicinhas e deixado momentaneamente ao longo do eito em pequenos maços, que ao fim do dia eram juntados e amarrados com cipós em feixes maiores para serem recolhidos ao paiol.

O trigo amarrado em feixes permanecia no paiol até a vinda dos trilhadores que, a pedido, passavam com máquina própria nas propriedades, concluindo a colheita. Parte da safra era retida para consumo e levada aos poucos ao moinho, retornando como farinha e parte, ensacada e vendida.

Nos últimos anos de Barra do Estreito meu pai acabou comprando uma trilhadeira com a qual debulhava o trigo que colhia e também prestava esse serviço a outros colonos.

## 2.15 O Serviço comunitário

O casal Paulino/Helena enfrentava com certa bravura a lida diária (os cinco filhos, a lavoura, a criação e engorda de porcos, a produção de alfafa etc.), mas sobrava tempo para envolver-se com a comunidade.



A estrada em frente à propriedade, onde só passavam pedestres, cavalos e carroças, não contava com serviços públicos de conservação. Paulino aceitou da Superintendência de Bom Retiro (SC) o compromisso de periodicamente convocar os usuários do trecho, para juntos melhorarem o trajeto, com roçadas, fechamento de valetas e buracos, retiradas de pedras e outras mais providências que beneficiassem a todos.

À margem esquerda do rio Estreito, pertencente ao Município de Ibicaré (SC), havia outra estrada, iniciando na ponte de madeira coberta com tabuinhas e com mesmo esquema do da direita e, à meia altura daquele caminho, fora construída a capela dedicada a São Roque, onde fiz minha primeira comunhão (FOTO 25) e onde eram promovidas constantes festas comunitárias com churrascadas, cucas e bebidas (sem gelo, cadê geladeira naquele tempo?).

Paulino liderara vizinhos para formar uma Associação de Colonos e construir um salão, cancha de bochas e pista de jogo de bolão, visando a melhorar atrativos em festejos comemorativos. Esteve à frente da iniciativa que veio a constituir-se na Associação Aurora, então criada e continuada até hoje, quando as atuais instalações se localizam hoje, à direita da estrada que passa em frente à propriedade que pertenceu a Paulino.

**Foto 25** - Em 1948, Hugo, no dia de sua 1ª comunhão na Capela São Roque na Linha Estreito/Ibicaré (SC), margem esquerda do rio Estreito.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1948).<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



## 2.16 Detalhes entre amigos da roça

Era comum fazerem-se “surpresas” entre famílias. Como as noites eram sempre longas (sem luz elétrica nem TV/Rádio) e nem sempre havia uns joguinhos de baralho (à luz do lampião) para encurtá-las, os vizinhos costumavam fazer surpresas uns aos outros, por ocasião de algum aniversário. Quanto mais surpresa fosse, mais realizado ficava o vizinho que as fazia. As surpresas consistiam em ir à casa do vizinho aniversariante (um costume italiano), quando a família dele já estivesse toda dormindo e levar todos os componentes para a realização de um “brodo”(caldo quente de galinha ou frango com queijo), com frango ou galinha já em pedaços, para irem ao fogo em uma panela grande, alguns pães frescos (quanto mais crescidos e macios melhor), bastante queijo ralado, um/uns garrações de vinho, dependendo da torcida, se possível, um sanfoneiro para ajudar acordar o pessoal. Bebia-se o “brodo” com queijo em xícaras e a festa só terminava quando os comes e bebes acabavam.

## 2.17 A Marcenaria e a produção de vinho

O tempo era considerado sempre precioso pelo casal Paulino/Helena e não deixava de ser aproveitado nos mínimos detalhes. Para os dias de chuva e à noite (com lampião), Paulino construiu uma pequena marcenaria com pavimento elevado, reservando a parte térrea para uma adega de elaboração de vinho colonial com uvas colhidas de seu parreiral (uvas da variedade chamada francesa/bordeaux).

Quando saía com a carroça para vender algum produto na vila, aproveitava para passar em serrarias e adquirir madeiras apropriadas para móveis (cedro, imbuia e pinho principalmente) e as recolhia para secarem gradeadas e com isso se prestarem adequadamente à confecção de móveis, que os fazia para si e para venda a todos quantos o tempo lhe permitia atender. As ferramentas de que dispunha eram apropriadas e sempre bem afiadas por ele, permitindo a execução de vários móveis, sem qualquer tipo de máquina (apenas ferramentas). Eu sempre que podia o

acompanhava à procura de retalhos de madeira que poderiam servir para fazer uma roda de carrinho ou outros mais apetrechos.

Muitas molduras de quadros, portando fotografias, inclusive móveis que se encontram na casa em que nossa mãe viveu seus últimos anos, foram elaborados naquele tempo e naquela marcenaria. (Hoje expostos alguns no Galpão Creoulo da Fazenda São Luiz, em Ponte Serrada (SC), de propriedade de Luiz Pegoraro, marido da irmã Líria Maria).

Na adega, para elaborar o vinho, instalou uma tina vertical, feita por ele próprio em madeira de pinho, aberta na parte superior, por onde era lançada a uva moída vinda de moegas instaladas no alto, em abertura no piso da marcenaria. Ao lado instalou duas pipas, uma maior para conservar o vinho em maturação e outra menor para recolher o vinho quando já tendendo a azedar, para utilização como vinagre. Era preciso ficar alerta com os carunchos que furavam a madeira, quando, então, muito vinho poderia se perder, esguichando pelos furinhos que abriam.

Era uma atividade também minha vistoriar as pipas para ver se havia eventualmente algum esguicho de vinho jorrando. Os palitinhos já estavam prontos para serem batidos nos possíveis buracos, estancando as perdas.

Um acidente, em certa safra, levou à perda de toda a produção do ano, quando o último aro de ferro do alto da tina, cuja circunferência era maior que a da base, soltou-se durante a noite, caiu sobre a torneira de envase arrancando-a, com o que vazou todo o vinho e o chão levou muito tempo para beber todo o precioso líquido. O cheiro característico do vinho derramado foi sentido por longo tempo na adega, impedindo esquecer a desagradável ocorrência.

## 2.18 Mãe Helena e suas iniciativas

Quando o leite aumentava eram belos os queijos que curtiavam ao sol em tábuas sobre os arames do parreiral. Isso sem prejudicar o leite que era utilizado na “keschmia” (coalhada alemã) para passar no pão, junto com melado, mel ou geleias de frutas, que mãe Helena sempre cuidava por fazer e ter.



Houve um tempo em que um senhor, meio velhinho, de sobrenome Weiller, visitava as Linhas de moradores rurais com uma carrocinha puxada por cavalo e comprava tudo para vender na vila e em Joaçaba. Nossa mãe aproveitava para arrecadar uma graninha. Tinha sempre uns frangos fechados e gordos para negociar. As sobras de ovos também eram negociadas, já esperando embalados em palha de milho. (Para empalhar tomavam-se espigas de milho, ainda com palha, e cortavam-se as bases do lado do caroço, fazendo com que todas as palhas saíssem inteiras, quando, então, cada palha envolvia um ovo, dobrando-se ao meio cada palha e amarrando as pontas com uma tira da mesma palha, após umedecê-la).

## 2.19 Ajudando e sendo ajudado

No sótão da casa de nossos pais dificilmente não havia alguém instalado, principalmente quando os filhos eram ainda todos pequenos. Como morávamos próximos à escola (outra só a uns 7 km, na Vila de Bom Retiro), era comum haver pais que, residindo muito longe ou pela fama do mestre, buscavam o acesso de seus filhos às aulas do professor Dezanet.

Sobre esse assunto ouvia muitas vezes minha mãe falar de tio Angelin (irmão dela), o Afonso, filho de um turmeiro (caracterização dada a quem trabalhava na manutenção da estrada de ferro), que morava do outro lado do rio do Peixe, o Antenor, o Olímpio (com quem morei para completar o ano letivo em nossa saída de Barra do Estreito), o Wilson Belinazzo (filho de um comerciante em Luzerna) e outros que chegaram a morar conosco para, além de frequentar a escola, no contra turno prestarem algum serviço, como cuidar das crianças, providenciar lenha, gravetos e grimpas de pinheiro para o fogão, descascar milho e outras tarefas em retribuição ao acolhimento que recebiam.

O sótão, dependência característica das residências de pessoas de origem germânica, envolvia uma área agradável para se instalar, pois a cumeeira em boa altura e o telhado, coberto por tabuinhas de pinho, funcionava como isolante térmico (bom no verão e bom no inverno), o assoalho com tábuas aparelhadas servia também de forro para os cômodos da parte inferior da casa.

## 2.20 Na luta diária

Hugo e Rosalinda já iam à escola pela manhã, Leonida ainda não, mas já não eram mais crianças, sempre aparecia oportunidade para alguma ajuda ao pai e à mãe, principalmente quando o picão, o milhã e a guanxuma tomavam conta da plantação. Eu muitas vezes, pegava uma carreira para carpir, sempre entre o pai e a mãe, eles, deixando sempre carpida a parte entre a linha de plantas, o que além de ser uma ajuda era também uma segurança para as plantas, que iam ficando salvas de ser atingidas pelo fio incauto da enxada inexperiente e nem sempre muito animada.

Descascar milho era a ajuda recomendada no dia a dia, pois qualquer apoio adiantava o horário do jantar. Eram necessários quase sempre dois balaios de espigas descascadas para os porcos, uma para a noite e outra para a manhã do dia seguinte. Cada um dos irmãos tomava um banquinho e, sentados à base da pilha de espigas guardadas no galpão, a missão só acabava quando os dois balaios ficavam cheios de espigas descascadas. Nós crianças utilizávamos o apoio do joelho para separar a palha do sabugo da espiga. O milho era servido aos porcos em espigas descascadas, pois não havia trituradores nem debulhadores.

Nosso vizinho, tio Olivo Sartori, que morava à nossa esquerda, servia aos seus porcos, às vezes, as espigas com palha e tudo, quando o serviço apurava, dizendo aos amigos e vizinhos: “Eles que se virem para encontrar o milho, pois eles têm muito mais tempo do que eu”.

O trato da vaca de leite e dos porcos exigia também como alimento importante a mandioca (ramas e raízes).

Nos primeiros anos de Barra do Estreito, a tarefa de arrancar e deixar no jeito, para servir aos animais, era de exclusividade do casal (ou da ajuda de alguém capaz, que morasse na casa para estudar), mas a essa altura da vida, (depois dos 8 anos), tanto eu como as irmãs Rosalinda e Leonida já participávamos dessa lida.

Eu prendia o Pitico e o atrelava à “litra” (uma espécie de trenó feita por nosso pai), que o cavalo puxava de rastro e sobre ela era colocado tudo o que se queria carregar. Íamos até o eito, eu montado no Pitico e minhas irmãs, sobre a litra, arrancávamos os pés de mandioca, quebrávamos as raízes e as ramas e tudo era





levado para a varanda do galpão para ser servido aos animais. Se o pé de mandioca era muito grande, primeiro retirávamos um pouco de terra próxima ao pé, com uma enxada, mas poucas vezes isso era necessário, pois nosso pai utilizava sempre terreno arado com plantio em pouca profundidade. Se as raízes eram muito grossas ia também o tronco para a carga.

## 2.21 Amigos de infância e suas proezas

Minhas irmãs tinham suas amigas e brincavam sempre de boneca e de casinha, às vezes eu acompanhava a movimentação por falta de companhia, pois meu irmão Milton (menos de 6 anos) ainda não participava.

Aos domingos, porém, os amigos se reuniam (Antônio Schneider, Laurindo e David Dezanet, Remi Tonin, Armando Dalolmo, Armino Bragagnollo entre outros) e aí as programações seguiam as rotinas de sempre. Naquele tempo não havia políticas públicas de preservação da natureza e por isso caçar passarinhos era uma opção de lazer, sem qualquer peso de consciência, embora os resultados fossem quase sempre insignificativos (a turma era ruim de mira). Nessa área só aparecia algum resultado um pouco melhor, quando armávamos arapucas para apanhar pombas ou jacus, fazendo, então, algum assado e filando também algum pãozinho da mãe de alguém.

Outra distração que ocorria era na época do pinhão, quando percorríamos todos os pinheiros dos poteiros e, mesmo no mato, catando no chão o que as galhas derrubavam, para então fazer uma cozinhada, após descolar um sal, que podia ser retirado de algum galpão e/ou de um cocho de animais.

Mas colher pinhão só era tarefa relativamente fácil quando as pinhas estavam bem maduras, pois nesse caso qualquer bicada de galha ou um acerto de estilingue e elas debulhavam.

Em um domingo não estávamos conseguindo pinhão nenhum, pois ainda não havia pinhas bem maduras. A gente acertava estilingadas e nada de pinhão. Então, o Remi, que era um dos mais fortes da turma, resolveu subir em um pinheiro, uns 10 a 15 metros de altura, para conseguir os pinhões desejados. Fez uma alça de

corda e a adaptou aos pés para escalar o tronco do pinheiro. A prática era muito comum para subir nos pinheiros e poder colher pinhão, quando já no alto do pinheiro, a pessoa se adiantava um pouco sobre um galho que portava pinhas e, dando fortes pisadas nele, os frutos acabavam caindo inteiros ou debulhados. Em nosso caso, porém, aconteceu que o galho em que o Remi pisava quebrou e ele ficou pendurado no galho de cima em que se sustentava. Conseguiu, mesmo no susto, apoio em outro galho e a programação, suspensa... A brincadeira daquele domingo parou aí mesmo, ninguém mais se interessou por pinhão...

Uma Nota à Parte: A título de curiosidade sobre pinheiros e pinhões, em 2020, em contato com minha irmã Líria, que com o marido detêm a Fazenda São Luiz em Ponte Serrada (SC), adiantava-me ela com surpresa (para mim também) que em um só pinheiro haviam colhido 96 pinhas com pinhões maduros.

Outra brincadeira que reunia a molecada eram os carrinhos para corridas em declives nos poteiros. Levavam-se os carrinhos, com volantes ou com apenas esquemas para serem dirigidos com os pés pelo eixo da frente, ao alto de morros, e de lá, descia-se em velocidades que dependiam da coragem de cada condutor e dos recursos dos seus veículos.

As pescarias e banhos no rio Estreito também faziam parte da programação dos domingos, quando o grupo de amigos era sempre fiel às programações. Nos banhos (veementemente sempre proibidos pelas mães), ninguém tinha calção, nem poderia alguém aparecer em casa com roupa molhada, daí surgia a parte criativa dos moleques, esconderem a roupa em alguma moita e pular na água (do jeito que vieram ao mundo), cujo desfecho muitas vezes envolvia sacanagens: “Cadê minha roupa?”

## 2.22 Paulino e seus amigos

O grupo de amigos de Paulino eram os vizinhos de Barra do Estreito, inclusive os da margem esquerda do rio que pertenciam ao município de (hoje) Ibicaré (SC), ou na Linha Leãozinho, onde funcionava o clube dos alemães com pista de bolão e jogos de carteados. Na linha Estreito (em ambos os lados do rio) o carteados



preferido era o jogo de quatrilha, pois lá predominavam amigos de origem italiana. Era comum marcar residências alternadas para as tardes ou noitadas de carteados à base do lampião, mas tinha também o Clube Aurora, (que Paulino ajudou a construir) junto à Capela São Roque, no outro lado do rio Estreito.

Meu pai até improvisara no terreiro de casa uma cancha de bochas, ao lado da adega do vinho e da pequena marcenaria. Isso para receber seus amigos de origem italiana, mas ele gostava mesmo era de jogar bolão, que é esporte típico de origem germânica (FOTO 26).

No bolão, Paulino sempre era apontado como um dos melhores jogadores, sendo normalmente quem iniciava as partidas de equipes ou ficava para fecha-rosca (último a jogar), pois tinha facilidade em controlar-se, driblar a emoção e avaliar as características de cada prancha, principalmente se estranhas à equipe. As noções de marcenaria que detinha o consagraram como técnico em instalações de pranchas de bolão, sendo sempre chamado também para reparar defeitos que ocorriam com o tempo em função de ressecamentos e/ou empenamentos da madeira das canchas.

**Foto 26** - O gosto pelo esporte bolão não ficou esquecido em solo da Linha Estreito. Alguns anos mais tarde, em Luzerna, Paulino (primeiro à esquerda) e o filho Milton Eugênio (o último da fila ao alto) integrantes do time de bolão "Vencedora", postados sobre as canchas, construídas sob orientação de meu pai, no clube da Empresa Caetano Branco, organização em que atuou até aposentar-se.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1960).<sup>21</sup>

<sup>21</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



## 2.23 Tio Leo na Itália com a Força Expedicionária Brasileira

Em 1944, tio Leo (24), já havia servido ao exército, morava com os pais na propriedade da Linha Leãozinho em dias de II Guerra Mundial, quando foi convocado pelo Governo Brasileiro para lutar como soldado pracinha na Itália. A notícia da convocação caiu com grande pesar sobre a família, pois todos acompanhavam as notícias do conflito divulgadas por uma ou outra pessoa que possuía rádio ou por grupos que se reuniam na casa de quem tinha o aparelho à bateria.

Em 1945, porém, após o término da guerra, tio Leo retornou, são e salvo, para alívio de todos, principalmente do pai velho José (64) e a velha mãe Emília (60). Em seu retorno recebeu um soldo do Governo que lhe deu condições de comprar uma caminhoneta com carroceria fechada (tipo Kombi), a qual passou a utilizar para comercializar armarinhos. Fez prateleiras internas com gavetas nas laterais da carroceria, onde acondicionava as mercadorias e percorria locais vendendo seus produtos.

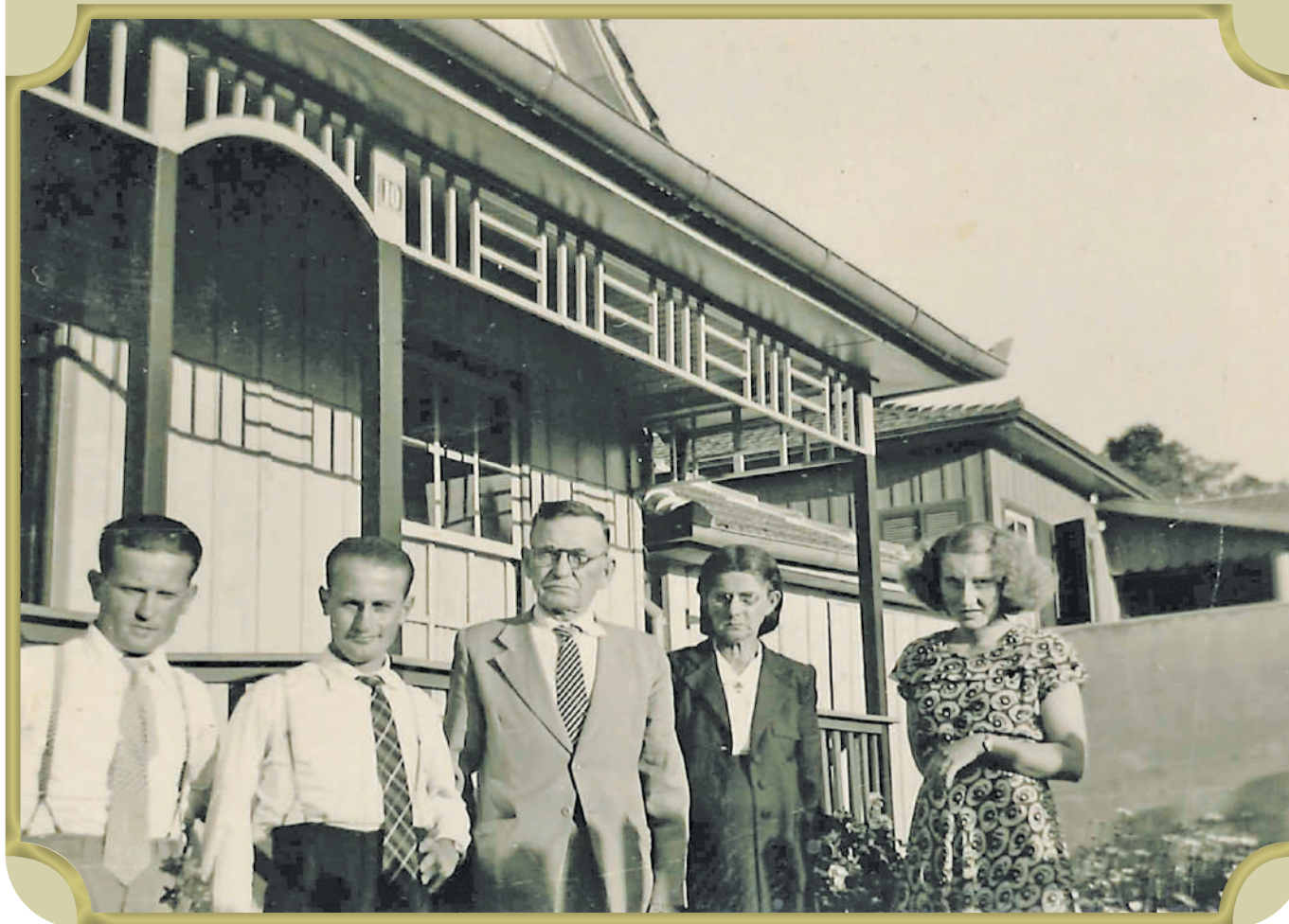
A iniciativa de tio Leo (não aplicar os recursos que recebera em algum investimento rural) já era reflexo de questionamentos que vinham ocorrendo no seio das famílias que enfrentavam a agricultura braçal. Os serviços eram penosos e os resultados tidos como escassos, as oportunidades diminuindo sempre mais para os filhos pós-adolescência e o progresso aparecendo somente nas cidades.

Tio Leo acabou centralizando suas atividades na cidade de Porto União (SC), um município que fora fortemente beneficiado pela estrada de ferro SP/RS, com destaque para o ramal Porto União

(SC)/São Francisco do Sul (SC), na época, um verdadeiro corredor de exportação da madeira brasileira, serrada em Três Barras (SC) e, como tal, forte gerador de desenvolvimento regional, inclusive da região do alto rio do Peixe (donde provinha em toras).

Nos primeiros meses de 1948, já estavam morando em Porto União (SC) (FOTO 27), tio Leo, após instalar a loja Casa do Bronze, e o próprio pai José, com o restante da família, após vender a propriedade na Linha Leãozinho para uma família de catarinenses serra-baixos.

**Foto 27** - Em 1948, o casal José Hoffmann e Emília Ludwig, morando na cidade de Porto União (SC) com três filhos ainda solteiros: Leo, Leonardo e Suzana.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1948).<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



O casal José/Emília foi morar no alto da cidade, nas proximidades da Igreja Matriz Nossa Senhora das Vitórias, levando consigo os filhos ainda solteiros, Leonardo e Suzana, aos quais se juntou também tio Leo, que ainda não havia casado.

## 2.24 Pensando em deixar a atividade rural

Nos anos todos em Barra do Estreito a luta fora sempre sem tréguas, passados mais de 10 anos, porém, algumas conjeturas passaram a sinalizar situações preocupantes, umas já acontecendo e outras pintando no horizonte. Os dois filhos mais velhos Hugo e Rosalinda, cursando a terceira série do primário, último ano de estudo para Hugo, já o repetindo (com anuência do professor a pedido do pai).

A saúde de Paulino, lutando com dores na coluna (como as do pai dele) e crises de reumatismo ciático que, às vezes, o deixava até dias acamado, passou a sinalizar a necessidade de possíveis alternativas.

Por muito tempo vinha pensando o desencanto de ter que vender os suados produtos agrícolas, no balcão de comerciantes tidos, as mais das vezes, como muito aproveitadores em Bom Retiro, onde cada um era quase sempre o único a comprar cada mercadoria produzida (suínos, milho, arroz, feijão, trigo, alfafa, gado, fumo entre outros).

Para ir à vila de Bom Retiro ou visitar os pais e irmãos de Helena, que, então, moravam no início da Linha Pitoca (8 km de Barra do Estreito), só era possível a cavalo ou de carroça, embora naquele tempo os Irmãos Carlesso tivessem adquirido uma Jardineira (ônibus de carreira), que fazia o itinerário Papuã (hoje Treze Tílias (SC) até Joaçaba (SC). Esse melhoramento, porém, operava com duras dificuldades principalmente nos dias de

chuva, ou de apenas ameaças de chuva, já que o risco de ficar no caminho era muito grande, dado que era muito pouco dizer que as estradas eram rudimentares.

E ainda, com a mudança dos pais José/Emília e irmãos para Porto União (SC), parece ter-se abatido um sentimento de amarga ausência sobre os dias dos que ficaram em Barra do Estreito.

## 2.25 A Venda da propriedade de Barra do Estreito

Era uma manhã de sábado, nos primeiros dias do mês de julho de 1949, meu pai procurou-me e disse-me: “Se você quiser que vendamos nossa casa e nos mudemos daqui, vá até a casa do Cestílio Dalvesco, lá do outro lado do rio Estreito, em frente ao Clube Aurora e peça para ele vir falar comigo”.

Certamente meu pai já havia pensado bastante sobre alguma proposta trocada anteriormente sobre a venda da propriedade e pela manhã resolvera tomar essa decisão. Sem muito que pensar ou perguntar, tomei o caminho, passando pela ponte de madeira sobre o rio Estreito e tomando a estrada do outro lado do rio, passei pela frente de casas de alguns amigos e cheguei à casa do Cestílio.

Não acompanhei as conversas que ocorreram no encontro, mas daquele dia em diante não se plantou mais nada, e as preocupações passaram a resumir-se em colher e vender e também receber o dinheiro da venda da propriedade.

Os serviços passaram para a mãe Helena e os filhos, pois Paulino sumira para providenciar a nova propriedade e a nova casa na Vila de Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Atualmente, em visita a antiga propriedade pelo sr. Hugo Hoffmann e Loretta Girardi Hoffmann (FOTOS 28, 29, p. 52-53).



**Foto 28** - Em fevereiro de 2021, Hugo e o mano José Airton, à frente da propriedade que pertenceu a Paulino/Helena, local em que nasceram os cinco primeiros filhos do casal Paulino/Helena: Hugo, Rosalinda, Leonida, Milton Eugênio e Líria Maria em Barra do Estreito/Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC).



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi (2021).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Arte/celular de Loretta Girardi Hoffmann, esposa do Sr. Hugo Hoffmann, em visita ao local.



**Foto 29** - Em fevereiro de 2021, Loretta e Hugo em uma visita à Barra do Estreito/Luzerna (SC), no início da Linha Estreito, onde nos velhos tempos, a uma centena de metros mais, localizava-se a ponte do rio Estreito, ligando com o município de Ibicaré, em madeira sobre pilares, coberta por tabuinhas. Restam-me desse local, inúmeras e fortes lembranças, pois em tempo de criança, ao passar pela ponte acompanhando familiares, acometia-me sempre a sensação de que poderia cair, do alto, nas águas por alguma das frestas do tablado. Mais tarde, porém, outra fora a realidade, muitos banhos e muitas agradáveis pescarias junto a ela com amigos.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi (2021).<sup>24</sup>

<sup>24</sup> Arte/celular de Loretta Girardi Hoffmann, esposa do Sr. Hugo Hoffmann, em visita ao local.





## CAPÍTULO 3

### 3.1 Residindo na Vila de Bom Retiro, hoje Luzerna (SC)

Em maio de 1949, após a venda da propriedade em Barra do Estreito/Bom Retiro (Luzerna)/Joaçaba (SC), a família Paulino/Helena com seus 5 filhos Hugo (11), Rosalinda (9), Leonida (8), Milton (4) e Líria (1), deixaram tudo quanto haviam vivido durante 12 anos, na área rural e iniciavam uma nova vida na Vila de Luzerna (SC).

Paulino adquiriu 5 lotes de terra contíguos (com 1.000 m<sup>2</sup> cada) num empreendimento novo chamado Vila Alemanha, no limite urbano da vila, onde apenas algumas poucas casas já haviam sido construídas e onde a rua da frente (Rua Bom Retiro) era apenas área desmatada que fazia limite com a área rural em mata intocada.

Foram mais de três meses de muita programação para conquistar o novo local, construir a nova casa e planejar detalhes do que então seria enfrentado pela família.

### 3.2 Um incidente de percurso

Lembro-me muito bem de ter feito inúmeras idas e vindas à cela do Pitico para provisionar mantimentos a nosso pai e a ajudantes, que com capricho construía a nova casa e estavam alojados na residência de nossos tios Pina (Josephina)/Vitório Bortoli, que moravam no alto do mesmo loteamento, onde eram sempre deixados os provimentos que mãe Helena providenciava e eu levava.

Como já fiz referência, o Pitico tinha verdadeiro pavor à presença de caminhões e automóveis (ainda bem que eram

raros naquele tempo na região), quando ao mínimo ruído de algum, era necessário mudar o caminho e distanciar-se em outro ou entrar em alguma plantação, pois ele ajustava as orelhas para frente, ficava agitado e ameaçava disparar. Numa dessas ocasiões surgiu o ronco de um caminhão e, não havendo como sair do caminho (barrancos e cercas dos dois lados), ele disparou no sentido contrário ao ruído.

Na montaria eu levava arroz descascado, farinha, alguns queijos, frangos já preparados para a panela e algumas dúzias de ovos embalados em palhas de milho. Na disparada do Pitico (como eu sempre fazia nessas circunstâncias) me firmei com uma mão na parte da frente da cela e com a outra, na parte de trás, para não cairmos eu e a carga, e esperei o Pitico sossegar após correr por algum tempo. Aconteceu, porém, que os ovos empalhados (que estavam em saco sobre a carga) ao serem projetados para cima e para baixo na disparada, quase viraram gemada e escorreram pelo resto da carga, o que foi motivo de um longo lamento de nossa tia Pina em minha chegada à casa dela na vila.

### 3.3 A Nova propriedade

A nova casa foi construída (FOTO 30, p. 56) em área de bom tamanho (meio hectare) e, bem por isso, foram nela localizados/ construídos também estrebaria, chiqueiro, galinheiro, uma bela horta e um pomar com variadas plantas frutíferas, como não poderia deixar de ser, contando com a já mencionada habilidade do profissional em enxertos de meu pai, como fora também a do pai dele José Hoffmann.





**Foto 30** - Em 1950, nova casa da família Paulino Hoffmann/Helena na Vila Alemanha, um bairro novo de Luzerna (SC), construída pelo próprio Paulino com ajuda de alguns auxiliares. Em detalhes a claraboia (janela em água furtada de telhado) para iluminação do sótão (que, em casa de um bom descendente de alemães, não poderia faltar), dois alpendres com pinturas a cores à meia altura nas paredes, tudo dentro do bom gosto, prevendo aí morar por muito tempo. Identificação da esquerda para a direita: Hugo (12), Rosalinda (11), Líria Maria (3), Helena (31), Paulino (35), Milton Eugênio (6) e Leonida (9). No entorno, muitos tocos para serem arrancados (ou esperar apodrecerem) e muitas pedras para serem realocadas.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1950).<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



Eu e Rosalinda, como estávamos concluindo o estudo primário (em Barra do Estreito na terceira série do primário) com o professor Luiz Fioravante Dezanet, ficamos morando ainda mais de 3 meses em famílias de ex-vizinhos amigos até a conclusão do ano letivo. Rosalinda ficou na casa de Jacó Gelatti/Rosa (família legal para ela) e eu, com Olímpio Gomes/Lúcia. O Olímpio, que morara algum tempo com nossa família, enquanto estudava, passou a valer-se da oportunidade para desferrar-se de certas contrariedades enfrentadas no tempo em que ele estivera conosco e, com isso, foram meses de extremas exigências em serviços nas roças e no trato dos animais, faça sol faça chuva, após as aulas, que ocorriam pela manhã. Sobre esses meses lá passados eu não guardo boas recordações.

Mudar-se de Barra do Estreito para Luzerna (agosto de 1949) exigiu muita determinação para conquistar o novo chão (5.000 m<sup>2</sup>). Um dos lotes foi destinado para potreiro da vaca de leite e o restante da área foi logo beneficiado para plantio de feijão, arroz, milho, mandioca, para consumo próprio, inclusive para criação de porcos, galinhas e a vaca de leite.

Algumas ruas do entorno, ainda não haviam sido abertas no todo para o trânsito (era quase nulo o número de veículos existentes naquele tempo), as áreas das ruas iam sendo todas tomadas por plantações que fazíamos (vínhamos da roça e éramos competentes), deixávamos apenas estreitos caminhos para o trânsito, isso tudo sob o comando de mãe Helena e com a valiosa ajuda dos filhos, especialmente após eu e Rosalinda deixarmos as famílias com quem continuamos morando em Barra do Estreito até a conclusão do ano letivo

---

### 3.4 Topando um desafio

Vivíamos insistindo com nosso pai para ele fabricar um carrinho em madeira para que o utilizássemos nos serviços em volta de casa, em tarefas que não eram poucas, quando tudo estava ainda por ser ajeitado na nova propriedade. Uns pedidos mais e Paulino fez a seguinte proposta: “Eu faço um carrinho caprichado se com ele vocês, Hugo e Rosalinda, forem em primeiro lugar buscar os

dois porquinhos que comprei e que estão lá na propriedade que vendemos em Barra do Estreito”.

Não foram necessários mais detalhes e a proposta foi aceita. No fim daquela semana chegava o sonhado carrinho, com aparência bem acima do esperado: quatro rodas, carroceria com tampa, cabeçalho articulado, leve, feito em madeira de cedro e pinho e eixos das rodas bem engraxados.

Lá fomos cedinho, já na segunda-feira, eu e a irmã Rosalinda apanhar os dois porquinhos para cumprir o acordo. A distância era de uns 6 km e a ida foi uma maravilha, quando em alguns trechos minha irmã até aproveitava carona, indo montada no veículo, naquele momento, uma novidade sonhada.

No retorno, porém, houve complicação de percurso, pois no meio do caminho começou a chover. O chão molhado, além de ficar liso, passou a ficar preso às rodas do carrinho, quase ultrapassando as forças necessárias dos dois irmãos para tracioná-lo. O retorno não rendia, as forças diminuía, a noite ameaçava chegar, não aparecia nenhuma ajuda pelo caminho e o cansaço começava a pintar uns traços de desespero, porém, chorar não adiantava. Era buscar as forças que ainda iam restando e procurar refazê-las, pois não poderíamos abandonar o veículo nem a carga. Nesse clima conseguimos chegar ao alto do Seminário São João Batista e do Hospital São Roque (cenário da Foto 4, cap. 1, p. 19), no início da vila, onde um longo declive nos levaria até às proximidades de nossa casa.

Aí sim, nos abraçamos e choramos, não de abatimento, mas de emoção por antevermos um final feliz para o desafio e a missão seria cumprida, embora com o malfadado imprevisto que nos marcou bastante, mas foi sendo esquecido logo no dia a dia. Na lida com o belo carrinho que havíamos conquistado na aposta.

---

### 3.5 Paulino na montagem de máquinas agrícolas

Quando da venda da área rural em Barra do Estreito, Paulino já havia previamente acertado serviço na fabricação de máquinas agrícolas com o industrial alemão Francisco Lindner, que mantinha em Luzerna uma unidade de fabricação e montagem de estruturas em madeira para máquinas agrícolas.



Eu, àquela altura, com 13 anos, cheguei a principiar de alguma atividade em trabalho leve na companhia de meu pai na marcenaria, participando do acabamento em peças de madeira e operando algumas máquinas como furadeira, lixadeira, plaina e outras, visando deixar as peças prontas para a montagem. Isso parecia ser interessante, pois eu poderia até encontrar aí um início de profissão, aproveitando que meu pai recebia a remuneração dos serviços por produção, quando uma ajuda seria muito bemvinda (FOTO 31).

Minha atuação, porém, pode-se dizer, foi quase um fiasco, pois por ocasião da montagem das peças, muitos furos tinham que ser reajustados, já que haviam sido feitos fora da precisão necessária. Uma experiência que visava somar, naquela tentativa, acabou complicando o andamento dos serviços e, bem por isso, foi adiada para outra oportunidade que não veio a acontecer.

**Foto 31** - Em 1952, Paulino Hoffmann trabalhando na elaboração de estruturas em madeira para a montagem de máquinas agrícolas produzidas pela empresa do Sr. Francisco Lindner, um alemão que construíra também a represa no curso das águas do rio do Peixe, na própria Vila, instalando uma usina elétrica que fornece energia a Luzerna e a breve entorno, inclusive para parte da cidade de Joaçaba, até os dias até hoje.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1952).<sup>26</sup>

<sup>26</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

### 3.6 Nascimento de Nair Terezinha

Em 16 de setembro de 1950 nascia Nair Terezinha (FOTO 32), a primeira a viver as mordomias de cidade, principalmente com luz elétrica e também com os cuidados dos 4 irmãos, digo 4, porque a Líria Maria (3) ainda não contava, exigia mais atenção do que a que acabava de nascer.

**Foto 32** - Em 1962, Nair Terezinha, mais conhecida pelo apelido "Nica", a segunda da fila (esquerda para a direita) desfilando em sua Cidade Natal (Luzerna) como estudante do curso normal regional do Colégio Pe. Nóbrega. O primário fora com as irmãs franciscanas de Bonladen, como todos os filhos do casal Paulino/Helena. Foto de reminiscência histórica local em que aparecem ao fundo as residências dos irmãos pioneiros de Luzerna (SC) Silvestre Dresch, em seguida a de Afonso Edmundo Dresch e então, atrás do palanque de honra do desfile, o barracão da ferraria do Sr. Rambo. A cena me lembra que a piazada, na qual me incluo, gostava muito de ver o trabalho de ferreiro do Sr. Rambo, especialmente quando ele montava o aro de ferro em rodas de madeira para carroças. Preparava lenha e carvão no chão, em forma circular sobre os aros a serem ajustados às rodas em madeira. Após muito fogo os aros de ferro ficavam na cor da brasa, quando então o Sr. Rambo, com muito jeito, técnica e duas longas chaves tenazes, retirava os aros do fogo, um a um, e após ajustá-los a cada roda em madeira, as levava rapidamente a uma tina de água em meio a uma fumaceira que dava a impressão de que pouco iria restar no final do processo.



Fonte: Recebida de Brasília, faz parte dos arquivos particulares da Nica, a Neninha.



### 3.7 O Primeiro emprego

Nesse meio tempo me foi oferecido o primeiro emprego com salário, como estafeta do correio, que era administrado pelo Sr. Olinto Mezzarroba, um companheiro de jogo de bolão de meu pai. O trabalho consistia em eu ir todo dia apanhar/entregar malotes de correspondências e encomendas entre o Correio e a Estação da estrada de ferro de Bom Retiro, no outro lado do rio do Peixe, por onde passavam trens da Rede Viação Paraná Santa Catarina-RVPSC. Quando havia ponte e não ocorria enchente, tudo bem, se não, teria que ser pela balsa.

Eram dois esquemas: Um trem misto (cargas e passageiros) subia rumo a Porto União (SC) pela manhã e outro descia à tarde rumo a Marcelino Ramos (RS). O outro era trem exclusivo para passageiros e correio, que subia num dia à tarde e outro, que descia no dia seguinte pela manhã, em horários complicados, pois estavam quase sempre com grandes atrasos. Havia ainda um outro trem chamado “Internacional” que ia até Montevideu no Uruguai, tido como trem de alto luxo de que pouco se sabia sobre ele.

Para ter conhecimento de quanto era o atraso, só havia um telefone disponível em Luzerna, o da Lola, que morava no bairro Vila Nova e era filha de um senhor apelidado de “Chico Louco”, assim cognominado pelo fato de, andando a pé ou a cavalo pelas ruas da vila, ia sempre falando alto sozinho ou com alguém que cruzasse no caminho, inclusive implicando com o papagaio do sr. Cândido Paniz, retrucando: “Rico nada...Rico coisa nenhuma... Vê minha situação...” e outras mais implicações.

O emprego durou alguns meses. O esquema às vezes se complicava, pois chegavam malotes muito pesados e eu tinha que voltar até nossa casa para apanhar o já descrito carrinho (o dos dois porquinhos) ou outro meio para conseguir carregar as encomendas até o correio ou até o trem.

### 3.8 Voltando a estudar

Meu pai que fora sempre um excepcional autodidata e lamentava sempre o quanto o conhecimento lhe fazia falta

profissionalmente, já que tivera oportunidade de cursar somente o curso primário. Resolveu, pois, que eu e a irmã Rosalinda iríamos voltar a estudar, pois em Luzerna havia também a quarta série do primário no colégio das irmãs franciscanas de Bonlanden, onde a filha Leonida já estava estudando e o Milton iria começar. Aí então, com 13 para 14 anos, após permanecer dois anos fora das salas de aulas, voltei a estudar. Rosalinda e eu estudávamos na mesma sala, sendo ela sempre a primeira da classe e eu, o segundo. A escola, dirigida por irmãs religiosas alemãs, era de extremo zelo e exigências em todos os sentidos, onde em qualquer vacilo à disciplina ou à ordem, a vara de marmelo poderia entrar em ação.

### 3.9 Mudando para o Clube Vitória

O custo de vida na cidade exigia muito mais do que o da roça, por isso a parte financeira passou a pesar em certos momentos. Embora somente o pai recebesse salário, a mãe e os filhos procuravam fazer a sua parte em casa, cuidando da vaca de leite, dos porcos, das galinhas, da horta e das plantações, mas um incremento na renda da família passou a sinalizar como algo convidativo.

Como sócio e frequentador do Clube Vitória, no centro da vila, Paulino recebeu a proposta para ser o ecônomo da associação, visando melhorar os cuidados/atenção que os sócios poderiam receber e que vislumbrava uma receita financeira convidativa e oportuna. Em termos econômicos a aceitação da proposta era tida como bastante interessante, pois, além da remuneração como ecônomo, a família iria receber também o aluguel da casa em que morávamos, uma vez que passaríamos a morar no próprio clube, no centro da vila.

A proposta foi aceita, mas não com muito entusiasmo, pois teríamos que deixar nossa casa nova e sabíamos que no clube não ia ser moleza, embora que, localizado no centro da vila, ficasse bem próximo do trabalho de meu pai.

Valendo-se da melhoria financeira e acostumando-se com a nova lida, a família morou por 13 anos no Clube Vitória. No começo a vida ficou bem agitada, pois, além dos cuidados necessários para melhorar o atendimento aos associados, restaram também os cuidados de tudo quanto havíamos deixado em nossa



propriedade (plantas, frutas e animais), que continuavam a exigir nosso atendimento mesmo após a casa ter sido alugada. Algum tempo depois, porém, o que era possível foi transferido para área disponível aos fundos do próprio clube.

O período vivido no clube (FOTO 33) foi sempre de muito sacrifício humano, chegando às vezes a serem quase extremas as exigências enfrentadas. Não havia horários limites para os frequentadores do clube, onde alguns deles deixavam transparecer total falta de bom senso após alcoolizarem-se.

Paulino permanecia muitas noites no atendimento aos associados até altas horas e às 7h30 do dia seguinte tinha que estar já no serviço. Nos primeiros tempos com horário até elástico, trabalhando por empreita com o Sr. Lindner, mais tarde, porém, na empresa Caetano Branco & Filhos, com horários mais rígidos, pois era o encarregado do setor de marcenaria, na fabricação das famosas trilhadeiras da marca Vencedora, conhecidas em todo o Brasil e também em países da América Latina.

**Foto 33** - Em 1959 a família no salão do Clube Vitória em Luzerna (SC), identificados da esquerda para a direita: Nair Terezinha (9), Milton Eugênio (15), Leonida (18), Rosalinda (20), Hugo (21) e Líria Maria (12) e ao centro, Helena (40), José Airton (5) e Paulino (44).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1959).<sup>27</sup>

<sup>27</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

Mãe Helena, com a ajuda possível dos filhos, tinha a incumbência de deixar tudo arrumadinho para os associados que eram sempre muito exigentes (FOTO 34). Nas promoções de bailes, que eram mais ou menos frequentes, tinha sempre que providenciar o que oferecer: arrumar bem as mesas com toalhas limpinhas, preparar frangos assados recheados, pasteis, salgadinhos, sonhos e outros petiscos mais. No dia seguinte, após restabelecer a ordem no salão, seguia para o rio Limeira (na ilha que ainda existia, logo abaixo do Clube) com um enorme volume de toalhas usadas para serem lavadas.

Nós os filhos (Hugo (13), Rosalinda (12), Leonida (11), Milton (7), Líria (5), Nair (3)) além da ajuda à mãe e do cumprimento de tarefas deixadas por nosso pai, restava sempre a cruel tarefa de levantar os pinos do jogo de bolão, que à noite não tinha horário para terminar. Os associados, adeptos desse jogo, eram de extrema insensibilidade humana, ao ponto de embebedarem-se e não oferecerem ao menos um caramelo ou um copo de refrigerante aos menores que levantavam os pinos do jogo até altas horas.

**Foto 34** - Em 1960 uma recordação da equipe de trabalho de dona Helena no atendimento a festas promovidas no Clube Vitória em Luzerna (SC). Da esquerda para a direita: Leonida (filha), nome não lembrado, Lorena Leizer (amiga e vizinha), mãe Helena e Edite Machado (amiga e comadre). Rosalinda, após o casamento já havia deixado o grupo.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1960).<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



### 3.10 No Seminário Franciscano São João Batista em Luzerna (SC)

Morando no Clube Vitória, cada um enfrentava seus desafios diários e a vida tinha que prosseguir a seu tempo, seguindo as rotinas da família. Meu pai fora sempre do pensamento de que os filhos avançassem o máximo possível nos estudos, oportunidade que ele não tivera em sua mocidade. Nossa mãe, como não frequentara a escola, não comungava plenamente desse entendimento, criando sempre para si rotinas próprias de memorização para sanar as deficiências da “falta de escrita” por não ter passado pelos bancos escolares. Nossa mãe sempre nos surpreendeu, porém, com sua excepcional memória, mantendo sempre vivas em sua lembrança incontáveis datas ligadas a aniversários e a acontecimentos, bem como, as quantidades e proporções em receitas culinárias, no que era notável sua habilidade.

Em Joaçaba (SC) havia instituições de ensino secundário, mas o custo era proibitivo, tanto financeiramente quanto por conta do custoso deslocamento diário até àquela cidade (6 km). Em Luzerna, em 1941, fora criado o Seminário São João Batista, por padres franciscanos (a maioria de origem alemã) da Província Imaculada Conceição com sede em São Paulo. O seminário, em regime de internato, oferecia estudos de admissão ao ginásio (com duração de dois anos), quando então os estudos deveriam prosseguir, em termos de ginásio e secundário, nas cidades primeiramente de Rio Negro (PR) e depois, de Agudos (SP). O custo não implicava em impedimento para estudar no seminário, pois a Província detinha benfeitores que corroboravam no custo dos estudos de seminaristas, caso a família não dispusesse de condições financeiras. O requisito essencial exigido do candidato era ser de família católica e demonstrar interesse em estudar no seminário, prevendo os estudos oficiais (admissão ao ginásio, ginásio, e secundário clássico), incluindo princípios de aspiração ao desempenho de futura missão como sacerdote católico franciscano.

O seminário, com seus 30 alunos na primeira série da admissão ao ginásio e outro tanto, na segunda série, era procurado

por muitos adolescentes de Luzerna e de municípios do Oeste dos três Estados do Sul, onde as comunidades contavam com padres da Ordem de São Francisco de Assis.

O Seminário São João Batista de Luzerna (SC) (FOTO 35) iniciara atividades no ano de 1941 e atuou até 1994 (53 anos) tendo acolhido nesse período mais de 2500 estudantes, primeiramente nessas instalações antigas e a partir de 1971, mudando-se para novas instalações (FOTO 5, cap. 1, p. 19) na mesma propriedade que recebera em doação dos fundadores de Bom Retiro, hoje, Luzerna (SC). Esse batalhão de jovens, que aí buscou a complementação cívica, ética e cultural para suas vidas, foi um diferencial que marcou gerações em Luzerna (SC) e mesmo na Região Oeste Catarinense, de onde emergia tal contingente de adolescentes, buscando junto a seus mestres rumos para suas vidas.

**Foto 35** - Antigo Seminário São João Batista de Luzerna (SC), inaugurado em 1941, onde desenvolveu atividades até 1971. Seus 4 pavimentos eram constituídos de: Porão (área destinada a lazer), 1º piso (refeitório na parte da frente e outras dependências ao fundo e à direita, clausura), 2º piso (salas de aula, salas dos professores e aposentos dos professores), 3º piso (sótão) dormitório e dependências para pertences dos seminaristas.



Fonte: SEMINARISTAS ... (2012).



Ao encerrar as atividades alienou as novas instalações à Prefeitura do Município de Luzerna (SC), que lá centraliza hoje atividades culturais, recreativas e esportivas.

Embora entendendo ser um grande sacrifício para a família (perda de um parceiro na luta diária), a minha entrada para o seminário sinalizava talvez a única oportunidade de continuar estudando, importante para mim, desejo sempre manifestado também por meu pai e onde encontraria certamente muitos amigos já estudando. Um sacerdote da família não deixava de ser sonho de muitos casais católicos.

Após a concordância de meus pais, sem presenciar qualquer relutância da parte de meus irmãos, fui com minha mãe falar com o diretor Frei Henrique Müller (longos anos mais tarde, visitei-o como bispo de Joaçaba (SC) apurar possibilidades e levantar as exigências de praxe para realizar a matrícula. Tudo providenciado, naquele início de 1953, ocorria minha matrícula já no segundo ano da admissão ao ginásio, mais por conta da idade (14 anos) do que por aferição de conhecimentos. O custo dos estudos meu pai fez sempre questão de pagar, embora houvesse benfeitores franciscanos que patrocinassem essas despesas parciais ou integralmente.

A disciplina no seminário era envolvente, com orações e missa bem cedinho, pela manhã aulas, à tarde estudo, esporte e laser, à noite, estudo/palestras/audição de música e às 20h30, dormir.

A área onde o seminário fora construído, recebida graciosamente da empresa que fundara Bom Retiro, constava de parte ocupada por plantações, parte com pastagens para gado de corte e de leite, criação de suínos e aves, o que às vezes exigia colaboração dos seminaristas, principalmente em roçadas, carpas e colheitas de milho e de abóboras, que ocorria em horários alternados no período da tarde, quando uma turma jogava bola e outra ia para a roça (FOTO 4, cap. 1, p.19).

A saudade dos familiares pesava sempre forte em todos os dias, mesmo para os que moravam em Luzerna, pois podiam ir às suas casas somente nas férias anuais. Eu recebia de quando em quando a visita de familiares que vinham para um papo e sempre traziam algumas guloseimas, inclusive (relato aqui) numa ocasião recebi por meus irmãos uma bola de futebol em couro (bola de

“capotão”, como se dizia). Naquele tempo era desconhecida a bola de futebol com válvula para enchimento. As bolas tinham uma abertura, por onde era introduzida a câmara de ar, que continha um bico, que após o enchimento era amarrado com barbante e enfiado para junto da câmara e a abertura no couro da bola (tinha uma série de orifícios nas bordas), era fortemente fechada com um tento também em couro, deixando-a bem redonda (se feito com habilidade).

Naquele ano recebi também a notícia da morte de vovô José Hoffmann em Porto União (SC) (FOTO 36), quando todos os filhos e vovó Emília acompanharam o sepultamento.

**Foto 36** - Em 1953 em Porto União (SC) nosso avô José Hoffmann (\*10/04/1881 e +25/10/1953) aos 72 anos sendo velado pelos filhos e esposa. Identificação: Leonardo, Leo, Paulino, Joselino, Emília (avó), Vergínia, Filomena, Maria e Suzana. José, natural de Picada Joanetha do Café/São Leopoldo (RS), emigrara em 1919 com 4 filhos pequenos e a esposa Emília Ludwig para Linha Leãozinho, distrito de Bom Retiro (hoje Luzerna), município de Cruzeiro do Sul, (hoje Joaçaba (SC), mudando-se em 1948 para a cidade de Porto União (SC).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1953).<sup>29</sup>

<sup>29</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



Embora tivesse sido admitido diretamente para a segunda série da admissão ao ginásio, fui aprovado em primeiro lugar no fim do ano (foi um dos últimos anos em que as escolas ainda registraram oficialmente, em fim de ano, a colocação de cada aluno, conforme resultados obtidos em sua classe), e passei a ter direito a cursar o primeiro ano do ginásio na cidade de Rio Negro (PR) no Seminário Seráfico Franciscano São Luiz de Tolosa.

### 3.11 Em Luzerna, os rios e as pescarias

Nas férias anuais (quase 3 meses) eu procurava participar das tarefas que pesavam sobre meus irmãos, mas sobrava ainda algum tempo para umas belas pescarias.

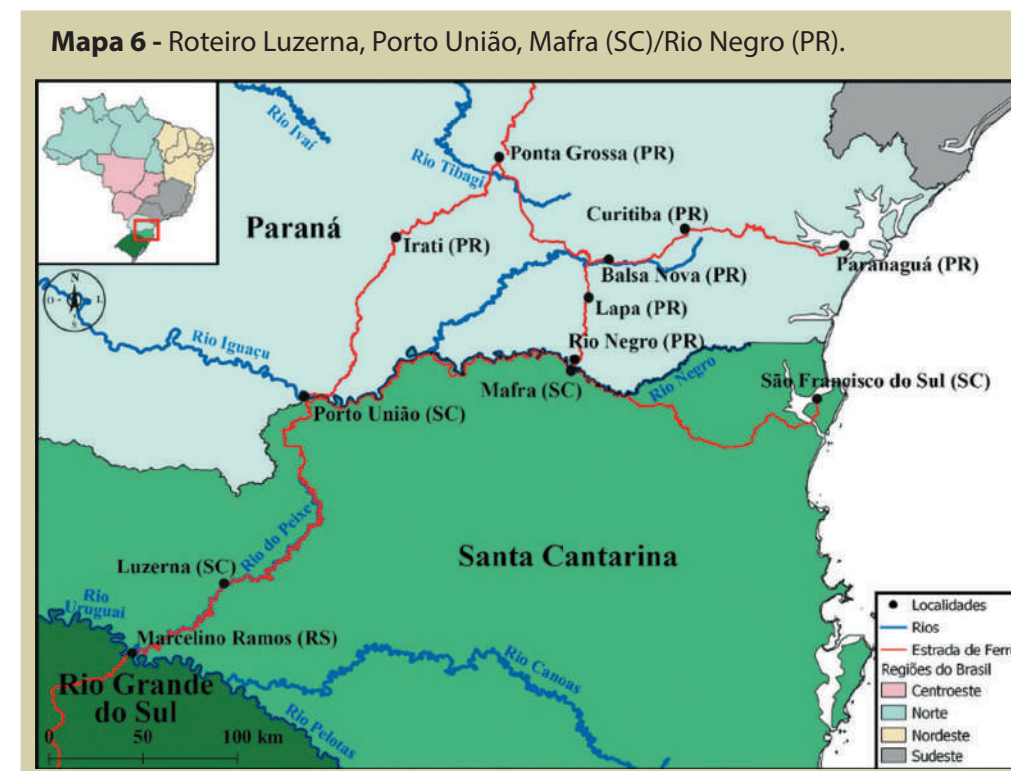
Mesmo antes de ir para o seminário, as pescarias, na companhia de meu irmão Milton e alguns amigos, constituíam-se em programação constante para qualquer folga que pintasse no dia a dia. O ambiente estava sempre pronto e muito convidativo com as águas cheias de peixes no rio Limeira, no rio Nogueira, sem falar do rio do Peixe, nos convidando sempre, bem próximos às nossas casas na Vila de Luzerna. Era um convite permanente para catar iscas e anzóis e se aboletar nas barrancas de um dos rios. Pescávamos ao sol dos dias e às escuras das noites, sem esquecer que quando chovia e a água turvava, ninguém nos segurava em casa, pois os peixes jundiás e mandis, ao saírem de seus esconderijos do dia, acabavam indo para nossa sacola ou penca (um ramo desbastado, com uma forquilha deixada na base, onde os peixes eram enfileirados pelas guelras).

Ninguém, que naquele tempo aí viveu sua adolescência (e mesmo idade adulta), esquece o pesqueiro do açougue do Sr. André Anrein, que reunia um batalhão de pescadores na barranca do rio do Peixe, junto à foz do rio Limeira, onde eram ejetados os restos do abatedouro de animais. Lá a pesca era sempre milagrosa, pois ninguém “saía sapateiro” (sem resultado nenhum) e a variedade de peixes era notável: carás, joaninhas, lambaris, saicangas, carpas, traíras, jundiás, mandis, bagres e outros mais, até tartarugas de vez em quando, essas, porém, eram sempre soltadas.

Impossível esquecer as pescarias à noite, sentados no beiral do assoalho da ponte do rio do Peixe (antes de a enchente a levar), lançando as linhas chumbadas com três ou mais anzóis e às vezes fisgando vários mandis em uma mesma recolhida, peixes esses que poderiam dar uma dolorosa ferroada se o pescador fosse incauto.

### 3.12 No Seminário São Luiz de Tolosa em Rio Negro (PR)

Todos os aprovados para iniciar o curso ginásial nos reunimos, após as férias, naquele início do ano de 1954, no seminário em Luzerna para tomar o Trem Passageiro na Estação Luzerna (Bom Retiro) (MAPA 6) com destino a Porto União (SC), onde, após baldeação (pois o trajeto do trem era Porto Alegre/ São Paulo), deveríamos utilizar outro ramal para Mafra (SC), que é cidade gêmea de Rio Negro (PR), para onde deslocavam-se também os seminaristas aprovados no seminário da cidade de Rodeio (SC), do Sul do Estado de Santa Catarina.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>30</sup>

<sup>30</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá.





A viagem de trem significou, para a maioria da turma, uma verdadeira aventura. A distância entre Luzerna e Porto União não passa de uns 150 km (excesso de curvas), seguindo sempre a margem esquerda do rio do Peixe (até o Município de Calmon, onde nasce). O tempo gasto no percurso chegava a mais de 7 horas, passando por Ibicaré, Tangará, Pinheiro Preto, Videira, Ipomeia, Rio das Antas, Caçador, Calmon, Matos Costa e então Porto União (SC)/União da Vitória (PR), cidades gêmeas.

Nossa viagem transcorria em acomodações de segunda classe (bancos em madeira) e ao embarcar, na Estação Luzerna, eram mínimas as vagas existentes, mas cada um buscava acomodar seus pertences e percorrer então todas as unidades do trem em busca de um lugar vago ou improvisado, inclusive na primeira classe (bancos estofados), até que aparecesse o chefe-de-trem, cobrando a passagem e determinando a ocupação da classe correta.

Os vagões de segunda classe eram os primeiros após a maria-fumaça, com o que era marcante a entrada de fumaça pelas janelas a todo tempo e em alguns instantes também faíscas acesas, que acabavam queimando a roupa dos passageiros, principalmente daqueles que caíam numa soneca. Após a baldeação à noite, em Porto União (SC), aguardamos até o outro dia para tomar a Linha Porto União/São Francisco do Sul (SC), pois nossa viagem terminaria na estação da cidade de Mafra (SC), cidade gêmea de Rio Negro (PR), após um percurso de uns 130 km, passando por Canoinhas (SC).

O Seminário Seráfico São Luiz de Tolosa (FOTO 37) ficava próximo à cidade de Rio Negro, numa área elevada e bastante visível para quem passa pela BR 116. Um conjunto de construções em arquitetura romântica, com destaque para a rara beleza da capela, com pinturas de motivos religiosos em alto padrão artístico (Fotos também no final do capítulo 10).

A área da propriedade era bastante extensa, em solo por vezes um tanto arenoso ocupado por muitas pastagens e indo até às margens do rio Passa Três, em cujas margens fazíamos muitos piqueniques e tomávamos banho em suas frias águas, pois deslizava em longo percurso sob a sombra de altas e frondosas árvores em solo com bastante areia.

Entre as edificações e as quadras de esporte sobressaía uma longa alameda de altos ciprestes que terminava em uma bela gruta de Nossa Senhora de Lourdes, cujo caminho, serpenteando o interior de uma mata preservada, era constantemente percorrido em meditações individuais e/ou coletivas, em meio a envolvente silêncio, quebrado apenas por manifestações da natureza (FOTO 38, p. 65). A lembrança do encanto da natureza nos vem facilmente à memória e faz renascer as marcantes emoções, que nos tomavam em momentos de preces dirigidas ao Criador e à Sua Mãe, aí em meio à grandeza de Sua Obra.

**Foto 37** - Frente do Seminário Seráfico Franciscano São Luiz de Tolosa em Rio Negro (PR), onde bem à direita se localiza a entrada da bonita capela moldurada internamente com artísticos motivos religiosos. São Luiz de Tolosa (\*09/02/1274 +19/08/1297) príncipe de família nobre de Nápoles/Sicília, quando ainda jovem, foi entregue pelo pai ao rei de Aragão como refém após uma batalha e, quando libertado, renunciou à nobreza e tornou-se frade franciscano e foi consagrado bispo de Tolosa (França), onde se destacou por sua atuação junto aos pobres. Em 1978 o seminário foi tombado como Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Rio Negro (PR) e hoje é Parque Ecoturístico Municipal São Luiz de Tolosa de Rio Negro com consistente apresentação no Google.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Meus arquivos de recordações, enriquecidos com assunto disponibilizado no Google.



**Foto 38** - Em 2021, visitando a Gruta Nossa Senhora de Lourdes do Seminário Seráfico Franciscano São Luiz de Tolosa de Rio Negro (PR).



Fonte: HOFFMANN, Renato (2021).

Em Rio Negro somávamos quase 60 seminaristas, formando duas classes da primeira série do ginásio, divididas segundo nossas alturas, onde eu ocupava a última posição dos menores. O padre prefeito do seminário (título do diretor) era Frei Osório Stoffel, um sacerdote de família de descendentes germânicos que moravam no alto da Linha Nogueira pertencente ao Distrito de Luzerna/Joaçaba (SC).

As instalações do Seminário em Rio Negro eram de acabamento bem superior às do Seminário de Luzerna, tanto em espaços/locais disponíveis quanto em estruturas destinadas às atividades didáticas, esportivas e culturais.

Merece menção honrosa o trabalho de um dos irmãos da ordem terceira de São Francisco de Assis (eram celibatários, não sacerdotes, que realizavam os trabalhos exigidos pela organização religiosa franciscana) desenvolvido com invulgar zelo, na formação de um museu com uma infinidade de seres dessecados do reino animal,

insetos, especialmente borboletas e mesmo pequenos animais empalhados (foram mais tarde transferidos para o novo Seminário São João Batista de Luzerna).

Tivemos aí os primeiros contatos com estudo do latim (até então, língua oficial única da Igreja, disciplina presente no currículo de todos os anos), cujo professor Frei Kuniberto (um típico alemão) marcou nossas vidas por seu carisma singular em promover o estudo da disciplina, valorizando/criando táticas de aprendizagem. Era também detentor de uma caligrafia invejável que todos procuravam imitar (passei a imitar até hoje a maneira de grafar a letra “e”).

O estudo do francês também foi novidade, sendo que as demais matérias mudaram apenas em seus conteúdos, com ênfase para o Português e a Matemática. Com relação às nuances do estudo da língua portuguesa, em que me impus uma “estratégia de guerra” (estudar com prioridade em todos os sentidos sempre), pois, até então, em um ditado, dificilmente conseguia obter nota satisfatória.



### 3.13 O Nascimento do José Airton em 15/05/1954

No final do mês de maio daquele ano, eu recebia uma cartinha de meu pai, noticiando o nascimento do irmão caçula José Airton (FOTO 39). Telefonema nem pensar naquele tempo. No texto da carta foi possível perceber o contentamento de nosso pai com o nascimento do sétimo filho (3 meninos e 4 meninas).

Aquele ano de estudos em Rio Negro (PR) passou muito rápido, frente às novidades vividas no dia adia, inclusive com alguns acontecimentos que nos marcaram, como um frio de nove graus negativos, que obrigou deixar torneiras semiabertas para evitar que à noite os canos se rompessem. Na manhã seguinte cedinho, o banho frio para enfrentar os estudos e as demais tarefas do dia.

Marcou-nos também naquele ano o trágico suicídio do presidente Getúlio Vargas em 24/08/1954, cuja tragicidade gerou constantes comentários por muito tempo entre seminaristas e professores.

Chegadas as férias, os seminaristas fizeram o caminho inverso do da vinda a Rio Negro. Nossa turma voltou ao seminário em Luzerna, para então cada um buscar sua casa na região e os aprovados prepararem-se para aí retornarem, após as férias, a fim de tomar o trem para continuar os estudos no Seminário Franciscano Santo Antônio próximo à cidade de Agudos (SP).

Nossa família continuava administrando o Clube Vitória, onde minha mãe continuava revelando sempre mais suas exímias habilidades na organização e na cozinha por ocasião de festas, casamentos e bailes. Contava com boa ajuda da Rosalinda (15), da Leonida (13) e do Milton (10), bem menos da Líria Maria (7) e da Nair Terezinha (4) e amamentando o Airton (1). Mãe Helena (35), por não ter frequentado a escola (como já lembrado), foi desenvolvendo com o passar do tempo notável habilidade de memória, tendo sempre, de pronto, uma infinidade de datas de ocorrências bem como de receitas de doces e salgados, inclusive com as devidas quantidades de alimentos necessários para cada promoção, bem como quantidades de condimentos indicados para cada tipo de alimento. Tudo acontecia com invejável fluidez, dada a excepcional memória que a distinguiu até seus últimos dias em 2018.

**Foto 39** - O caçula José Airton Hoffmann, já gente feita, que impôs a si próprio, com toda a galhardia, a alcunha de José Airton Hoffmann Pereira Homem da Cunha, nesta foto assumindo já seus compromissos de bom cristão, registrado em elegante lance no dia de sua primeira comunhão.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1954).<sup>31</sup>

<sup>31</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



### 3.14 No Seminário Franciscano Santo Antônio em Agudos (SP)

No início de 1955 nos reunimos novamente no seminário em Luzerna para tomar o trem passageiro, tracionado por máquina maria-fumaça, numa viagem de três dias, pela Rede

Viação Paraná Santa Catarina-RVPRSC com destino à cidade de Iperó (SP), onde, após baldeação para trem elétrico da Rede Férrea Sorocabana, deveríamos rumar para a cidade de Bauru (SP), cumprindo mais um dia de percurso. De Bauru a Agudos, via ônibus, chegávamos ao Seminário Santo Antônio de Agudos (FOTOS 40 e 41, 42, 43, 44, p. 68).

**Foto 40** - Panorâmica do Seminário Franciscano Santo Antônio de Agudos (SP).



Fonte: FRANCISCANOS (c2023).



**Foto 41** - Galeria principal com seus elaborados arcos em semicírculos.



**Foto 42** - Um dos 4 jardins internos recém concluídos com jardinagem, sendo conduzida pelos seminaristas.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Meus arquivos de recordações. Sugiro buscar mais conteúdo na internet sobre o Seminário Franciscano Santo Antônio de Agudos, farta apresentação de fotos e histórico do importante empreendimento, hoje em bom estado ainda, mas com atividades diversas às do tempo para que fora construído.

**Foto 43** - Fachada da capela, do Seminário Santo Antonio de Agudos (SP).



**Foto 44** - Parcial da fachada de frente, contendo a entrada da capela.





As edificações e dependências do seminário (a 4 km da cidade de Agudos (SP) e localizadas numa extensa fazenda de café, ainda não estavam totalmente concluídas. O projeto de três alas, mais estruturas de dependências, de iniciativa da Província Franciscana da Imaculada Conceição, com sede em São Paulo (SP), previa instalações para acomodar até 300 alunos do ginásio e do secundário (clássico), procedentes dos seminários de Luzerna (SC), Rodeio (SC), Guaratinguetá (SP) e também seminaristas vindos da Alemanha. A terceira ala era a destinada à nossa turma, mas dependia ainda de algumas finalizações de dependências.

Os mais capacitados mestres franciscanos da Província (como Dom Paulo Evaristo Arns) eram escalados para lecionar no Seminário Santo Antônio de Agudos. Os 300 estudantes, ocupando as 3 alas instaladas, seguiam um projeto dos frades franciscanos, prevendo a ordenação de até 30 sacerdotes anualmente, após a conclusão dos estudos de filosofia e teologia com ultimação na cidade de Petrópolis (RJ).

O conjunto arquitetônico do Seminário Santo Antônio de Agudos, quase sempre em dois pavimentos, surpreende até hoje (estive lá em 2018) pela perfeição e consistência de seus acabamentos, a solidez e a beleza de suas linhas estruturais, com destaque especial para os arcos em semicírculos de suas amplas galerias e de seus quatro jardins internos. Chamam a atenção de quem tem a oportunidade de presenciar a originalidade de sua capela, enriquecida com o envolvente som do órgão com seus 2620 tubos (fabricado por um alemão residente em Rio do Sul (SC)) e o anfiteatro com acústica tida como uma das mais perfeitas em estabelecimentos do gênero no Estado de São Paulo (projeto para um tempo em que ainda não se utilizavam microfones e caixas de som).

A passagem pelo Seminário de Agudos (SP), marcou profundamente nossa formação pessoal, no modo de ser e agir dentro de um pensamento franciscano, na idade dos 16 aos 21 anos, orientados por mestres renomados, entre eles, Frei Paulo Evaristo Arns, Frei Gregório Johnscher, Frei Pascoal, Frei Nilo, Frei Onésimo Dreyer, Frei Armindo, Frei Columbano Gilbert, Frei

Reinaldo Munaretto, Frei Fausto entre outros. Espelhávamo-nos também no crescimento cultural e pessoal de alguns colegas que se sobressaíam em áreas do saber como Leonardo Boff, Neilor Tonin, Leo Severino Schmidt (esse, em 2020 pároco da Paróquia São João Batista de Luzerna) entre outros.

O curso clássico, como modalidade do nível secundário de estudos naquele tempo, impunha um diferencial no estudo das matérias como: O Latim (a língua oficial da Igreja Católica e dos próceres do Direito, bem como a língua-mãe do Português). O Grego (a língua dos pensadores e filósofos antigos bem como base dos termos de notações científicas). O Alemão (a língua de pensadores modernos), o Francês (a língua do berço da democracia, parabéns pela inteligente criação do sistema decimal de medidas) e inclusive destaque para o Inglês (mesmo quando então ainda não era a língua falada pelo mundo).

Nas programações do curso clássico detínhamos internamente uma Revista e uma Academia de Letras, que visavam ao desenvolvimento de habilidades da arte de escrever (a primeira) e de falar em público (a segunda).

A Revista envolvia a redação/criação de textos que, se selecionados pela coordenação, eram lidos por seus autores após o almoço e/ou jantar, ao se fazer silêncio, mesmo ao serem recolhidos os utensílios utilizados nas refeições. Havia também oportunidade para o desenvolvimento de habilidades relativas ao desenho e à pintura, quando os textos que compunham a Revista poderiam ser ilustrados com pinturas de lavra do próprio autor e/ou de algum colaborador.

Um Texto: por capricho, apresento abaixo um texto que redigi em 1959 e o datilografei em cor vermelha (FOTO 45, p. 70). Criei-o, entre outros, incentivado pela revista que era orientada por professores e baseado em comentários que circulavam na região, onde Campos Novos (SC) levava a fama de deter muitos bandidos sanguinários, herança atribuída ainda aos conturbados tempos da Guerra do Contestado, em que a região fora um dos últimos redutos.

Como a reprodução dificulta a leitura, redigitei-o e apresento a cópia (FOTO 45a, p. 71).



Foto 45 - Texto redigido por Hugo Hoffmann (1959).

## ACONTECE...

Naquela manhã clara, incendiada de sol, em que uma brisa amiga se fazia de continuo sentir pelo esplendor artistico da natureza, um vistoso onibus, em louca marena, distanciava-se da Capital do Oeste-Catarinense, que há poucos instantes havia deixado.

Duas horas mais e Campos Novos surgiria derramada em pleno campo, no dorso manso de mansa colina.

O veiculo dirigia-o um individuo bem formado, que entregue serimente a sua tarefa demonstrava estar conscio do dever e responsabilidades.

Entre os passageiros numerosos, que palestravam, riam, admiravam as naturais belezas, quase aos fundos estavam também dois jovens a conversar afavelmente. Ela uma professora jovem ainda; ele um moço moreno, que se dizia empregado dum banco comercial em Campos Novos. Embarcaram no mesmo ponto, e por motivos de comodidade, seja talvez outra a causa, sentaram-se juntos no mesmo banco.

Muito haviam conversado ambos, dizendo-se novidades, suas perspectivas vindouras; tudo enfim que um amigo conta a outro amigo de confiança. Contou-lhe ela, inclusive, ter recebido uma quantia de Cr\$16.000,00 em paga de seu trabalho, e que, no momento, se encontrava de regresso ao lar paterno.

Nesses instantes, rodando em campo aberto, o onibus passava por uma tósca cancela, donde partir, contornando pequenos ajuntados de mata, um quase apagado trilho, que lá distante, bem distante, ia dar na moradia do velho gaúcho, o pai da jovem fazendeira. Ela desceu e pôs-se a caminhar, acalentando pensamentos risonhos... sonhando com sua chegada imprevista... pensando no que levava, um pedaço de seu futuro. Embalada assim pela música suave de seu pensamento julgava-se feliz, feliz mesmo.

Uma voz, porém, que semelhava provir das profundezas do inferno, pôs fim a aquele pensar amigo. Era o jovem companheiro que a umas cente-

nas de metros mais, pedira para descer também e agora, tomand-a violentamente pelo braço lhe dizia satânicamente: "É chegado o teu fim! Dá-me o dinheiro que trazes, imediatamente." E nos olhos afogusados luzia o negror de seu intento e perversidade louca. Nas mãos ansiosas coruscava um punhal horrivelmente afiado.

A jovem até então feliz, via-se instantaneamente precipitada no abismo escuro de profunda decepção. Uma expressão de espanto e desespero ensombrecou-lhe a face inocente e elarece, pasmada ante a realidade trágica do momento, emudeceu.

O mancebo, já não um humão mas um demônio, com carnuda mão cerrou-lhe a boca dando-lhe três golpes de punhal no peito, atirou-a ao solo. O coração rasgado e oprimido contra o solo, languidamente lançou-lhe ela um derradeiro olhar, de perdão talvez, e contorcendo-se de dor, desfaleceu.

O assassino ávida e apressadamente agarra as sobradas netas e, vendo a seus pés um cadáver imóvel feito de seus punhos, sente a necessidade de uma fuga imediata a toda vista humana.

Mas subito, duas balas certas o fizeram baquear sobre o sangue que derramara. É que o chofer, conhecedor que era das circunstâncias locais, enjetara plenamente da agressividade do tal individuo, e minutos após, combinando com os tripulantes regressou até ao caminho onde a dona havia descido, e aí tomando do revólver rápida e cuidadosamente trilho em fora, numa curva, onde o caminho dava caprichosa volta a uma ilha de mata, deu com o individuo que se erguia do solo e ia possivelmente pôr-se em fuga. Um impeto adverso de horror a tal covardia fê-lo desfechar dois tiros no ouvido do criminoso cobardo.

Ele tomou o dinheiro todo se derramou sobre os pés da infeliz viajora. Dir-se-ia que o ladrão impio e arrependido devolvia o preço a notre mestra. Mas nesse momento duas almas, deixando aquela manhã do campo remavam para a eternidade.

4/4/59.



**Foto 45a** - Cópia de texto redigido por Hugo Hoffmann (2019).

#### ACONTECE...

Naquela manhã clara, incendiada de sol, em que uma brisa amiga se fazia de contínuo sentir pelo esplendor artístico da natureza, um vistoso ônibus, em louca marcha, distanciava-se da Capital do Oeste Catarinense, que há poucos instantes havia deixado.

Duas horas mais e Campos Novos surgiria derramada em pleno campo, no dorso de mansa colina.

O veículo dirigia-o um indivíduo bem formado, que entregue seriamente à sua tarefa demonstrava estar cômico do dever e responsabilidades.

Entre os numerosos passageiros que palestravam, riam, admiravam as belezas naturais, quase aos fundos, estavam também dois jovens a conversar amigavelmente. Ela uma professora jovem ainda; ele um moço moreno, que se dizia empregado dum banco comercial em Campos Novos. Embarcaram no mesmo ponto e por motivos de comodidade, seja talvez outra a causa, sentaram-se juntos no mesmo banco.

Muito haviam conversado ambos, dizendo-se novidades, suas perspectivas vindouras; tudo enfim que um amigo conta a outro amigo de confiança. Contou-lhe ela, inclusive, ter recebido uma quantia de Cr\$ 16.000,00 em paga de seu trabalho e que, no momento, se encontrava de regresso ao lar paterno.

Nesses instantes, rodando em campo aberto, o ônibus passava por uma tosca cancela, donde partia, contornando ajuntados de mata, um quase apagado trilho, que lá distante bem distante, ia dar na moradia do velho gaúcho, pai da jovem fazendeira. Ela desceu e pôs-se a caminhar, acalentando pensamentos risonhos...sonhando com sua chegada imprevista...pensando no que levava, um pedaço de seu futuro. Embalada assim pela música de seus pensamentos julgava-se feliz, muito feliz mesmo.

Uma voz, porém, que semelhava provir das profundezas do inferno, pôs fim àquele pensar amigo. Era o jovem companheiro que a umas centenas de metros mais, pedira para descer também e agora, tomando-a violentamente pelo braço lhe dizia satanicamente: "É chegado teu fim. Dá-me cá o dinheiro que trazes imediatamente" e nos olhos afoguentados luzia o negror de seu intento e perversidade louca. Nas mãos ansiosas coruscava um punhal horrivelmente afiado.

A jovem, até então feliz, via-se instantaneamente precipitada no abismo escuro de profunda decepção. Uma expressão de espanto e desespero ensombrou-lhe a face inocente e clara, pasmada ante a realidade trágica do momento emudeceu.

O mancebo, já não mais um humano mas, um demônio, com carnuda mão cerrou-lhe a boca dando-lhe três golpes de punhal no peito, atirando-a ao solo. O coração rasgado e oprimido contra o solo, languidamente lançou-lhe ela um derradeiro olhar, de perdão talvez, e contorcendo-se de dor, desfaleceu.

O assassino àvida e apressadamente agarra as cobiçadas notas e, vendo a seus pés um cadáver imóvel, feito de seus punhos, sente necessidade de uma fuga imediata a toda vista humana.

Mas súbito, duas balas certas o fizeram baquear sobre o sangue que derramara. É que o chofer, conhecedor que era das circunstâncias locais, conjecturou plenamente da agressividade do tal indivíduo e, minutos após, combinou com os tripulantes e regressou até ao caminho onde a donzela havia descido e aí, tomando do revólver, seguiu rápida e cuidadosamente trilho em fora. Numa curva, onde o caminho dava caprichosa volta a uma ilha de mata, deu com o indivíduo que se erguia do solo e ia possivelmente pôr-se em fuga. Um ímpeto adverso de horror a tal covardia fê-lo desfechar dois tiros no ouvido do criminoso covarde.

Ele tombou e o dinheiro todo se derramou sobre os pés da infeliz viajora. Dir-se-ia que o ladrão ímpio e arrependido devolvia o preço à nobre mestra. Mas nesse momento duas almas deixavam aquela manhã do campo e remavam para a eternidade. (04/04/59)





A Academia de Letras contava com programação mais elaborada, envolvendo sessões solenes periódicas, com declamações que deveriam empolgar a plateia e discursos que além de arrebatantes, deveriam trilhar os princípios clássicos da oratória, com exórdio, tratado e epílogo.

### 3.15 Atividades extraclasse em Agudos

As aulas eram ministradas no período da manhã e estudava-se durante um período à tarde, antes do café e outro, à noite até às 21 horas (as classes mais adiantadas podiam estudar até às 22h00). Após o café da tarde havia tempo para a prática de esportes (futebol, basquete, vôlei, queima, estafeta e outros) e trabalhos manuais (cortar grama, carpir, roçar) e no último ano em que lá estudei, abrir a vala para a construção da futura piscina (hoje instalada com 1.500.000 litros de água).

A programação da parte da tarde era rearticulada, na época da colheita do café, quando íamos todos para a colheita, pois o seminário era detentor de uma extensa fazenda com pecuária e também cafezais. Derriçar grãos, separar folhas e recolher/ensacar a colheita era atividade que qualquer um poderia dominar, mesmo quem nunca tinha visto um pé de café como eu. Com trezentos catadores o serviço rendia, mesmo ao som de algumas lamúrias de alguns desajeitados/inconformados com a turbinada tarefa e os mosquitos.

### 3.16 Deixando o Seminário no final de 1959

Foram 5 anos aí vividos em Agudos (SP) na conclusão do ensino ginásial e de dois anos do secundário (denominado clássico). Uma fase áurea da formação pessoal, com marcas profundas na personalidade, enfrentando também os turbilhões de dúvidas e questionamentos próprios da idade, quanto ao rumo e a caminhos futuros da vida. O ambiente marcado sempre por forte enaltecimento à sublimidade da doutrina franciscana cristã, por amor ao próximo e respeito à natureza, execrando ao extremo o doentio apego ao consumismo sem limites e à insensibilidade humana diante dos menos favorecidos.

As severas limitações impostas na vivência em internato, cuja abrangência era altamente sentida nos períodos de férias, levavam muitos colegas a buscarem caminhos alternativos, nessa fase da vida, o que acabou atingindo também a mim. Deixar esse caminho, após sete anos, parecia ser uma decisão necessária àquela altura da vida. Certamente haveria questionamentos e decepções a enfrentar, talvez não, mas fui concluindo, após longas e contínuas reflexões e mesmo constatações e aconselhamentos, que a decisão haveria de ser unicamente minha.

Nos últimos anos de estudos em Agudos (SP), ao sairmos em férias de fim de ano, tomávamos o trem da Sorocabana em Bauru (SP) e íamos até São Paulo (SP), pois a administração do seminário havia negociado uma viagem direta São Paulo/Joaçaba (SC), através de avião Douglas DC-3 bimotor, administrado por Omar Fontana, filho de Atílio Fontana (antigo morador de Luzerna) (FOTO 46, p. 73). Esse arranjo de retorno era viabilizado por influência dos colegas de seminário Cláudio Fontana (era da minha turma) e Onório Fontana, cuja mãe Angelina, viúva de Dario Fontana (falecido em Luzerna, irmão de Atílio), buscava favorecer a negociação junto ao cunhado Atílio e ao sobrinho Omar.

Chegando de férias a Luzerna naquele ano de 1959, participei a meu pai e depois à família a intenção de não continuar estudando no seminário. Continuávamos morando no Clube Vitória e nossa casa estava alugada. A reação mais impactante esperada por mim era a de meu pai, que sempre me incentivara, mas essa, após minhas considerações, foi recebida com razoável assentimento por parte dele, embora mais tarde, eu tenha recebido confidências, de que ele teria participado a amigos, que gostaria que eu tivesse continuado naquele caminho.

Aos 21 anos, noções de datilografia (era um diferencial), de cálculo e de escrita, meu caminho normalmente indicado seria um trabalho em algum escritório, mas possibilidades em Luzerna e/ou Joaçaba eram praticamente nulas. Alguns dias depois, fizemos eu e meu pai uma visita de Kombi à mãe dele e ao irmão Leo na cidade de Porto União (SC) (FOTO 47, p. 73).



**Foto 46** - Avião Douglas DC-3 bimotor, tipo de aeronave alugada em 1956 por Omar Fontana da cidade de Concórdia (SC). Dele nos valemos, mais vezes, para regressar de São Paulo (SP) a Joaçaba (SC) nas férias anuais. Omar Fontana alugara um tipo de aeronave, como o acima, para transportar produtos frigorificados da então jovem Sadia S.A. de Concórdia (SC) para São Paulo (SP). O Oeste Catarinense emergia como um grande produtor de carnes, mas as estradas impunham extremas dificuldades para o transporte, passando quase exclusivamente pela ponte Baumgart da cidade de Joaçaba, cognominada então, com muito orgulho, como Capital do Oeste Barriga Verde. A iniciativa de Omar fora coroada de grande sucesso comercial, pois viabilizava o comércio de carnes frescas junto ao grande centro consumidor de São Paulo (SP) e, mesmo carnes processadas, sobrevoavam as desconfortáveis estradas sem asfalto, que os bravos caminhoneiros enfrentavam. O fato de o avião voar a São Paulo com cargas completas em produtos frigorificados, mas regressar a Joaçaba (SC) quase sempre vazio, levou o empresário a buscar um ajuste de bancos para passageiros em retornos. Esse detalhe foi aproveitado para que retornássemos a Joaçaba em apenas algumas horas, ao invés de 4 dias, inicialmente por trem movido à eletricidade (um dia, Bauru/Iperó (SP)) e depois, por maria-fumaça da Rede Viação Paraná Santa Catarina-RVPSC (mais 3 dias, de Iperó/Luzerna (SC)). Esse retorno, transportando passageiros, se configurou como bom negócio e Omar Fontana acabou criando mais tarde a Empresa Transbrasil, que figurou por muito tempo na área, com atuação em todos os Estados e até com linhas internacionais.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Lembranças de vivências pessoais e confirmações em páginas do Google.

**Foto 47** - Em 1959, meu pai Paulino Hoffmann e sua Kombi VW, junto à Ponte dos Arcos da cidade de União da Vitória (PR), marco turístico local, quando, em visita à mãe dele e a parentes, em especial ao irmão Leo, deixávamos um colégio onde fôramos em busca de informações sobre possibilidades de eu aí continuar os estudos do segundo ciclo do secundário, caso me mudasse para Porto União (SC). Um detalhe local: O leito da Estrada de Ferro RVPSC é marco divisório entre os dois Estados (PR e SC) e também das duas cidades Porto União (SC) e União da Vitória (PR).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal. Minha câmara Kodak (caixote).

Analisávamos que tio Leo então proprietário da loja Casa do Bronze, com comércio de armarinhos, armas e munições, poderia dispor de alguma possibilidade de emprego, onde eu teria a oportunidade inclusive de concluir o curso secundário em alguma Instituição da cidade (faltava a realização do terceiro ano do secundário). Tio Leo era daquelas pessoas que dava atenção a todos e encontrava sempre soluções para tudo. Naquele momento, porém, não havia vaga em sua empresa, mas um amigo dele poderia nos atender. Consultamos então a secretaria de um colégio em que eu pudesse concluir o secundário, na modalidade científico, cumprindo algumas recuperações de matérias. Como não poderia deixar de ser, tio Leo ofereceu uma acomodação em sua casa para eu me instalar provisoriamente e, então, regressamos a Luzerna, combinando que eventualmente voltaríamos a falar sobre o assunto.



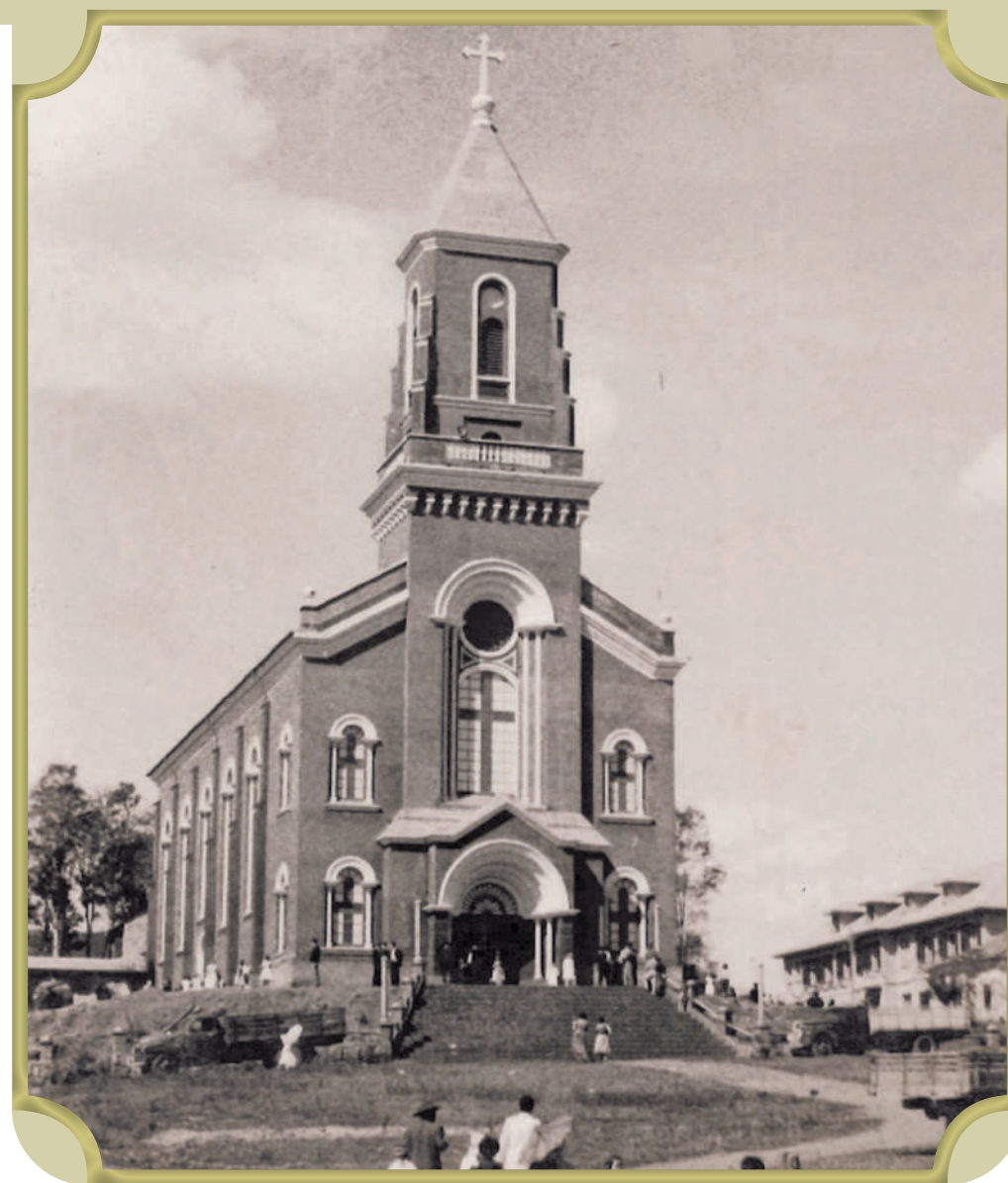
**Foto 48** - Igreja católica matriz São João Batista de Luzerna (SC). Nos primeiros anos da década de 1950, quando nossa família se mudara de Barra do Estreito para a Vila Luzerna (SC), a construção já atingia estágios envolvendo o alto de sua torre. Aos fundos, num bosque com boa infraestrutura, ocorriam as festas típicas locais para angariar recursos, envolvendo: churrascada, onde cada participante, com certa antecedência, escolhia seu espeto ao fogo, em uma longa vala, o qual era identificado, pago e só retirado na hora do almoço; roda-da-fortuna (com 75 números e muitos prêmios); cavalinhos (um eixo central, contendo 3 rolamentos com 4 cavalinhos fixados em cada um e prêmio pago em dinheiro) além de rifas, casinhas do coelho, muita bebida, cucas e leilões. Para a piazada, porém, pintavam sempre alguns desafios nessas festas, sendo um deles escalar as alturas da construção da nova igreja, vencendo extensas rampas que contornavam a estrutura, seguindo externamente até o início da torre, quando, adentrando nela, surgia uma série de escadas/andaimes que levam até o globo que sustenta a cruz. Logicamente tudo interdito ao máximo, sem supor o desafio para os piás. Ao descobrir um roteiro para a aventura, lá íamos 4 ou 5 na surdina, sorrateiramente, alternando-nos pelos andaimes e escadas até o mais alto possível (o globo que sustenta a cruz) e sentir as emoções da altura com seus calafrios. Ao lado da igreja vê-se o edifício do novo colégio Imaculada Conceição das irmãs franciscanas de Bonladen-Alemanha, que atuaram em Luzerna (SC) até 1996.

Impossível passar por Luzerna (SC) sem ter a atenção voltada para a Igreja São João Batista, administrada pela Ordem de São Francisco de Assis-OFM, tanto pela posição que ocupa quanto pela beleza arquitetônica que ostenta (FOTO 48).

Nossa igreja lembra a fé cristã que marcou sempre o espírito cristão do cidadão de Luzerna (SC) e sinto retornarem em mim também as emoções de piá, lá sentidas no alto de sua cruz.

(Os bancos da igreja foram elaborados (1959/1960) por meu pai Paulino e meu irmão Milton Eugênio, mas recentemente foram substituídos e leiloados, quando alguns foram arrematados pelo cunhado Luiz Pegoraro Sobrinho, que os detém hoje no recinto do seu Galpão Tropeiro Creoulo da Fazenda São Luiz em Ponte Serrada (SC)).

Ao aqui mencionar a Fazenda São Luiz e seu Galpão Creoulo, não posso deixar de lembrar, que já tem sido ponto de encontros de descendentes da família Paulino Hoffmann/Helena Delai, contando com regalias desde nobre acolhimento, muitos abraços, longas rodadas de carteadado e de chimarrão e até passeios ecológicos por entre gigantescas imbuías milenares e imponentes pinheiros. Curtiram-se também degustações de alguns vinhos aí competentemente elaborados (quando sem frustração de safra). Costumam ser frequentes também umas pescarias à vontade nas amplas represas, cujas águas emergem de preservadas matas, sem esquecer que faz parte desse sonhado ambiente, saborear uns suculentos churrascos e, por que não, uns queijos e embutidos aí tipicamente artefeitos.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



# CAPÍTULO 4

## 4.1 Em Maringá sonhos e conquistas

Naquele fim de ano de 1959, Rosalinda, irmã mais velha, casava-se com Paulo Milton Vier, um jovem de boa posição em Luzerna (SC). O cirurgião dentista Dr. Arno Wilibaldo Vier, irmão de Paulo, que exercia a profissão e mantinha negócios na cidade de Maringá (PR), no Noroeste do Paraná, compareceu ao casamento e estava também à procura de alguém para substituir o noivo Paulo, que com ele trabalhava e deixara seu posto para casar-se. Arno viu em mim alguém que poderia ocupar o lugar do irmão demissionário. Conversamos sobre a proposta de trabalho que ele tinha, mas sem compromissos mais sérios, pois eu já havia iniciado entendimentos para mudar-me para Porto União (SC), onde ajustara previamente esquema de trabalho/estudo, com tio Leo Hoffmann, que era empresário naquela cidade, detendo a empresa Casa do Bronze.

Falava-se muito de Maringá em nossa região no Oeste Catarinense, como sendo uma cidade nova, com muitas oportunidades, e dela se tendo notícias de que muitos luzernenses conhecidos já se haviam mudado para lá.

Arno retornou a Maringá após o casamento sem ter havido entre nós algum compromisso mais consistente sobre a proposta. Dias após, porém, remeteu-me telegramas, cobrando urgência em minha decisão e inclusive prontificando-se a custear a passagem de avião (até Londrina) caso aceitasse o convite.

Quanto a meus familiares não havia resistência a que eu aceitasse o compromisso, pois alguns parentes, por parte de mãe Helena, já estavam morando no Norte (melhor Noroeste) do Paraná: Tia Gentila/Luiz Valler eram donos de máquina de café em Cruzeiro do Oeste (PR), os avós João Delai/Rosa, Tia Pina (Josephina)/Tio Vitório e Tio Angelim (Ângilo)/Tia Izaura moravam e tinham propriedade rural em Cambuí, distrito de Marialva (PR), município vizinho de Maringá (PR).

## 4.2 Em Maringá, com a família de Dr. Arno W. Vier

Foi então que, juntando meus poucos pertences, tomei avião de linha em Joaçaba (Transbrasil/Sadia) com destino a Londrina (PR), para de lá, via ônibus da Viação Garcia, chegar a Maringá (PR). Dr. Arno, casado com a Sra. Josefina Pelizza, natural de Pinheiro Preto (SC), morava à Av. Curitiba, quase esquina com a Rua Princesa Isabel, com seus 4 filhos (Berenice, Paulo, Pedro e Hilka), onde mantinha consultório odontológico na parte da frente da residência e aos fundos, onde me instalei, dependências para fundição de ouro e estocagem de insumos odontológicos, que eram destinados ao consumo próprio e também à comercialização na cidade e na região.

Minha missão efetiva era ocupar o lugar de um rapaz de nome Waldemar Reisdorfer, que me recebeu muito bem e foi me explicando que Paulo, irmão de Arno, havia vindo de Luzerna (SC) para substituí-lo, pois ele estava saindo para assumir um trabalho em Porto Alegre (RS), mas que o agora marido de minha irmã fora vencido pela saudade da noiva.

## 4.3 A Cidade de Maringá que me acolheu

Antes de inserir-me como maringaense, tenho como oportuno relatar breves lances que revelavam o pioneirismo enfrentado pelos cidadãos que construíam Maringá, então carinhosamente chamada de “Cidade Menina” em 1959 (tinha 12 anos).

Para contextualizar aquele tempo, trago uma trova do poeta Pe. Cônego Benedito Vieira Teles (em 1960 meu professor em disciplina do curso técnico em contabilidade e mais tarde (1966), foi quem oficiou meu casamento com Loretti:

- Pioneiros aguerridos
- Fostes aqui, novos sóis,
- Teus filhos jamais vencidos
- São de Maringá heróis.



Quem chegou a Maringá até 1959 é considerado oficialmente “Pioneiro de Maringá”, daí a singular emoção que a trova do poeta exerce sobre quem vive, desde o pioneirismo, nesta bela cidade que construímos e da qual muito nos orgulhamos (FOTO 49).

A grandeza de Maringá, que a coloca hoje como terceira cidade do Paraná, em algumas particularidades, até como primeira, é fruto de muito idealismo em aguerridas lutas e muito arrojo, até mesmo heroísmo, como expressa o cônico poeta pioneiro e trovador em seu verso acima (FOTO 50).

Dependendo de que região chegassem os pioneiros, além da carência de recursos básicos, o primeiro desafio era o pó vermelho dos dias de sol e o pesado barro grudento dos dias de chuva. Não havia na cidade pavimentação asfáltica, apenas alguns trechos com revestimento em paralelepípedos de pedra partida, nas proximidades da Praça Raposo Tavares e poucas edificações do centro chegavam a três (talvez quatro) pavimentos.

Em 1959 a cidade ainda estava dividida (de fato) em Maringá Velho e Maringá Novo e costumava-se questionar por quê “velho e novo” se tudo era novo? Lembro-me de um detalhe, pois o presenciava muito nos dias de chuva: Muitos caminhões, que pretendessem chegar ao Maringá Velho pela Avenida Brasil, ficarem patinando e/ou derrapados no aclive do percurso até à Praça Sete de Setembro, que à época ainda não apresentava o Monumento ao Desbravador, realização que a partir de 1972 a levou a ser cognominada de “Praça do Peladão” (FOTO 51, p. 77).

Maringá desenvolvia-se segundo um projeto ímpar de cidade planejada, que vinha sendo conduzido pela empresa de colonização Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP), subsidiária de empresa responsável também pela urbanização da cidade de Londrina (PR), essa já cidade moça linda e bela, nascida aos 10/12/1934, e dizia-se haver até olhares de certo natural ciúme envolvendo-se para a menina Maringá.

**Foto 49** - Maringá em 10/05/1959, apresentando os maiores prédios então construídos em dia de seu 12º aniversário (desfile comemorativo). (Foto então autenticada por meu futuro cunhado Dr. Édison Girardi).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 50** - Maringá no ano de 2020, mostrando o progresso havido nos 61 anos, após a Foto 49.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Crescendo sob um clima competitivo em relação à Londrina, Maringá impunha-se aos constantes desafios que, com certeza, tenham sido sempre um considerável diferencial que a levou à grandeza que hoje ostenta. Londrina já apresentava atrativos que prendiam muitos forasteiros que buscavam o Norte/Noroeste do Paraná, quando muitos deles acabavam desistindo de se alongarem a mais uma incômoda e incerta aventura de 100 km, até Maringá, e enfrentar o temido barro roxo e/ou a indesejada poeira vermelha.

O Aeroporto Gastão Vidigal já operava com aviões menores, sem linhas habituais para aviões maiores, com pista sem revestimento, mas com boa extensão, em terreno doado em 1940 pela própria companhia colonizadora CMNP. (Operou até 2001 quando foi implantado o Aeroporto Regional Sílvio Name Junior, na saída da cidade rumo a Campo Mourão).

**Foto 51** - "Monumento ao Desbravador" Em 1972, na administração do prefeito Adriano José Valente foi inaugurado o singular monumento em homenagem aos pioneiros desbravadores, quando o autor Henrique Aragão assim explicava sua obra: "Um corpo imenso que procura o espaço infinito, apoiado apenas pela planta dos pés: Esguio, ascético, puro, simples. Olhar no horizonte distante. Expressão de vitória consciente e sem soberba. Consciência simples do dever cumprido". Obra e palavras que enaltecem qualquer pioneiro.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

Em 31/01/1954 aportara à estação férrea de Maringá a primeira locomotiva a vapor, a Maria Fumaça 608, da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC), ligando Maringá a São Paulo via Ourinhos (SP). Fora um feito notável (falava-se que 4.000 pessoas presenciaram o acontecimento), lembrado por longo tempo pelos maringaenses, talvez pela importância que passara a significar para os serviços de passageiros e de transportes com São Paulo (SP) e outros pontos do território nacional, pois Maringá sinalizava destacada atuação/vocação para o comércio atacadista (FOTO 52).

**Foto 52** - Locomotiva 608, a vapor, "Maria Fumaça", de propriedade da Rede Viação Paraná Santa Catarina (RVPSC), inaugurou a Estação Ferroviária de Maringá em 31/01/1954, procedendo da cidade de Jacarezinho (PR). Uma conquista notável para o progresso da cidade ainda criança, aos seus 7 anos, prestigiada por mais de quatro mil pessoas. O transporte regional teria passado, então, a agigantar-se tanto no setor de cargas como no de passageiros, pois este fugia do temido barro roxo dos dias de chuva e da envolvente e funesta poeira vermelha dos dias secos. (A estação férrea no centro de Maringá operou com transporte de passageiros até 1976 e o processo de cargas até 1991, quando foi desativada para a criação do Novo Centro. A locomotiva "Maria Fumaça 608" foi doada ao Município, sendo recolhida e conduzida sobre trilhos pela Av. São Paulo até o Parque do Ingá, onde, exposta hoje em abrigo apropriado, é reverenciada como marca histórica da era pioneira).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

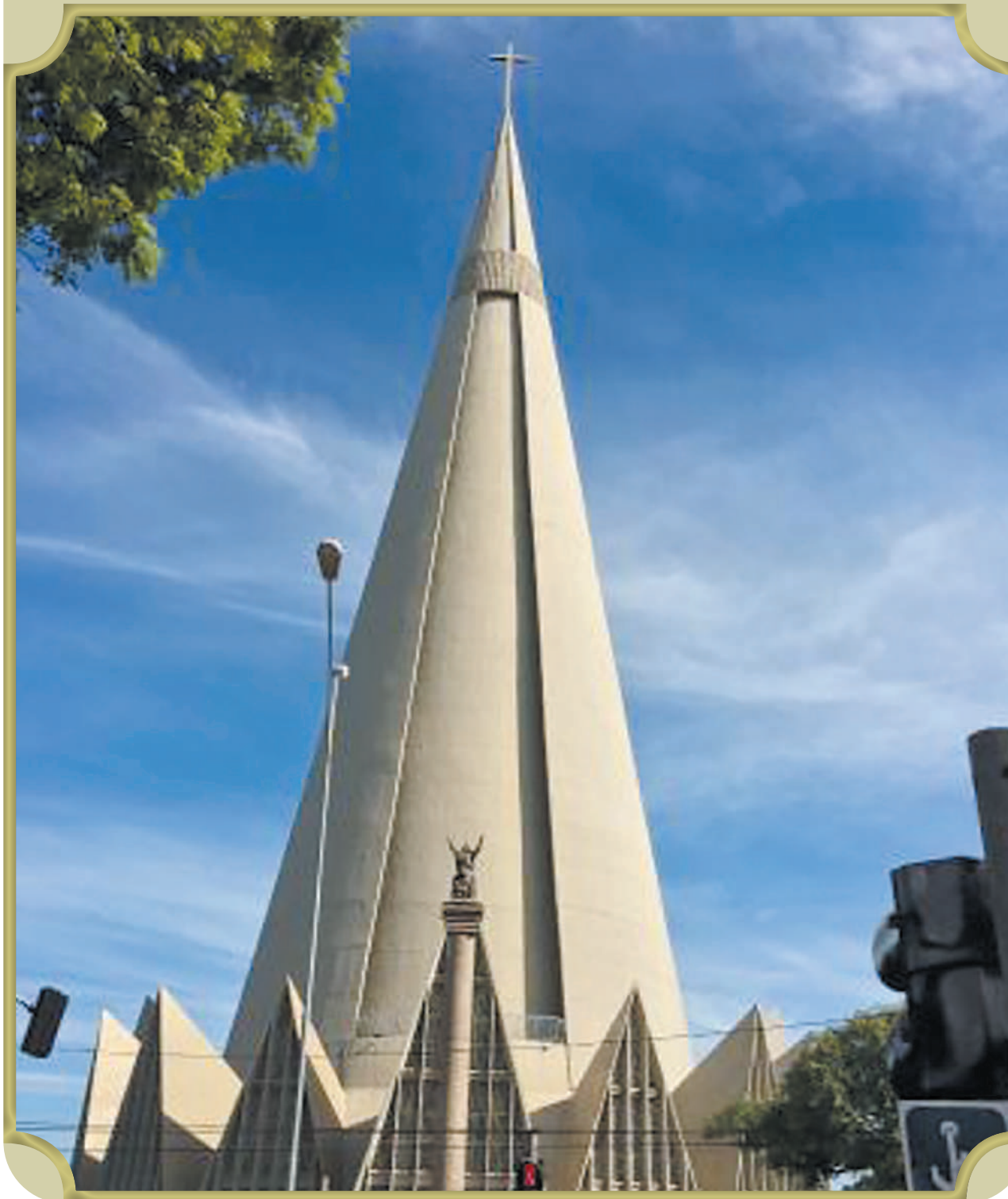


O maringaense da “Cidade Menina” vivia a desafiar sempre o muito que restava a ser feito em chão maringaense, enquanto Londrina já desfrutava de belas conquistas na área social, econômica e cultural.

Não talvez, mas certamente, foi esse clima desconfortável de inferioridade, que motivou a Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) a construir o elogiado Hotel Bandeirantes (Grande Hotel Maringá, hoje tombado (? informação não confirmada) como patrimônio histórico) para poder acolher com certa excelência seus clientes, que a negócios devessem hospedar-se em Maringá.

Essa incômoda inferioridade, diante dos avanços de Londrina, motivou com certeza também o então jovem bispo de Maringá Dom Jaime Luiz Coelho (*in memoriam*), até hoje o mais ilustre dos maringaenses a sinalizar a construção de uma catedral de singular grandiosidade para Maringá (hoje símbolo da cidade). Há marcantes razões para afirmar que essa busca por grandeza, sonhada pelos maringaenses, tenha inspirado também o ilustre arquiteto José Augusto Bellucci a gestar o singular projeto da Catedral Nossa Senhora da Glória, sob sugestão de Dom Jaime (ideia do Sputnik), cuja edificação, iniciada em 15/08/1958, passou a ostentar, a partir de 10/05/1972, a Cruz de Cristo à altura de 124 metros, lembrando que a grandeza de um povo é feita também com fraternidade cristã, que nasce da fé de sua gente (FOTO 53).

**Foto 53** - Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá, inaugurada em 10/05/1972 é hoje Símbolo da Cidade de Maringá.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



#### 4.4 Pioneiros de Luzerna (SC) em Maringá (PR)

Antes de relatar meus primeiros envolvimento neste Noroeste do Paraná (costumava-se falar Norte do Paraná), buscando sonhos no pioneirismo deste chão, passo a fazer menção a uma série de nomes de pessoas/famílias, que como eu, deixaram Luzerna (SC) para em Maringá fixarem raízes de seu futuro.

Ao aceitar o convite de Arno W. Vier acabei aderindo a um de rol de pessoas, que procedentes de Luzerna (SC), do vale do rio do Peixe, passaram a ser considerados “pioneiros aguerridos. de Maringá heróis” (nos versos do cônego poeta), dentre os quais procuro buscar em minha memória alguns que comigo fazem a história de nossa Maringá.

A família Vier de Luzerna já marcara presença em solo pioneiro maringaense com a presença do filho primogênito, odontólogo recém formado, e seus familiares (esposa Josefina Pelizza e seus quatro filhos: Berenice, Paulo, Pedro e Hilka), atuando profissionalmente e com comércio de insumos/artigos odontológicos. A família Preis (Bruno, João, Renato e os pais Edmundo e Paulina), vindos da Linha Nogueira, João, autor do livro “Amor e Ideais-Chamas Que Não Se Apagam” editado em 2021, foi empresário no ramo de transportes, chegou a comandar a Secretaria da Indústria e do Comércio e Agricultura de Maringá, foi deputado estadual e candidato a prefeito da cidade. A família Mommenshon, da Linha Leãozinho, (Conrado Andrea, João, Francisco) fundaram a Comercial Catarinense S.A. a partir de 1948, com negócios no ramo de secos e molhados, inicialmente em Paçandu (PR) e logo depois em Maringá, com empreendimentos que se ramificaram na região além das barrancas do rio Paraná e do Paranapanema, com 69 filiais (João Mommenshon recebeu o título de Cidadão Honorário de Maringá em 1986 pela Câmara Municipal) As famílias Mott (Ângelo, Romeu), Beal (Sílvio) da linha Estreito ligados aos Mommenshon, jamais deixaram Maringá. A família Branco, da Linha Pitoca, montadora das Trilhadeiras Marca Vencedora, com suas máquinas estacionárias ou instaladas sobre pequenos caminhões garantiam atendimento a toda a região, debulhando cereais de pequenos produtores. A família Marqueze (Oswaldo, meu tio), da Linha Pitoca, criador dos implementos

agrícolas da marca Triton até hoje presentes no mercado. A família Bevilaqua (Quirino), da Linha Pitoca, ex-funcionário da empresa Caetano Banco, aqui criou as Trilhadeiras Maringá, impondo a utilização de ferro e aço na construção ao invés de madeira, teve destaque em Maringá O casal Plank (Frederico, Margarida), de origem italiana/tirolesa, moradores de Luzerna, sempre junto aos Mommensohn, presenteou Maringá com o brilhante trabalho da filha Rosa Maria Plank, na área da saúde, com reconhecimento público no nome do Auditório da Sede da Secretaria de Saúde de Maringá, à Av. Prudente de Moraes, 885.

Menciono ainda meu particular amigo e compadre Urbano Buchweitz, da Linha Limeira/Vila Kenedy, depois Linha Triângulo, casou-se com Marlene Ruggeri e tiveram três filhos: Sérgio Augusto, Carlos Eduardo e Cláudia Helena, inicialmente em 1960 junto aos Mommensohn como contador da Comercial Catarinense, depois, industrial no ramo de moagem de milho e trigo na Maringá Trigomil Ltda e professor no ensino secundário, servidor da Receita Estadual e posteriormente, da Receita Federal, foi também professor da Universidade Estadual de Maringá e autor do livro “Viva a Vida”, editado em 2011, prefaciado pelo notável escritor maringaense A. A. de Assis. A família Nering (Willy, Norma Vier e os filhos Marlene e Walter) de Luzerna, ele técnico em bronzinas. O casal Romualdo Wollmeister/Marica Fuganti, da vila de Luzerna, fundadores do Clube Teuto Brasileiro de Maringá, aficionados ao jogo de bolão, ele funcionário de Irmãos Fuganti e amigo de juventude de meu pai em Luzerna.

Vivi o dia a dia envolvendo-me com muitos luzernenses nesta “Terrinha”, inclusive com os Rokenbach (Leo, esposa Matilde Preis, Roque), Waldomiro Arenhart, parceiro de alojamento por algum tempo, funcionário de Irmãos Fuganti, (empresa que mantém figurantes procedentes de Luzerna), o casal Guerino Boligon/Cecília Mott, ele da construção civil, o Dalla Costa (Hermenegildo) de Joaçaba (com irmãos em Luzerna) foi fundador da Casa Rosa desde 1967 e companheiro na direção do Núcleo Social Papa João XXIII, a partir de 1985, os Breda (carrocerias), o Bertin (Júlio, decorações) e, firmando-se mais na vizinha cidade de Paçandu, os Wolfart da Linha Limeira entre outros.





Tencionando apontar alguns motivos, que levaram tantas pessoas procedentes de Luzerna, (uma pequena vila), a buscarem chão em Maringá, aos seus 12 anos e mesmo antes, confesso que poderei intuitivamente indicá-los, por ser partícipe dessa saga de luzernenses, que pousaram em Maringá, então Cidade Menina do Noroeste do Paraná.

Os filhos de Luzerna podem ser chamados de frutos de famílias desbravadoras e destemidas, que conquistaram o selvagem vale do rio do Peixe e nele implantaram permanentes princípios de vivência voltada para o trabalho e para valores familiares, que aliados a oportunidades de frequentar boas escolas (até os níveis então existentes) como a do prof. Luiz Fioravante Dezanett em Barra do Estreito e na vila, como a do Colégio Imaculada Conceição das irmãs franciscanas de Bonladen bem como a do Seminário Franciscano São João Batista, por onde passaram quase todos esses pioneiros que aqui vieram para ficar, (bolsa quase vazio), trazendo noções básicas favoráveis para o que haveriam de encontrar pela frente.

Então, como já afirmei, também cheguei à cidade de Maringá que ainda estava dividida (de fato) em Maringá Velho e Maringá Novo, costumando-se questionar “por que velho e novo” se tudo era novo? Lembro-me de um detalhe, pois o presenciava muito nos dias de chuva: Muitos caminhões, que pretendessem chegar ao Maringá Velho pela Avenida Brasil, ficarem patinando e/ou derrapados no aclive do percurso até à Praça Sete de Setembro, que à época ainda não apresentava o Monumento ao Desbravador, ocorrência que a partir de 1972 a levou a ser cognominada de “Praça do Peladão”.

## 4.5 Os desafios na Dental Arno

Após instalar-me, o Waldemar passou a informar-me sobre tudo o que eu iria assumir nos próximos dias, adiantando que só deixaria Maringá após eu ter completa noção e controle das atribuições que deveria desempenhar.

Os materiais odontológicos seriam acondicionados em duas malas para serem negociados com dentistas de várias cidades, distribuídas em linhas, conforme trajetos servidos pela empresa de ônibus Expresso Maringá. O ouro que Dr. Arno adquiria em uma

mina em Minas Gerais seria sempre fundido por ele, com liga de cobre (para baixar de 24 para 18 quilates), mas seria preparado por mim para ser igualmente vendido aos dentistas em pequenos discos.

O ouro era fundido em uma forja a carvão dentro de cadinhos apropriados e esfriado em fôrmas que o deixavam em lingotes. Isso posto, esses lingotes eram aquecidos em forno elétrico para ficarem maleáveis e então serem laminados, polidos e estampados em discos de diferentes tamanhos para emprego em coroas de dentes (muito na moda naquela época).

Alguns dias após minha chegada, programamos cumprir as linhas de venda para eu conhecer as cidades e os dentistas. Para atender a cada linha tomávamos o ônibus o mais cedo possível e íamos até a última cidade do roteiro, onde era iniciado o atendimento, passando então no retorno a atender cada cidade intermediária. Se ficasse alguma sem atendimento, por questão de horário, estaria próxima de Maringá e poderia ser facilmente visitada em outro dia. As Linhas eram de Maringá a Campo Mourão, a Umuarama, a Paranavaí, a Astorga e a Apucarana, além da própria Maringá (MAPA 7).

**Mapa 7** - Região de abrangência da Dental Arno, composta de cinco linhas a serem percorridas periodicamente.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>32</sup>

<sup>32</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá.



Naquele tempo só havia alguns sinais de asfalto até Apucarana, em caminho procedente de Londrina. Para cumprir a linha de Umuarama, a mais distante, era necessário tomar o ônibus às 4 horas para lá chegar antes do meio dia, isso se em dia seco, se com chuva (previsão prejudicada). Carregando duas malas pesadas com produtos, naquela areia fofa e ao sol inclemente, ainda bem que não era todo dia.

Embora os dentistas fossem cordiais, havia aqueles que, enquanto estivessem atendendo a algum paciente, não admitiam nem dizer ao vendedor que os visitava, que de nada precisavam, esperando para externar essa negação, somente após alguma espera, às vezes até demorada. Além disso, havia um concorrente japonês que parecia adivinhar quando o vendedor da Dental Arno (eu) iria passar na praça e passava um dia antes.

#### 4.6 Cursando a Escola Técnica de Comércio de Maringá

Com anuência e apoio de Dr. Arno resolvi matricular-me, no período noturno, no primeiro ano do curso técnico em contabilidade, após constatar que não haveria oportunidade de aproveitar os dois anos do curso clássico já cursados, pois em Maringá o curso científico estava com matrículas então abertas apenas até o segundo ano. Estava ciente, porém, de que iria perder aulas quando estivesse ausente de Maringá ou quando regressasse em horários que não permitissem a frequência.

A Escola Técnica de Comércio de Maringá funcionava na Avenida Tiradentes, em instalações que até hoje pertencem aos Irmãos Maristas. O diretor da escola era Dom Jaime Luiz Coelho, primeiro bispo diocesano de Maringá, que dividia também uma disciplina com um sacerdote cearense muito culto, Pe. José Jesuflor

Cursando a escola técnica de comércio acabei fazendo muitas amizades, algumas delas persistindo até os dias de hoje (um exemplo, o amigo Oswaldo Pereira Ayres, mais tarde colega no Banco do Brasil e na diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII até hoje). Quanto ao currículo escolar eu só tinha preocupações maiores com

a disciplina contabilidade, pois para mim era novidade absoluta. Os demais colegas, porém, uns trabalhando em escritórios, passavam às vezes a serem monitores dos colegas no assunto.

Para frequentar as aulas tive também sempre muito apoio, morando com a família Arno Vier/Josefina (mesmo quando era necessário antecipar o jantar, especialmente a mim, para não perder o horário das aulas). A atenção e carinho da nobre família são sempre lembrados com constância por mim, com extrema afeição e gratidão, pois valiosas conquistas minhas só foram possíveis, graças às oportunidades de que vim a desfrutar no pioneirismo deste Noroeste do Paraná (FOTO 54).

Como não poderia deixar de ser, aprontavam-se também muitas sacanagens por alunos para matar aulas e fugir para o cinema. Uma delas deixou a direção da escola em alvoroço, pois o “grilo” foi descoberto somente um dia depois, quando passou a não existir castigo adequado para aplicar aos autores se fossem e/ou ao serem identificados.

**Foto 54** - Em 2013, com as filhas de Dr. Arno/Josefina, presentes em jantar festivo de recebimento do Título de Cidadãos Beneméritos de Maringá por Hugo e Loretti.



Fonte: REVISTA TRADIÇÃO, Maringá (2013).



A turma dos bagunceiros preparou pequenos discos de durex e os colou nos fundos dos soquetes onde ocorre o contato da lâmpada com a energia elétrica. Isso nos soquetes de todas as classes (3) e de alguns corredores. Quando a noite chegou, a escuridão era total e qualquer lâmpada substituída não acendia em local nenhum, nas lâmpadas e nos soquetes nada de diferença se observava, mas o filme no Cine Maringá era dos bons. Não me recordo se os autores foram identificados e castigados.

#### 4.7 A Carteira de motorista

Dr. Arno comprara uma Kombi VW que poderia melhorar/facilitar o desempenho das vendas nas diversas cidades e até buscar novos clientes, onde não havia linhas de ônibus e muitos dentistas clinicavam. Foi então que passei a receber aulas de volante com Dr. Arno, indo lá para as bandas do Jardim Alvorada, onde havia poucas casas e muitas áreas destinadas a loteamento, cujo local era ideal para o treinamento, onde qualquer barbearagem poderia ocorrer sem riscos.

Dr. Arno foi sempre muito exigente nesse ponto, permitindo que eu procurasse as autoridades de trânsito somente quando já estava bem preparado. Fiz os testes que eram exigidos e fui aprovado, dirigindo a kombi pela cidade e recebendo em 26/06/1960 a carteira de habilitação.

#### 4.8 Participando da Juventude Estudantil Católica (JEC)

Na Escola Técnica de Comércio, de que era diretor, Dom Jaime acabava fazendo contatos com jovens católicos, propondo-lhes a criação da JEC em Maringá em reuniões que inicialmente ocorriam na casa dele, à Rua Lopes Trovão, junto ao Hospital Santa Rita, dos médicos Mello.

Dom Jaime estava no terceiro ano à frente da Diocese de Maringá, uma cidade com apenas 13 anos, onde quase tudo estava ainda por ser feito e alguém deveria fazer. Foi marcante para Maringá o espírito de pioneirismo abraçado por Dom Jaime, que esteve sempre à frente da criação de entidades ligadas à religião,

à educação, à saúde e à comunicação, envolvendo-se também na criação da Juventude Estudantil Católica (JEC) (FOTOs 55 e 56, p. 83).

Formamos inicialmente um pequeno grupo que se reunia na casa do bispo e que posteriormente passou a reunir-se no pensionato Nossa Senhora da Glória (onde era ultimamente o Car Wasch), dirigido por Irmã Dorilda e para onde compareciam também as meninas jecistas do Colégio Santa Cruz e de outros colégios.

Numa reunião no Colégio Santa Cruz fiquei conhecendo a menina Loretti, que dirigia uma das reuniões e convidou-me para secretariar o evento e lavrar a ata do encontro. Foram instantes diferentes e marcantes, pois a menina (15) não mais se distanciou da lembrança do improvisado secretário. Foi, porém, um evento quase raro, pois ela pouco comparecia às reuniões. Diziam que ela tinha um quase compromisso com as irmãs carmelitas do Colégio Santa Cruz, onde fora estudante interna e que o pai dela era muito severo e a mãe não deixava de seguir a mesma cartilha. Nada, porém, que o tempo não permitisse que fosse resolvido.

**Foto 55** - Um dos primeiros encontros de JEC no Pensionato Imaculada Conceição, dirigido por Irmã Dorilda. Em pé: Amiga de Maria Elisa, Maria Elisa Jarreta, Ivone, Loretti Girardi, Sandra Valente, aluna de irmã Dorilda, Irmã Dorilda, Dejanira Knabben e outra aluna de irmã Dorilda. Abaixados: João Sala, Adroaldo Knabben, João Valdecir Scramin, dois não identificados, Adilson Schiavoni, Hugo Hoffmann, (não identificado) e Oswaldo Pereira Ayres.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 56** - Outro encontro mais elaborado dos Integrantes da Juventude Estudantil Católica (JEC) em Maringá em meado da década de 1960. Da esquerda para a direita, em pés: João Valdecir Scramin, Irmão marista Joaquim, bispo diocesano Dom Jaime Luiz Coelho, Sandra Valente, Maria Elisa Jarreta, Sulamita Knabben, Dejanira Knabben, Ivanir Maiocchi, Juracy Valler, Liana Vieira, Irmã Dorilda, Ione e Jurema Valler. Agachados: Hugo Hoffmann, Adroaldo Kanabben, Pedro Santarrosa, Adilson Schiavoni, José Sversuti, Ideval, Irineu de Almeida Muchagatta e Oswaldo Pereira Ayres.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

#### 4.9 Liberada a kombi para visitar os dentistas

Com a carteira de motorista no bolso Dr. Arno autorizou viajar com a kombi para visitar os dentistas. Com isso as condições de trabalho melhoraram significativamente. Na primeira viagem acompanhou-me um senhor de nome Fúlvio que vendia anestésico a médicos nas mesmas cidades. Quase não sobreviveu ao estresse, sabendo que era a minha primeira viagem ao volante, mas ao retornarmos sãos e salvos a Maringá ele disse a Dr. Arno: “Até que ele dirige bem”.

Utilizando a kombi foi possível criar mais linhas de atendimento como: Ourizona, São Jorge do Ivaí, Floraí, São Carlos do Ivaí, Tamboara e noutra linha, Cambuí, Itambé e São Luiz. Ao

final de cada viagem, relatava o que fora vendido e o valor das vendas, retendo minha comissão, que ao final de cada mês passava de um salário mínimo.

O resultado do negócio, porém, não prosperava a contento e começaram a surgir uns complicadores como pesada concorrência, a maioria dos dentistas viajando a Maringá e Londrina para comprar a prazo (nossas vendas eram sempre a vista). A variedade de artigos, diversificando-se sempre mais, exigia mais investimento em estoques e Dr. Arno não se propunha a incrementar o ramo de negócios. Em duas ocasiões propôs vender-me a Dental, cobrando de mim alguma proposta, mas acabou sempre desistindo da ideia.

#### 4.10 Comercializando também vinho

Nesse meio tempo chegou, em visita, a Maringá o Sr. Mario Mazurek, cunhado de Dr. Arno, casado com uma irmã de dona Josefina e acabaram projetando um negócio de venda de vinho procedente da cidade de Salto Veloso (SC), em cujo ramo o cunhado tinha boa experiência. Em rápidas decisões vendeu a kombi e comprou um caminhão marca Chevrolet que seria utilizado para comprar vinho em Santa Catarina, no vale do rio do Peixe e vender nas linhas em que eu negociava os artigos dentários, devendo esses serem acondicionados em um baú na carroceria do caminhão, sendo eu o motorista, pois Mário não tinha habilitação.

Esse esquema até ia bem, fizemos muitas viagens de venda e cheguei a fazer algumas viagens com o caminhão a Pinheiro Preto (SC) para comprar vinho, levando sempre milho ensacado (a região era de alto consumo) para vender e custear o frete. O vinho era bem aceito na região, ficando o único senão por conta da poeira e do barro das estradas, que eram a cruz a ser enfrentada por todo pé-vermelho no dia a dia. Depois de quase um ano, porém, Arno e Mário se desentenderam a tal ponto de as duas irmãs (esposas) ficarem impedidas até de se visitar.

Separaram a sociedade e Mário, porém, continuou no ramo, buscando o apoio de um irmão e estabeleceram-se na Av. Colombo com a Distribuidora de Vinhos Marly, que lá operou por muitos anos.



Arno viu-se na necessidade de vender o caminhão e, para continuar com atividade da dental, comprou do irmão Paulo um micro-ônibus (estava fora de atividade em Luzerna), o qual deveria ser transformado em uma caminhonete para servir às atividades da dental.

#### 4.11 A viagem da “Generosa” para Maringá

Fui escalado para ir buscar em Luzerna (SC) o micro-ônibus (que após a chegada a Maringá foi apelidado pela turma da JEC de “Generosa”, pois nela sempre cabia mais um ou mais uma). Tratava-se de veículo da marca Studebaker, câmbio seco (não sincronizado, na mudança de marchas eram exigidas duas pedaladas na embreagem e um jeito certo para engrenar uma nova marcha), com carroceria de aço e vários bancos almofadados para passageiros. Em Luzerna, a irmã de um amigo meu (Pedro Cureau) e o marido dela pediram carona, pois lá estavam e tencionavam retornar a Nova Londrina (PR). Seguimos o caminho mais viável que era Luzerna a Campos Novos (SC), daí a Santa Cecilia e pela BR 116, até Curitiba, onde então pela Rodovia do Café, até Maringá. Saímos de madrugada e à tarde daquele dia já havíamos passado por Campo Largo (PR), onde compramos umas garrafas de vinho.

Na serra de São Luiz (ainda só com uma pista), o motor começou a falhar. Expiei pelo buraco do porta-luvas (não tinha o fecho) e vi chamas subindo até o alto do capô. Parei imediatamente no acostamento e, com a cabeça fria que Deus me deu, apanhei uma garrafa de vinho que havia comprado em Campo Largo, abri-a na quina da caixa de ferramentas e introduzindo-a pelo buraco do porta-luvas espalhei o vinho sobre as chamas, apagando o fogo.

Um razoável susto e restava então avaliar o estrago. Levantando o capô vi muitos fios com o isolamento queimado. Os passageiros eram tão calmos quanto eu, continuavam sentados juntinhos no mesmo banco. Só mais tarde fiquei sabendo que eles regressavam da lua-de-mel, pois nossa conversa na viagem era pouca, eles bem mais atrás em um banco duplo e eu dirigindo a Studebaker (FOTOS 57, 58).

Até hoje me questiono como consegui sair daquela fria. Observei rapidamente quais fios eram indispensáveis ao funcionamento do motor e ao controle de partida. Por debaixo da carroceria havia uma longa fiação ligada às luzes traseiras, as quais acabei retirando para fazer as substituições necessárias. Em questão de meia hora, ou pouco mais, substituí e isolei uns quatro ou cinco fios e, quando acionei a partida, essa e o motor funcionaram. Um problema, porém, passou a preocupar. Luz nenhuma permaneceu funcionando o que determinou que não poderíamos viajar durante à noite. Como a noite iria chegar antes do término de nossa viagem, apressamo-nos para pernoitarmos em Ponta Grossa (PR).

No outro dia bem cedinho partimos para Maringá, para nela chegarmos antes do cair da noite, sem esquecer que na estrada era aquela poeira e tinha ainda a serra do cadeado pela frente. Para garantir a chegada, ainda à luz do dia, urgia acelerar um pouco e com isso nem todos os buracos foram contornados. Como a carroceria era bastante pesada e o rodado traseiro era de pneus simples, os solavancos nos buracos acabaram rompendo várias

**Fotos 57, 58** - Eu (Hugo) ao volante do micro-ônibus apelidado carinhosamente de “Generosa”, acompanhado do vizinho amigo Adroaldo Knabben, seguido um detalhe, após a parada, em que estou apoiado ao para-choques traseiro e o amigo permaneceu, aparecendo em seu interior. Mais detalhes da Generosa em fotos que se seguem.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



peças dos feixes de molas, tanto assim que chegamos a Maringá já escurecendo, com o pneu da roda traseira do lado do motorista travando na lataria da carroceria e cheirando borracha queimada o tempo todo. Deixei os passageiros em um hotel e estacionei a “Generosa” no pátio da casa do Dr. Arno, ao cair da noite.

O micro-ônibus, como era de se esperar, foi para a oficina no dia seguinte para os reparos e a transformação em caminhonete, ficando, porém, só nos reparos, pois o custo orçado para a transformação e a burocracia do trânsito inviabilizaram a mudança. Diante disso, passei a fazer todas as linhas com o novo veículo, um tanto exagerado em tamanho para tão pouca carga.

Quem gostou do micro-ônibus foi a turma da JEC (apelidando-a logo de “Generosa” - sempre cabe mais um ou mais uma), pois nossos encontros passaram a valer-se dela em deslocamentos e chegamos até a fazer um encontro intermunicipal de JEC em Paranavaí onde ela foi bastante reverenciada.

#### 4.12 O concurso para o Banco do Brasil (1961)

Conversávamos numa noite sobre empregos e eu dizia a colegas de escola, que o meu patrão me havia dito (num daqueles dias de poucos sorrisos) que os negócios não iam bem. Aí então o colega João Narcizo de Souza, perguntou-me por que eu não fazia o concurso do Banco do Brasil que ainda estava aceitando inscrições por aqueles dias. Eu nunca havia pensado em ser bancário, mas pela conversa que girou lá naquele momento era um emprego a ser cobiçado, porém, difícil a aprovação. Era um dos últimos dias para fazer inscrição. Fui à praça tirar com urgência a foto solicitada, recolhi a taxa e fiz minha inscrição (FOTO 59).

A data do concurso estava prevista para daí a alguns meses. Consegui então com amigos as surradas apostilas de matemática e de português do Júlio Cunha, dispensando as de francês (só seria exigida tradução e eu me julgava razoável no assunto) e em datilografia, treinar para conseguir 900 toques em 6 minutos.

As apostilas foram importantes para entrar em contato com os tipos de problemas solicitados e a linguagem técnica que para mim eram novidades. Na apostila de matemática os problemas

eram resolvidos por “falsa posição”, uma técnica que não previa ter cursado o ginásio (o banco não exigia curso ginásial). Como eu dominava a álgebra, resolvia os problemas do meu jeito e os resultados sempre batiam, o que me deu muita confiança. Aí então, queimando a cuca até altas horas da madrugada todos os dias foi a rotina até o dia do concurso.

#### 4.13 A Liquigás e a Dental Arno encerrando atividades

Em outra noite na Escola Técnica, o colega Odilon Pupulim, sabendo de minha situação, chegou-se a mim e perguntou se eu não queria ocupar o lugar dele na empresa Liquigás, pois ele estava de aviso prévio, iria trabalhar na empresa Germani, que era da família da noiva dele, adiantando-me que a questão estava só na dependência de ele indicar alguém para ocupar o cargo. Apresentou-me ao gerente e este deu-me até o fim da semana para inteirar-me dos compromissos e detalhes da função pela qual iria receber Cr\$ 9.000.00 mensais.

Foto 59 - Documento de Inscrição realizado para o concurso no Banco do Brasil em 03/08/1961.

Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Além de assumir o novo emprego via-me à frente de três desafios que deveriam ser resolvidos, reconhecendo que todos eles seriam imprescindíveis. Deixar a casa de Dr. Arno (já me havia adiantado que eu não estava sendo imprescindível), encontrar um novo local para morar e tomar as refeições, além de ter que enfrentar os custos disso tudo, com as economias beirando a zero.

Assumi o cargo no início de outubro de 1961 e nele permaneci até janeiro de 1962. Na empresa éramos quatro empregados: o gerente, eu no serviço de escritório, um atendente para entrega de botijões e um motorista que ia com caminhão à cidade de Jacarezinho (PR) reabastecer os botijões vazios.

A primeira ideia foi procurar o amigo Waldomiro Arenhart, que também era de Luzerna, e trabalhava na loja de ferragens dos Irmãos Fuganti à Av. Brasil esquina com Av. São Paulo. O amigo dispôs-se a dividir o quarto à Rua Santos Dumont, quase esquina com a Av. São Paulo, em que morava juntamente com Roque Rokenback, outro luzernense, que viajava bastante em razão de seu emprego e havia servido o exército no Batalhão do Suez.

Procurei também meu colega de escola técnica e parceiro de JEC Irineu de Almeida Muchagatta, cujo pai tinha um Ford 46 (no para-choques: “*qui vá piano vá lontano*”) para fretes e uso em uma chácara, buscando no amigo colaboração para fazer a mudança. Em vinte minutos tudo já estava no Ford com prévia autorização.

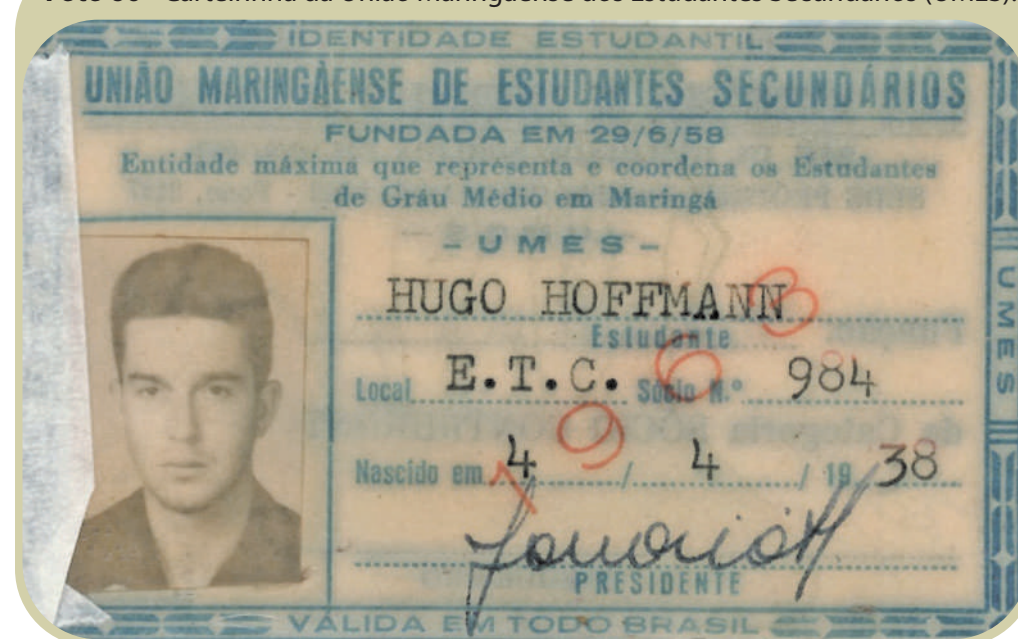
Até aqui o maior custo fora a compra de um colchão e três meia-tábuas para montar um estrado sobre 12 lajotas. O local era sofrível, pois não tinha porta externa (a que havia era interna para a casa e havia sido fechada) sem sanitário e nem banheiros. O problema da porta de saída havia sido resolvido, transformando a parte fixa, sob a janela, em peça móvel igual à da janela, passando as duas a funcionarem como porta. Banheiros e sanitários, utilizávamos as instalações do Posto Transparaná (ocupava o local em que hoje estão instaladas as Lojas Americanas), cujo gerente era o colega de Escola Técnica de Comércio Pedro Granado Martines.

#### 4.14 A Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM)

O movimento estudantil secundarista era atuante no tempo da Maringá “Cidade Menina”, com a União Maringaense dos Estudantes Secundários (UMES), registrando belas conquistas como a sede na Av. Cerro Azul, onde funcionava também a Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM) e havíamos eleito o vereador mais votado na cidade, o estudante Carlos Alberto Borges. As carteirinhas da UMES eram muito valorizadas pelos estudantes por causa dos descontos nas entradas dos vários cinemas, que então eram importante diversão existente para os jovens (FOTO 60).

Consegui vaga para tomar refeições (almoço e jantar) na Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM), na Av. Cerro Azul, que tinha um pequeno subsídio da Prefeitura de Maringá. Para lá acorriam estudantes que não tinham famílias morando em Maringá, envolvendo até estudantes que mais tarde se destacaram na comunidade maringaense como Prof. Amaury Antônio Meller, professor e vereador Renato Bernardi

Foto 60 - Carteirinha da União Maringaense dos Estudantes Secundários (UMES).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

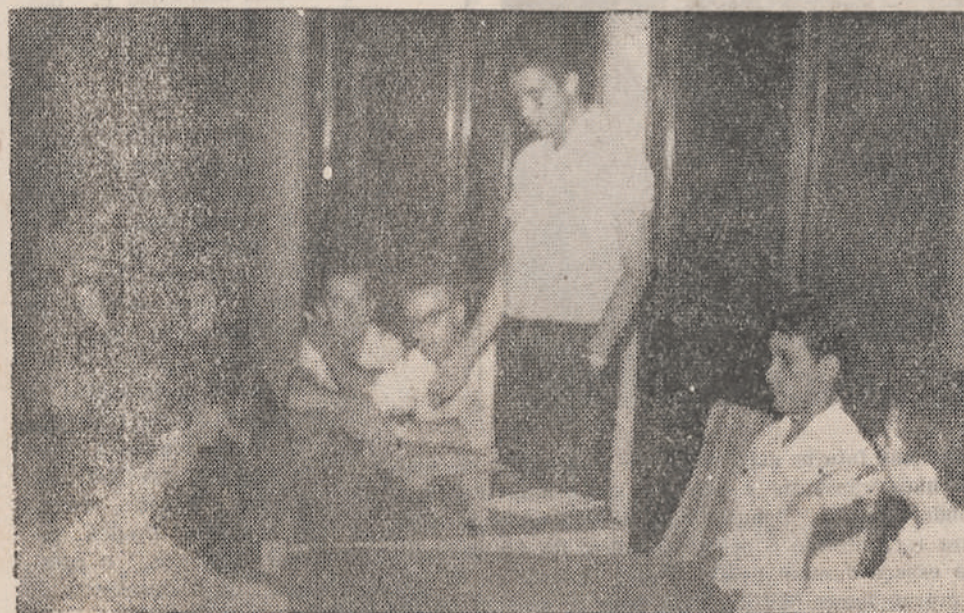


o médico Joaquim Lunardelli, o empresário Divanir Braz Palma entre outros.

No final daquele ano, por ocasião de eleições, fui eleito presidente da CESM com o propósito de melhorar o atendimento aos quase 40 usuários, quando além do subsídio e das mensalidades conseguimos melhorar o caixa, realizando rifas e promoções na comunidade (FOTO 61).

**Foto 61** - Recorte de reportagem de O Jornal de Maringá em 16/01/1963.

## CESM Preencheu Cargos Vagos da Diretoria



Efeituou-se, ontem à noite, a eleição que complementou a diretoria da Casa do Estudante Secundarista Maringaense, responsável pelos destinos da entidade no decorrer do corrente ano. Concorrida reunião extraordinária, com o quorum estatutário, apontou dois novos nomes para os cargos de tesoureiro e secretário, ficando a diretoria assim constituída: Presidente Hugo Hoffman, vice Joaquim Lunardelli, tesoureiro Rolf Selbmann, secretário José Carlos Fernandes. A reportagem do JM fixa o momento em que falava o presidente Hugo Hoffman, congratulando-se com os recém eleitos e concitando-os a formarem em defesa da Casa do Estudante Secundarista Maringaense

Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

### 4.15 O retorno da “Generosa” a Luzerna

No final de fevereiro de 1962, eu me preparava para tomar posse no Banco do Brasil, quando tive notícia de que o Paulo, marido de minha irmã, chegara a Maringá para levar a Generosa (o micro-ônibus) de volta a Luzerna, pois ela, além de não ter sido transformada em caminhonete, via-se envolvida em algumas pendências do negócio. Paulo tentou pô-la em funcionamento, mas não sentiu firmeza, pois ela não via oficina há muito tempo e dormia o sono do abandono.

Paulo me procurou e tentamos animar a Generosa. Eu conhecia alguns segredos dela, mas ela estava inclusive muito “amargurada” pela falta de atenção e trato.

Quando havíamos atendido os principais senões, planejamos o retorno, mas eu teria que acompanhá-la, preferencialmente ao volante, pois nossa amizade fazia diferença (ela não aceitava pé pesado e/ou tratos grosseiros...).

Numa segunda-feira cedinho partimos, Paulo, eu e o amigo Irineu Almeida Muchagatta. Após Marialva o Paulo já quis assumir o volante, pois alegava que estávamos andando muito devagar e o motor já estava aquecido. Após alguns km, porém, o motor começou a dar umas tossidas, mas, segundo Paulo, era importante andar com mais pressa, de vez que tínhamos mais de 700 km pela frente. Mais uns km e o motor afogou e não aceitava mais conversa para continuar a viagem. Após uma série de observações técnicas, constatamos que o ajuste automático do distribuidor se havia soltado, quando então, após o fixarmos convenientemente, continuamos a viagem indo pernoitar na cidade de Ortigueira (PR).

No segundo dia, com melhor rendimento quando eu dirigia (Paulo teimava com maus tratos) chegamos bem de noite a Ponta Grossa (PR), em estrada até lá sem asfalto. Mais um dia e chegávamos a Curitiba (PR). Aí então logo ao partirmos pela manhã, rodando pela BR 116, um forte barulho numa das rodas traseiras nos obrigou a parar no acostamento. Uma roda traseira estava solta, quase caindo, com um dos parafusos perdido. Aproveitamos então para apertar bem todos os demais parafusos de todas as rodas, mas os da roda danificada haviam sofrido desgaste nas roscas e não





permitted mais um bom aperto, nem mesmo mudando a posição deles ou trocando com os de outras rodas. Nas oficinas de beira de estrada não havia parafusos para o rodado Studebaker, a opção única a se impor, porém, era prosseguir nossa viagem.

Em resumo, não podíamos aumentar a velocidade por questão de segurança, tanto assim que era sábado à tarde e estávamos apenas próximos à cidade de Campos Novos (SC), a uns 70 km de Luzerna, quando a dita roda bambeou definitivamente (FOTO 62).

Muito contrariados como nunca, fomos obrigados a deixar a Generosa à beira do caminho e tomarmos uma carona, com o que chegamos a Joaçaba (SC) aboletados sobre a carga de um FNM.

Na segunda-feira a Generosa chegava a Luzerna, muito abatida, sobre um caminhão providenciado por Paulo.

**Foto 62** - Em fevereiro/1962 os três mosqueteiros Hugo Hoffmann (sentado ao alto) Paulo Milton Vier (o dono, apoiado à esquerda) e Irineu Almeida Muchagatta (como turista, apoiado à direita) numa parada da glamurosa aventura de repatriação da "Generosa" a seu saudoso habitat.



Fonte: Arte do amigo e companheiro Irineu Almeida Muchagata.

## 4.16 Uns dias com a família em Luzerna

Depois de uma semana de aventuras, aproveitei para permanecer uns dias com meus familiares, pois em meu regresso iria assumir no Banco do Brasil e o amigo Irineu queria aproveitar para conhecer o sossego da ainda Vila de Luzerna, tendo todos muito o que relatar/informar sobre a aventura da Generosa e os Três Mosqueteiros.

A família Paulino/Helena continuava morando no Clube Vitória, embora tivesse deixado o Clube em certa ocasião, não resistindo, porém, a insistência da diretoria e de associados, concordou em voltar onde permaneceram até 1963. Paulinho, como ecônomo do clube continuava também trabalhando na empresa Caetano Branco, onde era o encarregado da área de marcenaria, em que eram fabricadas todas as estruturas e peças em madeira das trilhadeiras da marca Vencedora, com comércio em todo o Brasil e no exterior. Meu pai era de extrema confiança dos diretores, ficando sobre sua responsabilidade o total controle do setor de madeiras da empresa, sendo, por sua competência, sempre o indicado para cubicar toras (calcular a metragem comercial útil), quando dos necessários suprimentos e compras que ocorriam principalmente no Oeste Catarinense e inclusive no Sudoeste do Paraná.

Quando chegou ao conhecimento dos diretores da empresa Caetano Branco a notícia de que eu havia passado no concurso do Banco do Brasil e que estava em Luzerna, pediram a meu pai que eu os visitasse, pois eles tinham muitos negócios com o BB, inclusive em Maringá.

Pai Paulino ia ao trabalho, no início de bicicleta, depois de carona em carro de um amigo e mais tarde, até a aposentadoria, de kombi própria, quando também levava caroneiros.

Mãe Helena continuava na lida, agora com equipe levemente modificada, mas com muitas festas e serviços por todo lado. Rosalinda, casada e com o netinho Neylor era também desfalque, mas continuavam Leonida (21), Milton (18) em parte (pois trabalhava fora na mesma empresa que contratara o pai), Líria (14), Nair (12) e Airton (8).



Lavar roupa no rio Limeira como nos bons tempos, nem pensar, pois criminosa poluição tomara conta de suas águas, com a serragem e a maravalha das madeiras processadas pela empresa Kuthber e outras, despejadas logo acima, ao longo de seu leito, além de intoxicar os peixes deixavam as águas imundas.

Ninguém conseguia entender e conter, naquele tempo, aquela catástrofe ecológica, que perdurou ainda por longos anos.

#### 4.17 Funcionário do Banco do Brasil S.A. em Maringá

Embora o concurso do Banco do Brasil tenha ocorrido em Maringá no final de 1961, o resultado nos chegou ao final de janeiro de 1962. Quando fui ao banco, para tomar conhecimento do resultado, os futuros colegas foram logo me dizendo que sabiam que eu havia passado no concurso desde o dia do teste, mas não sabiam quem eu era e por isso não tiveram oportunidade de me adiantar qualquer previsão. Entre os trinta e um aprovados ocupei o terceiro lugar, obtendo nota 10 em matemática e os 5 primeiros colocados foram indicados para trabalhar em Maringá.

Minha aprovação no concurso do Banco do Brasil, com excelente colocação, transformou basicamente minha vida. Seria bancário daí para a frente, pois o emprego era um dos melhores então existentes e o Banco do Brasil alimentava políticas de envolvimento de seus funcionários em crescente aperfeiçoamento profissional. Além disso, em seu bojo, vinham operando entidades de mútuo apoio (PREVI, CASSI, AABB, Caixa de Pecúlios) muito valorizadas pelos funcionários, o que desencorajava qualquer alternativa de mudança de emprego.

Em 10/03/1962 eu tomava posse como funcionário do Banco do Brasil S.A em Maringá, que naqueles dias localizava-se à Av. Duque de Caxias 227, esquina com Av. XV de Novembro. O gerente era o Sr. Milton Mendes e o subgerente, o Sr. Vasco Mendes Paez. Meu primeiro dia de trabalho, com horário das 12h às 18h, foi utilizar uma mesinha com máquina de escrever e procurar relatar aos administradores do BB minha experiência de trabalho até então. Meu relato não pode ter revelado grande expectativa para os

administradores, pois fui destacado para ocupar o cargo de “boca-de-caixa”, que consistia em numerar todos os documentos que eram encaminhados aos caixas, registrando os valores em um mapa, com classificação por título contábil, para no fim do expediente fazer o fechamento do dia, que deveria bater com o movimento dos caixas (Atribuição essa definitivamente só inerente a um passado distante).

#### 4.18 Morando no Castelinho

Entre os funcionários do Banco havia 5 ou 6 que eram casados e moravam na cidade com suas famílias, quando os demais todos, eram solteiros e moravam em alojamentos ou repúblicas (ainda não havia permissão para mulheres prestarem concursos para o BB). Eu continuava instalado à Rua Santos Dumont, onde hoje estão as Lojas Americanas, almoçava e jantava na Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM). Decorridos alguns meses, porém, consegui uma vaga para morar no “Castelinho” (instalações no terceiro andar do prédio em que funcionava a Agência do Banco do Brasil), assim denominado, onde havia 8 alojamentos com pia e água instalada, em cada um deles, e dois sanitários/chuveiros comuns, no final do pavimento.

Era o sonho de muitos colegas morarem aí, por isso, somente a duras penas, consegui anuência para compartilhar o alojamento com o colega Benedito Alves Taveira, natural da cidade de Franca (SP), comprometendo-me a pagar sozinho o aluguel. Permaneci morando no Castelinho até meu casamento em 1966, tendo, logo depois como companheiro, o grande amigo Urbano Buchweitz, também procedente de Luzerna e então colega de Faculdade.

No banco, decorridas algumas semanas, passei a trabalhar na carteira de cobranças de títulos, primeiramente cobrança do interior “COBIN”, tendo como chefe o grande amigo até os presentes dias em Maringá, Pedro Cesar Gomes Lemos e depois, com o colega José Pereira de Araújo, na carteira de cobrança na praça.

Após seis meses de atuação, porém, eu já estava trabalhando como caixa (identificação como “caixa-de-gaiola” naquele tempo) que previa uma carreira funcional diferenciada, envolvendo



remuneração compensatória por possíveis riscos e perdas de numerário no exercício da atividade.

O relacionamento dos funcionários no trabalho era e foi sempre excepcional, tanto naquele início de experiência como bancário, quanto nos demais longos 30 anos, sempre em Maringá, até minha aposentadoria (referências no livro “AABB 50 anos”).

#### **4.19 Os funcionários do Banco do Brasil**

A equipe de funcionários do Banco do Brasil, naquele início dos anos 1960, tinha características ímpares em relação aos demais bancos. Maringá experimentava um progresso extraordinário e o Banco do Brasil vinha preenchendo as vagas de trabalho, tanto através de concursos regionais (com menos aprovações), quanto por concursos realizados em todo o território nacional (com percentual maior de aprovações) e dispo de candidatos à espera de nomeações para qualquer cidade. O contingente de funcionários da cidade de Maringá (ainda “Cidade Menina” com 15 anos), detinha representantes de quase todos os Estados brasileiros. É certo também que a saudade acabava pesando bastante e alguns, que não conseguiam transferência ou expectativa dela, para retornar à convivência de familiares em suas cidades, desistiam de enfrentar o pó vermelho, a lama e a falta de quase tudo nos caminhos deste Norte do Paraná.

Esse particular, da força de trabalho do Banco do Brasil, não era e nunca fora exclusivo de Maringá. O Banco do Brasil S.A., como banco de fomento, procurava estar presente em todos os núcleos populacionais do território nacional e aí instalava suas agências com o objetivo primordial de promover o desenvolvimento econômico e social das comunidades, isso, às mais das vezes, baseado apenas em parques sinais de prosperidade, pois cumpria políticas ajustadas com o Governo Brasileiro.

Essa missão de fomento do Banco do Brasil, procurando instalar-se em comunidades pioneiras em busca do desenvolvimento, implicou sempre em cobrar de seus funcionários alta participação no envolvimento desse propósito. Quando a infraestrutura dessas cidades era mínima, alguns funcionários passavam a compartilhar

de lances de heroísmo idênticos aos dos bravos pioneiros que por aí lutavam, sonhando crescer na vida. No Livro AABB 50 anos (de autoria dos colegas funcionários do BB Maringá Roldão Alves de Moura e Marco Antônio Deprá), há relatos comoventes, envolvendo funcionários nos primeiros momentos da Agência do BB em Maringá, inaugurada em 1953.

Se por um lado, o Banco do Brasil contara sempre com a bravura de seus funcionários em sua missão de governo, por outro lado, estruturara-se também para oferecer segurança a seus colaboradores, participando da criação de mecanismos que garantissem uma retribuição permanente a essa necessária dedicação. Nesse intuito, além de outras iniciativas, foram sendo sempre estruturadas e incentivadas, com muita coparticipação, a Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (PREVI) (previdência social), a Caixa de Assistência dos Funcionários do Banco do Brasil (CASSI) (saúde), Caixa de Pecúlio (CAPEC) (seguro de vida), a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) (Lazer), que, ao lado da carteira de trabalho assinada, foram sempre um diferencial de segurança e incentivo ao desempenho máximo de cada funcionário.

#### **4.20 Primeiras férias no Banco do Brasil**

No início de 1964, tirei minhas primeiras férias no BB e fui passá-las em Luzerna (SC), junto à família que se preparava para deixar o Clube Vitória e meu pai e meus irmãos estavam reformando nossa casa que ficara alugada por 12 anos.

A reforma, já bem adiantada, era bastante significativa, pois havia muitos detalhes a serem implantados, tais como: adequação do porão para implantação de área de serviços, sanitários, garagem, salão para reuniões familiares, realocação do alpendre da frente para a lateral da casa, apropriando-o para as rodas de chimarrão e as floreiras de mãe Helena, despensa, revestimento de paredes e divisórias em tábuas de pinho aparelhadas, eliminação do sótão e das águas furtadas do telhado, visando eliminar as persistentes e inoportunas goteiras que teimavam sempre em aparecer em casos de fortes chuvas, entre outros detalhes.



Meu pai havia contratado um pedreiro para a parte de alvenaria, mas a parte de madeira ficara para ele próprio e para o mano Milton, no que ambos eram mestres inquestionáveis. No entanto essa tarefa tinha que ser feita depois do expediente de trabalho ou aos sábados e domingos. Dei também, a esse tempo, minha modesta e insignificante colaboração em alguns pontos, mas o que mais ficou em minha lembrança foi abrir uma valeta (uns 25 metros em chão de muita pedra) para colocar as manilhas do esgoto até a fossa, que já estava aberta (FOTO 63).

Os dias passaram e foram muito agradáveis, pois nos últimos tempos não desfrutara a convivência com meus familiares por tempo tão expressivo.

#### 4.21 Lecionando no Colégio Estadual Doutor Gastão Vidigal de Maringá

Já fiz alusão de que ao chegar a Maringá a cidade era chamada “Cidade Menina” e agora então, ainda em 1962, aos 15 anos, ostentava um notável progresso econômico, cultural e populacional. Nos colégios o número de alunos, superando sempre as previsões, levava os diretores a buscarem continuamente professores a quem confiar os alunos. Como o horário de trabalho no Banco do Brasil era das 12h às 18h (com manhãs e noites livres) e o magistério era a única atividade alternativa permitida pelo BB (exigência de empresa de economia mista) e por haver aí um contingente de funcionários formados em níveis além do primário, os diretores de colégios nos procuravam com frequência, oferecendo aulas suplementares, em vista da marcante falta na cidade de professores formados.

O número de professores formados disponíveis era extremamente insuficiente, pois havia Faculdades Públicas de Filosofia no Paraná, com turmas formadas, somente em Curitiba e em Ponta Grossa e, com turmas prestes a se formarem, em Jacarezinho e em Londrina.

Os contatos dos diretores foram positivos, pois muitos colegas anuíram a insistentes convites para lecionar, inclusive eu, que acabei assumindo uma turma de 1ª série do ginásio, na disciplina de Português, com aulas semanais no período da manhã. O diretor era

**Foto 63** - Em 2018, foto de nossa casa reformada na Vila Alemanha em Luzerna (SC).



Fonte: Luzerna (SC), Rua Paulino Hoffmann esquina com Rua Bom Retiro. Disponível em: Google Earth.



o Prof. José Iran Sallée e essas aulas, tidas como suplementares, não constavam como previstas no programa oficial do Estado e com isso, só eram pagas a partir de meses após o meio do ano, quando os valores vinham acumulados, fato esse que não deixava de gerar marcante interesse por parte dos contratados, se já detinham outro emprego.

O ambiente de trabalho que encontrávamos no Colégio Gastão Vidigal era de características singulares tanto pela organização administrativa, quanto pela competência e saber de muitos mestres que lá lecionavam, entre outros: o poeta e escritor Prof. Ary de Lima, autor do hino oficial de Maringá, o próprio diretor Prof. José Hiran Sallée e o Prof. Giampero Monacci, dois próceres do magistério em Maringá, Prof. Basílio Bacarin detentor de invejável liderança (foi também diretor do colégio), Prof. Dálton Moro (pai do ilustre Dr. Sérgio Alberto Moro, terror paranaense dos corruptos), Prof. Amaury Antônio Meller com grande mérito também depois na criação da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Prof. Matti Aniceto (Prof. Aniceto Matti gostava de ser assim chamado) excepcional organista e compositor musical, autor da trilha sonora do hino oficial de Maringá entre outros.

Confesso que me agradou o exercício do magistério tanto que lecionei naquele colégio até o final de 1971, indo para a área da Matemática no curso ginásial e científico, e no final, Física, até quando assumi a Disciplina Estatística na Universidade Estadual de Maringá (UEM), na vaga do Prof. Amaury Antônio Meller.

O Colégio Gastão Vidigal localizava-se inicialmente onde é hoje o Instituto de Educação de Maringá e passou, algum tempo depois, para junto da Av. Colombo onde está instalado até hoje.

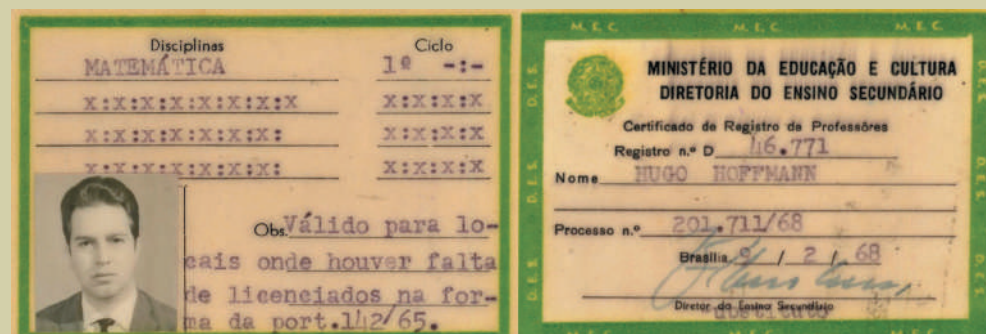
## 4.22 Certificado de Professor no Ministério da Educação e Cultura

As aulas suplementares, disputadas por professores não licenciados, eram um nicho que se estabelecia todo início de calendário escolar, pois a cada ano as aulas eram redistribuídas, podendo serem destinadas a recém-formados e/ou a novos professores que se candidatassem a lecionar.

A Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura baixou a Portaria 142/65, visando a normatizar procedimentos para locais em que havia falta de professores licenciados. Nesse intuito, para a Região Norte do Paraná, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Londrina, parte que integra hoje a atual Universidade Estadual de Londrina (UEL), que matinha cursos de licenciatura em andamento, porém, sem turmas formadas ainda, passou a cumprir as exigências da referida Portaria (FOTO 64), programando cursos de férias em inícios de ano, assumindo o compromisso de expedir Certificado de Registro de Professor (válido apenas para locais em que houvesse falta de licenciados), após aprovação em testes de conteúdo e de acompanhamento em aulas práticas, ministradas em colégios de Londrina.

Particpei de dois desses cursos de férias programados e através do processo 201.711/68 obtive em 09/12/1968 o Certificado de Registro de Professor de N° D 46.771, expedido pelo Ministério da Educação e Cultura. Com isso obtive habilitação para continuar lecionando no Colégio Gastão Vidigal (também no Colégio Santo Inácio, substituindo professores) até o final de 1971, embora nesse ano já tivesse concluindo o curso de Licenciatura em Matemática na Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Mandaguari (FAFIMAM) (FOTO 80, p. 105).

**Foto 64** - Em 09/02/1968 Certificado de Registro de Professor nº D 46.771 expedido pelo Conselho Nacional de Educação, após aprovação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Londrina (PR) na forma da Portaria 142/65 do Ministério da Educação e Cultura.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## 4.23 Cursando a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECCEM)

Em 1963 a única instituição de ensino superior instalada em Maringá era a Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECCEM), operando já há dois anos, à noite, no piso superior do prédio do Colégio Estadual Gastão Vidigal (hoje Instituto de Educação de Maringá). Mesmo não havendo opção para outra escolha, o curso de Economia envolvia conteúdo que interessava à maioria dos jovens maringaenses. O diretor, como não poderia deixar de ser, era o dinâmico bispo de Maringá Dom Jaime Luiz Coelho, pois a criação da Faculdade nascera sob a égide de seu empenho pessoal.

Ao prestar o vestibular, encontrei entre os candidatos, Urbano Buchweitz, um descendente de alemães procedente de Luzerna (SC) que mais tarde, juntamente com nossas famílias, selaríamos uma grande amizade. No vestibular, na prova oral de Matemática (havia essa modalidade naquele tempo), eu e ele deixamos a longa fila dos que buscavam ser examinados pelo professor Oberon Floriano Dittert (tido como menos exigente) e os dois procuramos a disponibilidade do Prof. Amaury Antônio Meller (com fama de mais cobrador). Nessa decisão perdemos o 1º lugar, que foi conquistado pela colega Dulce Barros, ficando eu em 2º lugar e o amigo Urbano, em 3º.

Ilustres pioneiros maringaenses passaram pelos bancos da FECCEM, tanto dos quadros do Banco do Brasil quanto da comunidade, pois o surpreendente progresso, vigente até os dias de hoje em Maringá, fez latejar sempre nas veias pioneiras desses economistas as noções das ciências econômicas.

Cursando a FECCEM, fui eleito Diretor Social do Centro Acadêmico Roberto Símonsens, quando era presidente o acadêmico Farid Curi (até outro dia proprietário da grande empresa maringaense Atacadão). A juventude de Maringá, nos anos 60, encontrava sua maior opção de lazer na frequência aos cinemas (eram quatro) e na participação em bailes e brincadeiras dançantes que eram habitualmente promovidas em locais conhecidos dos jovens.

Na diretoria social do Centro Acadêmico Roberto Símonsens minha equipe teve sempre elogiada atuação em promoções sociais,

principalmente nas brincadeiras dançantes no salão amarelo do Grande Hotel Maringá, aos domingos à noite, após a primeira sessão do Cine Maringá, com início às 21h e término por volta das 24h ou um pouco mais. Essas programações conduzidas pelos acadêmicos da FECCEM foram marcantes para muitos maringaenses (depois casais), que aí encontraram seus pares, em noites agradáveis de convívio bastante procurado.

Nossa turma 1963 (a terceira da FECCEM) foi marcada sempre por muita liderança em ações e iniciativas, chegando a rifar inclusive um carro Gordini que propiciou recursos para a confecção de um terno de formatura para cada formando e traje para as moças, culminando com convite, para paraninfo de turma, ao governador do Estado do Paraná Dr. Paulo Cruz Pimentel e para patrono, o prefeito municipal Dr. Luiz Moreira de Carvalho, que aceitaram e garantiram presença na comemoração realizada no Salão Amarelo do Grande Hotel Maringá (FOTOS 65 e 65a, p. 94).

**Foto 65** - Os formandos da 3ª turma da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECCEM) (1963/1966), primeira instituição de ensino superior de Maringá. Detalhe: A dinâmica turma conseguiu oferecer um terno preto sob medida para cada formando e um traje branco para cada formanda.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 65a** - Recorte de manchete do Jornal Folha do Norte do Paraná em 08/01/1967, apresentando formandos da 3ª turma da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECEM), tendo à frente, da esquerda para a direita, conforme numerações na Foto: 19- Prof. José James da Silveira, diretor da faculdade; 21-Prof. Amaury Antônio Meller, nome de turma; 23-Dr. Paulo Cruz Pimentel, governador do Estado do Paraná (1966-1971), paraninfo e 24-Dr. Luiz Moreira de Carvalho, prefeito de Maringá (1965-1968), patrono, ladeados pelas irmãs formandas 25-Alice e 26-Eunice Campos de Andrade e nas fileiras de atrás os formados: 1-Oswaldo José Rodrigues; 2-Elygeo Baldo; 3-João Antônio Falavigna; 4-Luiz Cossich; 5-Pedro Granado Martines; 6-Shoiti Yabe; 7-Juvenal Rizoto; 8-Durvalino Lemuch; 9-Urbano Buchweitz; 10-José Sanches Netto; 11-Glorisberto Carniel; 12-Zitsuo Assakawa; 13-Hugo Hoffmann; 14-Getúlio Takaki; 15-Nubuyuki Kiyoshima; 16-Yoshiaki Takizawa; 17-Wandeir Alberto Ortêncio; 18-Atair Niero; 20-Yassuo Kakitani e 22-Dulce Barros Perioto.



#### 4.24 Compra de casa na Av. Anchieta esquina com Santa Maria

Eu continuava dividindo o alojamento no Castelinho com o amigo Urbano. Assuntos relativos ao curso de economia estavam sempre sobre nossa mesa, pois era considerável a carga de trabalhos em grupos que eram cobrados dos acadêmicos. Eram constantes

também os desafios que eu enfrentava como professor de Matemática, resolvendo problemas propostos nos livros-texto de Oswaldo San Giorgi, Ary Quintela e outros (a maioria de interesse dos alunos e constantes de vestibulares já realizados em muitas cidades do país), quando muitas vezes o amigo acabava também se envolvendo por conta dos seus bons conhecimentos sobre o assunto matemática.

Naquela altura, tanto ele quanto eu, cada um com seus projetos locais, inclusive de conquista de uma candidata para casamento, tendo por isso sempre à frente o alerta “quem casa, quer casa”. Certo dia, lá pelo final de 1963, recebi uma proposta para comprar uma casa na Zona 2, mas minhas reservas ainda não alcançavam tal pretensão, foi quando o Urbano entrou no assunto e acabamos comprando a propriedade em parceria e a alugamos. A casa, embora em madeira, era recém reformada.

Logo no ano seguinte, Urbano marcou casamento com Marlene Ruggeri e propôs-me a venda da parte dele, pois estava negociando outra casa onde iria morar. Fechamos o negócio e fiquei dono sozinho da propriedade à Av. Anchieta, 660 (hoje Av. São Paulo) esquina com Santa Maria, local em que moramos após o casamento, de 1966 até 2008.

#### 4.25 Pela frente sempre mais sonhos

Mesmo após a posse como funcionário do Banco do Brasil, pensar em casamento passava somente por vislumbres de sonhos. Longe da família, detendo ainda limitados recursos financeiros, quaisquer perspectivas costumavam naufragar. Essa situação não era inerente apenas a mim, mas a muitos jovens forasteiros que buscavam estruturar-se em Maringá, como os 40 usuários que comigo administravam sua vivência, recorrendo à Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM).

Essa situação de poucos horizontes induziu-me a ater-me a uma realidade de poucos envolvimento, inclusive no tocante a compromissos de namoro mais sério. Esse detalhe motivado talvez por compartilhar de dramáticas confidências com um amigo que, sem critérios mais sérios, envolvera-se afetivamente com uma namorada e com a família dela e que depois optara pela



terrível situação de desfazer o relacionamento. Não fazia outra coisa a não ser se lamentar profundamente por ter de enfrentar tal cruel impasse.

Com o passar do tempo, porém, alguns vislumbres de sonhos, começaram a pintar com mais consistência no horizonte, pois conhecera Loretta em uma reunião de Juventude Estudantil Católica (JEC) no Colégio Santa Cruz, num domingo de 1960, e aquele momento bastante singular, deixara em mim (e nela também, confirmado tempos depois) um envolvente sentimento que não mais nos abandonou. Na ocasião ela, na graciosidade dos seus 15 anos, fora encarregada de conduzir a reunião de um grupo de participantes e simplesmente convidou-me para registrar as conclusões do assunto em discussão para serem apresentadas aos demais.

O convite ocorrera com envolvimento de palavras e de olhares que nos marcaram. Daquele dia em diante, porém, a magia daquele encontro não mais nos deixou e foi se fortalecendo em outras mais oportunidades, como reuniões de JEC, encontros de jovens em casas de amigos, formatura dela como normalista, brincadeiras dançantes no Grande Hotel, de que participávamos (FOTO 66).

No entanto, eu tinha os meus e ela também tinha os seus envolvimento particulares. Como aluna de destaque no Colégio Santa Cruz (FOTO 67), recebendo contínuos convites das irmãs carmelitas, por ela admiradas pela nobreza do trabalho que desempenhavam, chegou a sentir-se inclinada para o mister, havendo até prévio entendimento nesse sentido, pendente, porém, de confirmação. Entendi sempre que não poderia impelir qualquer decisão dela, embora fosse marcante a afetividade que continuava a nos envolver.

**Foto 66** - Em 08/12/1963 formatura de Loretta no Curso Normal, no Colégio Santa Cruz de Maringá. Da esquerda para a direita: Iraci, Celeste e Altamiro (irmãos), Maria Luíza Zanone Girardi (nona Bia, mãe de João), João Girardi e Lídia Amboni (pais). Fui convidado para a solenidade e não preciso dizer que estive presente, reforçando os aplausos.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

**Foto 67** - Recorte de reportagem de O Jornal de Maringá em 01/01/1964. Em edição dessa data, O Jornal de Maringá publicava reportagem sobre "Os Melhores Estudantes de 1963 nos Estabelecimentos de Ensino Médio de Maringá" em que, conforme recorte, Loretta Girardi fora a primeira colocada com menções especiais da Escola Normal Colegial "Santa Santa Cruz", bastante conhecida pela seriedade e qualidade de seus ensinamentos. Ligado na mídia local, adquiri um exemplar contendo a reportagem, o qual faz parte de meus arquivos.







Vindo a morar no centro da cidade, após deixar a família de Dr. Arno, na Av. Curitiba, que ficava próxima a Rua Lopes Trovão, onde Lorette morava com seus pais e irmãos, a distância passou a rarear as oportunidades de nossas presenças em encontros como dantes (telefones inexistentes naquele tempo, a distância nem tanta, mas trabalho em três turnos: de manhã, de tarde e à noite).

#### 4.26 O encontro no retorno de férias

Ao retornar de minhas primeiras férias do Banco do Brasil, num sábado, ao deixar o Castelinho e andando pela Av. Duque de Caxias, dei com Lorette, saindo de uma livraria. Cumprimentamos com indisfarçável emoção, pois não nos víamos há meses. Pela calçada, rumo ao ponto de ônibus circular, fomos trocando palavras sobre envolvimento pessoais que teriam marcado nossas vidas nas últimas semanas. A conversa não podia deixar de envolver emoção, mas com assuntos sem novidades marcantes até que, quase chegando ao ponto de embarque, ela me confidenciou que tomara a decisão de não entrar para o internato das irmãs carmelitas. Essas sonhadas palavras dela, muito esperadas e jamais ouvidas até então, transformaram-se num momento de marcante encanto e, só após alguns instantes, pude perceber a afável ternura que transparecia em seu olhar. Era o desabrochar de um envolvente sonho que haveria de colorir nossos dias daí para a frente.

Quando o ônibus circular chegou já havíamos combinado que iríamos nos encontrar no domingo próximo na brincadeira dançante no Grande Hotel Maringá, o que mais vezes havia acontecido, porém, sem a envolvimento do clima que agora se configurara.

Eu ficava impedido muitas vezes de ir ao cinema aos domingos, na primeira sessão da noite, pois como diretor social do centro acadêmico, era responsável pela equipe que organizava as reuniões dançantes no Grande Hotel Maringá.

Efetivamente naquele domingo Lorette compareceu à brincadeira dançante, acompanhada da irmã Iraci e do namorado dela João Neto, que era um colega do BB. Passando o controle da portaria do evento para os demais colegas, procurei-a em sua mesa.

Foi uma noite de muito encanto e, olhos nos olhos, dançamos uns aconchegantes boleros e chá-chá-chás.

Após aquele agradável domingo, sem senões maiores em nosso caminho, iniciamos um namoro que se estendeu por dois anos e meio. Um namoro de fins-de-semanas, pois nossas atividades consumiam impiedosamente nosso tempo, em que eu lecionava de manhã no Colégio Gastão Vidigal, trabalhava à tarde no BB e estudava à noite na FECEM. Ela, após a formatura, passou a lecionar pela manhã no Colégio Santa Cruz e foi logo nomeada funcionária do Estado do Paraná, passando a atuar no Grupo Escolar Visconde de Nacar no período da tarde. À noite estudava, preparava aulas e corrigia provas.

Os avanços sociais que Maringá oferecia naquele tempo eram ainda sofríveis. Lorette morava quase no Maringá Velho, próximo à Praça do Peladão, e eu, no centro. Eram poucos os telefones existentes e menos ainda disponíveis (apenas fixos, bem entendido), ônibus circular, só na Avenida Brasil e em poucos horários. As idas e vindas entre nós eram percorrendo a pé a distância que nos separava, exceto em horas adiantadas da noite, quando participávamos de encontros noturnos, nesse caso sempre acompanhados da mana Iraci, quando então recorriamos a um táxi.

Memorável passou a ser um baile no Indaiá Hotel (esquina da Rua Tamandaré/Basilio Sautchuk) ao qual comparecemos acompanhados pelo casal Altamiro Girardi/Maria Bágio e Iraci a companheira de sempre. O Hotel Indaiá costumava realizar seguidamente noites dançantes em seu salão social abrihantadas quase sempre pelo conjunto musical "Britinho", que era show prata da casa. Foi uma noite maravilhosa e de momentos inesquecíveis (FOTO 68, p. 97).

Inesquecíveis as tardes de domingo, quando após a cessão de matiné no cinema nos demorávamos no Bar Oriental (na rua Santos Dumont) para saborear um sorvete, quase sempre acompanhado com *cruch* ou coca-cola.

Sempre lembradas também as tardes de sábados e/ou domingos, na residência da família dos pais de Lorette, João e Lídia, onde nos encontrávamos, quando além de matarmos a saudade (uma semana longe um do outro), nunca faltava um caprichado e gostoso lanchinho feito com muito carinho.



**Foto 68** - Em 1966 Hugo e Loretta em um baile no Hotel Indaiá. Nessa foto eu e Loretta acompanhávamos o casal Altamiro Girardi e Maria Bágio, irmão e cunhada de Loretta, bem como a irmã Iraci, os quais nos deixaram a sós para essa foto que nos leva a recordar aqueles agradáveis momentos.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

#### 4.27 O noivado, o fusca e o casamento

Na noite da véspera de Natal de 1965, nos tornamos noivos, tendo antes o assentimento do Sr. João (assim como para namorar, mais assentimento que pedido). Andando pela rua Lopes Trovão, logo mais à noite, rumo à Capela Santa Cruz para assistir à missa do galo, Dona Lídia foi logo dizendo que agora o noivo já podia andar abraçado à noiva.

Daquele Natal em diante nossos dias foram sendo conduzidos no sentido de nos casarmos no dia 16 de julho de 1966, dia de Nossa Senhora do Carmo, conforme Loretta sugeria.

A casa em que iríamos morar estava ocupada ainda por inquilino e, além disso, uma razoável reforma estava em nossos planos. Quanto aos móveis eram poucos: uma escrivaninha e um

rádio, que acompanhava um toca-discos (hoje ainda existentes na 1ª casa da Fazenda Maringá, menos o toca-discos, que não permitiu mais concertos (presente, porém, ainda um engradado de muitos discos vinil).

Em janeiro daquele início de ano programamos uma visita à minha família em Luzerna, pois Loretta conhecera apenas meu pai, que comigo estivera na casa dela, por ocasião de um intercâmbio de jogadores de bolão do Clube Vitória de Luzerna (em que meu pai era um dos esportistas) com atletas do Clube Teuto Brasileiro de Maringá.

Fomos e voltamos de ônibus, com a acompanhante Iraci e lá permanecemos uns dias além do fim de semana, quando meu pai Paulino nos levou até a um baile no badalado Clube Cruzeiro de Joaçaba (SC), de que era associado. Visitamos ainda muitos locais característicos da redondeza e também visitamos alguns parentes como tio Oswaldo e tia Anair, inclusive os nonos João Delai/Rosa.

No retorno contratei Romeu Mott e Guerino Boligon, dois luzernenses que moravam em Maringá, iniciando a reforma de nossa futura moradia na Avenida Anchieta esquina com Rua Santa Maria. O destaque principal foi retirar todas as mata-juntas das paredes internas e revesti-las com lâminas de Duratex, aproveitando que empresa Pindorama em Maringá estava encerrando as atividades e promovera uma liquidação desse material.

Reformamos e azulejamos o banheiro, inclusive com instalação de banheira, o assoalho da casa foi lixado e nele aplicado sinteco, a casa foi toda pintada internamente em azul e o teto em branco e, a parte externa, em cinza com aberturas e beirais em branco.

O tempo ia passando, talvez mais depressa do que fora programado. Sempre em comum acordo, fomos escolhendo os móveis para nosso canto, negociados todos nas lojas da famosa marca Cimo daquela época.

Os encontros dançantes no Salão Amarelo do Grande Hotel Maringá marcavam a agenda de quase todos os fins de semana. Durante os dias de semana, mesmo noivos, continuavam os compromissos de sempre das 08 horas às quase 24 horas.



Vivia-se num tempo de sonhos em adquirir um carro, mas crédito para tal era “manga de colete” como costumam dizer os gaúchos, quando alguma coisa é quase impossível. Só conseguiria comprar um carro alguém que tivesse disponível praticamente todo o valor para efetivar o negócio. Foi quando algumas Associações Atléticas Banco do Brasil (AABB) de cidades do Brasil criaram o sistema de consórcios com débitos de mensalidades em folha de pagamento e prazos distendidos para concluir o compromisso (até 60 meses). Muitos colegas do BB, dependendo da margem consignável relativa ao salário que detinham, decidiam participar desses consórcios, inclusive eu. Ser sorteado (pela loteria federal), porém, era outro detalhe (FOTO 69).

**Foto 69** - O fusquinha. O Fusca Branco 1200, ano 1966, 0 Km, foi disponibilizado na Empresa Somaco de Maringá no dia 13/07/1966, três dias antes de nosso casamento, no dia do aniversário de minha mãe Helena, que já estava em Maringá para a festa de casamento. Na foto, em fevereiro/1967, em frente à praia de Torres (RS), Loretta sentada ao para-choques do fusquinha e a Irmã Iraci, em uma turnê (BR 101, BR 116, Caxias do Sul (RS), Lages (SC), Luzerna (SC) e Maringá) seis meses após o casamento.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

Aconteceu que o colega Nílson Correa Biscaia, trabalhando comigo no mesmo setor e detendo dois consórcios, fora sorteado nos dois. Não deu outra, negociamos os direitos e acabei permutando, com torna, um consórcio dele sorteado pelo meu ainda não sorteado.

Na manhã daquele sábado fomos bem cedinho à Capela Santa Cruz assistir à missa das 6 horas, celebrada pelo bispo de Maringá, Dom Jaime Luiz Coelho, com quem nos relacionávamos muito bem desde os tempos de Juventude Estudantil Católica (JEC), no que contamos com uma menção especial na homilia e bênção particular ao fim da celebração.

A cerimônia de nosso casamento religioso foi realizada no período da tarde, na antiga Catedral Nossa Senhora da Glória de Maringá, quando fui acompanhado ao altar por minha mãe Helena e Loretta, pelo pai dela Sr. João (FOTO 70).

**Foto 70** - Em 16/07/1966 nosso Casamento Civil no período da manhã no fórum. Eu havia convidado para padrinhos o casal amigo Élio Miguel Uriarte/Sulamita Knabben, enquanto Loretta convidara os tios Delir Amboni e a esposa Berta Tomasi.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.



Nosso Casamento na Antiga Catedral Nossa Senhora da Glória foi oficiado pelo Pe. Cônego Benedito Vieira Telles, reitor da catedral, sendo meus padrinhos o casal Paulo Milton Vier/Rosalinda Hoffmann (minha irmã) e o casal amigo Urbano Buchweitz e Marlene Rugeri, enquanto Loretta convidara o casal Altamiro Girardi (irmão) e a esposa Maria Bágio e ainda Iraci Girardi (irmã) e o então namorado Hercílio Martins (FOTOS 71, 72).

Após a saída da catedral, já no carro (FOTO 73), cumprindo uma praxe, rumamos à Capela Santa Cruz, pois as ex-alunas do Colégio Santa Cruz costumavam passar no colégio, após o casamento e deixar uma rosa sobre o altar da capelinha (hoje tombada como patrimônio histórico de Maringá, onde realizamos também nossas bodas de ouro em 16/07/2016, oficiadas pelo arcebispo de Maringá Dom Anuar Battisti).

**Foto 71** - Na Catedral Antiga de Maringá o casamento religioso de Hugo e Loretta, presentes na foto o padre, os padrinhos de Hugo e seus pais Helena Delai e Paulino Hoffmann.



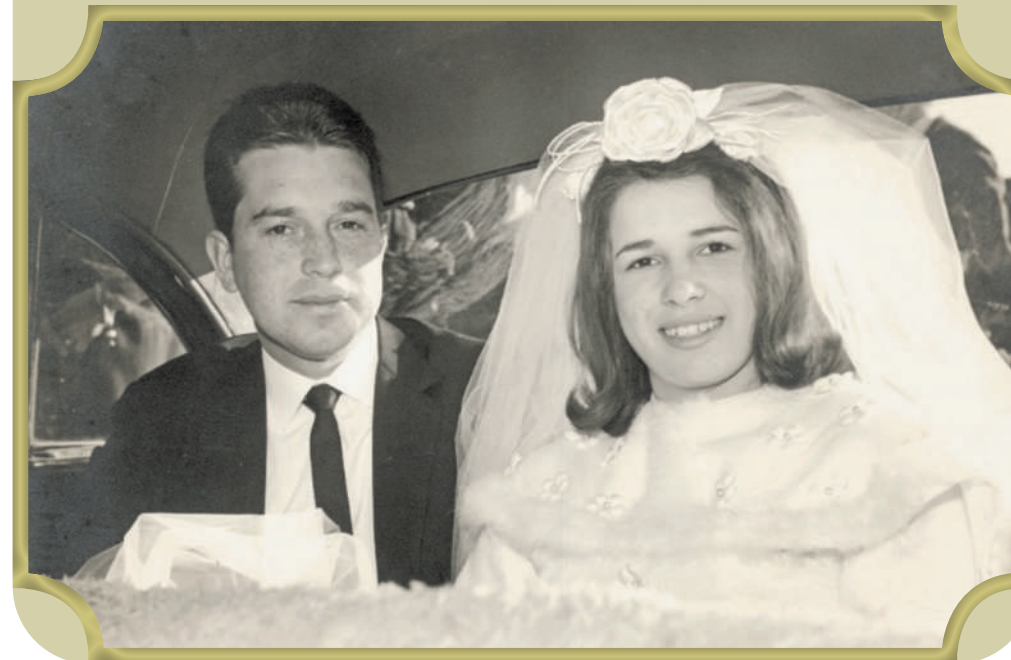
Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

**Foto 72** - Na Catedral Antiga de Maringá o casamento religioso de Hugo e Loretta, presentes na foto o padre, os padrinhos de Loretta e seus Pais João Girardi e Lília Amboni.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

**Foto 73** - Hugo e Loretta após o casamento religioso, rumando para a Capela Santa Cruz.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.



Além dos padrinhos Paulo e Rosalinda vieram de Luzerna para nossa festa de casamento meus pais, os irmãos Milton e Airton (esse ainda moleque) a irmã Leonida (FOTO 74), tio Oswaldo Marqueze e a esposa Anair (irmã de minha mãe). Tio Oswaldo veio com seu carrão Simca Chambordt Vermelho, com o qual marcava sempre seu espírito alegre e afeito a festividades, às quais costumava comparecer sempre, contagiando a todos com seu espírito expansivo e descontraído.

A recepção aos convidados fora programada para ser oferecida na residência dos pais de Loretta na Rua Lopes Trovão, seguindo os ritos habituais da descendência italiana dos pais da noiva na ocasião: “Construir no terreiro da casa uma barraca coberta com lona, montar mesas e bancos e improvisar uma churrasqueira com tijolos”, em cujo projeto só faltou o sanfoneiro. Tio Delir Amboni, padrinho de Loretta, que foi também o churrasqueiro, preparando inclusive os “talheres apropriados” para a cerimônia de cortar o bolo da noiva (FOTO 75).

**Foto 74** - Familiares viajaram na Kombi de Paulino de Luzerna (SC) a Maringá (PR) para a festa de casamento. Na foto: Milton, Paulino, Helena, Airton, os noivos, Rosalinda e Leonida.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

**Foto 75** - Tio Delir Amboni, comandando a cerimônia de “cortar” o bolo da noiva.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

Estando para terminar a festa, eu e Loretta iniciamos os ritos de agradecimentos à presença dos convidados, envolvendo-nos também com as despedidas, pois havíamos programado viajar a Londrina ainda naquela noite.

#### 4.28 Uma sacanagem frustrada e nossa viagem de núpcias

Como muitos de meus amigos tinham conhecimento, principalmente os colegas do Banco do Brasil, eu estava com um fusca branco sem placa retirado há três dias. Quando eu e Loretta nos aproximamos do portão de saída do local, percebemos que a algazarra lá fora era um capricho.

Era previsto que alguma sacanagem invariavelmente poderia acontecer, por isso eu havia deixado o fusca na casa de meus padrinhos Urbano/Marlene e combinado com tio Oswaldo Marqueze, que na saída da festa, ele nos aguardaria ao volante



em seu SIMCA, próximo daí, com o que driblaríamos possíveis bagunceiros. O esquema foi perfeito e em instantes estávamos na casa de meus padrinhos de casamento para iniciar com tranquilidade a viagem que programáramos.

No entanto, meu amigo e convidado Prof. Basílio Bacarin, diretor do Colégio Gastão Vidigal, que também havia comprado um fusca branco novo naqueles dias e que continuava ainda na festa com amigos, não sabia que o carro dele àquela altura, na rua em frente, acabava de receber um conjunto completo dos mais diversos acessórios, como latas velhas presas aos para-choques, cordas presas a latões de lixo retirados de casas vizinhas e o veículo já havia sido personalizado com inscrições em batom nos mais diversos matizes.

Deixando a festa e a encrenca da sacanagem para o professor Bacarin, que solteiro ainda, exigia também uma noiva, rumamos da casa dos padrinhos Urbano/Marlene para Londrina, nos hospedando no Hotel Bourbon.

Havíamos programado ir até a Poços de Caldas (MG), pois naquela semana recebêramos a grana das aulas suplementares, quando, até então, com pouca grana, a programação era não ir muito longe. No domingo fomos até Bauru (SP), na segunda-feira, até São Carlos (SP) e finalmente na terça-feira chegávamos a Poços de Caldas (MG).

A cidade de Poços de Caldas nos agradou bastante pelo excelente tratamento dispensado a visitantes e hóspedes, bem como pelos belos passeios envolvendo o turismo da cidade, chamando atenção o carinho e os cuidados dispensados às fontes e às águas que enriquecem a cidade.

Na quinta-feira deixávamos a cidade rumo a São Paulo, pois havíamos decidido ir até à praia de Caraguatatuba (SP), já que eu, caipira do interior, ainda não havia tido a oportunidade de presenciar o mar, (Loretti, porém, havia ido com familiares seguidamente à praia do Arroio do Silva, em Araranguá (SC)). Chegamos à tardinha à cidade de Lorena (SP), próxima à Via Dutra, onde pernoitamos, pois deveríamos no dia seguinte levar o fusquinha a uma agência VW para fazer a revisão dos 500 km (já com quilometragem estourada).

Na sexta-feira à tarde, passando por Aparecida do Norte (SP) (FOTO 76), prosseguimos viagem, tomando a descida da serra (paisagens sempre belas), chegamos a Caraguatatuba. No dia seguinte, após visitar umas boticas para comprar roupas apropriadas, pois esse detalhe não havia constado de nossa programação, fomos à praia e a um banho de mar, logo em frente ao hotel em que nos hospedáramos.

**Foto 76** - Os noivos diante do santuário de Nossa Senhora Aparecida, registrando sua passagem pela cidade de Aparecida do Norte (SP).



Fonte: HOFFMANN, Loretti Girardi. Uma recordação pessoal.



Com a presença do mar fazendo sempre diferença, Caraguatatuba nos encantou bastante, como agradáveis foram também uns passeios a Ubatuba e a São Vicente, seguindo sempre pistas asfaltadas bem próximas ao mar e entre incontáveis e belas palmeiras.

Urgia, porém, deixar essa magia vivida nesses dias e retornar à nossa brava Maringá. Por isso, na segunda-feira à tarde deixamos Caraguatatuba (SP) e fomos pernoitar em Guarulhos (com exigência de apresentação de documento de casados na portaria do hotel). No dia seguinte, sem nunca ter transitado por São Paulo, seguindo rumo sul (sem bússola nem GPS) e, atentando sempre para placas indicativas, a Via Raposo Tavares ofereceu-se a nós, nos trazendo a Maringá via Ourinhos, ao cair da tarde, onde fomos nos recolher na casa de vô João e de vô Lídia, pois nossa casinha dependia ainda de alguns ajustes.

#### 4.29 As bodas de ouro dos avós João Delai/Rosa Tonetto

Já de retorno a Maringá, os compromissos pintaram logo na agenda. Dois dias foram gastos para término de algumas instalações em nossa casa, principalmente a conclusão da pintura do banheiro, que fora reformado em alvenaria e vô João, como carinhosamente sempre a ele nos referíamos, ficou de fazer a pintura. Como ele tinha pressa em concluir a tarefa, quis finalizar a pintura a esmalte de uma só vez, sem deixar as demãos secarem. Essa tentativa acabou obviamente não dando certo, pois após várias aplicações de esmalte a aparência era sempre a mesma (a alvenaria absorvia toda a cor). O serviço acabou tendo que ser abandonado, pois vô João foi acometido por um início de intoxicação, já que o ambiente era minimamente arejado.

Na sexta-feira daquela semana viajamos a Luzerna, pois havíamos assumido compromisso de também participarmos da festa de bodas de ouro dos avós João Delai/Rosa, pais de minha mãe, sem esquecer, inclusive, que na próxima segunda-feira eu deveria estar em Maringá para retornar ao trabalho no BB.

As bodas foram muito animadas, almoço festivo e outros encontros com os filhos e presença de muitos parentes, vários discursos e muitos abraços, “brodo” com queijo e pão e vinho, mas na segunda-feira já estávamos de retorno e eu, voltando ao trabalho ao meio dia (FOTO 77).

**Foto 77** - Bodas de Ouro dos avós João Delai/Rosa Tonetto. A foto tomada no alpendre da casa dos avós, junto ilha do rio Limeira, registra a presença dos filhos na festa das bodas (de esquerda para direita): Angelim (Ângilo), Arlindo, Gentil Antônio, Iseo, José (representado por um parente), Gentila, Anair, Josephina e Helena. Sentados os avós homenageados João Delai e Rosa Tonetto.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

#### 4.30 Loretta, ao volante e eu, aulas à noite

Uma das primeiras providências, a ser resolvida pelo casal, passou a ser a obtenção da carteira de motorista para Loretta, pois, faça sol faça chuva, ela tinha que ir ao trabalho dela, no Colégio Visconde de Nácar, no Maringá Velho, e o fusquinha ficava parado no BB a tarde toda. Um curso recebido do marido Hugo, alguns ensaios em inúmeros descampados existentes ao redor da cidade,



inclusive uns treinamentos em estradas poeirentas na zona rural, visitando tia Pina/Vitório em Marialva, lá do distrito de Cambuí, mais uns treinos de rua e Lorette recebia sua carteira de habilitação. Aí o esquema mudou para melhor: Íamos ao BB ao meio dia, ela ficava com o carro e apanhava-me às 18 horas.

Minhas aulas de Matemática no Colégio Gastão Vidigal, no período da noite, exigiam minha ausência em casa na maioria das noites até às 11 horas e o local onde morávamos dependia ainda de muita infraestrutura. A Av. Anchieta (com apenas uma pista aberta), hoje Av. São Paulo, esquina com a Rua Santa Maria, ambas não asfaltadas, em dias de chuva o fusquinha só subia a Rua Santa Maria, se bem conversado, a iluminação era precária, nossa casa era protegida só por cerca viva e nosso fusquinha dormia acorrentado a uma árvore sibipiruna que crescia no pátio dos fundos.

Lorette, porém, embora temerosa com essa situação, demonstrava ser corajosa. Certa noite uns barulhos estranhos ocorreram na frente da casa, onde tínhamos um caramanchão com samambaias. Ela não teve dúvidas, tomou o revólver, abriu fogo pelo vitrô. Diz ela que ouviu um alvoroço doido do lado de fora e o silêncio passou a ser total.

#### 4.31 O nascimento do filho Ricardo

Vivíamos os derradeiros meses do ano de 1967 e Lorette estava grávida. A gravidez, embora sonhada, lhe cobrava muitas indisposições e transtornos, acolhidos sempre, porém, com a paciência e a alegria próprias da maternidade (FOTO 78).

Numa tarde de novembro, Lorette ligou-me que tomaria o carro e viria ao banco para irmos ao hospital pois o nenê deveria nascer. Mais que depressa rumamos para a Santa Casa de Misericórdia de Maringá e ocorreu o internamento, que foi suspenso na manhã seguinte, pois os sinais de parto haviam desaparecido.

Voltei, então, ao trabalho no banco no dia seguinte, suspendendo a licença que havia solicitado ao subgerente Sr. Edvaldo Granja, que, pai de 12 filhos, foi logo exclamando: “Marinheiro de primeira viagem tem muito a aprender”.

**Foto 78** - Foto de Ricardo aos 4 meses, remetida aos avós Paulino e Helena em Luzerna (SC). O pai coruja tirou muitas fotos dos filhos, mas a maioria em slides ou filmes. Esse detalhe gerou o fato de essa foto vir da Caixa de Recordações de Mãe Helena.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1968).<sup>33</sup>

<sup>33</sup> Coletânea de fotos- Caixa de recordações de Mãe Helena.





Sob os cuidados do médico Dr. Fred Poralla, voltamos à internação hospitalar em 17/11/1967, desta vez no Hospital Maringá, quando nasceu Ricardo, que passou a encantar os embevecidos pais e absorver suas atenções e cuidados. A falta de experiência dos pais calouros era suprida pelas sábias noções de Vó Lídia, de comadre Marlene Rugeri, de vó Rosa Podolan e de mais amigas.

Nos primeiros meses após a chegada do bebê, seu bercinho foi instalado ao lado da cama do casal, mas certos ajustes foram logo decretando a iniciativa de algumas providências. Uma porta foi aberta na parede, ao lado do guarda-roupa, e transformou o escritório em quartinho do bebê com acesso ao quarto dos pais.

Ricardo foi batizado na catedral velha de Maringá e seus padrinhos foram vó João e vó Lídia.

Antes mesmo dos seis meses de seu nascimento, os pais, não aguentando a “corujice”, tomaram o fusquinha e o indefeso primogênito e o levaram a Luzerna para apresentá-lo aos avós paternos, enfrentando estradas sem asfalto e em reformas (via Apucarana, Ponta Grossa, Irati, Porto União, Irani, Joaçaba e Luzerna) quase 700 quilômetros. Juventude é uma bênção... Alguns dias após retornávamos, trazendo tia Pina de carona, ao lado do pequeno Ricardo que enfrentava uma impiedosa dor de ouvidos, em cujo final de viagem fomos levados ainda a deixar a tia na casa dela no Patrimônio Cambuí, município de Marialva, já a altas horas da noite, como fim da façanha.

#### 4.32 Lance sobre a AABB Maringá

Naquele tempo a Associação Atlética Banco do Brasil de Maringá-AABB era pobre e andarilha (ora se instalava aqui, ora lá), mas os filhos pequenos dos funcionários, no Natal e na Páscoa, recebiam sempre uma atenção especial da diretoria, às vezes na própria agência do BB, onde recebiam presentes, outras vezes, até fazendo encomendas em lojas indicadas (os pais escolhiam os presentes dentro de um limite de preços), os presentes eram então adquiridos e distribuídos em algum local previamente estabelecido (FOTO 79).

**Foto 79** ~ Natal de 1968, Ricardo, ao colo da mãe Loretta, recebendo seu presente de Natal das mãos do Papai Noel na agência do Banco do Brasil, oferta da AABB Maringá.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.



### 4.33 Cursando a FAFIMAM

À noite de um dia de semana, após o trabalho no BB, no início do ano de 1968, sem compromissos de aulas (estávamos ainda em período de férias escolares), convidei Loretta para irmos à cidade de Mandaguari para averiguarmos a possibilidade de cursar a Faculdade de Filosofia Ciência e Letras daquela cidade, cuja aprovação em curso superior escolhido resolveria, em princípio, nossa habilitação para o magistério.

Foi uma surpresa ao chegarmos à Faculdade e tomarmos conhecimento de que o vestibular seria iniciado dentro de alguns minutos e que a inscrição ainda poderia ser feita. Maringá ainda não havia instalado sua Faculdade, com cursos na área de Licenciatura, e a conclusão do curso era indispensável ao exercício do magistério. Como já havíamos previamente analisado o assunto, eu resolvi inscrever-me no curso de Matemática e fui para a sala do vestibular fazer a prova de Português. Loretta, tomada de surpresa no momento, ficou ainda analisando a situação que impunha sua decisão. Quando saí da sala do exame encontrei Loretta que havia concluído sua prova (disse ter ido bem), após inscrever-se para o curso de Pedagogia incentivada pelo convite da amiga Cecy Castilho.

No dia seguinte houve novas provas (eu em Matemática) e fomos aprovados.

O tema da redação em Português foi “O Café”. Eu (beneficiado por um lance de extrema coincidência) havia lido naqueles dias um artigo sobre o histórico do café no Brasil, o que me levou a escrever quatro páginas de papel almaço sobre o assunto, envolvendo começo, meio e fim, com o que acabei obtendo nota dez. Em Matemática com nota oito, obtive o primeiro lugar geral do vestibular da Faculdade. Os comentários acabaram surgindo: “O cara vai bem em Português e vai cursar Matemática?”

Foram quatro anos de cansativo empenho, enfrentando Maringá/Mandaguari com retorno sempre entre 23 e 24 horas, deixando o pequeno Ricardo com a empregada Dona Estela até 1969. Depois, até 1971, quando concluímos o curso, contávamos também com a participação de minha irmã Nair, que passou a morar conosco para continuar seus estudos (formou-se normalista e cursou Letras na UEM) e nos acompanhou até seu casamento em 1976. Sem esquecer que Loretta, no decorrer de 1970, enfrentou esse desafio noturno, grávida do segundo filho Renato e cumprindo sempre as nefastas recuperações de matérias (FOTOS 80, 81).

**Foto 80** - Em 1971, foto de formatura de Hugo Hoffmann no curso de Matemática na Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Mandaguari (FAFIMAM).



**Foto 81** - Em 1971, Foto de Loretta Girardi Hoffmann em formatura no curso de Pedagogia na Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Mandaguari (FAFIMAM).



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.



#### 4.34 O nascimento do filho Renato

Nos primeiros minutos do dia 01/10/1970 nascia nosso segundo filho ao qual demos o nome de Renato. Nasceu também sob os cuidados do Dr. Fred Poralla no Hospital Maringá, numa noite de muita chuva em que o som de uma goteira d'água caindo do telhado sobre a tampa de uma pequena lata, numa área interna do hospital, não deixou ninguém dormir, exceto o pequeno (nem tanto, 4 kg) Renato, o novo maringaense (FOTO 82).

**Foto 82** - Em 1972, Renato Hoffmann aos seus 2 anos no jardim de casa, antes de uma saída para um passeio.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.

Renato foi batizado na Igreja São José, na Vila Operária, e seus padrinhos foram Tio Edison Girardi e Tia Marleusi Podolan.

Ricardo e Renato foram crianças dóceis e sua convivência gerava sempre momentos de singular afeição para com seus pais, avós, tios, amigos e mesmo pessoas de nosso relacionamento que nos acompanham nas lides da vida (Estela, Paula, Maria José, Iradi, Fátima, Clarice, Ivone, Maria Aparecida até a Marli).

#### 4.35 Especialização em Estatística na PUC de Porto Alegre (RS)

Eu havia concluído o curso de Matemática e Loretta, o de Pedagogia, o que nos habilitava a lecionarmos em disciplinas do ensino secundário. Nesse tempo, porém, a Universidade Estadual de Maringá (UEM), criada em 06/09/1969, dava seus primeiros passos, buscando estruturar-se como Instituição de Ensino Superior, sendo regulamentada em 28/01/1970 pelo Governo Paulo Cruz Pimentel, com incorporação de Faculdades Estaduais instaladas em Maringá. (Foi reconhecida oficialmente pelo Ministério da Educação (MEC) somente em 11/05/1976).

No final do ano de 1971, meu então ex-professor Amauri Antônio Meller e ex-companheiro de Casa do Estudante Secundarista de Maringá (CESM), que já lecionava na UEM, indicou-me para realizar um curso de Especialização em Estatística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC) em Porto Alegre. Pintara uma vaga para a realização do referido curso (nos meses de janeiro e fevereiro de 1972) e ele, prof. Amauri, estaria para deixar de lecionar a Disciplina Estatística nos cursos de Ciências Econômicas, Administração de Empresas e Ciências Contábeis da UEM, com o que surgiria uma boa oportunidade para eu concorrer à vaga, com um belo diferencial, se portando certificado de aproveitamento em especialização no referido curso.

Mais um convidativo desafio... Era negociar férias no Banco do Brasil (num período cogitado por todos), utilizar abonos-assiduidade disponíveis (os funcionários do BB tinham direito a 5 dias de abono cada ano, com direito a utilizá-los em falta ao trabalho ou eventualmente, vendê-los), mas, mesmo assim, faltariam ainda



alguns dias (a serem negociados como antecipação de férias) para cobrir a ausência ao trabalho, segundo o número de dias exigidos (40 úteis, 300 horas) para a realização do programado curso.

Foram favoráveis as negociações com o subgerente e também os acordos com os colegas de setor, restando então programar detalhes com a família.

Após concordar com a proposta, Lorette sugeriu que rumássemos para uma praia próxima a Porto Alegre (RS), pois a mãe dela prontificara-se a nos acompanhar. Viajaríamos com nosso Opala Azul (ano71), levando nossos dois filhos Ricardo (3), Renato (1) e a ajudante Paula. Eu frequentaria o curso durante os dias da semana (como constantes da programação) e nos fins de semana me juntaria a eles na praia, com o que improvisaríamos umas férias diferentes.

Tudo programado, viajamos para o litoral do Rio Grande do Sul e acabamos nos instalando em um apartamento na Praia de Capão da Canoa (RS), entre a praia de Torres e a de Tramandaí (RS). A distância em via asfaltada até Porto Alegre era razoável para ser percorrida toda semana

O Curso desenvolveu-se com quarenta (40) participantes (vindos de muitas regiões do país, até do Nordeste) e os professores, renomados na área, vindos também de outros locais. Havia também participantes da própria cidade de Porto Alegre, que surpreenderam a todos com a fidalguia com que nos trataram durante todo o tempo do curso: “Só deixavam o local quando tinham certeza de que todos haviam resolvido seus problemas de carona (o local do curso ficava afastado do centro da cidade)”. Foram prestativos também em nos indicar locais para nos alojarmos, pois o custo era restritivo para quase todos.

Em 1972 a tecnologia eletrônica era ainda incipiente. A PUC de Porto Alegre havia recebido naqueles dias as primeiras calculadoras eletrônicas, restritas a 4 operações, raiz quadrada e percentagens (ficavam presas com cadeados às carteiras). O computador da Universidade ocupava uma sala inteira. A Estatística, porém, detinha seus recursos (parâmetros matemáticos e utilização de tabelas) para firmar-se como a ciência que está em todas as ciências.

Na praia tudo ia bem com Lorette, a mãe, as crianças e a ajudante, mas a duração do curso (prevista para 40 dias úteis) começou a cansar. Vô João em Maringá pedia que vô Lidia voltasse, que a ausência dela estava pesando demais. No apartamento que alugáramos havia um estoque de livros e Lorette os ia lendo todos.

#### 4.36 Um imprevisto de percurso em Osório (RS)

Numa das segundas-feiras, com dias adiantados do curso e com a principal prova marcada para aquele dia, saí cedo rumo a Porto Alegre e, a uns 10 km antes da cidade de Osório (RS), ao desviar um buraco no asfalto (com movimento brusco), o Opala rodopiou na pista e tombou no barranco esquerdo, caindo em pé em um banhado. O susto foi grande (ainda não se usava cinto de segurança), mas aos poucos a calma voltou. Saí pela porta do passageiro, pois a minha, além do vidro quebrado, não abria.

Retirei as chaves, documentos e minha mala, pois um carro, que vinha atrás de mim, havia parado no acostamento e o motorista me aguardava. Era um sócio das Lojas Renner de Porto Alegre, que se prontificou a dar-me carona até à PUC, informando-me que havia um ponto de guardas rodoviários a alguns km antes da cidade de Osório (RS).

Ao chegarmos ao ponto dos policiais rodoviários deixamos a chave e os documentos do carro, passamos informações sobre o caso e o local do acidente, ao que os policiais nos adiantaram que retirariam o carro imediatamente e o recolheriam aí no pátio do ponto.

Continuamos a viagem, pois era vital realizar aquela prova naquela manhã. Ao chegar ao local, a prova já havia iniciado. Apanhando o texto, consegui ainda desincumbir-me daquela tarefa que parecia estar fadada a não acontecer.

A comunicação com Capão da Canoa, onde Lorette estava instalada, era precária e entendi que qualquer contato relativo ao ocorrido só iria gerar inconclusas apreensões.

Na quarta-feira daquela semana, o amigo Bernardo Buchweitz (professor da Universidade Federal do RS), irmão do grande amigo e compadre em Maringá, Urbano, deu-me carona até Osório para



retirar o carro, pois tudo indicava que seria possível rodar até Porto Alegre. Naturalmente muitas dúvidas e preocupações iam marcando bastante esse retorno até o contato com os policiais rodoviários (o carro teria sido retirado? logo? teria havido saques? custas dos serviços? burocracia?..).

Chegando ao local não vimos o carro no pátio. Buscando o escritório, uma funcionária demonstrou não ter conhecimento do caso. Os primeiros sinais pareciam envolver surpresa.

Mais uns instantes, envolvendo esta apreensão e chegava um policial, que me vendo foi logo dizendo: “Ah! Você é o Hugo do opala azul. Teu carro está na garagem de minha casa, aqui perto. Eu o recolhi lá, pois se chovesse iria danificá-lo internamente (vidro quebrado) e, além disso, no pátio do posto policial, teria custas a recolher”.

Nesta altura restava apenas mais uma apreensão: “O custo dos serviços prestados pelos policiais de trânsito”. Ao chegar à residência do policial, fui logo perguntando sobre o valor das despesas relativas à cordial assistência que acabava de receber.

O que ainda era apreensão acabou resultando numa das mais surpreendentes surpresas a que vivenciei. O policial (sem aceitar qualquer agrado financeiro) simplesmente afirmou: “O que fizemos não tem custo nenhum, forasteiro de Maringá em nosso Estado, pois faz parte de nosso trabalho, no dia a dia da organização a que servimos”.

O gentil policial recebeu, com emoção, um forte abraço meu e outro do amigo Bernardo e retornamos a Porto Alegre, já que o problema do Opala fora apenas o vidro quebrado e algumas escoriações.

Em Porto Alegre um tapeceiro ajeitou um plástico resistente no local do vidro quebrado da porta e no sábado seguinte, viajei a Capão da Canoa, quando então Loretto e os demais tomaram conhecimento do ocorrido naquela semana.

Transcorrida mais uma semana, nos programamos para regressar a Maringá, pois eu deveria regularizar mais ausências ao trabalho no BB, solicitando antecipação de férias, e mesmo porque as cobranças da situação estavam pesando da parte de vô João. Saímos às 04 horas da manhã de um domingo e, viajando com chuva o percurso todo, chegamos a Maringá no início da noite.

Voltei a Porto Alegre de ônibus e, então, ao final da segunda semana, em 29/02/1972, recebia o sonhado Certificado de Especialização em Estatística, cujo curso efetivamente foi muito proveitoso para mim, alargando significativamente meus conhecimentos sobre a importante disciplina que iria lecionar (FOTO 83).

**Foto 83** - Em 20/02/1972, Certificado de Aproveitamento no Curso de Especialização em Estatística outorgado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUC.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



### 4.37 Lecionando na Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Quem atua no magistério tem ciência de que o mês de março de cada ano reveste-se de real importância nas definições das aulas a serem desenvolvidas durante o ano. Nesse sentido, ao concluir o curso de especialização em Estatística, no final de fevereiro, procurei entrar em contato com o Colégio Gastão Vidigal, onde lecionava Matemática e/ou Física no curso científico, no período da manhã, para inteirar-me sobre o que estaria reservado a mim para o ano. Por outro lado, contatando a UEM e meu ex-professor Amaury, tomei conhecimento de que efetivamente estava aberta a concorrência no Departamento de Economia para lecionar a disciplina Estatística nos cursos de Ciências Econômicas, Administração de Empresas e Ciências Contábeis no período da noite.

Na UEM o diretor do Departamento era o professor José James da Silveira, que fora também diretor da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá, então incorporada. A urgência na contratação de novo responsável pelas referidas aulas de Estatística e os entendimentos já estabelecidos com o titular que deixava a disciplina, fez com que, ao me candidatar ao cargo, a efetivação ocorresse ainda naquela semana a meu favor.

Assumi como professor de Estatística da UEM, lecionando inicialmente em instalações do Instituto de Educação de Maringá (onde estava alocado o Departamento de Economia), estando a reitoria instalada no Edifício Atalaia (de propriedade do médico Dr. Said Felício Ferreira, futuro prefeito de Maringá por dois mandatos) e os Departamentos que agrupavam os demais cursos haviam sido instalados em outros locais de Maringá. O Campus da UEM, no local em que está localizado hoje, foi definido ainda no governo do prefeito Adriano José Valente (1968/1973), e as instalações foram sendo disponibilizadas aos poucos, com edificações modulares (FOTO 84).

Tendo iniciado o magistério em 1964, com aulas de Português em salas de primeira série do curso ginásial, senti-me realizado ao passar à docência no meio universitário, em que lecionei a disciplina Estatística até aposentar-me em 1994.

A Estatística, envolvendo conteúdo de marcante interesse às disciplinas que abrangem pesquisas científicas, cativa todo pesquisador por sua abrangência, tanto no âmbito da Estatística Descritiva quanto no da Indutiva, que envolve o cálculo inferencial sustentado pela teoria da complexa aleatoriedade de eventos.

**Foto 84** - Em 1972, foto recordando uma das primeiras reuniões da reitoria da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em recinto do Edifício Atalaia, em que hipóteses, ideias e sugestões convergiam para definir a estruturação de nossa hoje gloriosa Instituição de Ensino Superior. Consigo identificar e lembrar alguns próceres desse tempo, ao fundo da esquerda para a direita: Prof. Oberon Floriano Dittert (2º), Dr. Hélenon Borga Cotez (5º), Dr. Horácio Racanello Filho (6º), Dr. Airton Pinheiro (7º), Dr. Gal Garcia e Prof. Eleutério Vasselai. Eu, de frente, ao meio de camisa branca, também participando da convocação.



Fonte: Foto obtida na mídia maringaense pelo amigo e colaborador Marco Antônio Deprá.



A bibliografia referente à Estatística Descritiva fora sempre relativamente farta na maioria das bibliotecas ou livrarias. O conteúdo da Estatística Indutiva ou Inferencial, porém, principal assunto tratado no Curso de Especialização que concluí na PUC, além de escassos, envolviam particularidades que começavam a ser estruturadas, ao lado dos primeiros recursos vindos da informática, então entre nós ainda incipientes. Diante dessa particularidade, minha primeira iniciativa foi confeccionar apostilas sobre cada assunto, a fim de envolver o acadêmico em rotinas de pesquisas e estudos, característica que impus às aulas, obtendo grato reconhecimento até hoje da parte de muitos alunos.

#### 4.38 O nascimento da filha Lilene

Em meados de 1972, novo detalhe passou a figurar em nossa agenda. Loretta estava grávida novamente e deveríamos ajeitar um cantinho para quem iria chegar. Naquele tempo não se poderia saber antecipadamente se quem viria era menino ou menina. Os berços de Ricardo e Renato se ajeitavam no antigo escritório, onde não caberia mais ninguém. Nica, minha irmã, que nos acompanhava para estudar, ocupava o quarto da frente, sendo mínima a possibilidade de nova ampliação de espaço.

Programamos, então, uma pequena reforma, eliminando um alpendre que fazia frente para a Av. Anchieta e o transformamos, juntamente com uma sala contígua, em um quarto para o Ricardo e o Renato, separando ainda pequena parte para um escritório e um cantinho para a banqueta do som, com o rádio e toca-discos. Quem estava para vir iria ocupar o desfeito escritório (então ocupado por Rica e Coca), que mantinha ligação com a suíte do casal (suíte é um modo de dizer, só porque tinha ligação também interna com banheiro e sanitários).

Em 04/12/1972 nascia Lilene, em parto cesariano, pois assim havíamos decidido. De início parecia transcorrer tudo normalmente, pois

passados poucos dias já estávamos em casa. O aparecimento de uma infecção hospitalar, porém, nos levou de volta ao hospital, com sérios transtornos e preocupações, onde o Dr. Maruiti acompanhava os exames que eram feitos e refeitos e não se descobria a bactéria que estaria consumindo a pequena Lilene, que sobrevivia à base de soros. Quando as esperanças começavam a ficar escassas, após uma noite em que o médico permaneceu o tempo todo ao lado da cama da abatida e pequena paciente, respirando com extrema dificuldade, chegava de São Paulo o resultado de exames do material, para lá encaminhado para análise, revelando a causa da infecção. Com a aplicação imediata do remédio certo, deu-se o início à reversão do delicado impasse, que comprometia a frágil Lilene, em seus primeiros dias de vida, não demonstrando hoje, ter ela passado por instantes tão aflitivos (FOTOS 85, 86).

Foi batizada na Paróquia Cristo Ressuscitado pelo amigo padre Geraldo Schneider, alemão com dedicada e brilhante atuação em Maringá, quando os padrinhos, foram meus pais Paulino e Helena, vindos de Luzerna (SC) para a cerimônia, de que temos apenas filmagens.

Fotos 85, 86 - Em 1973 e em 1976, Lilene Hoffmann aos seus 1 e 4 aninhos respectivamente.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.



### 4.39 Loretta também lecionando na UEM

No final do ano 1975, Loretta vinha cumprindo o Padrão no Ensino Secundário do Estado do Paraná, atuando como diretora do Ensino Ginásial no Instituto de Educação de Maringá, após deixar a direção do Grupo Escolar Gabriela Mistral, que inaugurara juntamente com a professora Cilis Machado, amiga e colega. Com disponibilidade de horário, Loretta lecionava a disciplina Estatística nos cursos Normal e de Secretariado, bem como no curso pós-normal de Administração Escolar, no próprio Instituto.

Loretta Girardi Hoffmann e Cilis Machado, que eram professoras do Grupo Escolar Visconde Nácar, em Maringá Velho, haviam sido indicadas pelo diretor do 5º Distrito de Educação do Estado do Paraná em Maringá, para administrarem a instalação/implantação de um novo colégio junto à Av. Riachuelo, cuja construção havia sido concluída. Iniciaram os trabalhos dando o nome de Grupo Escolar Gabriela Mistral à nova escola, enquanto, com empenho pessoal de ambas junto a empresas de Maringá, conseguiram toda a mobília necessária (exceto as carteiras escolares) e, deixando-o pronto para a inauguração, iniciaram seu funcionamento (FOTO 87).

A frustração veio de Curitiba, com a nomeação política definitiva de nova diretora, quando Cilis voltou para o colégio em que estava lotada e Loretta reassumia a direção do Ensino Ginásial no Instituto de Educação de Maringá.

No início de 1976 Loretta protocolou seu currículo escolar no Departamento de Economia, pois surgira vaga para lecionar 4 aulas semanais de Estatística no curso de Administração de Empresas. Houve discussão acalorada na banca julgadora. Havia candidatos formados em Matemática concorrendo à vaga, tendo cursado carga horária de 60 horas em Estatística, enquanto Loretta, formada em Pedagogia, concorria com currículo de 180 horas na disciplina, além de já estar lecionando a matéria a nível pós-secundário. O professor José James da Silveira, (continuava) diretor do Departamento de Economia da UEM, como voto minerva, deu ganho de causa à Loretta, alegando

que seu departamento buscava preencher vaga de Estatística e não de Matemática, justificando que Loretta já vinha lecionando a disciplina e além disso o curso de Pedagogia por ela cursado dera mais ênfase ao conteúdo da matéria do que os formados em Matemática que concorriam (ainda não havia concorrência de titulação além da diplomação).

Loretta assumiu a Disciplina e acabamos trabalhando juntos. Concluiu dois cursos de pós-graduação em Estatística, prestou concurso público, foi aprovada e juntos realizamos, inclusive, várias pesquisas no Departamento até 1993, quando ela se aposentou, chegando à categoria de professora adjunta II, com dedicação exclusiva.

**Foto 87** - Em maio/1969, foto da inauguração do Grupo Escolar Gabriela Mistral em Maringá, registrando a presença da Profª. Loretta Girardi Hoffmann, diretora, Prof. Engº Oberon Floriano Diter, Engº Antenor Barnabé Neto, do DER, Prof. José Hiran Sallée, representante da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, além de outras presenças não identificadas.



Fonte: HOFFMANN, Loretta Girardi. Uma recordação pessoal.





**Foto 88** - Em 1976 nossos três filhos Ricardo (9), Lilene (4) e Renato (6) no jardim de casa na Av. Anchieta, 660 (hoje Avenida São Paulo) no retorno de assistência à missa de domingo e aguardando saída para almoçar no Restaurante Brasão (Av. Getúlio Vargas) ou Restaurante Touring (Av. Herval) ou Restaurante Cristal (Rua Santos Dumont diante da Lanchonete Napoli).  
Não posso perder a oportunidade de afirmar que nossos três filhos nos surpreenderam sempre pela amabilidade de seu comportamento responsável, nunca nos constringendo e/ou contrariando ante quaisquer circunstâncias, sendo os filhos que todo pai e mãe querem ter.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 89** - Em 1995 os pais (Loretti e Hugo) com os três filhos (Ricardo, Renato e Lilene) já crescidos em dia de festa (formatura de Lilene em odontologia em Presidente Prudente (SP)). Ricardo e Renato graduaram-se em Agronomia na UEM em 1989 e 1993 respectivamente.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## CAPÍTULO 5

### 5.1 Envolvimento em atividades agrícolas

Trabalhando como encarregado do setor de cadastro do Banco do Brasil, eu acompanhava o mundo dos negócios, voltando-me principalmente para assuntos relativos ao setor agropecuário, às vezes inconformado em não poder participar dele, de vez que o Banco do Brasil, como empresa de economia mista, só permitia o exercício do magistério, como atividade estranha ao serviço de seus funcionários (FOTO 90).

Meu sogro João, com invejável saúde aos seus quase 60 anos, acabava de abandonar umas roçadas, que comandava através de empreitadas, ao longo de linhas de alta tensão da Copel no Sul do Paraná. O primo de Loretta, por parte de mãe (Dona Lídia), Valdemar Nazari havia vendido um sítio com cafeeiros no local chamado Vai-Quem-Quer, no município de Engenheiro Beltrão (PR), e improvisara um pequeno comércio de secos e molhados, procurando encontrar uma opção de renda para si e sua família.

Era comum nos encontrarmos, em fins-de-semana, para uns joguinhos de baralho, eu, João, Valdemar e o cunhado médico dr. Édison, quando, além do carteadado, projetávamos formar uma

sociedade, com a aquisição de uma área agrícola, pois tínhamos dois agricultores com farta experiência, praticamente fora da atividade, e dois parceiros, eu e meu cunhado, que poderíamos entrar com apoio consultivo e/ou financeiro.

**Foto 90** - No final da década de 1960, em um momento de descontração após expediente, junto à minha mesa de trabalho, onde aparecem os funcionários do setor de cadastro do Banco do Brasil, sob minha coordenação. A Agência operava ao lado da antiga rodoviária de Maringá, aí então presentes: Néelson (filho de inspetor do BB), Nemésio Altoé (tempos depois meu cunhado e posteriormente alçado a cargo de diretoria do BB em Brasília), Guiomar Germani (então também aluna no Gastão Vidigal, depois na UEM e nos últimos tempos com renomada atuação no mundo universitário em Salvador (BA)), abaixado (não lembrada a identificação), Vanderley Zarpelon (futuro gerente da Agência do BB em Irati (PR) e também grande mestre na elaboração de uma polenta com frango, com milho branco de Irati, sua cidade natal), Alcindo de Souza Franco (algum tempo depois, brilhante advogado formado na UEM), Celso Guedes Luiz (ex locatário da Av. Anchieta, 660) e Nilson Luiz Paes Leme Gonçalves Damasceno (o mineiro que mais amou a AABB Maringá).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Começamos a procurar propriedades que estariam à venda na região. A grana disponível, mesmo somada, não era muita, mas cada um contava também com opção de melhorar os recursos, recorrendo à obtenção de mais crédito, inclusive a Iraci (cunhada) para ajudar o pai João e eu, com as comentadas ações do Banco do Brasil que possuía, cuja venda poderia garantir alguma possível emergência financeira.

Procurando evitar sempre corretores de imóveis, andamos muito à procura de um negócio razoável para nossas pretensões, mas foi um corretor, do qual nos desviávamos sempre, que nos apresentou a propriedade que acabamos comprando, cuja vendedora, viúva Coelho, morava ao lado de minha casa, na Zona 2 em Maringá.

Em outubro de 1973, adquirimos o Lote 183 da Gleba Pinguim, no município de Maringá (PR) com área de 25 alqueires, distante 5 km da cidade, na Estrada Pinguim em frente à Capela Bom Jesus, contendo uma casa na cabeceira e outra nos fundos, junto a um barracão e a restos de uma máquina de café, cuja atividade fora desativada e onde se iniciava destoca/limpeza de área para mecanização destinada a plantio de soja, milho e trigo (FOTO 91).

A negociação foi feita em percentuais iguais (1/4) para cada um. Os sócios (menos eu) fizeram seus cadastros em banco, inclusive no Banco do Brasil, com objetivo de solicitar financiamentos para aquisição de maquinários e para obtenção de recursos de custeio de safras, pois os serviços que se apresentavam não eram poucos.

Foi uma iniciativa coberta de êxito de vez que, já no primeiro ano de atividades, financiando os maquinários necessários, inclusive uma colhedeira automotriz da marca Massey Ferguson 210, obtivemos bons recursos, inclusive através de colheita de soja e trigo de terceiros, pois João e Valdemar foram colher soja e trigo até mesmo no município de Ivatuba (PR), em áreas de amigos e parentes.

João e Valdemar recebiam um pró-labore por seus serviços e João recebia ainda uma ajuda-de-custos por disponibilizar seu Jeep Willy para o trabalho. O caixa ficava com João e após cada colheita fazia-se a devida prestação de contas com o rateio de resultados.

Em 1977 Edison resolveu retirar-se da sociedade, vendendo sua parte aos parceiros.

**Foto 91** - Em set/1986 na Gleba Pinguim, Lote 183 no município de Maringá, João Girardi (71) e Hugo Hoffmann (48) juntos à plantação de trigo. A esse tempo João (sogro) já havia alienado em 1981 sua parte na parceria agrícola aos sócios restantes Valdemar e Hugo.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Foram anos de trabalho levados bastante a sério e com marcante entusiasmo, num período em que a mecanização agrícola, ainda com parca tecnologia, começava a impor-se como alternativa regional aos cafezais fulminados por geadas e/ou pela ferrugem. A atividade era abraçada com notável empenho pelos sócios João e Waldemar, que entendiam do assunto, demonstrando interessarem-se por aquilo que faziam e do que se lhes impunha, justificando os bons resultados (FOTO 92).

**Foto 92** - Em set/1995 na Gleba Pinguim em Maringá (PR), Renato Hoffmann em meio a plantio de canola.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 5.2 Um financiamento PREVI/CARIM

Após doze anos de serviços no Banco do Brasil, fui contemplado com financiamento através da Carteira Imobiliária (CARIM) da Caixa de Previdência dos Funcionários do Banco do Brasil (PREVI), que oportunizava conquistar a casa própria. Como tínhamos nossa casinha (tendo essa já passado por três reformas), concluí que o valor das prestações iria pesar muito no salário e não haveria retorno que compensasse o empreendimento, de vez que vivíamos dias de alta taxa de inflação. Em vista disso propus, ao sócio primo Valdemar, uma compra fictícia da casa dele, visando a utilizar os recursos do financiamento na aquisição de mais uma área agrícola, pois o momento indicava ser bem mais vantajoso do que comprar/construir uma casa.

Após a hipoteca da casa de Valdemar em favor da CARIM, recebi em 23/04/1974 os recursos do financiamento e comprei o Lote 39 da Gleba Patu, com área de 13,88 alqueires paulistas, escriturando-o em condomínio meio-a-meio com o primo, conforme havíamos combinado. (Esse imóvel encontra-se hoje sob a pista do Novo Aeroporto de Maringá).

Era uma propriedade próxima de Maringá colonizada por uma família de descendentes de japoneses, contendo um parreiral de uva Itália (100 pés), umas 15 jabuticabeiras adultas, uns 30 caquizeiros e bem ao fundo, uns 50 pinheiros, além de instalações de tulhas de café e duas casas, uma delas com instalações de ofurô (tanque em alvenaria que permitia aquecimento da água para banhos em imersão) muito apreciado pelos orientais que o construíram.

A essa altura, mais uma vez enfrentávamos a erradicação de sofridos cafeeiros para implantar lavouras de soja, milho e trigo. Embora já contássemos com maquinários em sociedade na Gleba Pinguim, buscamos financiamento no Banco do Estado do Paraná S.A. (Banestado, hoje extinto) para adquirir mais um trator e alguns implementos.

No começo morava na propriedade um casal de japoneses que cuidava da uva, dos caquis e das jabuticabas e o “Boca-Quente”, um velhinho de cor negra, gente boa e amigo duma pinguinha.



Mais tarde o cunhado Celeste, aí trabalhando, casou-se com a filha do vizinho e passou a morar na casa principal, período em que lá nasceram seus três filhos Fernando, Fernanda e Rodrigo. A família de japoneses havia deixado a propriedade, mas a essa altura eu já havia instalado luz elétrica e poço artesiano, utilizando recursos da venda de uma licença prêmio auferida no Banco do Brasil.

Os plantios e colheitas eram conduzidos por Valdemar e o sogro João, esse aproveitando a ocasião para acompanhar e orientar o filho Celeste e a família dele, até o dia em que, chegando à propriedade, a encontrou abandonada, sendo surpreendido por informação do Boca-Quente de que o “capataz” (Celeste) mudara-se para a vizinha cidade de Paiçandu (PR) com a família.

Acabei contratando outro casal (o Zé e a Dona Mercedes) para cuidar da propriedade e nesse período tive um pesado dissabor com o vizinho Pedro Montagnoli, que pôs fogo na palhada, após o trigo colhido, causando grande estrago nas jabuticabeiras e outras fruteiras, cujos bens ele chamou de porcária. (Levei-o à justiça, por mera desforra, e acabei reembolsando os 50% da indenização devida pelo condômino de Pedro, pois fora apenas um ajuste-desabafo devido à conduta desafortada do vizinho.

O lote foi vendido posteriormente para o próprio vizinho Pedro em 1981, com negócio conduzido pelo sócio primo Valdemar. “Ainda bem”, concluí muitas vezes, pois algum tempo depois, a propriedade foi desapropriada para construção do Novo Aeroporto de Maringá.

### 5.3 A Construção da casa nova na Avenida Anchieta/Santa Maria

Em 1978, lecionava no período da manhã na UEM, havia deixado o setor de cadastro no Banco do Brasil e comandava os serviços de compensação de cheques, que eram realizados, naquela época, entre as 24 instituições bancárias da cidade de Maringá, na Agência Centro do BB, em horários das 16h00 às 24h00 (se fechasse o resultado das trocas, caso contrário poderia estender-se bem mais, o que às vezes costumava acontecer).

As quatro horas livres durante o dia (12h às 16h), levou-me a empreender a construção de uma nova casa no mesmo terreno em que morávamos, ocupando a parte dos fundos, com frente para a Rua Santa Maria, por ser esquina e não deter construção.

Contando com os serviços de engenharia civil do ex-aluno Luiz Moreira de Carvalho Filho, elaboramos um projeto de sobrado com 450 m<sup>2</sup> de construção, impondo inúmeras particularidades: estilo colonial, tijolinhos a vista, duas sacadas laterais, seis quartos com uma suíte, biblioteca, adega, garagem para dois carros e outras instalações subterrâneas, inclusive vitrôs personalizados, assoalhos em pranchas de ipê e portas estilo mexicano em mogno, ambas as madeiras importadas do Paraguai. (Naquele tempo tudo isso podia acontecer com algum empenho) (FOTO 93).

**Foto 93** - Em 1980, nossa casa já pronta, à Av. Anchieta, 660, hoje Av. São Paulo/Esquina com Santa Maria em Maringá, onde Loretta e Lilene, Ricardo e Renato, estão de saída para uma voltinha de Fiat 147 (volta rápida).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Eu havia contratado financiamento junto ao Banco Banespa, na modalidade RECON, a médio prazo, pois deveria utilizar também recursos provenientes da venda de ações do Banco do Brasil, cuja comercialização já deveria ter ocorrido há mais tempo, pois sua cotação estava em queda constante na bolsa.

As ações do Banco do Brasil que eu possuía naquele tempo, início da década de 1970, tinham uma história à parte. Naquele tempo (década de 1960) formáramos um grupo de colegas que, vez ou outra, quando sobrava grana, destacava uma pessoa para ir ao Rio de Janeiro para comprar esses documentos, pois em Maringá não havia representação da Bolsa de Valores. Esses títulos passavam por uma valorização fantástica tanto em valor unitário quanto em bonificações em novas ações. Num determinado tempo, eu detinha tal valor em ações, suficiente até para comprar até uma bela fazenda. Com alteração de diretrizes de governos (1978 em diante) essa valorização foi caindo e, por conveniência, optei por deixar esse patrimônio como reserva para futuras oportunidades, como de fato foi ocorrendo (FOTOS 94, 95).

**Fotos 94** - Em 1988, frente já ajardinada de nossa casa, voltada para a Rua Santa Maria, em Maringá.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 95** - Eu e Loretta (nov. 1988) no jardim de nossa casa em lance da Av. Anchieta, 660 (hoje Av. São Paulo).





A construção da casa, como tal, demorou quase três anos (fizemos mudança em 1980), pois nela trabalhavam apenas três pessoas, exceto por vezes, também com alguns serviços em empreita, já que não tínhamos pressa em concluir o projetado, de vez que morávamos ao lado, aguardando apenas a conclusão dos serviços para mudarmos e então demolirmos a antiga casa.

A meia data ocupada pela casa velha foi transformada em um belo gramado que foi muito bem aproveitado por todos em muitas festas e em desafios atrás de qualquer bola que aparecesse. Em 1993, quando Lorette se aposentou na UEM, o FGTS dela gerou também uma bela piscina no local.

#### **5.4 Uma surpresa extremamente desagradável**

Já aposentado, certa tarde de sábado eu voltava para casa de carro, pois tínhamos compromisso logo à noite num jantar dos aposentados do Banco do Brasil. Após estacionar na garagem, depois de o portão fechar, acionado pelo controle remoto, fui surpreendido por dois assaltantes armados, que foram logo pedindo a chave do carro (Fiat Strada) e que abrisse a porta da casa, pois era um assalto.

Lorette estava em casa e, bem por isso, fui logo sinalizando a ela de que estávamos sendo assaltados. Sem reação de nossa parte, fui amarrado e permaneci no quarto do casal com um dos assaltantes, munido de faca, enquanto Lorette acompanhava o segundo ladrão pela casa, em busca de armas, joias e dinheiro, como queriam eles. A certa altura nosso telefone tocou (ainda não havia celulares), ao que um deles imediatamente o arrancou da tomada. Lorette foi logo alertando de que iríamos ter visita, ocorrência essa que os deixou ainda mais preocupados e tensos do que já estavam.

Acabaram levando a Strada, algumas joias e bijuterias, uma filmadora, um maço de dinheiro antigo em notas novas, achando (talvez) que fossem dólares e outras coisas mais, nos deixando amarrados e presos no quarto. Como tínhamos conosco as chaves do outro carro, juntamente com as da entrada na casa, ao nos livrarmos das amarras, chamamos o vizinho e jogamos-lhe o chaveiro pela janela, com o que acabamos sendo libertados do cativo em nossa própria casa.

O carro foi localizado pela polícia na cidade de Sarandi naquela mesma noite. Um dos ladrões foi identificado, pois acabou perdendo a carteira e seus documentos dentro de nossa casa, inclusive com alguns trocados que nos havia surrupiado. Como não concordamos em participar de sessão de identificação presencial promovida pela polícia, o caso foi dado como encerrado.

Essa ocorrência passou a pesar muito em nossa vivência do dia a dia, aí morando apenas os dois em um ambiente que fora muito bom enquanto morávamos com os três filhos e mesmo com outras pessoas que moraram conosco (Nica, Érica, Fernando, Fernanda, Altemar, Vó Lídia), que foram sempre muito bem vindos em nossa casa.

Apontamento: Em 10/10/2005, após algumas propostas, a casa foi vendida pelo motivo acima e também para ajustar compromissos financeiros gerados por ocorrência de duas frustrações sucessivas de safra 2004/2006 na Fazenda Maringá (Capítulo 9).

#### **5.5 Aquisição de mais áreas agrícolas**

Em 1981, com recursos da venda do lote que hoje está sob o Novo Aeroporto de Maringá (Gleba Patu), liquidei o empréstimo da PREVI/CARIM (já mencionado), liberando com isso a hipoteca da residência do primo Valdemar, como havíamos combinado.

Com o saldo da venda desse lote, acabei fazendo outro negócio, adquirindo o lote 177, com 25 alqueires também na Gleba Pinguim (próximo ao que detínhamos), com prazo de três anos para pagar, cujo dono de nome Djalma, muito amigo do primo Valdemar (parceiros de jogo de bochas e de trucadas), enfrentava forte desânimo com as lides agrícolas. O negócio calhou tão bem em nosso esquema em andamento, que acabei escriturando 5 alqueires para o sócio Valdemar, que fora o principal negociador da transação.

A agricultura, nesse período, continuava passando por uma desafiante mudança de cafeicultura para mecanização agrícola, onde o produto café (em declínio, por revezes da natureza e custo desenhado da mão de obra) vinha sendo conduzido com predominância de trabalho braçal, enquanto a soja/ milho/ trigo (em ascendência opcional), com produtos encetados pela mecanização,



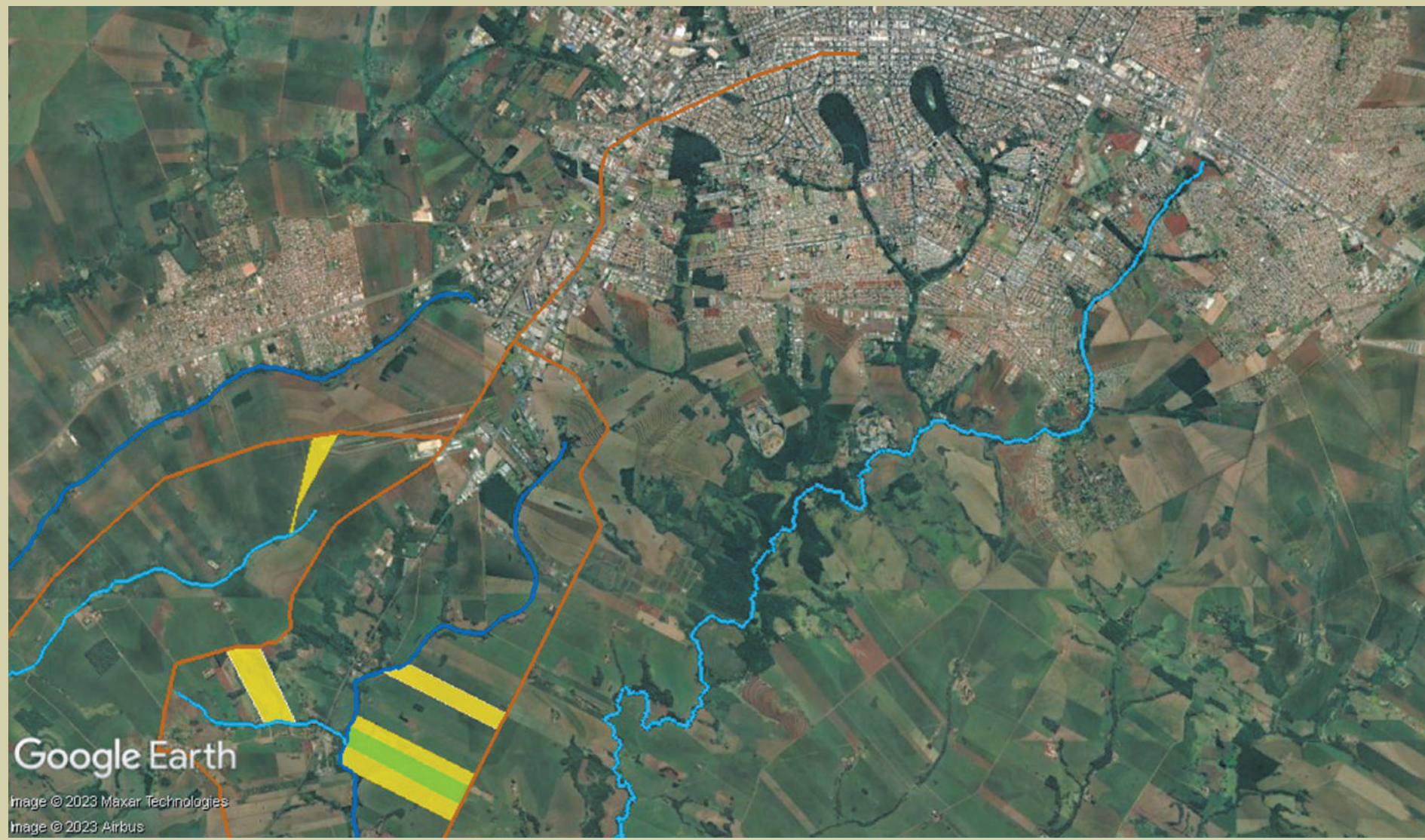
cobravam altos investimentos em maquinários e tecnologia. Essa alternância de situações acabava gerando uma dinâmica de negócios, ativando interesses de quem saía de uma atividade e de quem estava entrando em outra, o que nos levou a comprarmos mais áreas próximas às que já explorávamos.

Adquirimos ainda, em condomínio, os lotes 176/178, contíguos ao 177, fechando uma área descontínua de quase 60 alqueires, aproveitando sempre oportunidades, já que detínhamos

infraestrutura suficiente para aumentar nossas atividades na mecanização.

Nesse tempo ainda, início de 1985, adquirimos mais os lotes 225/226, uma área de 20 alqueires em pasto, à direita do acesso ao Distrito de Floriano, com cabeceira no córrego Miringava, a que demos o nome de Estância Roda D'Água, onde iniciamos atividades com gado leiteiro. Nessa negociação eu fiquei com parte maior (13/20) do condomínio (MAPA 8).

**Mapa 8** - Mapa de áreas adquiridas em parceria João, Edison, Waldemar e Hugo no município de Maringá, assinaladas em amarelo/verde.



Fonte: DEPRÁ (2023).<sup>34</sup>

<sup>34</sup> Arte cartográfica, gentileza do memorialista Marco António Deprá.





## 5.6 Fim da parceria Hugo/primo Valdemar

As atividades e negócios, que vinham sendo realizados com o primo Valdemar desde 1973, não deixavam de ser proveitosos e lucrativos para ambos, havendo sempre bom entendimento na parceria. Ocorria, porém, que além de apresentarem já certa complexidade em termos de valores e controles, passou a surgir a necessária cobrança de satisfação em termos de decisões e prestações de contas junto a cada família, pois os filhos, a essa altura, eram partícipes das atividades familiares.

Certo dia, após bastante análise, propus ao primo Valdemar que separássemos as terras e maquinários que possuíamos em condomínio, argumentando que tal medida beneficiaria a ambos, pois tanto meus filhos quanto os dele já estavam iniciando a participar das atividades. Essa medida denotava ser favorável a ambos, pois daria liberdade às decisões de família. Depois de muitas considerações e trocas de ideias, houve concordância em individualizar o condomínio, quantificando e distribuindo os recursos da parceria que caberiam a cada um.

A mim coube fazer um levantamento dos haveres comuns que deveríamos individualizar através de permuta. Fiz duas relações de bens, cujos valores somavam Cr\$ 937.500.000,00 cada e passei ao primo para que ele escolhesse com qual parte escolheria ficar. Em 01 de novembro de 1985 elaboramos um Instrumento particular de permuta e a partir de então cada um tocou sua parte, ele com ajuda de seus filhos e eu, contratando 2 empregados (o Natanael Gomes de Araújo e o Nilson Rodrigueiro), com acompanhamento dos filhos Ricardo e do Renato (FOTO 96).

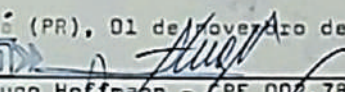
Foto 96 - Documento particular de permuta, individualizando o condomínio, que permaneceu por 12 anos entre os dois primos Waldemar Nazari e Hugo Hoffmann.

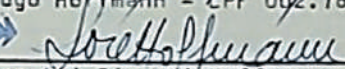
INSTRUMENTO PARTICULAR DE PERMUTA  
=====

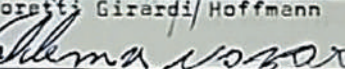
Por este instrumento particular de permuta os signatários HUGO HOFFMANN e sua mulher LORETTI GIRARDI HOFFMANN, brasileiros, casados, residentes e domiciliados em Maringá (PR), e VALDEMAR NAZARI e sua mulher PALMIRA VITALI NAZARI, brasileiros, casados, residentes e domiciliados em Maringá (PR) ajustam entre si a permuta de imóveis, máquinas e implementos a seguir descritos:

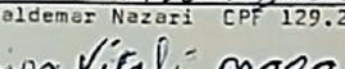
- Hugo Hoffmann e sua mulher, proprietários legítimos de:
  - 4/5 (20 alq. pta.) lote 177, gl. Pinguim, em Maringá, valor Cr\$ 650.000.000
  - 1/2 (2,5 alq. pta.) lote 178-A, gl. Pinguim em Maringá, valor Cr\$ 50.000.000
  - 2,5 alq. pta. do lote 176-B, gl. Pinguim em Maringá, valor Cr\$ 56.250.000
  - 1/2 de um trator MF 275/80, valor ..... Cr\$ 40.000.000
  - 1/2 de um trator MF 275/81, valor ..... Cr\$ 40.000.000
  - 1/2 de uma Colheitadeira MF 310/75, valor ..... Cr\$ 45.000.000
  - 1/2 de uma Colheitadeira MF 310/76, valor ..... Cr\$ 45.000.000
  - 1/2 de uma grade niveladora 32 discos, valor ..... Cr\$ 11.250.000 somando ao todo Cr\$ 937.500.000 ( novecentos e trinta e sete milhões e quinhentos mil cruzeiros), permutam com Valdemar Nazari e sua mulher a propriedade dos seguintes imóveis, maquinários e implementos:
  - 5/9 dos lotes 176-A e 176 (5 alq.), gl. Pinguim, Mgá, vl.. Cr\$ 150.000.000
  - 1/2 do lote 183 (12,5 alq. pta.), gl. Pinguim, Maringá, vl. Cr\$ 437.500.000
  - 7/20 dos lotes 225 e 226, gleba Pinguim, Maringá, valor .. Cr\$ 140.000.000
  - 1/2 de uma colheitadeira MF 3640/85, valor ..... Cr\$ 75.000.000
  - 1/2 de um plantio direto Beldan, 15 linhas, valor ..... Cr\$ 20.000.000
  - 1/2 de um trator Valmet 880/83, valor ..... Cr\$ 45.000.000
  - 1 alq. pta. do lote 176-B, gl. Pinguim, Maringá, valor ... Cr\$ 40.000.000
  - 34 cabeças de gado, diversas idades, valor ..... Cr\$ 30.000.000 que somam igualmente o valor de Cr\$ 937.500.000 ( novecentos e trinta e sete milhões e quinhentos mil cruzeiros).
- A posse desses imóveis, maquinários e implementos é dada ao interessado com a assinatura do presente documento particular de permuta.
- As escrituras definitivas dos imóveis ora permutados serão providenciadas pelos permutantes interessados, quando melhor lhes convier, correndo as despesas por sua conta.
- Os impostos lançados sobre os imóveis permutados correrão por conta do novo proprietário, mesmo que seja devido por período anterior à permuta.
- O presente contrato particular de permuta é irrevogável e irretroatável, obrigando-se as partes contratantes ao seu fiel e integral cumprimento por si, seus herdeiros e sucessores.
- Fica eleito o foro desta comarca de Maringá (PR) para dirimir quaisquer questões resultantes do presente contrato de permuta.
- E por estarem assim justos e contratados mandam datilografar o presente em duas vias de igual teor e forma, cujo cumprimento se obrigam e assinam com as testemunhas abaixo que a tudo presenciaram.

Maringá (PR), 01 de Novembro de 1985.

1.º TABELÃO   
Hugo Hoffmann - CPF 002.788.589-53

1.º TABELÃO   
Loretta Girardi Hoffmann

1.º TABELÃO   
Valdemar Nazari - CPF 129.226.339-34

TESTEMUNHAS: 1.º TABELÃO   
Palmira Vitali Nazari



## 5.7 Ricardo e Renato participando das atividades

O envolvimento com a atividade agrícola que desenvolvíamos certamente deve ter influenciado na decisão dos filhos Ricardo e Renato, levando-os a optarem por cursar o ensino superior na área de agronomia, ambos classificando-se no primeiro vestibular que realizaram na Universidade Estadual de Maringá (UEM), nos anos de 1985 e 1989 respectivamente.

O Ricardo passou a participar efetivamente das atividades após a formatura, quando além de envolver-se nos plantios e colheitas, iniciou atividades com estufas destinadas a plantio de pepinos, tomates, melões (era quase um japonês), obtendo excepcional desempenho na produção. Os revezes, no entanto, surgiram logo na forma de temporais que escolhiam sempre suas coberturas plásticas para nelas descarregarem sua fúria ou então a Cooperativa Cotia, para receber toda a colheita de melão de uma safra e entrar em insolvência, deixando como prejuízo até o frete dos produtos para a cidade de São Paulo.

A constatação técnica de produtividade fora comprovada (belos melões, tomates e pepinos), mas bolso vazio não atendia aos princípios do projeto. Ricardo fez concurso para trabalhar na Emater, onde atuou por certo tempo em cidades próximas a Maringá, depois foi contratado pela empresa multinacional CARGIL e então está atuando no controle

administrativo e financeiro de empreendimento em São Paulo (SP) e não mais voltou para a atividade agrícola da família.

O Renato, após a formatura e mesmo antes, foi se envolvendo com o trabalho dos empregados Natanael e Nílson, conduzindo as atividades que detínhamos (exceto as estufas), no plantio de soja, milho, trigo, canola nas áreas da Gleba Pinguim e na produção de leite e gado de corte na Estância Roda d'Água, no Distrito de Floriano, cujos serviços eram atendidos pelo empregado Paulo Cezar (FOTOS 97 e 98, 99, p. 122).

**Foto 97** - Vista aérea da Estância Roda D'Água no distrito de Floriano/Maringá (PR). O nome Roda D'Água foi dado com intuito de não deixar dúvidas de que a mina d'água, que nasce em ponto quase limítrofe com o vizinho, fora sempre de propriedade de nosso imóvel. O vizinho nos questionava e montara um projeto para utilizar a mesma água, mas por desdita dele, o técnico errara (na aposição da virgula) no cálculo de vasão da mina, fato que o obrigou a abrir um poço artesiano para atender o projeto e nos deixou em paz.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 98** - Vacas da raça Simental sendo alimentadas ao canzil no estábulo da Estância Roda D'Água no distrito de Floriano/Maringá (PR).



**Foto 99** - Um final de expediente na Estância Roda D'Água, com a presença do Geraldo (vaqueiro, "Terror do Vale do Miringava"), Renato (o comandante), José (um comandado) e Paulo Cezar (o capataz).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## CAPÍTULO 6

### 6.1 Peregrinação à Terra Santa, Egito e Europa

No decorrer do ano de 1984 acompanhávamos (eu e Loretta) um grupo que, em alguns fins de semana, participávamos de palestras proferidas pelo teólogo Pe. Fernando Carneiro Cardoso, que vinha a Maringá, era professor e conduzia inclusive um programa de TV em São Paulo. Poliglota, de fala fácil, clara e concisa, ele costumava tirar suas férias em viagens quase sempre no exterior, ocasiões em que, dado o fato de dominar várias línguas, recebia a cortesia de acompanhar grupos de excursionistas a cidades, pontos turísticos e santuários de vários países.

Em dezembro daquele ano aderimos a um programa de peregrinação à Terra Santa em Israel, prevendo passagens pela cidade do Cairo no Egito e por cidades turísticas e históricas da Europa, cujo roteiro Pe. Fernando já havia feito e dele participaria.

### 6.2 De Campinas (SP) a Madri (Espanha)

Partindo do aeroporto internacional de Viracopos em Campinas amanhecíamos o dia 31 de dezembro de 1984 em Madri e éramos hospedados no Hotel Los Galvos. À tarde participávamos de um passeio a Toledo, cidade medieval à beira do rio Tejo, cercada de muralhas, a 60 km de Madri (FOTOS 100, 101).

Fotos 100, 101 - Cidade Medieval de Toledo-ESPANHA às margens do rio Tejo.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Retornando, à noite fomos surpreendidos pelo costume espanhol de comemorar o réveillon em família, quando nos sentimos sós no hotel. Como éramos um grupo de 18 pessoas, alguns de espírito bastante expansivo, resolvemos comemorar um réveillon diferente. Reunimo-nos no recinto do bar do hotel, após cada um levar para o local o que poderia oferecer para comer e beber. Foi uma descontração total e mesmo alguns “quitutes” do bar foram disponibilizados.

No dia seguinte à tarde passeamos por Madri, não deixando de apreciar a comemoração popular de Ano Novo junto à “*Puerta del Sol*”, visitar a Praça Cervantes, Palácio Oriental e outros mais pontos turísticos. Como retornaríamos a Madri para o voo de regresso ao Brasil deixamos mais programações para o retorno (FOTO 102).

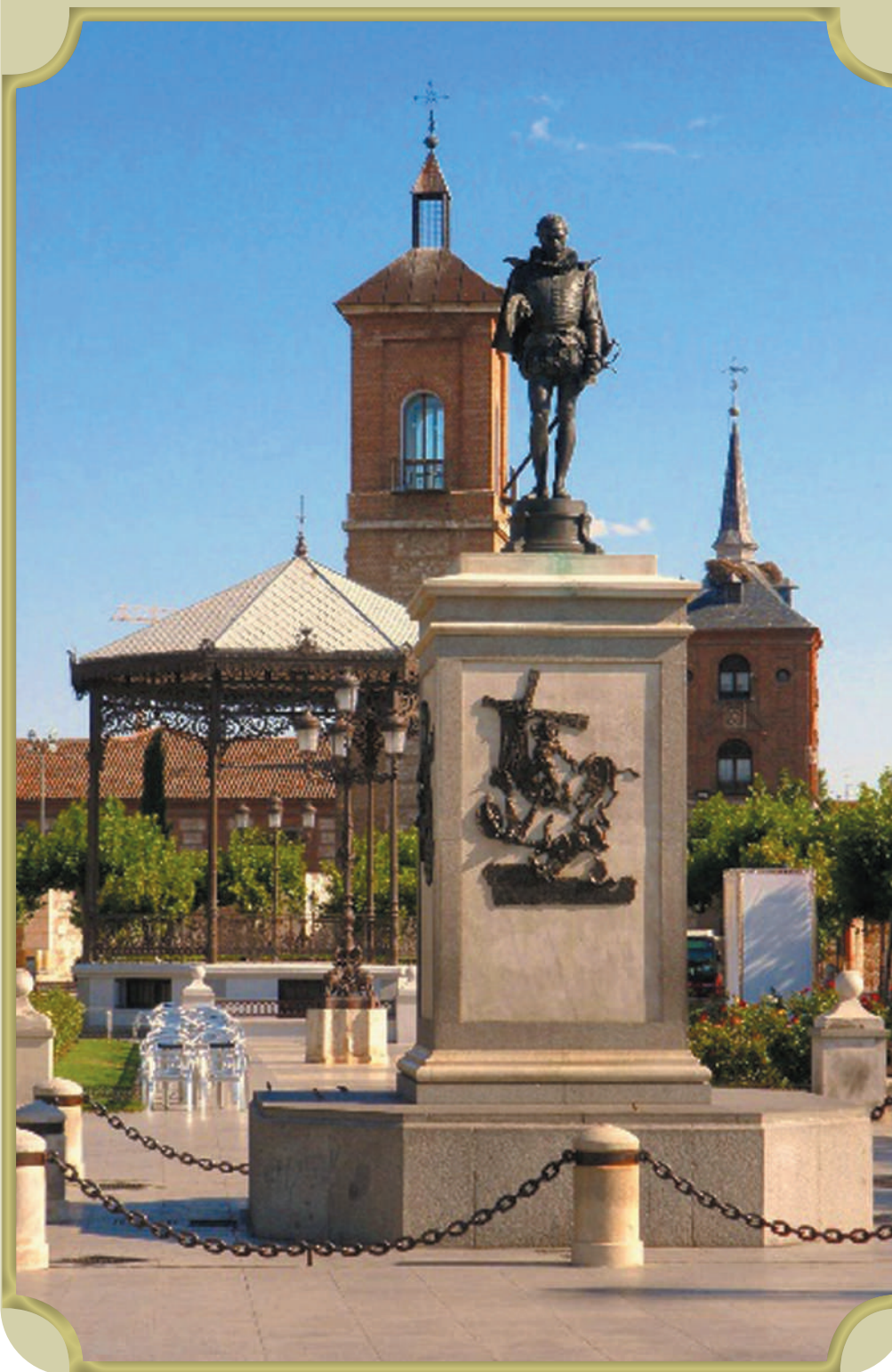
### 6.3 Em Tell Aviv e cidades da Terra Santa

Em 02/01/1985 partindo do aeroporto de Madri, com escala em Barcelona, chegávamos à Tell Aviv, quando, após carimbar os passaportes e tomarmos o ônibus que nos levaria ao hotel, o dia já escurecera. Primeiras impressões pelo caminho: “Se não fossem os letreiros em inglês a impressão seria estar em outro mundo”, tais eram as diferentes inscrições próprias para árabes e judeus.

Ao jantarmos no Marina Hotel Tell Aviv, fomos apresentados a Pe. Sabiá, um sacerdote cearense, conterrâneo e colega de Pe. Jesuflor (sacerdote e professor em Maringá) que seria nosso guia pelos pontos da Terra Santa. Pe. Sabiá dominava as línguas e conhecia os costumes locais, o que sinalizava ser importante para que pudéssemos sentir-nos seguros em todos os locais visitados, pois permaneciam as muitas desavenças entre árabes e judeus, principalmente após a guerra de 1967 (FOTO 103, p. 125).

Pe. Sabiá, em primeiro contato, nos dizia: “Aqui é mesmo uma Terra Santa. Os judeus estão voltando para cá e a fé é coisa séria para eles. Tell Aviv é uma cidade moderna fundada em 1909 e a ONU quer que seja a capital de Israel, pois aqui estão as embaixadas, mas os judeus querem Jerusalém, onde está instalado o seu governo”.

Foto 102 - Praça Cervantes em Madri-Espanha.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 103** - Cidade de Tell Aviv e suas placas indicativas.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

No primeiro dia, além de Tell Aviv visitamos também a cidade de Jaffa, considerada a porta do Cristianismo para o mundo não judeu e conhecemos ainda a histórica Cesareia Marítima, onde residiram os reis do tempo de Herodes Agripa e onde se encontram ruínas de templos bizantinos e do famoso anfiteatro (semidestruído, mas sendo utilizado por turistas em apresentações). Próximo daí ficavam também os restos da fortaleza em que o apóstolo Paulo ficou preso por 2 anos, por exigência dos judeus. (A expressão correta seria “ficou protegido por 2 anos”, pois as acusações que sofria por parte dos judeus não convenciam a autoridade romana, que entendia que, se solto, seria matado) (FOTO 104).

Seguindo a programação chegamos a Haifa (cidade industrial considerada a São Paulo de Israel) famosa também por seus 3 portos: o social, o comercial e o militar. Na parte alta da cidade, se situa o bíblico Monte Carmelo com a caverna do profeta Elias (enfrentou os 450 sacerdotes canaanitas do deus Baal) e onde se localiza o Mosteiro em que foi fundada a Ordem Carmelita. Aí almoçamos.

À tarde alcançamos a cidade de São João Acre, situada na mesma região plana e rica em agricultura, onde chamam a

**Foto 104** - Foto do Anfiteatro de Cesareia Marítima em Israel.



atenção dos turistas as muitas ruínas de construções realizadas pelos cruzados, inclusive a famosa fortaleza erigida para, a partir dela, garantir a posse da Terra Santa pelos cristãos (Jerusalém foi conquistada pelos cruzados no ano de 1099 d.C.). Foi lembrado aí o notável fato de Napoleão, que vinha vitorioso do Egito, ter sido rechaçado pelos árabes com ajuda dos ingleses.

Assistir a uma missa na Basílica da Anunciação em Nazaré era a programação ainda prevista a ser cumprida naquele dia, lá onde os frades franciscanos desde o ano de 1300 são os responsáveis por proteger aquele lugar sagrado para os cristãos e onde é mantida a gruta em que o anjo anunciou a Maria que ela haveria de ser a Mãe do Salvador do Mundo (FOTOS 105, 106, p. 126).

Já escurecia quando deixamos a Basílica, construída sobre ruínas da antiga, erguida pelos cruzados, onde, em sua nave inferior, se encontram preservados restos arqueológicos da Gruta da Anunciação. Deixamos então Nazaré, passando por Caná da Galileia (local do primeiro milagre de Jesus) e chegamos à Tiberíades e nos hospedamos no Moriah Jordan River Hotel, recém inaugurado, e de extremo luxo.



**Foto 105** - Basílica da Anunciação, situada na cidade de Nazaré-ISRAEL.



**Foto 106** - Cidade de Nazaré-ISRAEL em que se situa Basílica da Anunciação.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 6.4 O Mar da Galileia (Lago de Tiberíades)

Na manhã do dia 04/01/1985 tomamos uma embarcação, com assentos elevados e boa visibilidade, rumo às ruínas de Cafarnaum do outro lado do lago de Tiberíades, também denominado Mar da Galileia. Ao meio da travessia o motor da embarcação foi desligado por alguns instantes, a fim de que, ao sabor do silêncio, ouvindo-se apenas o marulhar das águas e um leve som ambiente, fosse propiciado a todos interiorizarem a sensação de grandeza sagrada daquele local sentida inúmeras vezes por Jesus e seus apóstolos (FOTO 107).

Na antiga Cafarnaum Jesus iniciou sua vida pública e fez a escolha de seus apóstolos entre pescadores. Após visitar as ruínas da antiga sinagoga, em que Jesus proferiu as famosas palavras sobre o Pão da Vida, dirigimo-nos a um local do lago em que Jesus apareceu ao apóstolo Pedro, após sua ressurreição, quando ocorrera a pesca milagrosa. Todos tiraram seus calçados e entraram nas águas transparentes e rasas, cujo solo era formado por areia e pedras claras e polidas pelas águas ao longo do tempo.

**Foto 107** - Loretti junto às águas do Mar da Galileia ou Lago de Tiberíades em Israel.(extraída de filme Betamax obtido na ocasião).





Israel trata o lago de Tiberíades com cuidado extremo tanto com relação à pesca quanto com a utilização de suas águas, cujo emprego excessivo na agricultura vem baixando seu nível.

Daí nos dirigimos a uma igreja reconstruída, ostentando ricos mosaicos, sobre o local em que Jesus realizou o milagre da multiplicação dos 5 pães e dos 2 peixes (interpretado como o milagre da fraternidade) e então rumamos, em estradas asfaltadas, para o Monte das Bem Aventuranças (FOTO 108).

Após uma reflexão conduzida por Pe. Sabiá, sobre as bem aventuranças, única e singular por ocorrer no próprio local em que foram proclamadas por Jesus, deixamos o local e, contornando o lago, ao longo da encosta das Colinas de Golan, passando sempre por prósperos “*quibuts*” (organizações de colônias de trabalho coletivo) e após atravessar o rio Jordão, fomos almoçar o “Peixe de São Pedro” já à margem direita do Lago de Tiberíades.

À tarde a programação previa a subida ao alto do Monte Tabor (588 m), onde assistiríamos a uma missa concelebrada por Pe. Sabiá e Pe. Fernando na Basílica da Transfiguração. O cume do Monte Tabor, que foi sempre um ponto estratégico do mundo bíblico, situa-se em ampla planície próxima a Tiberíades e pode ser escalado, até meia altura, via ônibus por caminhos em zigue-zague

e daí, até ao alto, somente por automóveis.

Em regresso ao hotel, ao entardecer daquela bela sexta-feira (início do sábado judeu), aguardava-nos um jantar de gala que reunia todos os hóspedes em um amplo salão, apresentando apurado requinte na ornamentação, com farta presença de perfumados cravos vermelhos, que realçavam o brilho dos cristais em que seria servido também o precioso Vinho do Carmelo, brinde da casa.

No sábado, após um show de café-da-manhã, deixamos Tiberíades e rumamos para a cidade de Jericó, acompanhando sempre o curso do rio Jordão, em trajeto que apresenta, em toda a extensão, a presença de cercas em arame farpado, implantadas por Israel para impedir invasores da parte da Jordânia.

Jericó está localizada em um verdadeiro oásis do Deserto de Judá e é mencionada como a cidade mais antiga da história (desde 4.000 anos a.C.), sendo célebre sua fonte, onde todos aproveitamos a oportunidade de beber de sua água, próximos à qual também almoçamos (FOTO 109).

Jericó foi considerada cidade estratégica para o Cristianismo, pois daí Jesus partiu para a região norte (região de Tiberíades) para iniciar sua vida pública e daí partiu também para o sul (Jerusalém) para encerrar sua missão com a morte na cruz.

**Foto 108** - Na parte baixa o Mar da Galileia e ao alto o Monte das Bem Aventuranças em Cafarnaum-Israel.



Fonte: Plataforma Google.

**Foto 109** - Cidade de Jericó em Israel, desde 4.000 a.C.







## 6.5 O Mar Morto

À tarde alcançávamos o Mar Morto, hoje a 420 m abaixo do nível do mar (diz-se que baixa um metro por ano) e fizemos uma parada numa de suas praias, tomando os cuidados recomendados para o contato com suas águas muito salgadas. Alguns adentraram em suas águas e até boiaram realmente, tomando o cuidado de procurar logo as instalações disponibilizadas para banhos com água normal (FOTOS 110a, 110b, 110c).

Israel utiliza as áreas próximas ao Mar Morto, até junto à praia, para plantios principalmente de uvas e mantém controles com cercas de arame farpado, que por vezes adentram às próprias águas.

Seguindo a programação do dia alcançamos o maciço de Massada, onde Herodes construíra (20 a.C.) seu palácio de inverno, com os mais finos recursos de lazer então existentes e farto provimento de gêneros alimentícios possíveis, onde, no ano de 70 d.C., mais de 900 judeus sacrificaram-se mutuamente, envolvendo suicídio apenas para o último deles, no dia em que iriam cair prisioneiros do exército romano, comandado por Tito, após a grande revolta dos judeus, que causou a segunda destruição do Templo de Jerusalém.

Fotos 110a - O Mar Morto em Israel.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

Fotos 110b, 110c - Hugo e Loretti nas águas do Mar Morto em Israel (Obtidas de filmagem em Betamax na ocasião da peregrinação).





Visitamos ainda Qumram e grutas junto à encosta montanhosa onde foram encontrados em 1948 manuscritos bíblicos do 1º século de nossa era (600 obras em cavernas provindas dos essênios) e então subimos para Jerusalém (1200 m acima do nível do Mar Morto), onde nos hospedamos no Hotel Shallon.

No domingo, 06/01/1985, fomos assistir a uma missa na cidade de Belém, a 8 km de Jerusalém, enfrentando forte e demorado esquema de segurança (revista em passagens por cabines fechadas) para chegar à Gruta da Basílica da Natividade, onde sob administração dos católicos ortodoxos era celebrada a Festa da Natividade.

À tarde regressamos a Jerusalém e visitamos a maquete da cidade no tempo de Jesus, o museu do livro (onde estão inclusive os achados de Qumram), Ein-Karin, cidade natal de São João Batista e a Igreja da Visitação com paredes cobertas com os dizeres do *Magnificat*, expressos em muitas línguas, inclusive a portuguesa.

Percorrendo Jerusalém observa-se a predominância de construções (mais recentes) sendo erigidas em partes altas da cidade, com destaque para a utilização de pedras (detidas em abundância) enquanto nas partes baixas são estruturadas as vias rápidas e praças.

Iniciando um novo dia visitando a cidade de Bethânia, onde moravam os amigos de Jesus: Lázaro (que foi ressuscitado), Martha e Maria Madalena. O local está sob domínio dos árabes, que aí exploram o turismo com inúmeros esquemas.

Ao retornarmos nos dirigimos ao Monte das Oliveiras de onde se tem uma visão panorâmica da cidade de Jerusalém antiga, com destaque para a riquíssima e vistosa cúpula dourada do Domo da Rocha. Passando pelo Horto das Oliveiras, onde Jesus foi preso, após ter pedido ao Pai: “Se for possível afasta de mim este cálice”, rumamos para a região da cidade em que se localiza o Senáculo, local em que Jesus instituiu a Eucaristia. (Nesse lugar não é permitido celebrar culto, pois está em poder dos árabes) (FOTOS 111, 112 e 113, p. 130).

À tarde, cumprindo programação, visitamos Hebron (45 km de Jerusalém) onde se localiza o Túmulo dos Patriarcas e Matriarcas. Como os patriarcas e as matriarcas (Abraão, Isaac, Rebeca, Jacó, esse que passou a chamar-se Israel) pertencem a um passado comum de árabes e judeus, os dois povos conseguiram (dentro do antagonismo que os caracterizou sempre) encontrar uma maneira

de reverenciar seus antepassados, rezando num mesmo ambiente. Após cobrirmos nossas cabeças, descemos a 14 metros do nível do solo, numa parte do Túmulo dos Patriarcas, onde de um lado rezam árabes (ficando descalços) e de outro lado, judeus (só podendo entrar com cabeças cobertas).

**Foto 111** - Horto das Oliveiras em Jerusalém (Israel).



**Foto 112** - Domo da Rocha em Jerusalém (Israel).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 113** - Cidade de Jerusalém, observada do Horto das Oliveiras.



Ao longo do caminho de Hebron chamaram muito nossa atenção os vinhedos plantados em degraus de encostas em que a ramagem das videiras cresce sobre uma camada de pedras brutas ajustadas sobre o solo. Criatividade presente em vista da abundância de pedras e a necessidade de contornar a carência de solo.

## 6.6 O caminho da Via Sacra

Em 08/01/1985 último dia em Jerusalém. Deixamos o Hotel Shalon e iniciamos a visita dos lugares por onde Jesus passou, cumprindo a Via Sacra, e onde todos os pontos são ligados por ruelas marginadas por pequenos mercados árabes, até bem próximo ao Monte Calvário.

Aí um detalhe, um caminho de pedras bem assentadas, fortemente desgastadas, chama a atenção de todos o fato de que nessas pedras Jesus tenha pisado, carregando a cruz, pois pavimentam o caminho que leva ao Calvário desde antes da era cristã (FOTO 114). As três últimas estações estão sob o domínio dos cristãos ortodoxos que mantêm uma imponente igreja, que abriga o túmulo que foi de Jesus. Ao lado dessa igreja ortodoxa (no Monte Calvário) os católicos construíram também uma capela para as orações de seus peregrinos, onde assistimos a uma missa oficiada por Pe. Fernando.

Daí seguimos para a Esplanada em que fora construído o Primeiro Templo por Salomão (considerado profeta também do Islã), onde, cumprindo o ritual árabe (descalços, deixando na entrada todas as vaidades do mundo), visitamos o Domo da Rocha (FOTO 112, p. 129), com sua cúpula dourada, que abriga, como diz o nome, a rocha da qual Maomé teria sido arrebatado ao céu para receber os cinco preceitos do Islã.

**Foto 114** - Essas pedras do chão do caminho que leva ao Calvário, fortemente desgastadas, foram por certo pisadas por Jesus, carregando a Cruz. Trata-se de um caminho construído pelos romanos, com pedras justapostas, ainda antes do tempo de Cristo.



Ponte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal. Fotos retiradas de filmagens feita pelo autor, por ocasião da peregrinação.



Em seguida passamos para o outro lado da Esplanada do Templo em que se situa o Muro das Lamentações, reconquistado pelos judeus na Guerra dos Seis Dias em 1967, em que observamos inúmeros judeus ortodoxos, em vestes escuras (cor preta), fazendo suas habituais orações, em movimentos cadenciados e repetitivos, em frente ao seu muro sagrado (resto do Segundo Templo).

Finalizando nossa estada em Jerusalém, tomamos o Caminho de Emaús rumo a Tell Aviv, onde regularizamos nossa documentação e tomamos voo com destino ao Cairo, nos hospedando no Hotel Mena House, uma construção luxuosa de origem inglesa apelidada de palácio. (Como estávamos em temporada de baixa frequência, os hotéis que foram reservados para a nossa programação eram todos de alto luxo).

## 6.7 Na cidade do Cairo no Egito

Amanhecera o dia no Cairo e, abrindo a janela do apartamento, a vista nos fornecia a fantástica visão da Necrópole de Gizé com as três pirâmides Quéops, Quéfren e Miquerinos além do monumental monólito da Esfinge. A boa surpresa ocorria só então em vista de nossa chegada ao Cairo ter ocorrido à noite, não percebendo que nos hospedáramos próximos às milenares e misteriosas pirâmides do Egito.

Após um lauto café da manhã, partimos para os primeiros contatos com a histórica cidade do Cairo, banhada pelo famoso e importante rio Nilo, onde logo mais visitaríamos o riquíssimo Museu do Cairo, sabendo antecipadamente que não observaríamos nenhuma múmia, pois desde o governo Nasser, essa opção fora proibida.

No museu, entre deslumbrantes esculturas em granito rosa (provindas da região de Assuã, no alto do rio Nilo) chamaram nossa atenção os tesouros de Tutancâmon (muito ouro) descobertos em 1920. As instalações são amplas e bem estruturadas em que é impedida qualquer opção de fotografia ou filmagem.

Almoçamos em um local de área aberta, bastante exposta ao constante vento que sopra do deserto, trazendo em seu bojo

a costumeira areia e poeira que envolvem a cidade. Tivemos a impressão de que é normal aí as carnes serem recorrentemente assadas nesse ambiente.

A primeira parte da tarde foi reservada para visita à Esfinge (73m x 19m x 20m altura) e às três Pirâmides de Gizé (FOTO 115), cuja construção (alegam estudiosos) teria ocorrido há mais de 2600 anos a.C. como túmulos de avô, pai e filho. O que chama a atenção é a enormidade que ostentam (146m de altura x 230m de base, 143m x 215m e 66m x 108m, respectivamente) não escondendo a deterioração de seu acabamento e mesmo sinais de depredação, permanecendo sempre presentes as perguntas: “Quando e como teriam sido construídas, utilizando blocos de pedra de 15 a 20 toneladas cada?”

Kéops oferece a oportunidade de visitar o seu interior, através de passagem aberta em sua estrutura com a retirada de parte de blocos. Dispusemo-nos, eu e Loretta, à aventura de nela adentrar, mas desistimos a meio do caminho (muito calor e muita gente), contentando-me em montar em um camelo e com ele dar alguns passos (cada passo um dólar) (FOTO 116, p. 132).

Foto 115 - Necrópole de Gizé com a Esfinge e suas três Pirâmides principais.



Fonte: Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 116** - Hugo montado num Camelo, tendo ao fundo a Pirâmide Kéops.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal. De filmagem em Betamax obtida por Loretti.

No fim da tarde visitamos ainda uma entidade em que atuavam universitários de belas artes no trato de papiros, neles desenvolvendo pinturas em motivos egípcios. Todos aproveitaram para adquirir alguns souvenirs em papiro.

Para o novo dia a pedida era levantar cedo para um passeio turístico nas águas do rio Nilo e então nos dirigir ao aeroporto para tomar voo à milenar Atenas, capital da Grécia. O passeio pelo Nilo foi abortado em vista de atendimento a ser prestado a uma senhora, participante do grupo, que feriu a mão na passagem por uma porta do tipo “*Far West*”.

No percurso até o aeroporto pudemos perceber melhor o caótico trânsito da populosa cidade do Cairo, sua difícil infraestrutura, a intensa poeira e o intermitente buzinar dos muitos automóveis em movimento pelas ruas.

## 6.8 Em Atenas, capital da Grécia

Chegamos a Atenas às 13 horas, após voo em dia de muito sol que permitiu apreciar a beleza do Delta do Nilo e o azul do mar Egeu.

Em Atenas encontramos um ambiente totalmente oposto ao do Cairo, com marcante silêncio, ruas limpas, trânsito calmo, sem preocupações com segurança, pessoas tranquilas e bem vestidas, prédios com altura máxima de 7 andares (respeitando a altura da Acrópole).

Fomos apresentados à guia que falava português (por ter estudado), que nos acompanhou em visita ao Museu Arqueológico de Atenas (presença de artes milenares) e em seguida rumamos à Acrópole em que se situam as ruínas do Parthenon e de onde se avista, entre outros pontos históricos, o Areópago (onde São Paulo falou aos gregos sobre o Deus desconhecido) e as também ruínas do Templo de Júpiter.

A parte antiga da cidade de Atenas é preservada em seu estágio de desgaste, entre plantios de pinos, onde a iluminação noturna dá destaque para o que é história e orgulho de glórias do passado (FOTO 117).

**Foto 117** - Em Atenas, ao pôr-do-sol, a Acrópole.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



À noite aderimos, com mais quatro casais, ao Tour Atenas by Night, rodando por ruas belamente iluminadas até o Porto Piraeus, onde apreciamos o cenário iluminado de centenas de luxuosos iates, cuja posse é o sonho que domina o gosto de todo o cidadão grego desde todos os tempos. O final do tour previa um jantar, em uma taberna na Acrópole, ao som de músicas típicas abrilhantadas por belas moças e elegantes rapazes, em que a descontração acabou levando até casais de nosso grupo ao palco para a dança do ventre entre odaliscas.

O dia seguinte na Grécia foi destinado a uma turnê pelas ilhas gregas de Hydra, Poros e Aegina, todas detendo belas praias de águas muito claras num mar Egeu incomparavelmente azul. A mais importante delas é a Ilha Aegina, que já fora capital e detém edificações célebres, como o templo em comemoração à vitória sobre os persas na batalha de Salamina e destaca-se pela produção de pistaches, que encontra na ilha solo e clima propícios.

## 6.9 Em Roma, capital da Itália

Dia 12/01/1985, já sábado na semana, tomamos as providências para tomar o voo que nos iria levar a Roma. Desde cedo tomamos conhecimento de que o frio que lá nos esperava era fora do habitual nos últimos quase 30 anos. O dia era de muito sol e, quando voávamos já sobre o território italiano, pudemos vê-lo totalmente coberto de neve, tanto os montes quanto os vales.

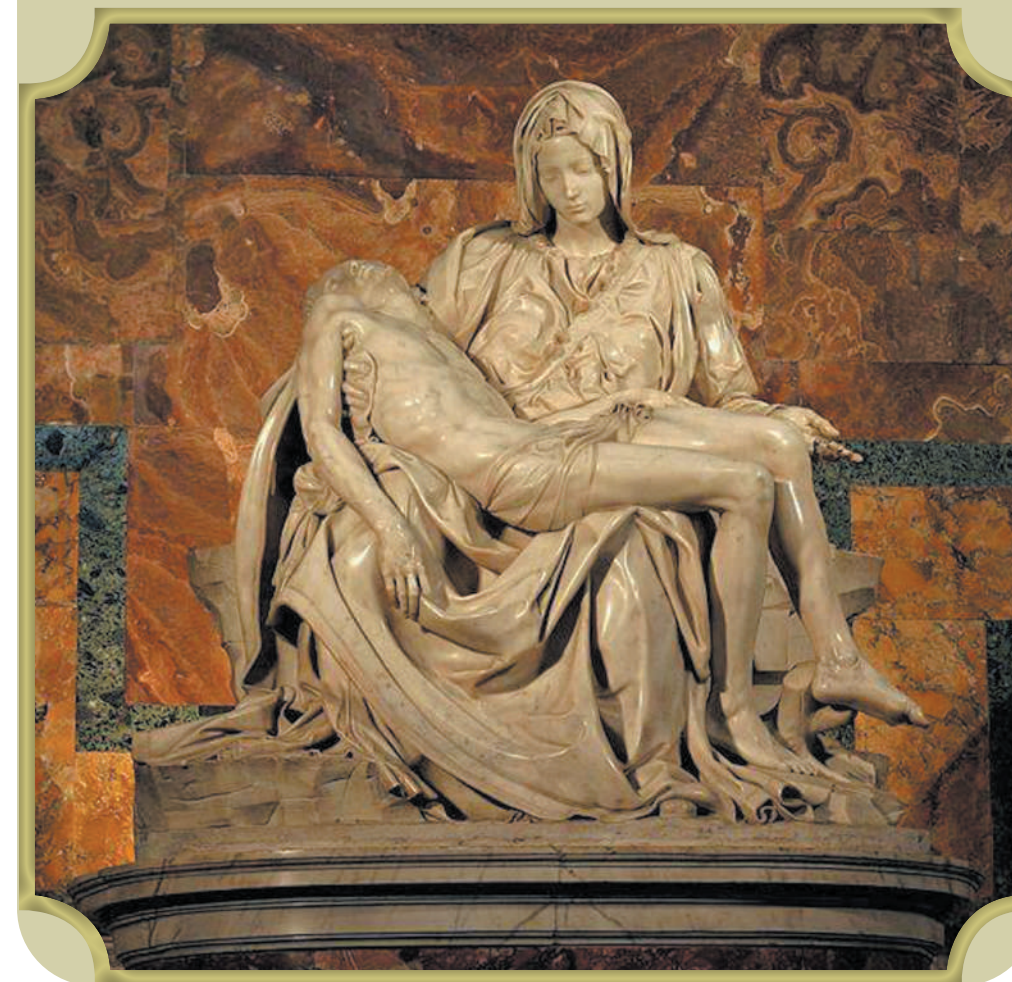
Chegamos a Roma e fomos diretamente ao Hotel Marini, onde em seu interior, tudo estava bom, mas na rua, tudo gelo e muito liso. Mesmo assim fomos à Praça São Pedro a fim de adquirir alguns souvenirs, quando ao meio dia, deixando o gelo da rua, entramos em um restaurante típico italiano, que nos serviu um macarrão fumegando e vinho tintíssimo em um ambiente tão acolhedor, que tudo parecia ser até um sonho.

Permanecemos longo período daquela tarde no interior da Basílica de São Pedro, admirando a indiscutível maravilha que é, desde sua entrada, com a presença da Pietá de Michelangelo (1498 a 1499) (FOTO 118) até o Baldaquino (1624 a 1633) de Bernini, no piso sobre o túmulo do apóstolo São Pedro, localizado na cripta (FOTO 119, p. 134).

À noite (17h30 em Roma, 01h30 em Maringá) fomos a uma cabine e ligamos para 00-55-442-22-4088 e falamos com Érica, Ricardo e Renato, dando atenção à saudade, para saber e informar que tudo estava bem em Maringá (Se houvesse celulares a situação seria outra).

Dia 13, domingo. Após a missa no Colégio Brasileiro fomos à Praça São Pedro para assistir à habitual aparição do papa na janela em que costuma fazer uma alocução de 15 minutos em várias línguas. Tudo foi diferente naquele domingo em que o próprio Papa João Paulo II referiu-se à forte presença de neve na praça, o que não ocorria desde 1956.

**Foto 118** - Pietá de Michelangelo (\*1475 +1564) na Basílica de São Pedro em Roma-Itália, esculpida entre 1498 e 1499.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 119** - Esculpido entre 1624 e 1633 (na Basílica de São Pedro em Roma) o Baldaquino de Bernini (\*1598 +1680).



Fonte: Plataforma Google.

À tarde, fazendo parte de um tour, rumamos até às Catacumbas de Roma (20 km de escavações subterrâneas com até 5 pavimentos), em que os cristãos sepultavam seus mortos e/ou refugiavam-se até o século V. Visitamos também a Basílica Santa Maria Maior (abriga os restos mortais de Bernini entre outras celebridades) e a Basílica São João de Latrão, primeira igreja do cristianismo ocidental, que é a Catedral de Roma, cujo bispo é o papa. Em frente dela se encontra o maior obelisco egípcio instalado no mundo (455ton e 45m com seus hieróglifos).

Para finalizar o domingo andamos ainda até uma irmandade de missionários capuchinhos, que mantém decoradas algumas salas com ossos de 4.000 capuchinhos, falecidos no mundo inteiro, onde não deixa de chamar a atenção uma decoração com ossos formando os dizeres: “**Sois o que fomos, sereis o que somos**”, lembrando que ninguém sai vivo deste mundo.

Depois dessa visita restava passar pela Fonte de Trevi, tomar um “caffé com panna” e algo mais e encerrar as atividades oficiais do dia.

Iniciamos o novo dia visitando o Museu do Vaticano, seguindo então para o Palácio Apostólico para reverenciar o interior da Capela Sistina (460 m<sup>2</sup> de arte em pinturas), onde nos demoramos convenientemente na contemplação da obra genial (1508 a 1512) de Michelangelo, desde o afresco do Juízo Final, atrás do altar, até a esplêndida abóbada, em que se sobressai a notável abstração da Criação de Adão, recebendo de Deus a vida (FOTO 120).

A Capela Sistina, iniciada em 1473, é considerada Maravilha do Renascimento e nela, desde 1870, ocorrem os conclaves de cardeais para eleger o novo papa.

**Foto 120** - Abóboda da Capela Cistina de Michelangelo em Roma.



Fonte: Plataforma Google.



## 6.10 O Coliseu, símbolo de Roma

À tarde aproveitamos para conhecer o Coliseu (forma elíptica 188mx156mx57m em 5 pavimentos), hoje Símbolo de Roma para o Mundo, com presença cativa em filmes que retratam a antiga grandeza do Império Romano. Foi inaugurado (pós Nero) no ano 80 d.C. pelo Imperador Tito, num contexto político de dar ao povo pão e circo, com capacidade para 50.000 espectadores. Encontra-se fortemente danificado por força de terremotos e pilhagens ocorridas em sua riquíssima construção (100 mil m<sup>3</sup> em mármore e granito). Em 404 foram proibidas nele as lutas de gladiadores, mas é considerado o mais grandioso anfiteatro da Antiguidade (FOTO 121).

Daí partimos para a Basílica de São Paulo Extra Muros que apequena o visitante entre suas 186 gigantescas pilastras em mármore e/ou granito.

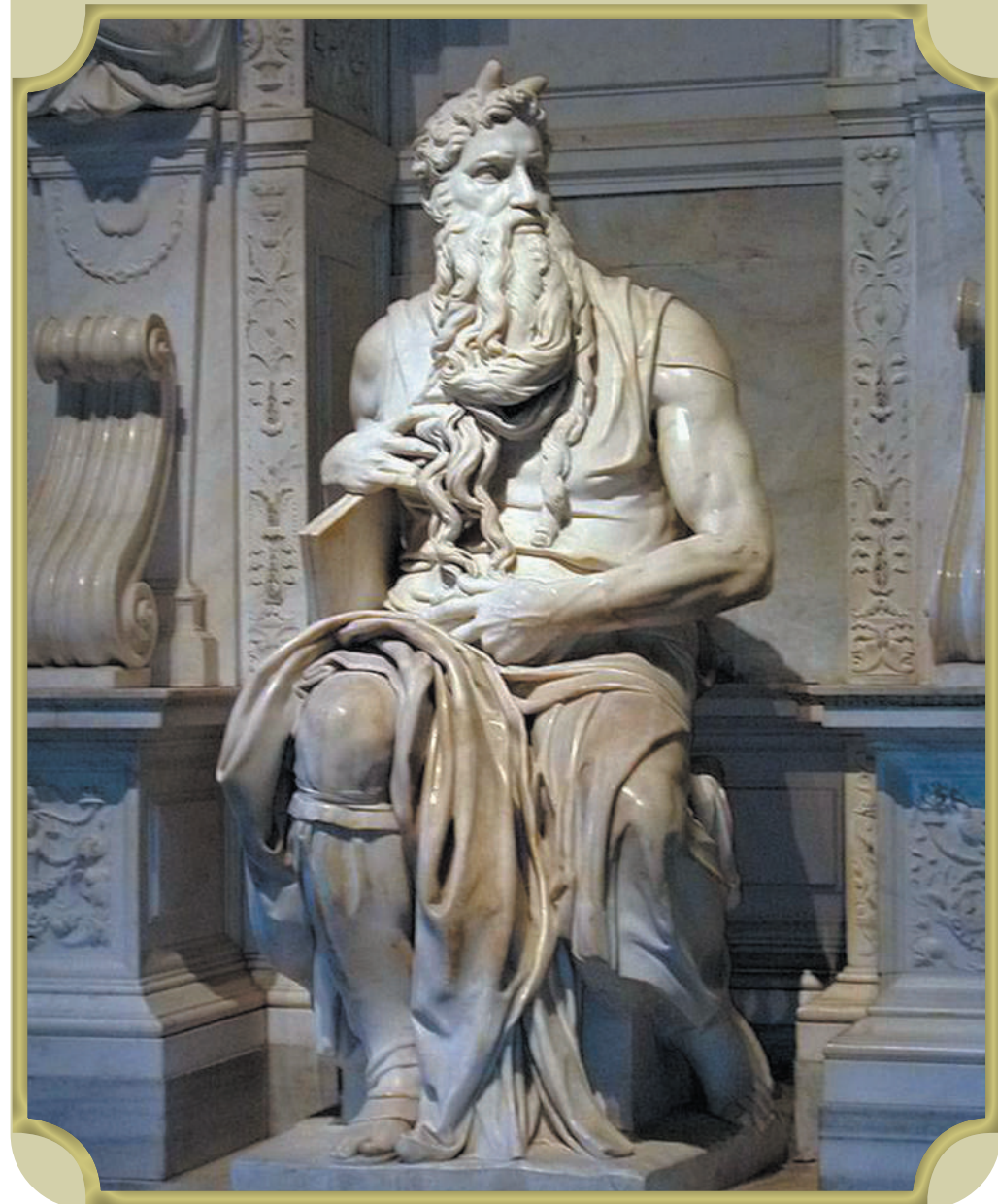
**Foto 121** - Coliseu, símbolo de ROMA.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal. Retirados de filmagens em Betamax. Obtida por ocasião da peregrinação.

Continuando a programação ansiávamos, motivados pela história, pelo guia e por Pe. Fernando, pois iríamos contemplar a famosa escultura do Moisés (1513 a 1515) de Michelangelo que se encontra sobre o túmulo do Papa Júlio II na Basílica de São Pedro Acorrentado (São Pedro in Vincoli) (FOTO 122).

**Foto 122** - Moisés de Michelangelo na Basílica de São Pedro in Vincoli, em Roma-Itália.







Realmente a obra fora concebida para ser, e é tida, como arte incomparável, extraordinariamente classificada como “uma poesia em mármore” dada a sua perfeição, que levou seu próprio criador a emocionar-se diante das expressivas sutilezas de seus traços e exclamar: *“Perché non Parli?”* (Por que não falas?).

A terça-feira foi destinada a perambulações diversas, inclusive pela Roma chique na Avenida Vêneto, onde visitamos também a Agência do Banco do Brasil.

No dia seguinte (18) alguns do grupo deixamos cedo o hotel (6 h) e fomos à cripta da Basílica de São Pedro, pois Pe. Fernando havia obtido permissão para lá rezar uma missa, junto ao túmulo de São Pedro, sob o Baldaquino de Bernini, o que todos consideramos uma rara e nobre despedida, pois às 11h, após apreciarmos a entrevista do papa com os peregrinos no amplo e majestoso salão de audiências (7.000 lugares), deixamos Roma via ônibus, pois o prosseguimento de nossa excursão previa roteiro rodoviário, passando por cidades da Itália, Suíça, França, Espanha e Portugal.

## 6.11 A cidade de São Francisco de Assis

Na Úmbria, em Assis, cidade medieval cercada de muralhas, as atenções foram voltadas para a pequena Porciúncula, igrejinha do século IX, reconstruída pessoalmente por São Francisco de Assis, hoje abrigada no interior da imponente Basílica Santa Maria dos Anjos (1667), uma das mais importantes igrejas da Itália (FOTO 123).

São Francisco de Assis é um santo da igreja católica que surpreendeu o mundo em seu tempo e o surpreende até os dias de hoje pela sublimidade de seus princípios, enaltecidos na simplicidade e desapego a bens terrenos, no amor e respeito à natureza, no envolvimento em fazer o bem diante dos homens e de Deus. Fundou a ordem dos padres franciscanos (Ordem dos Frades Menores (OFM)), viveu seus dias em torno da pequena Porciúncula onde faleceu em 04/10/1226.

Foto 123 - Igreja Porciúncula no interior da Basílica Santa Maria dos Anjos em Assis-Itália.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## 6.12 Em Florença na Toscana-Itália

Deixamos Assis e viajando sempre por autoestradas cobertas de neve chegamos à Florença, capital da Toscana e berço da Renascença, após o escurecer.

A Renascença foi uma efervescência cultural ocorrida no meio artístico, científico, literário e filosófico, que procurava contestar o dogmatismo da Igreja, que vinha aflorando após a queda de Constantinopla (1453), que então como Istambul e a implantação do Império Turco-Otomano, encerrou a Idade Média. Uma plêiade de florentinos figura como expoentes desse movimento em diversas áreas e são reverenciados nos panteões das celebridades.

Iniciamos os passeios por Florença indo, em manhã ensolarada, ao alto da colina em que Galileu Galilei (1564 a 1642) viveu os últimos dias de sua vida (excomungado e em prisão domiciliar) e donde se tem uma bela visão de toda a cidade (FOTO 124).

Foto 124 - Cidade de Florença-Itália.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

Galileu, florentino nascido em Pisa, era astrônomo, físico e matemático, catedrático em Pisa e Pádua, defendia o Heliocentrismo (1530) do cônego matemático polonês Copérnico (1473 a 1543), contestando o Geocentrismo aceito há 14 séculos (Ptolomeu), o que lhe custou a excomunhão e prisão domiciliar perpétua. O Heliocentrismo foi cientificamente enriquecido e comprovado posteriormente com contribuições científicas do alemão luterano Kepler (1571 a 1630) e do inglês Newton (1643 a 1727), ambos também astrônomos, físicos e matemáticos.

Nosso próximo compromisso, inadiável no caminho da cultura, foi junto à famosa escultura de Davi (1501 a 1504) de Michelangelo (1475 a 1564) na Galeria da Academia de Belas Artes, considerada um ícone do Renascimento, esculpido de um bloco de mármore de Carrara, com 5m de altura e pesando mais de 5 toneladas, retratando um jovem tenso, desafiado a enfrentar um inimigo filisteu, portando apenas uma funda com uma pedra (FOTO 125, p. 138).

Daí passamos a apreciar a suntuosidade da Catedral Santa Maria das Flores, uma das maiores obras góticas, símbolo da arquitetura renascentista, cuja construção foi iniciada em 1296 e a cúpula só foi concluída em 1496, após sérios desafios técnicos enfrentados.

Ainda na parte da manhã visitamos o complexo da Basílica da Santa Cruz que envolve capelas, salas, claustros e museus, contendo tumbas de quase 300 personagens que se distinguiram na comunidade florentina, sinalizando o início do humanismo renascentista.

Encontram-se aí os restos mortais de Giotto, Maquiavel (filósofo, político de ética polêmica: **“o fim justifica os meios”**), Dante Alighieri (poeta da obra prima **“Divina Comédia”**, só o túmulo, pois os restos mortais estão em Ravena sua cidade natal), Galileu Galilei, Leonardo da Vinci (1452 a 1519), Michelangelo, sepultado em Roma, mas transladado para aí por seus conterrâneos.

Apreciamos ainda a riquíssima Galeria de Uffizi com obras dos seus três príncipes do Renascimento (Michelangelo, Leonardo da Vinci e Rafael) entre outros, passando também pelo Mercado da Palha, pela Casa de Dante Alighieri. Após curtir a bela e acolhedora cidade, às margens do rio Arno, com parte de suas muralhas suprimidas para melhorar o trânsito e expandir seus bairros, deixamos Florença para continuar o roteiro de nossa peregrinação.



Foto 125 - Davi (1501 a 1504) de Michelangelo (1475 a 1564).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 6.13 Na cidade de Veneza-Itália

Viajando sempre por autoestradas, em que a neve já havia sido retirada com máquinas e permanecia amontoadada nos acostamentos, chegamos à famosa cidade de Veneza ao anoitecer, depois de nos termos demorado em visita à cidade de Pádua, que homenageia dignamente e com muito orgulho seu Santo Antônio, também cogitado por Portugal.

A Veneza turística ergue-se sobre 118 pequenas ilhas, em que a água do mar detém pouca profundidade, e são separadas por 177 canais, ligadas por 400 pontes, onde residem em torno de 60.000 habitantes, mas participa de uma região metropolitana que, inclusa sua parte continental a Pádua e a Treviso, soma quase 3 milhões de habitantes, sendo chamada a Rainha do Mar Adriático.

Hospedamo-nos da cidade insular e logo cedo tomamos gôndolas para um passeio pela cidade e visitar a Praça São Marcos e a Basílica de mesmo nome, bem como seu famoso Palácio Museu, contendo o que sobrou da rapina de Napoleão. Regressamos ao hotel a pé por estreitas ruas e pontes (sem carros) que conduzem os turistas entre lojas com belas e amplas vitrines (FOTOS 126, 127, p. 139).

À tarde demos um passeio à ilha de Murano, onde são produzidos os famosos cristais de renome no mundo inteiro, onde acabamos fazendo algumas módicas aquisições, exceto um casal do grupo que não resistiu às tentações e comprou bastante.

No domingo dia 20/01/1985 deixamos a cidade do gênio Vivaldi rumo à Suíça com passagem pelos congelados Alpes. Em vista do excesso de neve e do incomum frio reinante, pintou a possibilidade de termos que tomar uma segunda opção, para cumprir nosso roteiro, passando pelo Monte Branco, quando então deveríamos providenciar novo visto no passaporte.

Informações chegaram, porém, liberando a primeira opção, quando então seguimos por vias sempre tomadas por neve, a maioria delas por encostas em que a via é coberta por lajes que retêm a neve e deslizamentos. Após passar por um túnel de 13 km o cenário que se apresentou era maravilhoso, estava nevando e o sol se pondo no horizonte.



Fotos 126, 127 - Praça de São Marcos na cidade de Veneza-Itália.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 6.14 Na cidade de Genebra-Suíça

Contornando o Lago Léman, sem deixar de admirar os 140m do alvo jato de água ejetado de seu possante chafariz, chegávamos ao centro da cidade de Genebra, sede da Cruz Vermelha, considerada Centro Administrativo da Humanidade e Capital da Paz entre outros predicados.

A manhã do dia seguinte, embora domingo, não estava muito propícia para passeios por conta da presença de uma neblina bastante intensa, mas mesmo assim visitamos o Parque dos Bastiões onde se encontra o Muro da Reforma (100mx9m), reverenciando 4 implantadores do Protestantismo, entre eles o teólogo francês João Calvino (1509 a 1564), com gigantescas esculturas de baixo relevo (4,5m de altura), em que na parte alta do monumento se lê: *“Post Tenebras, Lux”* (Após as trevas, a luz) (FOTO 128).

Genebra, ao adotar o protestantismo (1536) como religião oficial de Estado, foi o porto seguro para os reformadores (século XVI e XVII), culminando com restrições/proibições ao catolicismo por mais de 300 anos na Suíça. A católica Catedral de São Pedro de Genebra (1150 a 1250), passou a ser utilizada pelo poder público como templo cívico.

Foto 128 - Monumento aos Reformadores em Genebra-Suíça.





Não podíamos deixar de conhecer, no Jardim Inglês, o célebre Relógio de Flores (ponteiros dos segundos com 2,5m), símbolo de sua famosa indústria de relógios, de que a precisão e a qualidade são enaltecidas no mundo inteiro.

Não deixamos também de visitar o centro histórico e adquirir algumas bijuterias típicas, cuja fama é notória nos meios que as utilizam e, além de terem sido admiradas, algumas foram adquiridas.

Na Suíça falam-se 4 idiomas: o francês (oficial), o alemão, o italiano e o romanche.

Um novo dia se iniciava, segunda-feira, e pusemo-nos em viagem rumo a Paris (500 km), passando pela alfândega, bem próxima à Genebra, por onde passam todos os dias 30 mil franceses que aí trabalham.

## 6.15 Em Paris-França

Percorremos o trajeto até Paris, passando por estradas asfaltadas, em sua maioria do tipo das que o governador do Paraná Jaime Canet Júnior (1975-1979) implantou entre cidades paranaenses de pequeno porte (sem acostamento) e por locais sem vivência com turistas. Quem não havia cambiado dólares teve que ser socorrido por alguém do grupo no almoço / lanches, pois ninguém no caminho queria contato com dinheiro americano.

À tardinha, após transpormos o rio Sena e passarmos ao lado da Catedral Notre-Dame de Paris, na Île de France, nos hospedávamos no Hotel Bréban.

Iniciamos pela manhã um tour por Paris, sob orientação de um guia português, quando a primeira parada foi junto à Catedral Notre-Dame de Paris (1163-1345 todas as fases), onde nos demoramos longamente em contemplá-la, tanto externa quanto internamente.

A Catedral Notre Dame de Paris é um dos locais do mundo mais visitados por turistas e sua história detém lances surpreendentes. É um dos primeiros e principais monumentos erigidos em arquitetura gótica, foi Templo do Culto à Razão na

revolução francesa, foi pilhada muitas vezes em seus mais de 800 anos de existência, quando até o jacobino Robespierre, antes de ser guilhotinado, pretendia desviá-la dos fins para os quais fora edificada. Napoleão devolveu-lhe prestígio ao ser nela coroado imperador e Victor Hugo (1802-1885), com o sucesso de sua famosa obra literária “O Corcunda de Notre Dame”, teria convencido a França a recuperá-la de seu estado de lamentável conservação, a partir de 1831, ano da publicação do livro (FOTOS 129, 129a).

Após deixar a admirável catedral continuamos o tour apreciando pontos turísticos com marcante presença do rio Sena e suas belas pontes, finalizando a programação com passagem pela Avenida dos Campos Elíseos (Champs Elysées, 2 km), desde os jardins da Praça Concórdia, na parte baixa, até o Arco do Triunfo, onde predominam luxuosas lojas e inúmeros restaurantes, para onde retornamos à tarde para tomar um lanche e apreciar o ambiente.

Foto 129, 129a - Catedral Notre Dame de Paris-França.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Para a noite havíamos reservado uma programação “Paris at Night”, iniciando com ida ao charmoso bairro Montmartre, celebrizado no passado por pintores como Picasso, Salvador Dali, Renoir, Van Gogh e outros, finalizando no Teatro Lido, assistindo a um espetáculo, cuja fama não deixa de envolver a todos quantos têm a oportunidade de o presenciar.

Montmartre, talvez por ser o local mais elevado da cidade de Paris, tem sido um espaço cosmopolita que oferece chão para todos os gostos e tendências, desde pendores artísticos e culturais (Place du Tetre, respira-se arte), boemia e licenciosidade (Moulin Rouge e vizinhanças) até busca ao sobrenatural (Basílica Sacré Couer (1875-1914), cartão postal do bairro).

Para o novo dia (23, quarta-feira) a programação oferecia detalhes importantes, quando, passando por Campos Elíseos e Arco do Triunfo, fomos até bairros nobres da cidade onde admiramos a Torre de Eiffel (1889, 1º centenário da Revolução Francesa) e o guia nos relatava que, dado o alto custo de manutenção a cada 7 anos, o gigantesco monumento em ferro (300m, 7.000ton) poderá lamentavelmente ser desmontado no futuro.

Dirigimo-nos então ao Palácio Nacional dos Inválidos (central de apoio a mutilados de guerra) em que se localiza também a Igreja São Luiz dos Inválidos, destinada a servir reis e soldados (desde que em locais diferentes), em que, na parte dos soldados, são expostos troféus de guerras e no centro, sob o domo dourado, repousa o sarcófago com as cinzas de Napoleão Bonaparte, uma das principais figuras da história da França (FOTO 130).

A parte da tarde ficou reservada para visita ao Museu do Louvre. Construção inicialmente erigida para ser uma fortaleza, foi transformada em palácio e, então, um dos mais importantes museus do mundo. Mesmo dispondo de toda a tarde para visitá-lo, não chegamos a percorrer todas as exposições, mas não poderíamos deixar de nos demorar diante da Mona Lisa de Leonardo da Vinci, a obra de arte referenciada como a mais valiosa do mundo, por alguns.

**Foto 130** - Sarcófago de Napoleão Bonaparte em Paris-França.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 6.16 Em Lisieux, cidade de Santa Terezinha do Menino Jesus

Iniciamos o novo dia indo à estação de trens e adquirindo passagens para Lisieux na Normandia, chão em que viveu Santa Terezinha do Menino Jesus (1873-1897). A popularidade de Santa Terezinha tem a ver com o jeito simples de abordar a vida espiritual, assim como São Francisco de Assis (1182-1226), ambos santos considerados modernos embora tenham vivido em tempos tão diferentes.

Em Lisieux o dia ficou em evidência por conta de uma decisão equivocada. Em dia muito quente, havíamos andado bastante e, três casais e Pe. Fernando, resolvemos almoçar em um restaurante que encontramos, cujo ambiente nos agradou. O cardápio foi apresentado e a maioria não se envolveu em analisá-lo e muito menos em escolhê-lo (como eu que tenho ojeriza em escolher cardápio) e a escolha caiu em um prato que continha a palavra “Boeuf”, conhecida da maioria. O garçom que levava o



pedido ao metre retornou à mesa para (via de regra) confirmar o pedido, obtendo confirmação sem envolvimento dos “sabidos” turistas. A espera do pedido, embora um tanto longa, foi assimilada com relativa resignação, tomando uma água e/ou saboreando um vinho francês. O nome completo do prato escolhido fôra “*cervelle de boeuf*”, que é miolo bovino. O prato elaborado era especialíssimo, no entanto, nem todos o saborearam com a mesma intensidade, porém, nada restou ao fim da histórica refeição.

No trem, retornando a Paris, por sugestão de Pe. Fernando, que aí finalizava sua participação no grupo, combinamos, com mais o casal Dirceu Galdino/Valéria, dois advogados maringenses, deixar o grupo por dois dias e dar um passeio a Londres. Nos juntaríamos novamente ao grupo em Lourdes via trem, dois dias depois, já que a programação previa deixarmos Paris em viagem de ônibus no dia seguinte, pernoitando em Poitiers e Lourdes, ambas na França.

Houve frustração do combinado, pois não conseguimos carimbar o passaporte para ida a Inglaterra (alegação de problemas com homossexuais). Optamos então por aproveitar mais um dia em Paris e viajaríamos à noite em trem expresso direto à cidade de Lourdes (830 km em 7h).

Nesse mais um dia em Paris foi extremamente marcante a visita que fizemos à Sainte-Chapelle de Paris (1246-1248), considerada Patrimônio Mundial da Humanidade, edificada para servir a família do Rei Louis IX, como parte do palácio real. Hoje, após restauração (fora depredada na Revolução Francesa), é um monumento histórico junto ao Palácio da Justiça.

Considerações à parte, a Sainte-Chapelle é uma verdadeira relíquia gestada no auge da arte gótica francesa, cujo interior, circundado por 15 extensos vitrais (15 m de altura) em vivas cores deslumbram o visitante que adentra a seu interior, em dia claro de sol, impondo-lhe a sensação de ser alçado a uma realidade transcendente (FOTOS 131, 132).

Conhecemos ainda naquele dia (25) a Capela Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, desde 1813 casa mãe da Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, irmãs religiosas que atuaram de 1972 até 2018 na administração do Núcleo Social Papa João XXIII em Maringá.

Sentimos que não poderíamos ter deixado Paris sem conhecer esse local em que Santa Catarina de Labouré (1806-1876) recebeu a missão de conceber e divulgar a medalha milagrosa, cuja devoção encontra-se difundida no mundo católico inteiro. Por outro lado, o visitante é chamado à reflexão ao contemplar os corpos incorruptos (rosto e mãos) de Santa Luísa de Marillac e Santa Catarina de Labouré, em tumbas de vidro expostas sob altares do venerado santuário.

## 6.17 Em Lourdes de Santa Bernadete Soubirous

A viagem noturna a Lourdes foi tranquila, em cabines individuais e com camas instaladas, preocupação apenas com a necessidade de não estar dormindo no ponto de chegada (não poderíamos passar do ponto). Aí chegando, com um linguajar francês, já aquecido na semana, nos inserimos logo no ambiente local e nos alojamos no Hotel (já reservado).

Fotos 131, 132 - Sainte-Chapelle-Paris-França.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



O dia era um lindo sábado de sol nos convidando para um passeio, num silêncio quase absoluto, som apenas dos passarinhos e das límpidas águas do riacho que acompanha o caminho até à Gruta e Fonte de Massabielle do santuário, um dos maiores centros de peregrinação do mundo católico. A presença de pessoas era diminuta em vista da temporada baixa em curso e do incomum frio ainda reinante em toda a Europa.

A região de Lourdes detém estações de esqui, dispendo de aeroporto internacional nos Pirineus, mas é o grandioso santuário, construído sobre a gruta em que Nossa Senhora da Imaculada Conceição apareceu à Santa Bernadete Soubirous (1858), com reconhecimento oficial da Igreja desde 1860, praticamente monopoliza as intenções de pessoas que visitam a cidade, chegando anualmente a até 6 milhões de peregrinos (FOTOS 133, 134).

No domingo, acompanhando nosso grupo que chegara já de noite (Pirineus quase intransponíveis), assistimos a uma missa na suntuosa Basílica (dois pisos) e depois de visitar também a basílica subterrânea (capacidade para 30.000 presentes) e a casa de Bernadete, partimos com destino à Saragoza, já na Espanha, tendo no percurso, já de início, lindas paisagens e imagens dos Pirineus, em um dia de muito sol. Chegamos ao final da jornada do dia já no início da noite.

**Fotos 133, 134** - Basílica Nossa Senhora da Imaculada Conceição em Lourdes-França.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 6.18 Por cidades da Espanha, rumo a Fátima em Portugal

Nessa altura de nossa excursão (já próxima de seu final) nosso objetivo ficou restrito à passagem/pernoite em cidades da Espanha rumo ao Santuário de Fátima em Portugal, sem propriamente visitar detalhes das cidades por que passávamos.

Nesse contexto figuram Saragoza de muita história, chão de romanos, muçulmanos, judeus e cristãos, célebre por sua Basílica Nossa Senhora do Pilar (1681-1711), com suas onze cúpulas, junto à famosa Ponte Romana de Pedra sobre o rio Elbo; A cidade de Burgos, imortalizada pelo filme “Cid Campeador” e orgulhosa por sua Basílica “Patrimônio da Humanidade”; Tordesilhas, junto ao rio Douro, cidade em que espanhóis e portugueses em 1494 dividiram o mundo entre si; A milenar Salamanca com sua renomada universidade, a segunda mais antiga da Europa.

Ao entardecer daquela terça-feira (dia 29), após passar pela cidade de Coimbra, centro cultural de Portugal, chegávamos ao Santuário de Fátima, destino final da peregrinação, onde no dia seguinte, após orações e missa na imponente basílica e visita à casa dos pequenos pastores (Lúcia, Jacinta e Francisco) deixamos o local rumo à Lisboa.

## 6.19 Rumo à Lisboa-Portugal

Na pequena cidade de Batalha nos detivemos para visitar seu famoso Mosteiro de Batalha, edificado em ação de graças pela histórica vitória em que os portugueses (em minoria, com ajuda de ingleses) derrotaram os espanhóis (em maioria, com apoio de franceses) em 1385 na Batalha de Aljubarrota em que o mérito da vitória se deveu à estratégia concebida pelo condestável português Nuno Álvares Pereira.

Essa vitória obtida por Portugal teria sido a mais importante de sua história, pois a derrota significaria a anexação do seu território à Espanha (Não fora essa vitória, os brasileiros provavelmente estaríamos falando castelhano).





Nesse caminho acabamos visitando também o Mosteiro de Alcobaça (1148-1222) em riquíssimo estilo gótico, considerado Patrimônio Mundial pela Unesco, erigido em região considerada berço da civilização portuguesa, fortemente influenciada pela atuação de monges cistercienses, aí outrora atuantes por séculos, principalmente na agricultura (FOTO 135).

**Foto 135** - Mosteiro de Alcobaça em Portugal.

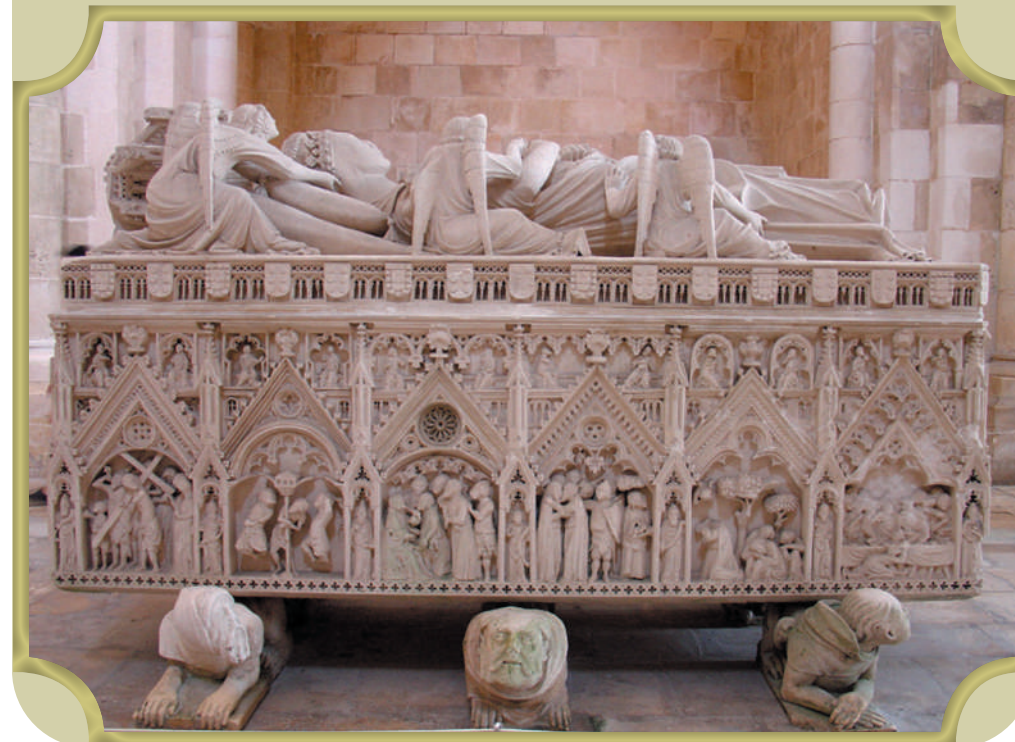


Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

No magnífico Mosteiro de Alcobaça, porém, o assunto a dominar logo os visitantes é o interesse em conhecer/relembrar a envolvente história de amor entre o príncipe D. Pedro (filho do rei) e Inês de Castro (dama da esposa Constança), cujas urnas mortuárias, esculpidas com extrema arte, encontram-se expostas logo à entrada do suntuoso templo (FOTO 136).

Esse famoso caso de trágico amor português, cantado em versos até por Camões, poeta máximo dos portugueses, lembra o incontido amor de D. Pedro por Inês (após a morte de sua esposa Constança), com segundo casamento continuado em Coimbra, mas impedido por leis canônicas e pela corte conturbada, que pressionava o rei (pai de Pedro), por temer a possibilidade de Inês vir a ser sua rainha. Em certa ausência do príncipe, o rei sob pressão de súditos manda assassinar Inês (1225-1255). O príncipe Pedro, ao retornar controla seu desespero e simula resignação com o ocorrido à sua amada, mas, ao ser proclamado rei, com a morte do pai,

**Foto 136** - Urna mortuária de Inês de Castro, igual à de D. Pedro, na entrada do Mosteiro de Alcobaça em Portugal.





declara publicamente ter havido seu casamento com Inês antes da morte dela e dá asas a sua vingança extrema. Manda executar em praça pública os assassinos de sua amada e determina a exumação dos restos mortais de Inês e os leva ao trono real, para receberem as honras da alvoraçada corte, inclusive o beijo de reconhecimento real (sob ameaça de morte) e então translada Inês para o mosteiro em que se encontra em luxuosa urna, obra prima em arte gótica, tendo reservado outra urna igual para si, onde então, um em frente ao outro, aguardam o juízo final.

Após uma parada, ainda que pouco demorada em Nazaré, apreciamos sua parte alta e sua praia, essa conhecida por suas ondas gigantescas, e chegamos a Lisboa.

## 6.20 Em Lisboa

O primeiro dia de Lisboa ficou por conta de um passeio por belíssimos pontos balneários de Cascais, passando pela freguesia de Estoril e nos demorando mais em Sintra, para admirar atrações históricas como o famoso Palácio Nacional de Pena, reconhecido como Patrimônio Mundial pela Unesco e o Castelo dos Mouros, que induz a um retorno a tempos remotos e, dentre as atrações atuais, uma feira de bordados da Ilha da Madeira, que foi bastante prestigiada pelas senhoras do grupo (FOTO 137).

A manhã do segundo dia (1º fev.) constou de visitas ao Museu das Carruagens (FOTO 138), único no mundo na especialidade, Mosteiro dos Jerônimos (na entrada do descomunal salão estilo manuelino de sua igreja, detendo os túmulos de Vasco da Gama e Camões), Torre de Belém, lembrando tempos áureos de Portugal e conhecidos do Brasil (seu descobrimento), Castelo São Jorge (legado dos mouros) e Catedral da Sé.

A noite daquele dia foi coroado com um jantar típico em uma sonhada casa de fado, a convite de um cliente português do casal de advogados Dirceu/Valéria (nossos companheiros) extensivo a mim e a Loretta, cuja ocorrência, além de envolver noite vivida em ambiente extremamente gostoso e agradável, encerrava belos momentos que costumam ser “curtidos” na admirável capital portuguesa.

**Foto 137** - Palácio Nacional de Pena em Sintra Portugal.



**Foto 138** - Museu das Carruagens de Lisboa em Portugal.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



O dia seguinte foi tomado por providências necessárias a nosso retorno a Madrid, via voo no início da manhã, prevendo nossa volta ao Brasil, quando aproveitamos a parte da tarde para visitar o Museu do Prado (8.600 pinturas em quadros e 700

esculturas) inaugurado em 1819 é considerado um museu mais de pintores do que de pinturas.

Dia 03/02/1985, já em solo brasileiro, encerrávamos essa fantástica peregrinação.



# CAPÍTULO 7

## 7.1 A Associação Atlética Banco do Brasil de Maringá (AABB)

Quando assumi no Banco do Brasil de Maringá, em 10/03/1962, a Associação Atlética Banco do Brasil de Maringá (AABB) já havia sido fundada na cidade em 15/11/1960 (contando com 56 sócios fundadores) e sua existência manifestava-se em comemorações promovidas pela diretoria, reunindo os associados (todos os funcionários eram associados) ora num jogo de futebol (acompanhado de um churrasco) na fazenda de algum cliente, ora num jantar dançante e/ou festivo no salão de algum clube social e muitas vezes em reuniões comemorativas no recinto do próprio banco.

A existência de AABBs nas cidades em que o Banco do Brasil operava, dependia da iniciativa dos próprios funcionários e também da quantidade deles em atuação em cada agência (naquele tempo só havia uma agência do BB em cada cidade, exceto em algumas capitais).

O Banco do Brasil, como instrumento propulsor oficial de expansão das atividades econômicas e sociais da nação brasileira, primava por deter funcionários de nível apropriado a essa missão e preocupava-se também em oferecer oportunidades de lazer e de bem-estar às suas famílias, principalmente ao grande número dos que deixavam distantes seus familiares ao serem aprovados em concursos públicos. Certo repórter registrava em uma entrevista, em tempos idos, sobre a AABB: “Era uma necessidade imperiosa para ambientação e fixação da rapaziada do Banco” (rapaziada, pois, a esse tempo, ainda não havia mulheres trabalhando no BB).

Nesse contexto nasciam as AABB subsidiadas pelo banco (o BB contribuía financeiramente com tanto quanto cada associado despendia), cujo objetivo era criar oportunidades de incentivo ao companheirismo e à vivência social, no lazer e no esporte. (Tal subsídio às AABB foi extinto no Governo Collor, março/1990 a 29/12/1992).

## 7.2 Na Presidência do Conselho de Administração da AABB Maringá

Na 5ª Diretoria da AABB Maringá (1963/64) eu já participava como 1º secretário, tendo depois ocupado outros cargos até a 26ª Diretoria (1982/83), quando fui eleito presidente do Conselho de Administração, tendo na vice-presidência o grande companheiro Néelson Bravo Cezar, na vice-presidência social o abebeano Pedro Cezar Gomes Lemos (presidente por várias gestões) e na Presidência do Conselho Deliberativo o destacado companheiro Roldão Alves de Moura, autor do livro “Associação Atlética Banco do Brasil Maringá: Meio Século de História”, editado em novembro de 2018, em coautoria com o também colega de BB, memorialista e historiador Marco Antônio Deprá, cuja obra tive a honrosa incumbência de prefaciar.

A gestão 1982/83 cobrava competência da diretoria da AABB Maringá, pois o Banco do Brasil havia instalado em 1981 o CESEC Maringá, Centro de Computação, onde também atuei, ocupando os seis pisos superiores do prédio da Agência Maringá Centro à Rua Santos Dumont, 277, visando ao processamento de dados de todas as filiais do BB do Noroeste do estado do Paraná até as barrancas do rio Paraná.

Essa determinação administrativa do Banco do Brasil trouxe para Maringá em torno de 300 novos funcionários, que passaram também a frequentar as instalações da AABB Maringá, praticamente duplicando seu corpo associativo, que chegou a 700 associados, marca essa até então recorde para a nossa Associação.

Esse aumento significativo do número de associados passou a sinalizar, como prioridade da AABB, a possível aquisição de áreas contíguas, com objetivo de ampliar a oferta de espaços de lazer, de esporte e de convivência social.

Contando com o excepcional relacionamento do vice-presidente social Pedro Cezar Gomes Lemos, capixaba de Cachoeiro do Itapemirim (ES), procuramos, nos primeiros dias de gestão,



o Sr. Ênio Pepino (notável empresário maringaense, benfeitor e amigo da AABB Maringá) que detinha costumeiros contatos com a Direção Geral do Banco do Brasil em Brasília, em especial com o Sr. Amílcar do Departamento de Assistência ao Pessoal-DEASP, que atendia às demandas das AABBs. O Sr. Ênio nos atendeu muito bem em seu escritório e, expondo nosso pedido em ligação telefônica ao Sr. Amílcar, esse concordou que remetêssemos nossa pretensão de recursos financeiros a Brasília, pois a argumentação fora considerada justa e convincente.

### **7.3 Segundo campo de futebol suíço para os Abebeanos**

Com os recursos obtidos adquirimos os Lotes 238-D e 238-E (área de 3.629 m<sup>2</sup>) em 15/10/1982, onde foi logo alocado o segundo campo de futebol da associação, na parte dos fundos, deixando a frente para um futuro salão de festas, condizente com a então nova realidade de nossa AABB.

### **7.4 Aquisição dos lotes 18 e 19 para realocar o ginásio de esportes**

A esse tempo já fora projetado o Ginásio de Esportes, para ser construído junto às quadras de tênis de campo, cuja localização do projeto não agradara ao gerente da Agência Centro Maringá, Sr. Orozimbo de Assis Goulart Filho (a quem cabia autorizar o despacho da documentação para Brasília) que alegou: “Estão querendo transformar a AABB numa colcha de retalhos”.

Diante desse impasse, visando a contornar essa pendência de aprovação para o ginásio de esportes, adquirimos no início de 1983, os lotes 18 e 19 (área de 684m<sup>2</sup>), com recursos próprios e de promoções, aproveitando os preços deflacionados desses dois terrenos em vista da notificação de desapropriação feita pela Prefeitura de Maringá (para ampliar a Av. Carlos Borges). Essa aquisição permitiu localizar o ginásio de esportes na parte extrema dos fundos, atendendo ao plano diretor da entidade, e com isso obtendo aprovação para o prosseguimento do projeto do Ginásio

de Esportes, que teve continuidade na gestão 1983/84, sob a presidência do Conselho de Administração do colega Lélis Vieira dos Santos.

### **7.5 Em disponibilidade funcional para administrar a AABB Maringá**

Na 28<sup>a</sup> Diretoria (1984/86) eu reassumia cargo na direção da AABB, desta vez como vice-presidente administrativo, quando a presidência era desempenhada pelo incomparável abebeano Pedro Cezar Gomes Lemos.

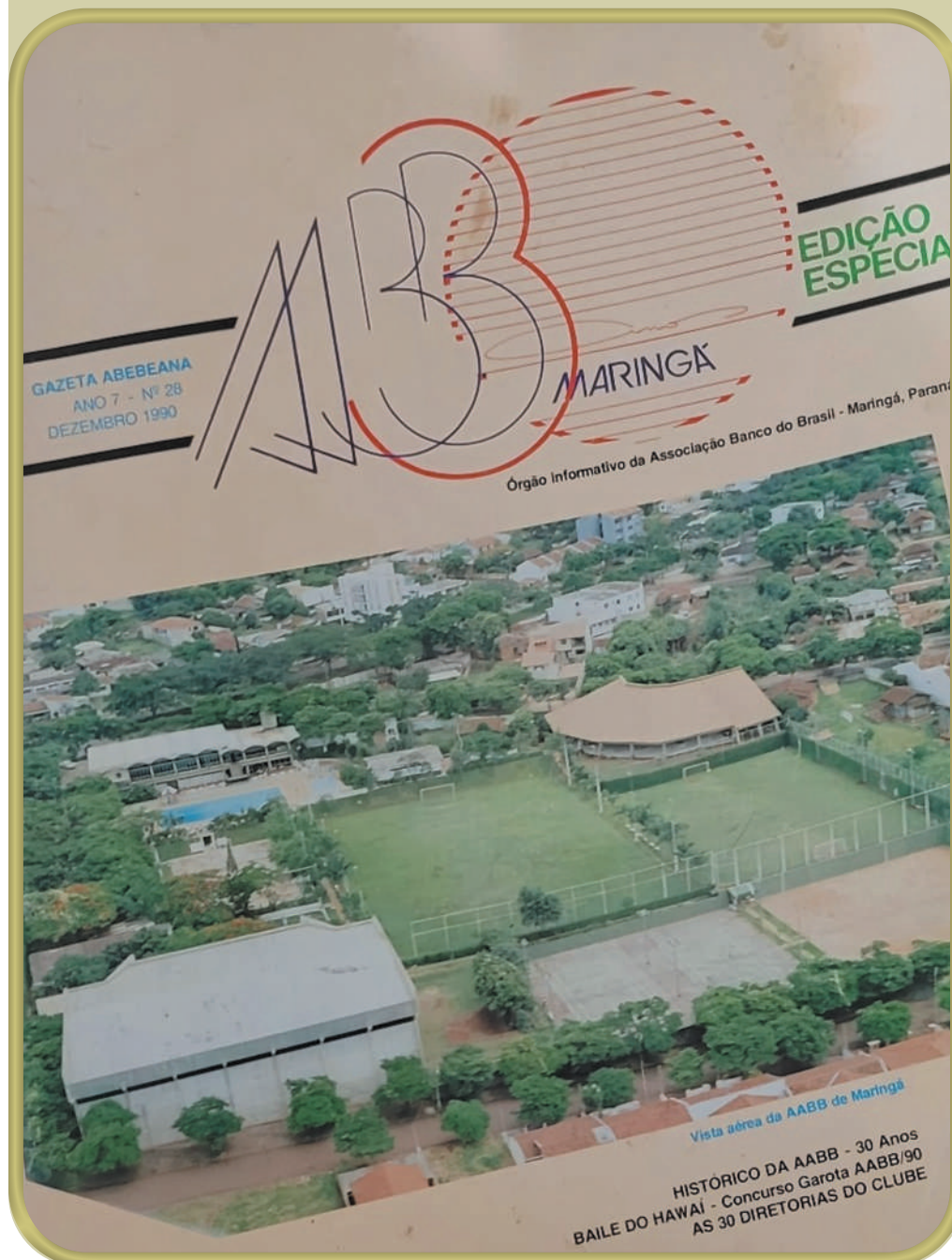
Na vigência dessa gestão, a AABB Maringá completava os requisitos estruturais previstos pelo Banco do Brasil para disponibilizar o presidente do Conselho de Administração para o exercício exclusivo nas funções administrativas da associação. Pedro Cezar, por envolvimento profissional em suas funções no Banco, declinou da prerrogativa a meu favor, desde que permutássemos os cargos na diretoria.

Assumi, então, novamente a presidência, agora em disponibilidade exclusiva para administrar a AABB Maringá, para cujo cargo fui reeleito também para as gestões da 29<sup>a</sup> Diretoria (1986/89) e da 30<sup>a</sup> Diretoria (1989/1992) e deixei o cargo somente em 31/08/1992, após me aposentar em 10/03/1992 no Banco do Brasil no cargo de chefe-de-supervisores (FOTO 139, p. 149).

Nesses últimos 8 anos à frente da AABB Maringá, legamos importantes realizações, que posicionaram a AABB Maringá em marcante destaque nacional (logística, beleza, estrutura, frequência, realizações esportivas) e no Paraná talvez a primeira entre as congêneres, contando com a colaboração de uma valorosa equipe de abebeanos como Pedro Cezar Gomes Lemos, Remo Longo, Joacy Machado Botelho, Nélon Bravo César, Roldão Alves de Moura, Moacir Dalquano, Raimundo Maciel de Oliveira, casal Estêvam Trzeciak/Helena Marques de Almeida, Marlene Mazucato Valdovino Franco, Judith de Oliveira A. Viana, Nilson Colossi Becker, Oscar Yoshiro Hashimoto, Hamilton Ferrari, Marco Antônio Deprá, Altair Aparecido Galvão, Odair Roberto Herrerias Lopes, Acione Carbonieri, Aristides Taborianski e outros mais (FOTO 140, p. 149).



**Foto 139** - Cópia da capa da revista Gazeta Abebeana, edição especial em dezembro 1990, comemorativa aos 30 anos de fundação da AABB Maringá, expondo as realizações até então conquistadas por nossa associação.



Fonte: GAZETA ABEBEANA (1990, capa). Edição Especial 30 Anos.

**Foto 140** - Às folhas 03 da mesma edição da Gazeta Abebeana o rol de participantes da diretoria e meu pronunciamento na comemoração desses 30 anos de belas conquistas.

**EXPEDIENTE**

GAZETA ABEBEANA - Ano 7 nº 28 dezembro/90  
 Informativo de circulação dirigida da AABB de Maringá  
 Sede: Rua Visconde de Nacar, 863  
 Fones: (0442) 24-1224 e 24-8001

**CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**  
 Presidente  
 HUGO HOFFMANN  
 Vice Presidente Administrativo  
 ROLDÃO ALVES DE MOURA  
 Vice-Presidente Financeiro  
 OSCAR YOSHIRO HASHIMOTO  
 Vice-Presidente Social  
 NELSON BRAVO CESAR  
 Vice-Presidente Desportivo  
 MOACIR DALQUANO  
 Vice-Presidente Aposentados  
 PEDRO CESAR GOMES LEMOS

**CONSELHO DELIBERATIVO**  
 Presidente  
 ACIONE CARBONIERI  
 Demais membros:  
 Eletivos:  
 Avelino Ap. de Souza  
 Ezaquel Elpídio dos Santos  
 Ivaldo José Menon  
 João Eli Michels  
 João Fabreti Filho  
 Marlene Martin do Prado  
 Odair Roberto H. Lopes  
 Yasushi Shima

Suplentes - Célia M. Herculano Machado  
 Júlio Manoel Dorini  
 Nilson Fidéis de Souza

**CONSELHO FISCAL**  
 Presidente  
 TERUYO KOIKE TAKAMOTO  
 Demais Membros:  
 Eletivos - Nelson Peres Henrique  
 Vandr Carlos Justini

Suplentes - Gilberto Justino Ribeiro  
 Osvaldo Ferrari  
 Yoeli Yamamoto

Redação  
 Leni Schmidt  
 Diretor Comercial  
 Carlos Jacob Meireles Bronze

Foto (Capa)  
 Sérgio Jacques  
 Montagem e Impressão  
 Gráfica Boaventura  
 Av. Brasil, 2537 - Maringá - PR  
 Coordenação Geral  
 Marco Antonio Publicidade Ltda.

Rua Nêo Alves Martins, 2762  
 4º Andar - Conj. 42 - Fone (0442) 23-0943

**EXPEDIENTE**



Enaltecemos o denodo marcante, a determinação incansável e o constante trabalho, muitas vezes marcados pela incompreensão, de 30 diretorias que se sucederam na edificação de nossa ABB, onde além do lazer reforça-se o companheirismo e criam-se grandes amizades.

Somos e seremos sempre gratos ao Banco do Brasil S.A., a tantos clientes e colegas que conosco convivem ou que por Maringá passaram, nem bem sabemos quantos são nem onde estão, que aqui deixaram e continuam a marca indelével de sua colaboração.

É bem verdade que há ainda muito a ser feito para que nossa ABB atinja plenamente os objetivos para que foi idealizada, mas temos a certeza de que os que nos sucederem lerão a mesma garra dos que nos antecederam e nossa associação há de ser sempre grande como grandes são todos quantos conosco lutam por seu engrandecimento.

A Deus agradecemos a disponibilidade, o entusiasmo e a lucidez com que foram agraciados tantos abebeanos que nesses anos todos construíram com dedicação, nesta Maringá verde, esta linda ABB que é motivo de muito orgulho para todos nós.

Maringá (PR), 15 de novembro de 1990.  
 Hugo Hoffmann  
 Presidente

— Em 15 de novembro de 1960 reuniam-se 56 funcionários da Agência-criança do Banco do Brasil para fundarem a Associação Atlética Banco do Brasil Maringá. Naquele dia um sonho apenas, hoje, 30 anos depois, a realidade de um trabalho que nos fez um dos mais pujantes clubes de lazer de nossa cidade, ocupando uma área de quase um alqueire, totalmente edificada, em localização invejável, congregando quase 700 associados e suas famílias.

**Retificadora Maringá Ltda.**

*Foram três décadas de muito trabalho, cujos resultados surgem na imponência do patrimônio, hoje, inestimável da coletividade da ABB. Urnamos às nossas, as vozes que, hoje, parabenizam o sucesso de um empreendimento que significa toda a Maringá.*

R JOUBERT DE CARVALHO, 76 - CX. P. 323  
 FONE: (0442) 26-3737 — MARINGÁ — PARANÁ

**COTEL Comercial e Técnica de Eletricidade Ltda.**  
 ELETRICIDADE, TELECOMUNICAÇÕES E CONSTRUÇÃO CIVIL

AVENIDA DAS INDÚSTRIAS Nº 550 - PARQUE INDUSTRIAL I - TELEFONE: (0442) 28-5225  
 FAX (0442) 28-7111 - TELEX 442-507 - CX. POSTAL 2050 - CEP 87011 - MARINGÁ - PR

FILIAL 200  
 AV. COLOMBO, 5001 - FONE: (0442) 22-3612  
 FAX (0442) 28-7111 - TELEX 442-507  
 CEP 87020 - MARINGÁ - PARANÁ

FILIAL 400  
 R. MANOEL RIBAS, 1120 - FONE: (0444) 22-0384  
 CEP 87700 - PARANÁ - PARANÁ

Fonte: GAZETA ABEBEANA (1990, p. 3). Edição Especial 30 Anos.



## 7.6 Atenção ao ginásio de esportes

O Ginásio de Esportes estava praticamente concluído, mas exigia finalizações e alterações principalmente em seus vestiários para acomodar ao invés de duas, quatro equipes de cada vez (duas em quadra disputando e duas nos vestiários aguardando a vez), quando nessa frente de trabalho contamos com a orientação técnica do colega engenheiro civil Aristides Taborianski (FOTOS 141, 142).

**Foto 141** - Em 1990, churrasco de costela ao fogo de chão na AABB Maringá, sob a batuta de Remo Longo, futuro patrão do Centro de Tradições Gaúchas Rincão Verde de Maringá.



Um churrasco com forma nada convencional, ao menos para o Norte do Paraná. Essa tradição vem do extremo sul do País. O importante é que o pessoal se fartou de carne... das boas

Fonte: AABB (1990). Arquivos da AABB Maringá.

## 7.7 Churrascada ao fogo de chão

Com intuito marcante de concluir pendências no ginásio de esportes, contamos com o especial empenho pessoal do gerente da Agência Centro Sr. Remo Longo e também, com a contagiante colaboração dos associados (marcantemente do CESEC), e realizamos, de pronto, uma churrascada ao fogo-de-chão em que servimos uma tonelada de costela assada, acomodando festivamente os convidados na quadra coberta de nosso ginásio.

**Foto 142** - Após servir os convidados, nada mais justo que uma rápida descontração para confirmar o que fora bem feito: João Lorite (*in memorian*), Antenor Herrerias Lopes, Ivan Romis Bornia, Flavinho, Márcio Pretti, Eugênio Tarnhovi, Elson Jorge Zanatta, João Eli, Urbano Buchweitz, Aristides Taborianski, Donaldi Serra e Hugo Hoffmann.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## 7.8 Aquisição dos lotes 7 e 8 para quadras de tênis

A AABB contava com apenas duas quadras de tênis e essas, em *fast*. Num esforço investigativo localizamos o proprietário dos lotes 7 e 8 (888 m<sup>2</sup>), o qual residia no estado da Paraíba e, valendo-nos de um adiantamento feito por vários associados, adquirimos aquela área no início de 1989. O que era uma horta comunitária, conduzida por nossos funcionários Zé Velinho e Sebastião Leandro, mas que por muito tempo fora uma quizaça, foi entregue a uma empresa de Londrina, que nos ultimou as duas quadras de tênis em saibro, após adequarmos os terrenos, os muros e a iluminação.

## 7.9 Uma Olimpíada Abebeana

Organizamos uma “Olimpíada Abebeana” que se estendeu por mais de 4 meses, com competições todos os domingos, desde cedinho, no que contamos com nossas instalações e competência técnica do casal de instrutores Paulo/Jane na organização. Eram 6 equipes competindo (futebol, basquete, vôlei, tênis de campo e tênis de mesa, natação, xadrez, truco, salto à distância e à altura, lançamento de pesos e de dardos entre outros), cujas equipes compunham-se de atletas de modalidades desde “dente-de-leite” até “ferro-velho” (muitas delas mistas em termos de gênero), em que a pontuação levava em conta não apenas a vitória, mas também a presença dos atletas inscritos e a participação, com tempo mínimo, em cada competição (FOTO 143).

**Foto 143** - Fotos de equipes participantes da olimpíada e de promoções posteriores nos campos da AABB Maringá.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.





Foram domingos em que famílias inteiras compareciam à AABB, com seus atletas participando às vezes de equipes diferentes, mas nem por isso sem torcida, quando ao final era servido o almoço (já pela AABB) ainda na churrasqueira velha, atendendo a reservas antecipadas. O singular espírito esportivo despertado nessa olimpíada continuou influenciando fortemente nossas programações esportivas por longo tempo.

## 7.10 Bar e lanchonete administrados pela AABB

No Governo Collor (mar/90 a dez/92), foram extintos os 50% de subsídios do BB às mensalidades da AABB, ocorrendo com isso um pesado corte na arrecadação mensal da Associação. Visando a contornar essa situação, contando com os conhecimentos técnicos/habilidades do casal de colaboradores Odair Kuhn/Irene, ecônomos da AABB, que nela moravam desde a gestão de Lelis Vieira, estruturamos os serviços do Bar/Lanchonete para serem conduzidos e administrados pela própria Associação.

Programamos um desaterro junto à lanchonete (na sede) e ampliamos as instalações de nossa cozinha, enriquecendo-a inclusive com inúmeros equipamentos, o que deixou nossa AABB apta a atender a qualquer serviço de buffet. Foram memoráveis os jantares oferecidos/programados para os associados e os almoços que servíamos todos os domingos (ultimamente na “Churrasqueira Nova”).

## 7.11 A churrasqueira nova

A frente dos lotes 238-D e 238-E contava apenas com a terraplenagem e o muro de arrimo na cabeceira do “campo dois” de futebol suíço. Elaboramos o projeto da Nova Churrasqueira, mas o caixa quase zerado nos desencorajava a iniciar a construção. Negociamos a venda de 50% das quotas de um consórcio de automóveis da marca Ford (junto à Empresa Pismel de Maringá) e com isso nascia a coragem e recursos para iniciar a obra, que aconteceu em 10/08/1988 (FOTO 144).

O projeto viria atender a uma série de necessidades da Associação: Uma área maior (1.131 m<sup>2</sup>) para atendimento às festas/confraternizações dos associados, contendo ampla churrasqueira (quatro lances) e dependências de bar e de cozinha, depósito de bebidas e instalações sanitárias, residência para o ecônomo da Associação, lavanderia, oficina de consertos e dependências destinadas aos funcionários.

A construção fora concebida envolvendo estilo diferenciado: Acabamento em tijolos à vista e cobertura estruturada em madeira aparelhada(peroba) sustentada por chapas de ferro/parafusos. Nesse intuito tivemos a valiosa colaboração do associado Hamilton Ferrari, que através de um amigo, nos atendeu de Rondônia com um carregamento de peroba, serrada e aparelhada nas medidas e quantidades exatas para toda a estrutura e cobertura, a preço camarada. Os tijolinhos à vista foram todos assentados pelo pedreiro Néelson de Sarandi (PR),

**Foto 144** - Churrasqueira Nova da AABB Maringá. Neste “Folheando Memórias” encontraremos no final deste capítulo mais considerações sobre esse empreendimento que, em nosso tempo, ousávamos classificá-lo como Símbolo da AABB Maringá.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



sob minha orientação pessoal, passo a passo, adquiridos em São Carlos do Ivaí (PR). As chapas de ferro foram cortadas e perfuradas, duas a duas, conforme desenho técnico. Os parafusos/porcas foram adquiridos de empresa do Rio Grande do Sul, mas fomos socorridos também por amigos da Empresa Carrocerias Masson de Maringá, que nos forneceu grande parte dos parafusos (em porte de uma polegada de grossura), produzidos através de serviço em torno (com roscas nas duas extremidades), pois o fornecedor gaúcho, em certa altura, só dispunha de porcas para nos atender.

Foi fundamental o apoio financeiro recebido do DEASP e da Federação Nacional de AABB (FENABB) para que em 31/08/1992 entregássemos a Churrasqueira Nova já em utilização, porém com chão apenas em contrapiso e sem os fechamentos laterais em vidraças, quando as demais pendências já estavam concluídas. (Na presidência de João Fabretti Filho criamos e produzimos no Núcleo Social Papa João XXIII e instalamos as 5 luminárias centrais e várias laterais, bem como a pesada porta de entrada em duas folhas, tudo em madeira aparelhada).

## 7.12 Programa integração AABB/comunidade

Com a presença de diretor do Banco do Brasil, implantávamos em set/88 o Programa Integração AABB/Comunidade em Maringá, matriculando 176 crianças carentes (11 a 16 anos) em convênio com a Prefeitura Municipal e apoio das Empresas Parizotto/Atacadão e Valmar de Maringá. As crianças acolhidas frequentavam as instalações da AABB (uma turma pela manhã e outra à tarde), praticando as modalidades esportivas basquete e vôlei, sob orientação de instrutores mantidos pela Prefeitura e recebendo lanches e materiais esportivos patrocinados pelos ilustres empresários Alcides Parizotto, João de Lima Ganem e Gilberto Rezende Campos das referidas empresas. Esse programa permaneceu ativo na AABB por longos anos (FOTO 145).

**Foto 145** - Essa iniciativa abraçada por AABBs teria nascido de movimento iniciado por funcionários do Banco do Brasil de Maringá junto ao Núcleo Social Papa João XXIII, conforme artigo constante da revista Gazeta Abebeana/90 pág 19 e 20, cuja cópia apresentamos.

**AABB MARINGÁ  
Ação Comunitária**

Antes mesmo da Direção Geral do Banco do Brasil S.A. iniciar gestões no sentido de ampliar as atividades das AABBS, vínhamos desenvolvendo um trabalho, visando contribuir na solução de problemas que afligem a comunidade. Formou-se um pequeno grupo com o nome de CIC - Comissão Integração Comunitária.

O grupo foi crescendo, a idéia tomando definições e hoje somos 150 participantes, recolhendo mensalmente certo número de AJA (ajuda-alimentação) cada um, somando quase Cr\$ 250.000,00 mensais em prol de um Programa que prevê atendimento promocional a 120 crianças de 0 a 14 anos.

Esse trabalho foi mencionado na reunião de AABBS promovida pelo DEASP em setembro passado, com a participação de 98 AABBS do Paraná, quando o representante do DEASP, Sr. Ricardo Bauermann Ehlers fez amplos elogios à iniciativa, estendendo-os a outras associações que também vêm atuando nesse sentido e afirmando que o Banco do Brasil quer isso também das AABBS.

O programa está sob a coordenação do Vice-presidente social Sr. Nelson Bravo César e a arrecadação é feita em conta especial "AABB - Ação Comunitária dos Funcionários do Banco do Brasil" e destina-se - especificamente a - atendimento do programa, constando do seguinte:

1º) Assumimos uma creche junto ao Núcleo Social Papa João XXIII, com capacidade para 20 crianças, à qual fornecemos recursos para reforma e manutenção do prédio, alimentação das crianças, serviços de atendimento (coordenação, atendentes, serventes etc.) e aquisição de móveis, utensílios, roupas, brinquedos etc.

2º) Após os 2 anos essas crianças são encaminhadas, por ora, a outra creche vizinha onde são atendidas até os 6 anos. Cogita-se construir instalações que possibilitem o atendimento no próprio Núcleo também nessa faixa etária.

3º) Dos 6 aos 14 anos essas crianças, com outras carentes, em número de 50 por período, de manhã e à tarde, após serem matriculadas em escolas da vizinhança, recebem do Programa atendimento especial de reforço escolar, compreendendo:

a) Quem estuda de manhã, ao sair da escola vai diretamente ao Núcleo Social, na Escola Profissionalizante Papa João XXIII, onde recebe almoço e tem no período da tarde oportunidade de fazer as tarefas de escola, praticar esporte, aprender um ofício (datilografia, desenho arquitetônico, marcenaria, estofaria, culinária, costura etc.).

b) Quem estuda à tarde faz tudo isso pela manhã e após o almoço vai à escola.

c) Por ora o número de vagas é limitada a 50 em cada período e conta com ajuda também da Prefeitura Municipal e da Administração do Núcleo a cargo das irmãs Vicentinas da Cidade, que desenvolvem também outros muitos trabalhos na instituição.

Em resumo o programa visa acolher o menor carente, retirando-o muitas vezes da rua e fazendo com que estude, tenha uma alimentação sadia e seja integrado na sociedade, aprendendo mesmo uma profissão.

Escolhermos o Núcleo Social Papa João XXIII para implantação do Programa porque desde há muito tempo funcionários do

O Arcebispo Diocesano, Dom Jaime Luiz Coelho quando da bênção da creche.

Banco do Brasil vêm participando da Diretoria e do trabalho que lá se realiza, havendo nele todas as condições para implantação e execução do programa.

O Núcleo Social Papa João XXIII, empreendimento da Mitra Arquidiocesana de Maringá, é uma entidade beneficente, com área de 27.700 m<sup>2</sup>, onde foram construídas 65 casas para desabrigados, uma escola

**HP**  
**HONDA**

**HONDA PISMEL**

HP MOTO  
CENTER LTDA.

Avenida Tiradentes, 38 - Tel.: (0442) 23-1413  
- CEP 87131-1 Maringá - Paraná  
Proc. Francisco A. Neri, 9873  
Tel.: (0449) 23-8632 - CEP 87300  
Caxias Marão - Paraná  
Rua Manoel Pires, 1244  
Tel.: (0442) 23-1505 - CEP 87780  
Paraná - Paraná

AV. TIRADENTES, 38  
FONE: (0442) 23-1413  
MARINGÁ - PARANÁ

profissionalizante com 1.500 m<sup>2</sup>, uma creche e a sede onde residem as irmãs encarregadas da administração. As famílias assistidas recebem as casas em regime de comodato e nelas residem até constroem sua própria casa em sistema muitas vezes de mutirão. Enquanto aí residem recebem das irmãs acompanhamento no tocante à saúde, trabalho, higiene, moral e civismo.

Implantamos nosso programa nesse Núcleo por entendermos que o trabalho de promoção humana deve ter características definidas e constantes, caso contrário estará fadado ao insucesso, pois nossas limitações nos impedem que abracemos o mundo, mas sugerem que cada um procure fazer a sua parte.

O aumento de adesões por parte do CESEC, Agências Maringá Centro, Maringá Velho e Paçandu há de garantir a realização plena e duradoura desse programa que espera menos marginais e mais cidadãos conscientes.

O mundo será melhor se cada um fizer a sua parte.



Grupo de garotos que estão atendidos pelo Programa Ação Comunitária. A meta é atingir 100 menores.



Uma vista do berçário para 20 crianças.

Fonte: GAZETA ABEBEANA (1990, p. 19-20). Edição Especial 30 Anos.



## 7.13 Melhoramentos no campo I de futebol suíço

Elevamos e intensificamos a iluminação do “campo um” de futebol suíço para melhorar o desempenho de nossas equipes em competições noturnas (Veteranos, Cabeça de Leitoa e Nossas Seleções), atendendo a reivindicação de nossos atletas e eliminando uma das deficiências alegadas quando éramos derrotados em competições: “Falta de boa visibilidade”. Mais tarde, sob o comando decisivo do bravo abebeano Néilson Bravo Cezar, readequamos seu nível e substituímos o gramado por grama esmeralda, que importamos da cidade de Jaboticabal (SP), pois essa grama era pouco conhecida ainda na região e mesmo inexistente, na quantidade necessária na época. (FOTO 139, p. 149).

## 7.14 Almoços festivos aos domingos

O detalhe de administrar o Bar/Lanchonete da AABB nos proporcionou oportunidade de promover almoços aos domingos, chegando a atender até a mais de 400 pessoas, quando já usufruíamos das instalações da Churrasqueira Nova. O esquema era simples: O Sebastião Leandro (funcionário na guarda noturna) acendia as churrasqueiras às 2 horas da madrugada, espetava as costelas que estavam na geladeira, acondicionadas pelo Odair (providenciadas conforme reservas) e levava tudo ao fogo para assar, quando ao meio dia dos domingos, ao ser servido, estava saboroso e desmanchando (como se dizia). Aí vinha cedinho o Odair com as lingüicinhas e demais detalhes, os funcionários, com a arrumação do salão, a Irene, com os caprichos da cozinha, a cerveja, já tinindo no freezer e chegavam os associados com seus convidados.

## 7.15 Jantares e bailes comemorativos

Ficaram para a história os jantares dançantes e bailes promovidos (naquele tempo bastante prestigiados), conduzidos/organizados sempre pela Diretoria Social comandada um tempo por Marlene Mazucatto Valdovino, outro por Judith de Oliveira

Viana e depois por Helena Marques de Almeida. Quem esteve presente não esquece a criatividade em trajes do Baile Cafona, Baile das Bruxas e dos Caipiras, bem como também, os inesquecíveis Bailes do Hawaí, nas comemorações de aniversário da Associação, em volta da Piscina, com show aquático e com passarela sobre as águas, em que desfilavam as garotas prata da casa, candidatas ao título de Garota AABB a cada ano (FOTO 146).

Foto 146 - Garotas AABB Maringá, na revista Gazeta Abebeana/90 pág. 17.



Fonte: GAZETA ABEBEANA (1990, p. 17). Edição Especial 30 Anos.



Nas gestões seguintes da AABB Maringá (pós 31/08/1992, continuei participando de Diretorias da AABB, quase sempre como presidente do Conselho Deliberativo, até o dia 20/01/2019.

Nos últimos tempos a AABB Maringá vinha reunindo forças para conquistar novamente, junto ao Banco do Brasil/FENABB a disponibilização de um funcionário da ativa do Banco para atuar exclusivamente na administração da Associação, pois em 10/03/1992, por ocasião de minha aposentadoria, aquela prerrogativa fora extinta e, após 31/08/1992 com o término de meu mandato, passaram a acumularem-se problemas administrativos junto ao Clube (os aposentados sentindo-se sós e sobrecarregados em cada nova diretoria).

Anteviam-se, inclusive, preocupantes providências relativas à desapropriação de nosso estacionamento pela Prefeitura (ora ativada, mas já sinalizada há mais de 30 anos) o que exigia decisões e negociações fundamentais para o futuro do Clube.

Nosso trabalho foi reconhecido e o Banco do Brasil disponibilizou, para administrar nossa AABB, o funcionário da ativa lotado em Paranavaí (PR) Almir Rogério da Silva, após ser eleito para a presidência do Conselho de Administração.

## 7.16 O Jubileu de Diamante da AABB Maringá

No início de 2019, porém, começaram a transparecer princípios alheios aos vividos, por esses quase 60 anos, entre as presidências do Conselho de Administração e do Conselho Deliberativo (este, então, com maioria de ex-presidentes), após a AABB ter em caixa em torno de um milhão e setecentos mil reais, recebidos de indenização da Prefeitura Municipal de Maringá, referentes à desapropriação de 2.200 m<sup>2</sup> do seu estacionamento, para ampliação e modernização da Av. Carlos Borges.

Esse deletar de princípios culminou com a ocorrência de invasão pelo presidente do Conselho de Administração à reunião de 19/01/2019 do Conselho Deliberativo, forçando a interrupção e cancelamento da referida reunião, bem como, motivando o pedido de demissão do presidente do Conselho Deliberativo Antenor Errerias Lopes, dos conselheiros Pedro Cezar Gomes Lemos, Oswaldo Pereira Ayres e do meu também.

A cena real que protagonizáramos levou-nos a entender, diante da insólita manifestação do presidente do Conselho de Administração, que deveríamos esquecer o espírito abebeano (como se possível fosse), que até então, por décadas, abraçáramos com muito orgulho e firmeza, pois estávamos diante de uma “impactante” mudança dos tempos.

Um espírito abebeano diverso acabara de instalar-se em nossa AABB Maringá. Com dinheiro em caixa (como nunca houvera), a AABB Maringá “enfim” poderia desdenhar os amargos esforços, bem como as sofridas conquistas do passado, e viver as doces alegrias do presente, passando a contar com um futuro de sabor docemente diferenciado do que degustaram os protagonistas do passado.

Estávamos certos (a mudança vinha com aceitação total), pois na ocasião, as justificativas e argumentos remetidos ao Banco do Brasil, à FENABB e à diretoria da AABB Maringá, nada mais mereceram que o “ciente” aposto pelo presidente do Conselho de Administração nos pedidos de demissão do presidente e dos demais membros do Conselho Deliberativo demissionários.

## 7.17 Uma decisão em novos tempos de AABB Maringá

Em setembro de 2020, em plena vigência da pandemia do coronavírus covid 19 (estando o clube interditado), inesperadamente fui contactado por abebanos do passado e do presente, cobrando minha manifestação diante de decisão da diretoria da AABB Maringá, que estaria desfigurando a “Churrasqueira Nova”, marcante obra da 30ª Gestão da Diretoria (a nossa), até então considerada o Símbolo da AABB Maringá por sua grandiosidade e nobreza de estilo.

## 7.18 Texto desabafo

Havia tomado a decisão, naquele 20/01/2019, de que não mais me envolveria em assuntos da AABB Maringá (aos meus 80 anos), quase 10 na presidência do Conselho de Administração e mais de 20, à frente do Conselho Deliberativo, quando me demiti com mais dois ex-presidentes e outro conselheiro deliberativo, por não



mais suportarmos ouvir em reuniões a surrada expressão: “Hoje na AABB Maringá os tempos são outros”.

Voltei, porém, em setembro de 2020, após constatar o fato, a gerar o texto-desabafo, que se segue (a nível de memória póstuma), e enviá-lo a alguns companheiros da 30ª diretoria, procurando abrandar a amargura e a desaprovação à tal decisão, tida como equivocada e inconsequente, tomada na surdina de 8 meses de pandemia corona vírus 19:

O Texto: “A Churrasqueira Nova era considerada Símbolo da AABB Maringá, por manter sua lembrança indelével na memória de todos quantos a visitavam e/ou nela participavam de memoráveis comemorações lá festejadas, em vista do notável estilo de sua construção e até mesmo dos emocionados abraços lá trocados com amigos nos últimos 30 anos.

A “Churrasqueira Nova” fora forjada com os mesmos ingredientes, ricos em companheirismo e participação, utilizados nesses 60 anos de estruturação da AABB Maringá, a mais graciosa, a mais bela e a mais acolhedora do Paraná.

Em agosto de 1988 concluíamos o projeto da Churrasqueira Nova da AABB Maringá, contemplando uma série de necessidades previstas para o engrandecimento de nossa Associação que, sugeridas ao arquiteto, envolviam inclusive toques de aspecto turístico para cuja área Maringá, aos seus 40 anos começava a despertar.

Definido o estilo colonial para a construção, iniciávamos a obra com recursos obtidos na venda de cotas de um consórcio Ford, em que recebêramos em bonificação um automóvel Corcel e o rifáramos. Seguiram-se, então muitas promoções, almoços (com até 400 participantes aos domingos), doações espontâneas de associados e de amigos e participação também do DEASP/FENABB, e em agosto de 1992 já a utilizávamos em nossas reuniões festivas, com piso e acabamentos laterais ainda inconclusos.

Os tijolos, batidos em areia, para o acabamento à vista, foram obtidos em olaria da cidade de São Carlos do Ivaí (PR), produzidos por forma única, foram todos assentados por um único profissional para não comprometer a homogeneidade do acabamento. A estrutura de sustentação do telhado, orçada em peroba desde o ripamento até as 11 tesouras (mais de 30 toneladas), foram serradas

e aparelhadas em Rondônia e adquiridas, a preço amigo, por intermediação do vice-presidente de esportes da AABB. As chapas de aço, presentes nas conexões estruturais da madeira, foram todas elaboradas, par por par, em metalúrgica de Maringá e fixadas por parafusos, obtidos nas especificações indicadas, junto a uma empresa do Rio Grande do Sul. As telhas de barro “portuguesas” foram negociadas com uma cerâmica de Barra Bonita (SP).

Fora memorável o esforço despendido e enriquecíamos a AABB Maringá com um amplo salão (1.131 m<sup>2</sup>) com capacidade para acolher mais de 800 pessoas (éramos quase 700 associados), onde nesses últimos 30 anos foram realizadas todas as grandes festividades e comemorações de nosso Clube.

Em setembro de 2020, ao visitar a AABB Maringá (onde “os tempos são outros”), adentramos pelo novo acesso, estacionamos o carro no novo estacionamento e fomos recepcionados na nova portaria, cujas novas belas dependências (em área para tal reservada há mais de três décadas), foram construídas com recursos provindos da indenização então recebida referente à desapropriação de nosso antigo estacionamento.

Ao deixar a nova portaria, esperávamos apreciar a frente do Símbolo da AABB Maringá, mas verificamos logo inesperadas e lamentáveis desfigurações das artes de seus pilares externos, encobertos parcialmente por aplicações em cerâmicas.

Adentrando mais, procurando inteirar-nos do ocorrido, constatamos que a Churrasqueira Nova da AABB Maringá já não mais existia como tal. As churrasqueiras (4 lances) e o bar haviam sido demolidos e novas paredes surgiam dividindo aquele amplo espaço. Os sanitários (recentemente restaurados por completo) estariam sendo destinados a outros fins. As 11 tesouras estruturais, em peroba aparelhada, segundo informações obtidas, seriam encobertas por gesso, tudo dando conta de que o “símbolo da AABB Maringá” fora sacrificado aos deuses do tempo presente.

Para não intensificar nossa amargura tentamos entender que o desmonte daquele quase sagrado patrimônio estar-se-ia prestando à otimização de seu uso, dadas as atuais exigências do clube. A essa altura, porém, nossa desaprovação e revolta passaram a elevarem-se ao grau máximo, porquanto a otimização de uso, fora prevista há



longos anos e insistentemente sugerida à diretoria, para ocorrer na área ao lado (2300 m<sup>2</sup> reservados há décadas para esses fins), onde infelizmente observamos ter sido construído apenas o mínimo necessário, preferindo despender preciosos recursos, destruindo o notável Símbolo da AABB Maringá, pronto e acabado a seu estilo.

A hipótese mais provável, para tentar justificar essa lastimável decisão, é que o nobre belo do estilo colonial não estaria atendendo ao raro gosto de atuais diretores, que vislumbram beleza unicamente no brilho total e geral dos BLINDEX que deverão marcar presença única em todos os ambientes da atual AABB Maringá (dos novos tempos).

Resta aos funcionários do Banco do Brasil da ativa em Maringá e de cidades próximas (em número talvez de 300), continuarem esperando uma mensalidade de AABB condizente com seus salários e a aposentados (dizem alguns: mais de 500), continuarem sonhando com piscina térmica, academia de ginástica, sala de jogos, quadras infantis para acompanhar nossos netos, cancha de bochas (sem buracos), pois tais melhorias talvez não mais virão, diante dessa leviana utilização de preciosos recursos ora recebidos, fruto de conquistas do passado.

Conforta-nos recorrer, no entanto, a uma realidade que ainda nos enaltece e nos envaidece. No Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá os tempos continuam os mesmos, há quase 40 anos, em que funcionários do Banco do Brasil (mais de 100) continuam participando da diretoria e/ou prestando apoio financeiro, foram e/ou estão sendo fundamentais à criação, à estruturação e à consolidação de um programa inédito de promoção humana, em que são acolhidas 75 famílias empobrecidas com seus filhos pequenos (mais de 300 assistidos entre pais e filhos), onde já foram promovidas até o Natal de 2021 mais de mil famílias (1.033).

Seguem últimas fotos, obtidas em 24/09/2020, com detalhes (apenas de partes altas) restantes do desmanche da “Churrasqueira Nova” da AABB Maringá, obtidas após as primeiras permissões de visitas em tempos de restrição imposta pela Pandemia Covid 19.

Nunca imagináramos tamanho irreverente fim para nosso, até então, acolhedor e histórico Símbolo da AABB Maringá (FOTOS 147, 148 e 149, 150, 151, p. 158).

**Foto 147** - Detalhe do acabamento em tijolos à vista batidos na areia.



**Foto 148** - Visual do alto em que a parte baixa já aparece alterada.



Fonte: Em 24/09/2020, fotos obtidas pelo Studio Mike de Maringá.



**Foto 149** - Onze tesouras com 16 m de comprimento cada, em peroba aparelhada, sustentam o encaibramento e enripamento da cobertura em telhas cerâmicas.



**Fotos 151** - Detalhes (ainda visíveis) do que fora a cobertura da “Churrasqueira Nova da AABB Maringá”, uma das realizações da 30ª Diretoria (1989/1992).



**Foto 150** - Uma das cinco luminárias.



Fonte: Em 24/09/2020, fotos obtidas pelo Studio Mike de Maringá.

A AABB Maringá continua e sua histórica se impõe. Lamentamos profundamente, porém, em nosso entendimento, a atual vivência descaracterizada que vem ocorrendo na Entidade, às custas e complacência do Banco do Brasil, alijando seus funcionários.

Antigamente era comum haver até 5% (de clientes linha de frente) como associados (por razões de limitações de espaços) e os funcionários viviam felizes e descontraídos, tendo na AABB seu segundo lar.

Hoje vemos serem associados apenas pouco mais de 10% dos funcionários (notadamente por limitação financeira) e viverem às turras com algum estresse (lutando para conquistar/garantir o primeiro lar) e o Banco do Brasil (por sobra de espaço) continuar envolvido em garantir esse patrimônio frequentado por quase 80% de terceiros (os queremos todos no clube), embora alguns nem nutram razoável simpatia pelos donos da casa.



Foto 152 - Homenagem recebida da AABB Maringá em 06 de setembro de 2021.

# TÍTULO DE ASSOCIADO BENEMÉRITO

A Associação Atlética Banco do Brasil – AABB Maringá (PR), fundada em 15 de novembro de 1960, nos termos do inciso IV, do Artigo 4º, do Capítulo II do Estatuto Social aprovado em 27 de dezembro de 2016, concede o título de Associado Benemérito a

## HUGO HOFFMANN

de acordo com a aprovação unânime pela Diretoria Gestão 2021-2024 em reunião realizada em 02 de setembro de 2021, em reconhecimento aos excepcionais serviços prestados à Associação.



Maringá, 06 de setembro de 2021

**Almir Rogério Silva**  
Presidente do Conselho de Administração

**Idebrando Ribeiro Pinto**  
Presidente do Conselho Deliberativo

Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.





A nível de cristalina justiça, entendemos que hoje devesse ser facultado, a todos os funcionários do Banco do Brasil de Maringá, o direito de associarem-se à AABB-Maringá, mediante pagamento de uma mensalidade diferenciada (pouco além de simbólica) por

conta de o valioso patrimônio (conquistado nesses 60 anos, pelo Banco do Brasil e por seus valorosos funcionários) estar quase 80% disponibilizado (“arrendado”) a terceiros (benvindos), que dele usufruem mediante pagamento de taxas.

**Foto 153** - AABB Maringá recepcionando os amigos do Clube Porto Sajônia de Assunção-Paraguai, numa parceria de quase 50 anos.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## CAPÍTULO 8

### 8.1 Na Presidência do Núcleo Social Papa João XXIII

Em meados do ano de 1985, eu já havia deixado temporariamente minhas funções no Centro de Processamento de Serviços e Comunicações (CESEC) do Banco do Brasil em Maringá e exercia, em disponibilidade funcional, a presidência da Associação Atlética Banco do Brasil de Maringá (AABB). O gerente da agência Centro do Banco do Brasil era Remo Longo, catarinense do vale do rio do Peixe, que participava também da diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá no Jardim São Jorge da cidade. Na manhã do dia 19/09/1985 encaminhou-me um cartão firmado por Dom Jaime Luiz Coelho, 1º bispo de Maringá, o qual me convidava (aditando telefonema já feito) para participar de uma reunião em 26/09/1985, cujas decisões foram postergadas, visando homologações que deveriam ocorrer em Assembleia Geral Extraordinária a ser realizada em 09/10/1985.

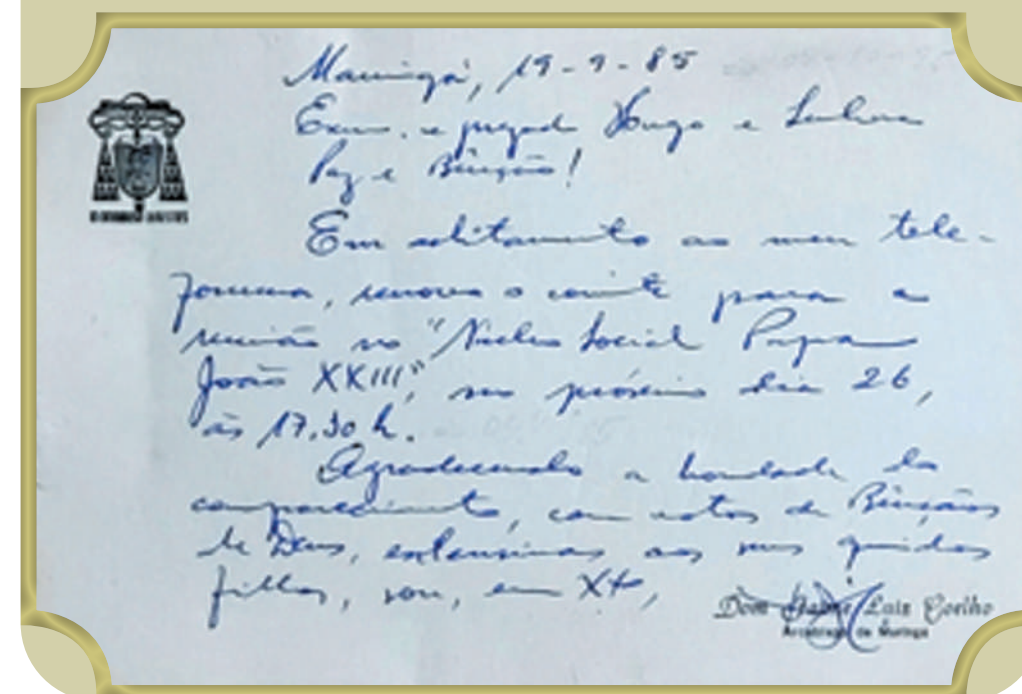
Meu relacionamento com Dom Jaime (que tomara posse como 1º bispo de Maringá em 24/03/1957) vinha desde 1959 como integrante da Juventude Estudantil Católica (JEC), acompanhada de perto por ele, que foi, tempos depois, meu professor e diretor na Escola Técnica de Comércio de Maringá e posteriormente, professor na Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECSEM). Eu não poderia declinar de comparecer à referida reunião, em que acabei sendo indicado para a presidência da Entidade, cuja diretoria foi referendada na AGE de 09/10/1985 (FOTO 154).

A insistência fora marcante, tanto da parte do colega gerente do Banco do Brasil Sr. Remo Longo, sempre envolvido também em atividades sociais da comunidade, quanto da parte de Dom Jaime, em quem percebi (mais que nunca) um contagiante entusiasmo pela Entidade que criara e inaugurara em dezembro de 1972, com apoio de Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. No momento buscavam-se reforços humanos e financeiros para os programas que a Entidade vinha desenvolvendo.

### 8.2 O Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá

O Núcleo Social Papa João XXIII é fruto de esforço comunitário na solução de problemas sociais, que envolviam o Norte do Paraná, nos anos das décadas de 1960 e de 1970, motivados fortemente pelos longos e trágicos efeitos da nefasta geada de 1955 (depois a de 1975) que, entre outros fatores, feriu gravemente a estabilidade da cultura do café, mola-mestra do desenvolvimento regional até então. O surgimento de fluxos de meeiros-do-café à cidade de Maringá exigia forte atenção humanitária, pois esboçavam-se fortes ameaças de formação de favelas, uma vez que áreas rurais destinadas à cultura do café começavam a destinarem-se a outras atividades e instalavam-se inclusive as iniciativas da mecanização agrícola na região.

**Foto 154** - Convite de Dom Jaime Luiz Coelho, 1º bispo e arcebispo de Maringá, convidando-me para participar de reunião do Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá em que fui indicado para a presidência da entidade.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



Atento a essa preocupante situação, Dom Jaime Luiz Coelho, que assumira a Diocese de Maringá, como seu primeiro bispo, vinha atuando com destaque em setores da comunidade maringaense e em cidades de sua jurisdição diocesana, tendo criado em 1959, o Albergue Santa Luíza de Marillac, conduzido pelas Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo entre outros. Esse, porém, já se mostrava insuficiente à intensa demanda de retirantes rurais, que buscavam amparo para suas famílias e emprego para suas subsistências.

A diretora do Albergue, Irmã Michelina Salomé Dets, atenta ao zelo da missão que lhe cabia na administração dessa entidade (ainda hoje com marcante atuação em Maringá), estendeu a abrangência de sua solidariedade, até barracos na Vila Vardelina (hoje Jardim São Jorge), onde se situa o Núcleo Social Papa João XXIII.

Irmã Salomé, diante da preocupante situação que se agravava sempre mais, fez questão de levar também Dom Jaime até a Vila Vardelina, para que ele tomasse ciência da efetiva vida sofrida que lá acontecia em improvisados abrigos. Dom Jaime nos afirmava sempre, que a fragilidade de Irmã Salomé e a dimensão dos problemas que lá presenciara impuseram-lhe extrema preocupação.

### 8.3 A ajuda que veio da Itália

A Igreja Católica vivia o clima de esperadas mudanças previstas em decisões do Concílio Ecumênico Vaticano II, convocado pelo Papa João XXIII e programado para desenvolver-se em sessões desde 11/10/1962 até 08/12/1965. Dom Jaime participou de todas as sessões desse Concílio e, na primeira delas, teve oportunidade de relacionar-se com amigos do Papa João XXIII da cidade italiana de Bréscia, irmanados no “*Secretariato Fraternità de Bréscia*”, que sensibilizados com a situação humanitária vivida por famílias em Maringá e região, conforme testemunho de D. Jaime, prontificaram-se a buscar colaboração financeira, visando a participar também na solução do crucial problema (FOTOS 155, 156).

Em 1963 falecia o Papa João XXIII, mas permaneciam vivos entre seus amigos de Bréscia os princípios de bondade e de dedicação aos pobres defendidos pelo notável papa orgulhosamente oferecido à Igreja Católica pelos italianos.

**Foto155** - Em 11/10/1962, sessão de abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, na Basílica de São Pedro em Roma, em que Dom Jaime Luiz Coelho estava presente como participante convocado.



**Foto 156** - Em 17/10/1962, audiência pública do Papa João XXIII na 1ª sessão do Concílio Ecumênico do Vaticano II, presença de Dom Jaime (rosto assinalado com pequeno círculo).



Fonte: REVISTA DA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ (1972, p. 7). Comemoração aos 15 anos de sua fundação.



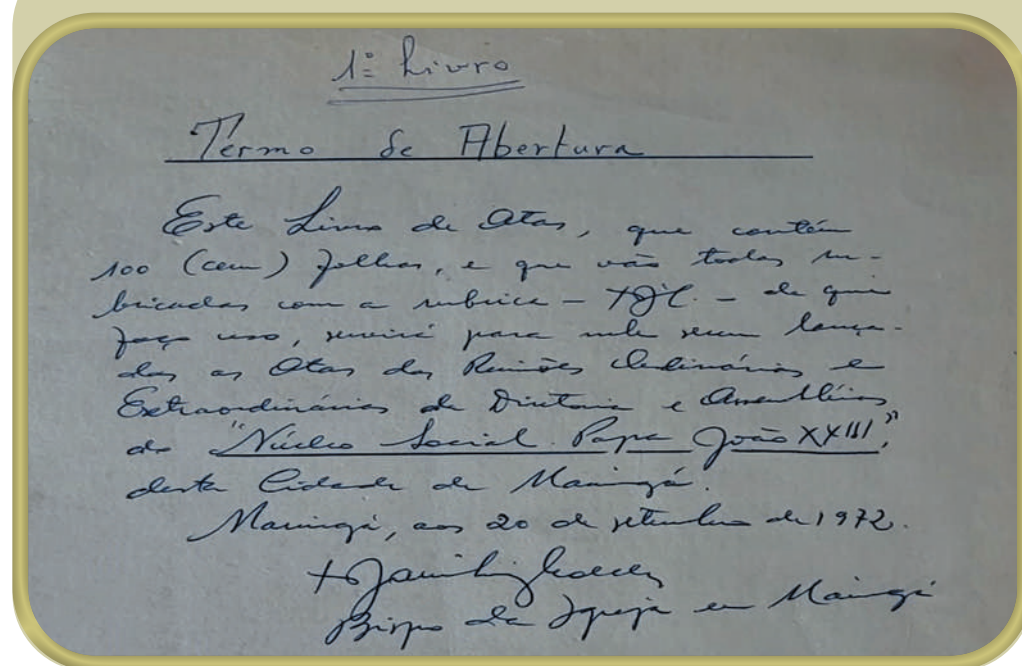
O “*Secretariato Fraternitá de Brescia*”, dirigido por Giuseppe Inselvini, que centralizava os controles das obras assistenciais desenvolvidas em vários países pela entidade, já em 1965 sinalizava, que Maringá também seria agraciada com obras sociais patrocinadas pelos amigos do Papa João XXIII.

Esse envolvimento com amigos da cidade de Bréscia despertaram vivas esperanças em Dom Jaime, que o levaram a participar de possível solução para os sérios problemas vividos por sofridas famílias da Vila Vardelina. Em 1969, Dom Jaime obtivera sinal verde junto ao Prefeito de Maringá, Dr. Adriano José Valente, para a doação de uma área do Jardim São Jorge, contígua à Vila Vardelina, em que poderiam ser construídas algumas casas para acolher famílias. Ante essas circunstâncias, viajando a Bréscia em 1970, estabeleceu um pacto de honra de “cidades gêmeas” entre Maringá (PR) e Bréscia-Itália, firmando compromisso de receber doações para a construção de 50 casas e um salão social.

Os amigos de Bréscia efetivamente foram generosos, remetendo os recursos combinados e 10 casas e o um salão social foram inicialmente construídos, já no local disponibilizado pelo prefeito

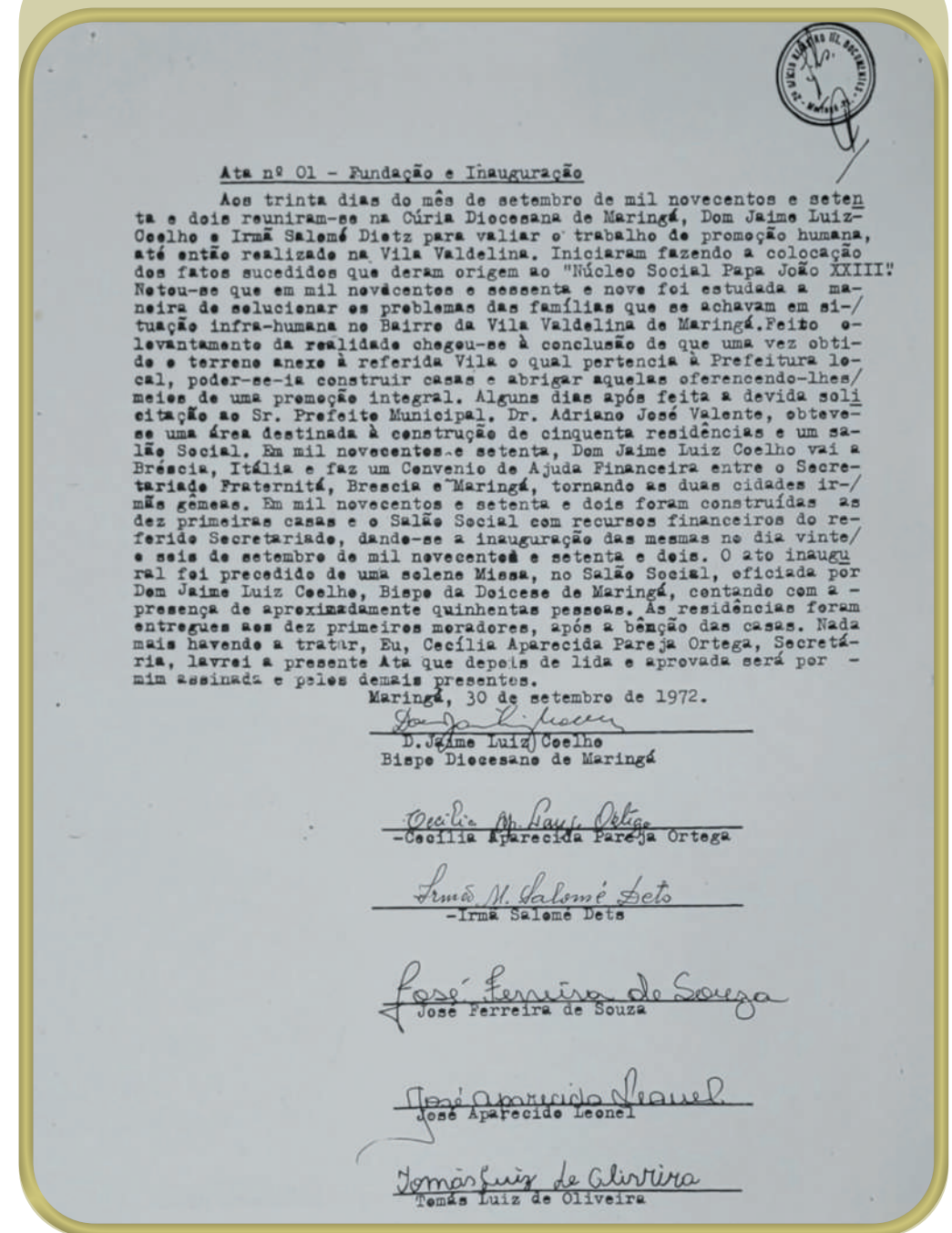
Dr. Adriano, com inauguração festiva ocorrida em 26/09/1972, com missa celebrada por Dom Jaime e presença de mais de 500 pessoas, conforme ata nº 1 de Fundação e Inauguração do Núcleo Social Papa João XXIII em 30/09/1972 (FOTOS 157, 158).

Foto 157 - Termo de abertura.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII (1972, p.1). 1º Livro de Atas.

Foto 158 - Termo de abertura e primeira ata do Núcleo Social João XXIII, pág. 1.





Em 09/12/1972 era oficialmente criado o Núcleo Social Papa João XXIII com diretoria eleita e empossada, bem como estatutos sociais devidamente definidos e aprovados, acompanhados de normas/triagem para o acolhimento temporário de famílias (5 anos) a serem promovidas e acolhidas em suas casas.

A primeira Diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII era assim constituída: Presidente de Honra: Dom Jaime Luiz Coelho; Presidente Executiva: Irmã Michelina Salomé Dets; Vice-Presidente: José Leonel; Secretária: Cecília Aparecida Pareja Ortega e Tesoureiro: Jerônimo Bispo Nunes.

Mais casas foram construídas/inauguradas, sendo 13 em 29/09/1973, 10 em 29/09/1974, 5 em 06/12/1977 e outras mais, quando em 25/08/1981 a Entidade já dispunha de 65 casas oferecidas às famílias acolhidas, conforme consta em atas sucessivas de reuniões realizadas por diretorias da Entidade.

#### **8.4 O Núcleo Social Papa João XXIII em 30/10/1985**

Após minha indicação para a presidência do Núcleo Social Papa João XXIII em reunião de 26/09/1985, convidei Remo Longo para a vice-presidência e os demais integrantes da diretoria em exercício para completar e homologar a nova diretoria e o conselho fiscal, quando da realização da Assembleia Geral Extraordinária, que, então prevista para o dia 10/10/1985, foi postergada para o dia 30/10/1985.

Convites aceitos, a Assembleia elegeu e empossou a nova diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII para o biênio 1985/1987, assim constituída: Presidente de Honra: Dom Jaime Luiz Coelho; Presidente: Hugo Hoffmann; Vice-presidente: Remo Longo; Secretária: Célia Maria Herculano Machado; Segundo Secretário: Urbano Buchweitz; Tesoureiro: Edson Luiz Palácio; Segundo Tesoureiro: Aparecido Antônio Rodrigues; Diretora Administrativa: Irmã Raimunda Facundo (Isabel); Diretor de Patrimônio: Fernando José Ferraz; Diretora Social: Helena Marques de Almeida; Diretor de Divulgação: Joel Cardoso. Conselho Fiscal: Pedro Stefanichen; Capitão Edelmar Guilherme

de Oliveira, Heitor Gomes Camacho, José Robalo Alexandre, Waldemar Davanço, Oswaldo Franco Domingues, Sérgio Pedroni e Hermenegildo Dala Costa.

Decorridos os envoltivos dias da formação/eleição da nova diretoria, passamos a vivenciar a realidade a ser enfrentada, quando ideias (para serem boas) devam efetivamente acontecer, à sombra de recursos financeiros, que, se poucos (como sempre), devem, ao menos, ser constantes.

Amigos e colegas do Banco do Brasil, que encabeçavam o Comitê da Cidadania do CESEC, como Néelson Bravo César, Helena Marques de Almeida e Celso Nicola Romano foram os primeiros a serem abordados, pois já me eram precioso apoio à administração da AABB Maringá, em que eu exercia a presidência do Conselho Administrativo.

Na ocasião, foi criado um grupo de voluntários do Banco do Brasil (Agências e CESEC), cujos participantes dispuseram-se a recolher mensalmente, em uma conta administrada pelo Comitê, valores equivalentes a certo número de “tickets-refeição”, destinados a atendimento às crianças das famílias acolhidas pelo Núcleo. (Esse grupo, ocorridas as alterações próprias do tempo, permanece ativo até os dias de hoje (2024), com mais de 100 participantes, muitos deles atuantes mesmo após terem deixado a cidade de Maringá).

A diretoria eleita em 30/10/1985 assumia o Núcleo com 65 famílias, morando em casas de madeira, muitas delas, com material reciclado, inclusive da demolição da Antiga Catedral Nossa Senhora da Glória após 1973, todas com sala, cozinha, sanitários, umas com três e outras com apenas dois quartos.

As irmãs vicentinas moravam ao lado do Salão São José, onde aconteciam as reuniões administrativas, atividades em produções artesanais e atendimento às famílias acolhidas. Aos fundos erguia-se um barracão destinado a depósito de pertences e a garagem de uma kombi.

Na quadra central (31/32-B6), em frente à quadra que permaneceu de propriedade da Prefeitura (31/32-B5) (onde se situa hoje Capela São João XXIII), havia apenas 5 casas de madeira, ocupadas por famílias e erguia-se uma colossal caixa



d'água (hoje contida no interior do Centro Social que foi Escola Profissionalizante), restando ainda uma área reservada por Dom Jaime para a construção de uma escola profissionalizante. (Essa foi efetivamente inaugurada no ano 2000 com o nome de Escola Profissionalizante Papa João XXIII, item 8.6).

## 8.5 A criação de um fundo mútuo solidário de poupança

Numa das primeiras reuniões da nova diretoria (17/01/1986), a diretora Irmã Isabel Facundo, da parte das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, responsável pelo acompanhamento das famílias acolhidas nas casas do Núcleo (65), relatava que era sério o problema de moradores não conseguirem deixar o Programa do Núcleo, após os 5 anos previstos, e relacionava 15 famílias com mais de 8 anos decorridos desde o acolhimento (entre outras mais com quase esse prazo), sem a mínima condição de cumprirem as exigências assumidas.

Os presentes concordaram com a seriedade do problema, sem esquecer que vivíamos em tempos de economia nacional conturbada, com inflação mensal perto dos três dígitos (80%). Algumas famílias recolhiam pequenos valores (após pesadas insistências), mas esses se desfaziavam ante a trágica desvalorização da moeda, sem esquema de preservar seu poder aquisitivo e sem ter inclusive condições de administrar individualmente os valores poupados.

Alguns dias depois, procurei Irmã Isabel e propus a ela a “Criação de Um Fundo Mútuo Solidário de Poupança”, que seria integralizado pelo Núcleo e por cada morador, visando a vantagens mútuas. Ganharia o Núcleo (administrando os recursos do fundo e garantindo permanentemente as casas a serem utilizadas no programa) e ganhariam os moradores acolhidos nas casas (formando cada um, solidariamente, uma poupança garantida/administrada pelo Núcleo, a ser devolvida pelo titular dos imóveis (Núcleo) no final do prazo estabelecido para cada família acolhida).

Embora relutante de início, Irmã Isabel chegou a concordar com o projeto, que proposto aos moradores e, aprovado em contratos individuais de parceria, resumia-se no seguinte: a) O tempo de ocupação das casas pelos (então) moradores foi zerado (todos, em princípio, iniciavam um novo período de 5 anos). b) Cada morador ficou responsabilizado por recolher mensalmente para o Fundo Mútuo de Poupança o valor (atualizado no último dia do mês) equivalente a 12 sacos de cimento. c) O valor de cada saco de cimento recolhido equivalia a um ponto (registrado no controle individual de cada um), que ao final, sinalizaria a cada poupador o montante a ser devolvido pelo Núcleo (equivalente ao produto da soma de pontos de cada um pelo valor atualizado de um saco de cimento). d) A ordem para atendimento a cada poupador, na devolução da poupança feita, ficava definida pela quantidade de pontos acumulados. e) Ao Núcleo caberia administrar/controlar o Fundo Mútuo, garantindo a cada morador a ocupação da casa em bom estado, a devolução da poupança a cada um (no prazo previsto/programado) e a continuidade permanente do Programa no seio da Entidade.

Ao ser controlada a nefasta inflação, algum tempo mais tarde, os participantes do projeto assumiram o compromisso de recolher todo mês valor equivalente a 60% do salário mínimo. Para impor a necessidade primordial de poupar, concordaram também que aquele que eventualmente não recolhesse a poupança devida, em determinado mês, seria penalizado com débito do valor equivalente em seu extrato da poupança. Nesse controle passou-se a creditar também, a cada um, correção monetária da poupança feita e a debitar taxas relativas a ressarcimentos de despesas administrativas (uma mensalidade por ano) e despesas de manutenção (9% mensais sobre a mensalidade), ajustes esses estabelecidos mais tarde, sempre em comuns acordos Núcleo/moradores parceiros.

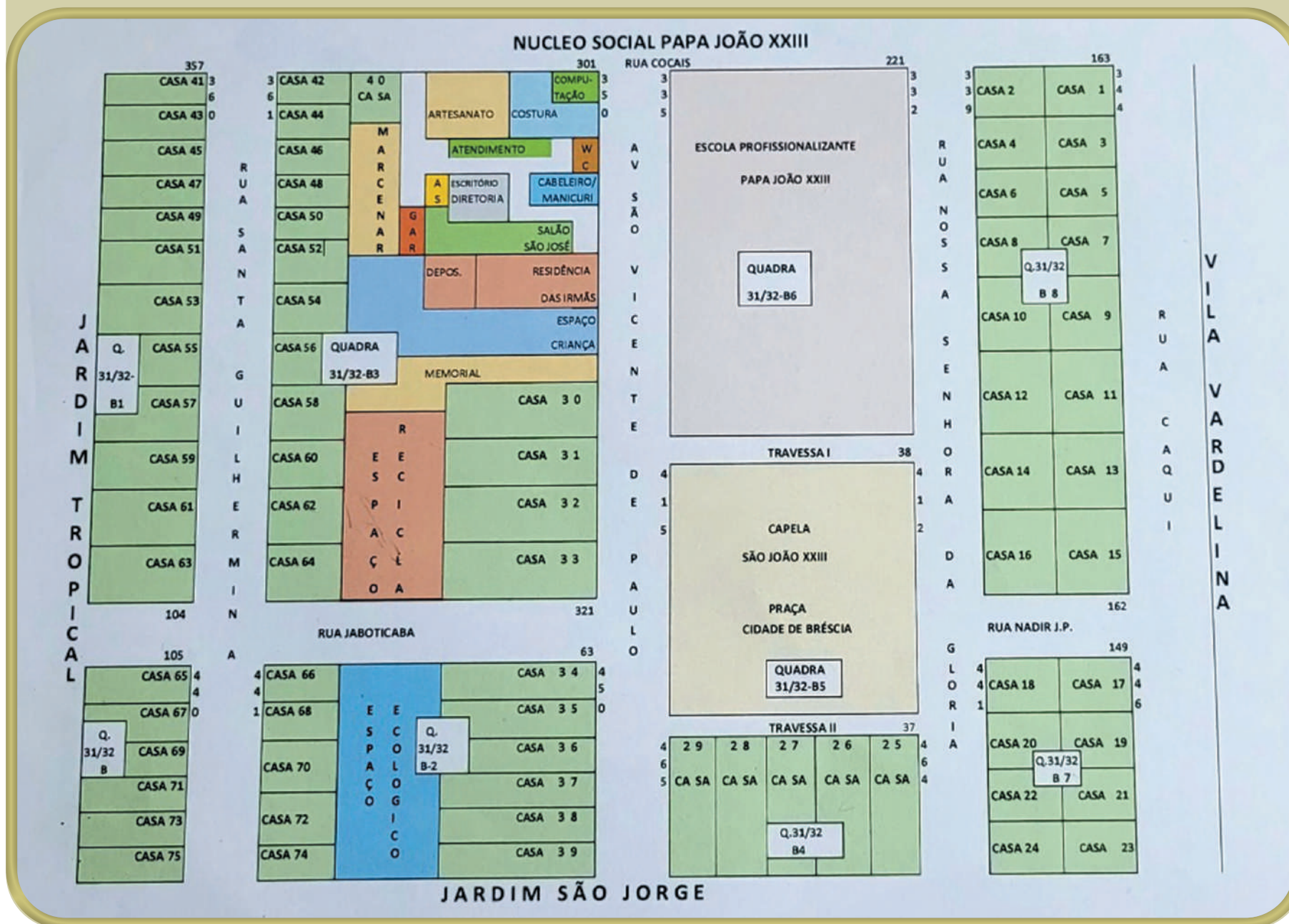
Esse projeto, tido como programa inédito a nível de promoção humana, detém hoje 75 casas em alvenaria (60 m<sup>2</sup> cada), foi passando sempre por leves e contínuos aperfeiçoamentos para atender a particularidades próprias do tempo e nele continuar acolhendo famílias empobrecidas, tendo já acolhido, até o Natal de 2021, mais de mil famílias (1.033) (FOTO 159, p. 166).



As casas próprias, conquistadas pelas famílias que se promovem, que inicialmente eram construídas em sistemas de mutirão entre os participantes e apoio do Núcleo, são hoje viabilizadas, em sua maioria, através de financiamentos bancários

e/ou aquisições de áreas para sua construção, sempre com lastro da preciosa poupança feita mês a mês pelos participantes do programa, que denominamos “Conquista da Casa Própria” administrada pelo Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá.

**Foto 159** - Planta baixa visualizando o Núcleo Social Papa João XXIII em sua atual estrutura com 75 casas e dependências, abrangendo 8 quadras (exceto quadra da praça Cidade de Brésica).



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Planta arquitetônica. Arquivos. Controles internos da Entidade.



## 8.6 A Escola Profissionalizante Papa João XXIII

Na mesma reunião de diretoria (17/01/1986) de que participava Dom Jaime Luiz Coelho, esse nos adiantava que recebera em torno de 100 milhões de cruzeiros (câmbio ainda pendente), oriundos do Secretariado Fraternidade de Bréscia-Itália-Obras do Papa João XXIII, destinados ao início da construção de um Centro Social de Formação Profissional, previsto para inclusão social na aprendizagem em cursos de: artesanato, datilografia, culinária, costura, extensão industrial em montagem, marcenaria, serigrafia e outros mais.

A área da Quadra 31/32-B6 esteve sempre reservada para esse fim nos planos de D. Jaime e, em vista disso, buscando parceria junto à Prefeitura do Município de Maringá, já no início de 1986, fomos agraciados com um projeto arquitetônico aprovado para

a obra, prevendo inclusive parte esportiva (quadra coberta em medidas oficiais), que foi denominada “Escola Profissionalizante Papa João XXIII”.

Iniciamos a construção após recebermos também projeto estrutural elaborado pela empresa Itaocara (a preço de custo) e compromisso de acompanhamento da construção por profissionais da Expande (ambas empresas ligadas a colaboradores/funcionários do Banco do Brasil).

Os recursos provindos de Bréscia-Itália, da parte dos amigos de Dom Jaime, iam chegando e sendo aplicados, prevendo sempre a destinação prevista pelos doadores italianos. Com isso, nas laterais internas da quadra de esportes, foram dispostas 8 salas de aulas em homenagem a pessoas doadoras ligadas à instituição italiana “*Secretariato Fraternità de Bréscia*” da Itália (FOTO 160).

**Foto 160** - Em 1990 oito placas em bronze identificavam salas de aulas homenageando doadores italianos da cidade de Bréscia (Itália).



Fonte: DEPRÁ (2023). Gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá. Arquivo pessoal. Membro da diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII.





Após o ano de 2012, tendo os Irmãos Maristas cancelado o contrato de comodato firmado com a Mitra Arquidiocesana de Maringá, essas placas e outras, que haviam sido (a esse tempo) centralizadas em local apropriado, foram todas roubadas.

Outras mais dependências previstas no projeto foram sendo construídas, inclusive amplas instalações para funcionamento de uma escola de marcenaria, sob a arqui bancada da quadra esportiva. As cinco casas que ocupavam parte da Quadra 31/32-B6 foram reedificadas, em construções mistas (alvenaria/madeira), na Quadra 31/32-B7, na Rua Caqui (hoje casas 17, 19, 21 e 23), deixando a área que ocupavam disponível para implantarmos uma interessante horta comunitária.

Em 04/10/1989 a Arquidiocese de Maringá recebia das mãos do prefeito Dr. Ricardo José Magalhães Barros as escrituras definitivas de doação dos terrenos (oito quadras, conforme Foto 159, p. 166, exceto Q.31/32-B5 da Praça Cidade de Bréscia), com cláusula resolutiva em favor do Núcleo Social Papa João XXIII (visando ao cumprimento dos objetivos sociais desse), cujo processo fora iniciado na gestão (1969/1972) do prefeito Dr. Adriano José Valente.

Esse fato foi marcante, pois vinha sendo sonhado há muito tempo por Dom Jaime, que declarava sempre somente aceitar a doação definitiva desses terrenos após todas as ruas das quadras terem sido devidamente asfaltadas (o que já havia sido realizado na gestão 1983/1988 do prefeito Dr. Said Felício Ferreira), pois Dom. Jaime alegava não ter condições de bancar despesas relativas a tal melhoria.

O momento era de bons entendimentos e de muito júbilo, pois estávamos também concluindo as obras da escola profissionalizante. Dom Jaime solicitara fosse incluída a “Inauguração da Escola Profissionalizante Papa João XXIII” nos festejos oficiais do 43º aniversário da cidade de Maringá, com o que a efeméride foi estabelecida para a data de 06/05/1990.

Em fevereiro daquele início de ano eu saíra em férias e ao retornar desgostou-me muito o fato de constatar exageros na utilização de cimento usinado em concretagem do piso do estacionamento lateral, destinado a carros de professores. Contrariado com a ocorrência, notifiquei as irmãs vicentinas, que acompanhavam a execução do projeto, deixando a presidência do Núcleo a cargo do vice-presidente Prof. Darley Landi.

Passado algum tempo, porém, reassumi o cargo, após convencimentos de que fora o excesso de preocupação com a inauguração da escola, que impusera a urgência dos serviços de concretagem, seguindo critério financeiro mais elástico. Estabeleci, porém, que não concorreria à presidência nas próximas eleições (gestão março 1991/1993), mas continuaria participando da diretoria, quando então foi eleita para a presidência a Sra. Violanda Vigni, servidora da Receita Federal.

A essa altura o Núcleo valia-se de importante orientação por parte de Irmã Lídia Kohut, das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, à qual Dom Jaime incumbira de adquirir os mobiliários e equipamentos indispensáveis ao funcionamento da escola e às cerimônias oficiais da inauguração.

A Escola Profissionalizante Papa João XXIII foi festivamente inaugurada em 06/05/1990 e contou com a presença de moradores, professores e diretores do Núcleo (conforme placas abaixo) e foi prestigiada com muitas presenças oficiais da comunidade, destacadamente por Dom Jaime Luiz Coelho, 1º bispo e arcebispo de Maringá (o grande mentor da obra), do prefeito municipal Dr. Ricardo José Magalhães Barros, dos senhores Ettore Inselvini e Giovanni Cherubini. representando o Sr. Giuseppe Inselvini, diretor presidente do “*Secretariato Centrale Opere di Papa Giovanni*” de Bréscia (ITA), instituição italiana repassadora dos preciosos recursos financeiros aplicados nessa importante obra, entre outras mais autoridades (FOTOS 161, 162, p. 169).

## 8.7 Desempenho da Escola Profissionalizante Papa João XXIII

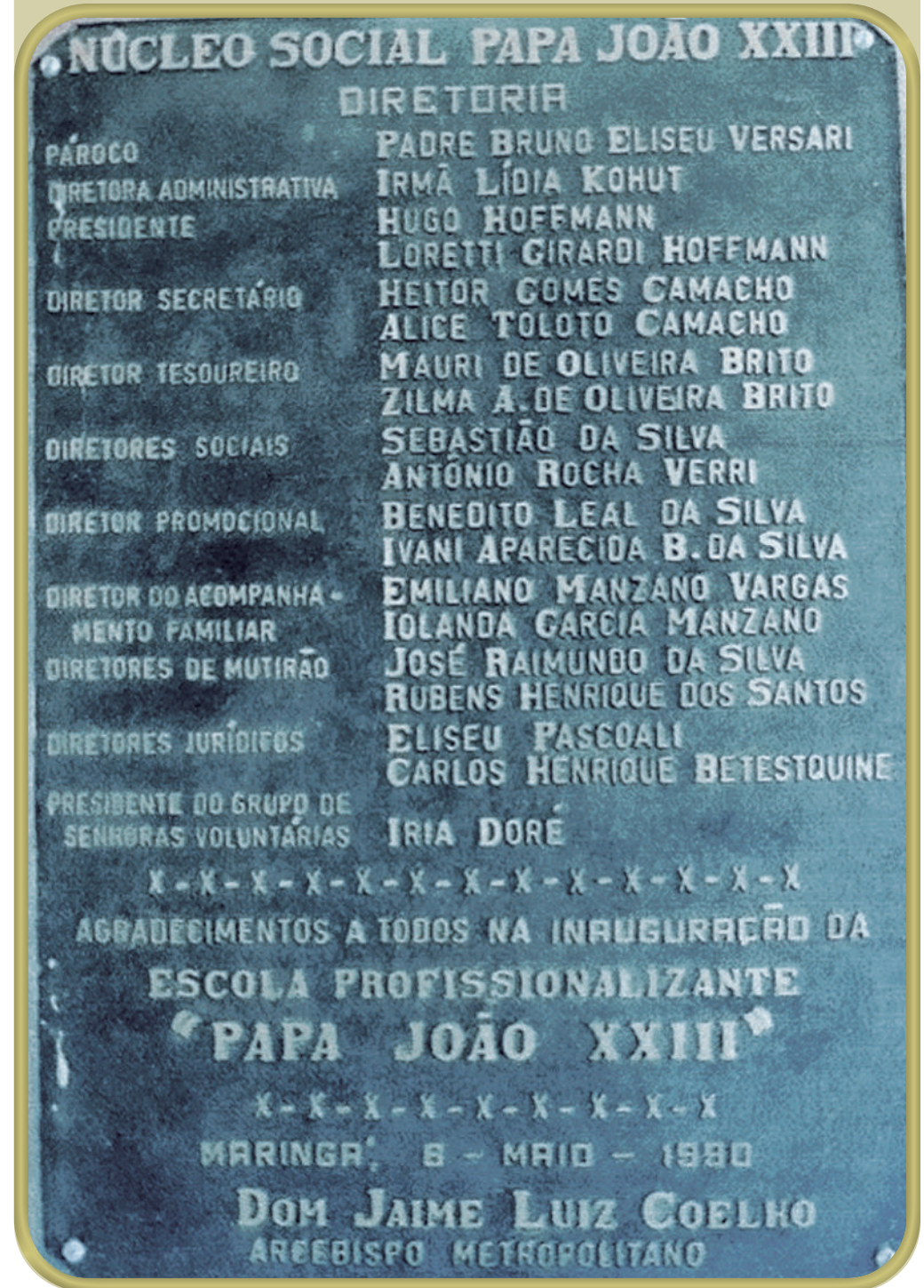
A Escola Profissionalizante Papa João XXIII esteve ativa até 31/12/2002, quando desde 1992 esteve sob a direção da vice-presidente de promoção humana Loretta Girardi Hoffmann, com o Núcleo atendendo diariamente (segunda a sexta-feira) até 240 alunos (100 crianças pela manhã e 140 adolescentes à tarde), promovendo cursos de reforço escolar, informática/datilografia, artesanato, serigrafia, costura/bordados, marcenaria, culinária, inclusive escolinhas de esportes (FOTO 163, p. 170).



**Foto 161** - Placa de inauguração da Escola Profissionalizante Papa João XXIII de Maringá de propriedade do Núcleo.



**Foto 162** - Placa alusiva à inauguração da Escola Profissionalizante Papa João XXIII, contendo nomes de pessoas envolvidas na direção da Entidade.



Fonte: DEPRÁ (2023). Gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá. Arquivo pessoal. Membro da diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII. Registro tempos antes de serem roubadas das dependências da Escola.



**Foto 163** - Em 2002, Loretta com crianças da Escola Profissionalizante do Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Arquivos. Controles internos da Entidade.

Os alunos eram orientados por voluntários, funcionários do Núcleo e por instrutores disponibilizados pela Prefeitura Municipal de Maringá e lhes eram servidos café da manhã, almoço e lanches, subsidiados pelo poder municipal e por cotização de funcionários do Banco do Brasil e também do Banespa.

Dom Jaime, que na infância fora aluno dos irmãos maristas e empenhara-se decisivamente para que se instalassem em Maringá, buscava sempre a participação desses nobres educadores em seus empreendimentos na área da Educação. Com a Escola Profissionalizante Papa João XXIII não foi diferente, onde a insistência de Dom Jaime fez com que a Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) (os irmãos maristas), aos poucos, fosse também se envolvendo em sua administração.

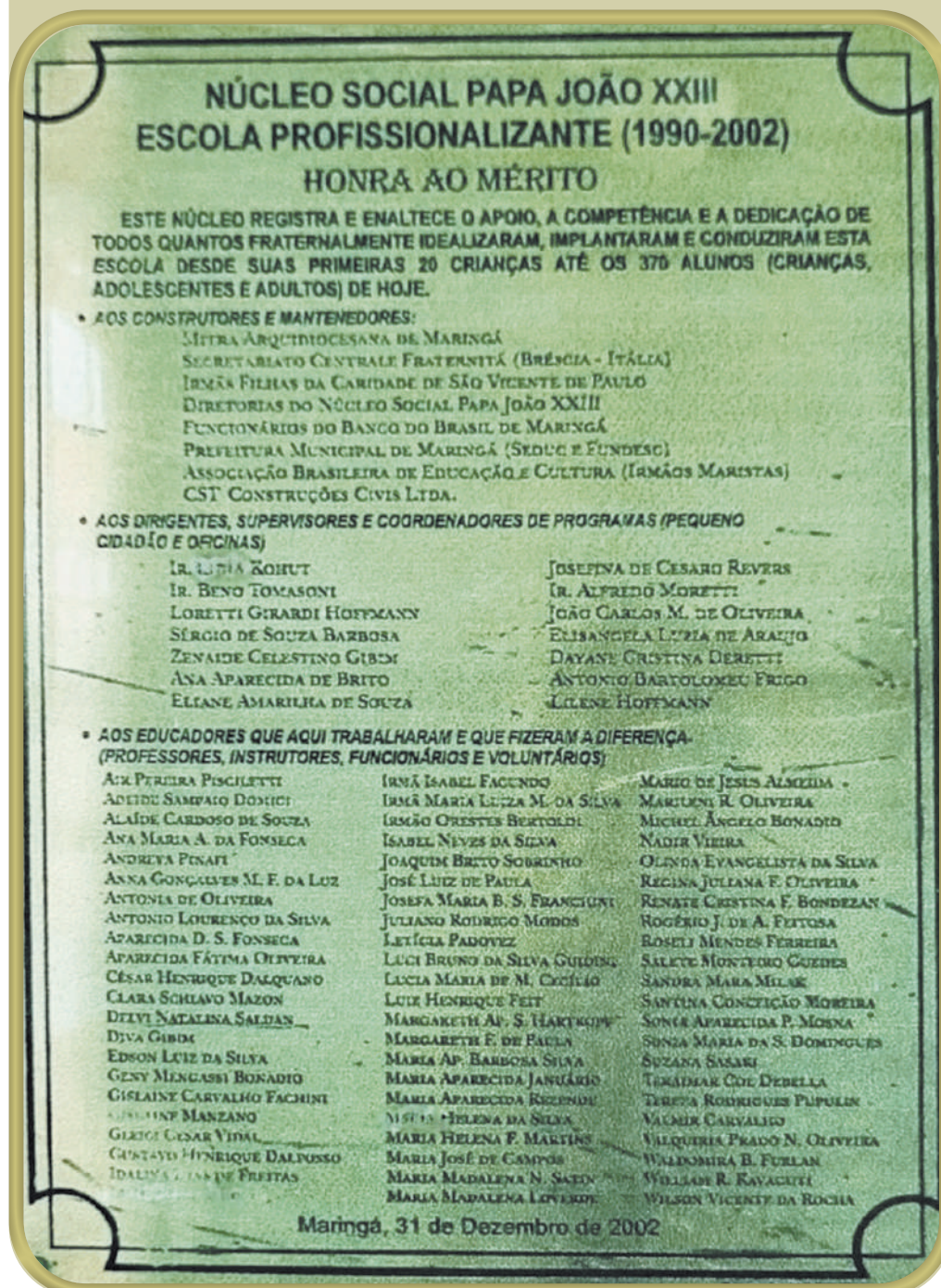
Uma decisão, que nos ameaçava há algum tempo, acabou abatendo-se inexoravelmente sobre nossa escola. Por questões de enquadramento legal (separar custos de ação social de custos da área da educação) a Prefeitura do Município viu-se obrigada a retirar em 31/12/2002 todos os educadores que atuavam em nossa escola (que era da área social), ficando diante disso decretado o fim daquele trabalho sob o comando do Núcleo Social Papa João XXIII, sem mínimas condições financeiras de prosseguir naquela missão (FOTO 164, p. 171).

## 8.8 Irmãos Maristas na direção da Escola Profissionalizante

Visando a solucionar o impasse com a Prefeitura Municipal, a Mitra Arquidiocesana de Maringá, com anuência do Núcleo Social Papa João XXIII, cedeu, em comodato por 20 anos, as instalações da Escola Profissionalizante Papa João XXIII à Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC), que em 2012 (10 anos após) novamente, para atender a cumprimento de exigências legais, rescindiu o contrato de comodato que firmara (deixando de atender a 400 crianças e adolescentes) e transferiu-se para nova atividade puramente da área da educação na cidade de Paiçandu (PR).



**Foto 164** - Placa Honra ao Mérito referente à Escola Profissionalizante Papa João XXIII, enaltecendo mantenedores, dirigentes e docentes que atuaram nos 12 anos em que a Entidade ofereceu à comunidade maringaense preciosos serviços de promoção humana.



Fonte: DEPRÁ (2023). Gentileza do memorialista Marco Antônio Deprá. Arquivo pessoal. Membro da diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII. Registro tempos antes de serem roubadas das dependências da Escola.

Após o afastamento total dos maristas (ABEC), no decorrer do ano de 2014, o imóvel permaneceu sob a responsabilidade da Mitra Arquidiocesana (por deter a titularidade do imóvel), que, por algum tempo, o alugou à Secretaria de Educação e Cultura do Município, para nela receber temporariamente alunos provenientes de escolas municipais em reformas.

A diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII abdicou definitivamente dos direitos sobre o referido imóvel em favor da Mitra Arquidiocesana de Maringá, em acordo realizado em 30/09/2019, nele anuindo e presente o arcebispo de Maringá Dom Anuar Battisti.

## 8.9 “Pró-Vida” agracia o Núcleo com doação

No decorrer do ano de 1993 o Núcleo Social Papa João XXIII foi visitado por integrantes da Associação “Pró Vida”, sediada no Bairro Mooca em São Paulo (SP) e, após inteirarem-se das atividades desenvolvidas pela Entidade, solicitaram que encaminhássemos à sede de sua organização nossos Estatutos Sociais, bem como relação de necessidades em que gostaríamos de ser atendidos.

Sem nutrir grandes esperanças cumprimos o que nos fora solicitado e fomos surpreendidos, algum tempo depois, com a notificação de que havíamos sido contemplados com a doação de uma Kombi VW e quatro máquinas de costura.

Irmã Isabel e nossos funcionários Ana Brito, Sérgio Barbosa, além de nosso motorista Mário foram a São Paulo receber a Kombi, enquanto as máquinas de costura nos chegaram via empresas de transporte. Em contrapartida nos foi solicitado apenas que fixássemos na parte interna da entrada da Escola Profissionalizante a placa característica de sua Organização “Pró-Vida”.

Infelizmente a placa recebida da associação “Pró Vida” foi destruída por vândalos em dias idos de 2014, recebendo fim análogo ao das placas de bronze.

Informações detalhadas sobre a organização “Pró-Vida” podem ser obtidas no YouTube, através do nome de seu fundador Dr. Celso Charuri (1940-1981), médico e filósofo, defensor da ideia de que as pessoas devem assumir continuamente responsabilidades sociais em suas vidas e procurar desenvolver uma consciência ampliada.



## 8.10 O Núcleo recebe o Prêmio Bem Eficiente 1998

Em 1998 novamente fomos tomados por surpresa ao recebermos o “Prêmio Bem Eficiente 1998”, a nível nacional, únicos no Paraná naquele ano, como “Uma das 50 Melhores Entidades Beneficentes e Sem Fins Lucrativos de 1998”, pelo trabalho e desempenho excepcional, dentro de uma estrutura profissional, organizada e transparente para os doadores (FOTO 165).

Essa premiação nos veio nobremente chancelada por egrégia organização, estabelecida na cidade de São Paulo (SP), ligada ao Terceiro Setor e autenticada por seu Conselho Superior representado pelos ilustres integrantes Elcio Anibal de Lucca, Ives Gandra Martins, Marcos Kisil, Mário Flech, Rubens Tafner e Stephen Kanitz.

**Foto165** - Placa comemorativa do Prêmio Bem Eficiente de 1998 recebido em São Paulo (SP) a nível nacional pelo Núcleo Social Papa João XXIII.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Memorial. Galeria de homenagens.

Fomos à cidade de São Paulo receber essa condecoração, à qual impusemos nível de Cidade de Maringá, pois fomos acompanhados pelos casais Prefeito Municipal (Jairo de Moraes Gianoto/Neuza) e Presidente da Câmara Municipal (Marcos Alves/esposa), bem como de S. Exa. o arcebispo metropolitano de Maringá Dom Murilo Sebastião Krieger, no que fomos carinhosamente acolhidos na sede dos irmãos maristas (ABEC), nossos parceiros em Maringá, com direito a jantar de gala na Churrascaria Novilho de Prata, quando a singular honraria nos foi entregue no dia seguinte em soleníssima sessão da organização, juntamente com entidades de outros Estados também contempladas (FOTO 166).

Inicialmente esse prêmio foi pouco entendido, pois não envolvia recursos financeiros diretos. Com o tempo, porém, percebeu-se que o Núcleo passou a ser ainda mais respeitado e admirado pela comunidade maringaense, o que certamente nos tem ajudado a chegarmos a todas as conquistas que nos engrandecem até os dias de hoje.

**Foto 166** - Recebendo o “Prêmio Bem Eficiente de 1998” em São Paulo (SP).



Fonte: REVISTA MARINGÁ MISSÃO (1998, p. 10).



O ápice de nosso êxito ousou dizer que foi conseguir concretizar o sonho do idealizador Dom Jaime, de nossos benfeitores e do nosso também, garantir a continuidade dos Programas, entre outros, “Restauração do Vínculo Familiar e Sócio Educação” e “Conquista da Casa Própria”: construir/reconstruir 75 casas em alvenaria (60 m<sup>2</sup> cada) para acolher famílias em situação de risco social e seus filhos pequenos, por até 5 anos, por onde já têm passado, até o Natal de 2021 mais de mil famílias (1033).

## 8.11 Título do Mérito Comunitário

Fluí o ano de 2001 e nossa equipe vinha surpreendendo sempre com sua atuação em destaque na Escola Profissionalizante Papa João XXIII (240 crianças e adolescentes sendo atendidos em dois períodos) e havíamos também iniciado uma parceria com o Rotary Clube de Maringá Colombo, para juntos atuarmos em campanhas do Fundo Municipal da Infância e Adolescência (FIA), controladas pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) de Maringá, a fim de obtermos recursos subsidiados de Incentivos do Imposto de Renda destinados a substituímos nossas velhas casas em madeira por alvenaria, muitas delas já interditadas e sem condições de serem oferecidas às famílias que poderíamos acolher.

Nosso trabalho estava em evidência na Comunidade e a Câmara Municipal de Vereadores, em iniciativa do vereador João Batista Beltrame (Joba), por ocasião do dia do voluntário (05 de dezembro), levou o Poder Legislativo de Maringá a conferir o Título do Mérito Comunitário ao presidente do Núcleo Social Papa João XXIII por entender que éramos a Entidade que vinha se destacando na comunidade por seus relevantes serviços de promoção humana (FOTOS 167, 168).

A solenidade de entrega da homenagem foi realizada em 05/12/2001 no salão da própria Escola Profissionalizante Papa João XXIII, em sessão especial da Câmara Municipal lá instalada, presidida pelo vereador Walter Guerles e com a presença do vereador proponente João Batista Beltrame (Joba), de cuja solenidade a foto abaixo registra algumas das presenças (FOTO 169, p.174).

**Fotos 167, 168** - Título e Placa relativos ao Título do Mérito Comunitário conferido a Hugo Hoffmann, presidente do Núcleo Social Papa João XXIII, em sessão especial da Câmara Municipal de 05/12/2001 (dia do voluntário) instalada no recinto da Escola Profissionalizante Papa João XXIII, em reconhecimento à atuação comunitária da diretoria da Entidade.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Memorial.



**Foto 169** - Presentes na solenidade de outorga do Título do Mérito Comunitário ao Presidente do Núcleo Social Papa João XXIII, Hugo Hoffmann: Irmã Helena (vicentina), Irmão Alfredo (marista), Adriano (genro), Ricardo (filho), Lilene (filha), Renato (filho), Loretta (esposa), Suzana (nora), Hugo, Márcia Socrepa (presidente da SASC), João Batista (vereador proponente).



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Arquivos. Controles internos da Entidade.

Foi uma homenagem de cunho coletivo que sensibilizou a todos, por reconhecer um trabalho comunitário conjunto realizado por nossa equipe notavelmente atuante. O afeto das pessoas presentes, inclusive familiares, e as palavras então proferidas com referência ao excepcional trabalho de nossa dedicada equipe, emocionaram bastante a todos.

## 8.12 Um projeto de obtenção de recursos bem sucedido

No ano de 1998 iniciávamos também um dos mais bem sucedidos planos de obtenção de recursos para reconstruir nossas velhas casas em madeira (mais de 60) e garantir a continuidade de nossos programas: “Restauração do Vínculo Familiar e Sócio Educação” e “Conquista da Casa Própria”.

Fora criada Lei que possibilitava Entidades Reconhecidas de Utilidade Pública Federal poderem usufruir de recursos fiscais (incentivados do Imposto de Renda Devido, pessoa física e jurídica) com destinação de valores a Entidades (se indicados por doadores), conquanto essas se dedicassem a atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco.

Surgira uma oportunidade incomparável e criamos um plano de obtenção dessas doações, envolvendo a formação de mais de 20 equipes de voluntários que atuavam no Núcleo, as quais chegaram a conquistar mais de 300 doadores, que recolhiam anualmente ao Fundo para Infância e Adolescência (FIA) percentual do imposto de renda devido (6% da pessoa física e 1% da pessoa jurídica). A destinação desses recursos revertia em favor de nosso Núcleo através de controles do município de Maringá, exercidos pelo Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) e pela Secretaria de Assistência Social e da Cidadania (SASC), que atendiam a projetos pré-aprovados apresentados anualmente por nossa Entidade.

O recolhimento dessas doações incentivadas, no entanto, deveria ocorrer até dia 31 de dezembro de cada ano base, envolvendo com isso uma antecipação de mais de 6 meses em relação ao prazo de obtenção dos direitos à restituição e/ou ao abate do imposto a pagar. Essa exigência era bastante desinteressante para doações mais significativas, pois poucos doadores estavam a fim de desembolsar recursos mais vultosos em prol de um direito que iria ocorrer somente daí a 5 ou 8 meses (após 30 de abril de cada ano). Essa desvantagem levou-nos a nos estruturar, adiantando valores para as doações, contra recebimento de cheques pré-datados, cuja cobrança poderia ocorrer até o próximo exercício (30 de dezembro de cada ano), quando eram negociadas sempre as novas doações.

Essa sistemática implantada naquele ano de 1998 permaneceu ativa até o ano de 2016, colocando o Núcleo sempre como primeiro colocado em arrecadações nas campanhas FIA de Maringá, gerando recursos que permitiram reconstruirmos 51 de nossas velhas casas em madeira, por alvenaria com 60 m<sup>2</sup> cada, consolidando com isso o Programa Conquista da Casa Própria implantado em nosso Núcleo Social Papa João XXIII a partir de 1986.



## 8.13 Parceria com o Rotary Club de Maringá Colombo

Nessa iniciativa de obtenção de recursos subsidiados do Imposto de Renda Devido para reconstruirmos essas casas do Núcleo, tivemos valiosa e surpreendente parceria de amigos do Rotary Club de Maringá Colombo, a partir de 1999 (como já mencionado), com marcante desempenho do colega de Banco do

Brasil, Odair Roberto Herrerias Lopes, integrante do referido clube social e nosso companheiro de diretoria.

Odair esteve, nessa campanha, à frente de seus companheiros desde o primeiro encontro (antes já participava da diretoria do Núcleo) até a inauguração da última casa em 17/03/2018, quando seu Clube foi responsável direto por campanhas que arrecadaram recursos para a reconstrução de 32 dessas casas, conforme registros no quadro abaixo (FOTO 170).

**Foto 170** - Quadro com dados relativos a Campanhas do Núcleo/SASC/Rotary Colombo para arrecadação de recursos subsidiados do Imposto de Renda, em atenção à Lei 8.069/1990, recolhidos ao Fundo Municipal da Infância e Adolescência (FIA) em Maringá de 1996 a 2016.

### NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII

#### CAMPANHAS FMIA DESDE 1996

ANOS DAS CAMPANHAS	VALOR ARRECADADO (NÚCLEO)	VALOR ARRECADADO (SASC)	ROTARY CLUB DE MARINGÁ COLOMBO				
			VALOR ARRECADADO FIA	QUANTIDADE DE CASAS CONSTRUIDAS	ANO DA INAUGURAÇÃO	NÚMERO DA CASA	GESTÕES / PRESIDENTES
1996	-	22.865,33	-	0			
1997	-	5.295,18	-	0			
1998	5.000,00	13.626,28	-	0			
1999	13.243,60	65.072,30	-	1	24/03/2001	53 (EX55)	00/01 - CLÁUDIO SASSAZAWA / CAFÉ COLONIAL
2000	44.828,10	126.578,30	16.495,00	2	20/04/2002	03 E 04	01/02 - ÉLIO PIMENTA
2001	60.470,26	183.089,74	24.600,00	1	29/03/2003	40	02/03 - VALDECIR DELALÍBERA + INTERAC ( MARCENARIA)
2002	84.846,30	250.403,93	31.410,10	2	03/04/2004	05 E 06	03/04 - ODAIR ROBERTO HERRERIAS LOPES
2003	92.753,00	340.222,10	34.023,40	2	26/02/2005	07 E 08	04/05 - JAIME B. SIQUEIRA
2004	108.352,00	476.692,39	43.631,00	2	25/03/2006	11 E 12	05/06 - LOURENÇO FADEL FILHO
2005	150.427,00	700.319,62	47.660,00	2	24/03/2007	15 E 16	06/07 - CÍCERO L. MOSER
2006	195.715,00	822.136,85	93.215,00	3	15/03/2008	20, 22 E 23	07/08 - IVO FRANCO DA ROCHA
2007	220.831,58	917.405,23	68.840,00	2	21/03/2009	65 E 67	08/09 - ANDRÉ L. SIQUEIRA ALVES
2008	290.410,99	1.094.274,74	100.320,00	2	21/11/2009	61 E 63	09/10 - MARCO ANTÔNIO RIBEIRO DA FONSECA
2009	320.490,70	1.332.267,83	110.440,00	2	27/11/2010	51 E 53	10/11 - CLEBER L. FLOES
2010	365.596,89	1.043.326,22	101.750,00	2	23/06/2012	46 E 48	11/12 - JOÃO AGUIAR
2011	368.094,40	2.078.753,80	109.240,00	2	22/03/2014	38 E 39	12/13 - OVIDÍO TREVISAN
2012	464.465,28	1.992.319,49	106.670,00	2	28/03/2015	62 E 64	13/14 - MAURO CARVALHO DUARTE JUNIOR
2013	366.262,40	1.821.534,47	106.020,00	2	04/06/2016	35 e 36	14/15 - CARLOS CEZAR DOMINGUES MENDES
2014	305.939,00	1.943.586,37	101.450,00	1	04/06/2016	37	15/16 - JOSÉ MARIA COLOMBO
2015	245.140,00	1.161.388,12	93.240,00	1	17/03/2018	19	16/17 - CELSO JOSÉ MARTINS
2016	230.497,60	1.002.101,60	114.200,00	1	17/03/2018	21	17/18 - AMILTON CAPRISTO
<b>TOTAIS</b>	<b>3.933.364,10</b>	<b>17.393.259,89</b>	<b>1.303.204,50</b>	<b>32</b>			

22,61%

Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Arquivos. Controles internos da Entidade.





## 8.14 Menção honrosa a Yukio Oscar Yanaga

Nesse trabalho de reconstrução de nossas velhas casas, merece menção honrosa o empenho profissional do engenheiro civil Sr. Yukio Oscar Yanaga, que graciosamente nos presenteou com as responsabilidades técnicas de autoria e de legalização de todos os projetos, acompanhando inclusive o andamento das construções.

Foi graças aos seus conhecimentos técnicos que conseguimos alvarás junto ao Poder Municipal para (nas reconstruções) em locais de três casas em madeira demolidas construirmos quatro geminadas em alvenaria, o que nos permitiu aumentarmos de 65 para 75 o contingente de casas disponibilizadas aos Programas com as famílias que a Entidade acolhe.

## 8.15 Comenda “Insígnia da Augusta Cruz Pro Ecclesia et Pontífice”

Em comenda emitida em 23 de março de 2006, a pedido de Dom Anuar Battisti e Dom Jaime Luiz Coelho, arcebispos de Maringá, consta: “Bento XVI Pontífice Máximo dignou-se a conceder e agraciar, com a Insígnia da Augusta Cruz Pro Ecclesia et Pontífice, o casal Hugo Hoffmann e Loretti Girardi Hoffmann pela sua dedicação em importantes trabalhos pela comunidade...”

Sobre essa comenda recebida em 08/07/2006, das mãos dos arcebispos de Maringá Dom Jaime e Dom Anuar, por ocasião da inauguração de mais duas casas reconstruídas no Núcleo, apresento abaixo divulgação ocorrida às folhas 09 do jornal Maringá Missão, órgão oficial da Arquidiocese de Maringá, edição agosto/2006 (FOTO 171).

A Insígnia da Augusta Cruz *Pro Ecclesia et Pontífice*, medalha de cunho honorífico na Igreja Católica Romana, é distinção máxima a ser conferida pelo papa da Igreja Católica a leigos e foi instituída pelo Papa Leão XIII em 17/07/1888. (Informações Google: Medalha *Pro Ecclesia et Pontífice*).

A concessão dessa comenda, recebida em dia de inauguração de mais duas casas restauradas, sinalizava o esforço e o sucesso do esquema que montáramos para angariar fundos necessários

à substituição das velhas casas, algumas já interditadas e/ou demolidas, que ameaçavam comprometer a continuidade dos Programas de acolhimento às famílias e a seus filhos pequenos.

A insigne outorga dessa Insígnia foi entendida como um gesto de sincera generosidade da parte dos dois arcebispos, significando um notável apreço ao desempenho que a diretoria vinha dispensando ao engrandecimento do Núcleo como inédito centro de promoção humana.

É bom lembrar que os recursos que provinham da Itália haviam sido extremamente reduzidos, por conta de outros atendimentos que os amigos de Brésia passaram a prestar também a inúmeras cidades de outros países e, aqui no Brasil, Dom Jaime e Dom Anuar já haviam tentado, sem sucesso, outras alternativas para obter recursos necessários à recuperação das velhas casas do Núcleo.

**Foto 171** - Medalha “*Pro Ecclesia et Pontífice*” concedida pelo Papa Bento XVI em 23/03/2006 ao casal Hugo Hoffmann e Loretti Girardi Hoffmann que dirigem equipe de voluntários dedicados à promoção humana de famílias carentes no Núcleo Social Papa João XXIII.

### Comenda muito merecida

O Núcleo Social Papa João XXIII sente-se feliz e honrado com o fato de o sr. Hugo Hoffmann e sra. Loretti Girardi Hoffmann, presidente e vice-presidente da entidade, terem sido agraciados com a Comenda “Insígnia da Augusta Cruz *Pro Ecclesia et Pontífice*” concedida pelo papa Bento 16, por iniciativa de dom Anuar Battisti e dom Jaime Luiz Coelho, pela sua dedicação em importantes trabalhos conhecidos pela comunidade de Maringá, concedendo-lhes, igualmente, a faculdade de usar publicamente essa honraria.

A cerimônia de condecoração, conduzida pelos dois arcebispos, ocorreu no dia 8 de julho, por ocasião da inauguração de mais duas casas para acolhimento das famílias atendidas pelo Núcleo, à frente da qual o casal vem trabalhando ao longo dos últimos 20 anos.



O casal agraciado, junto com os arcebispos e padre Bruno Elizeu Versari, pároco de Santa Isabel de Portugal

Em suas emocionadas palavras de agradecimento, Hugo e Loretti partilharam o recebimento da honraria com os parceiros, voluntários, famílias e funcionários do Núcleo Social Papa João XXIII.

**Ir. Adiles M<sup>o</sup> Guardalben**  
Vice-pres. administrativ

Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Arquivos. Controles internos da Entidade.



## 8.16 A perda de Dom Jaime

Aos 97 anos, já em cadeira de rodas, Dom Jaime Luiz Coelho ainda nos acompanhava no Núcleo Social Papa João XXIII, “menina de seus olhos e obra de seus sonhos” como sempre nos afirmava.

No dia 05/08/2013, 10 dias após seu aniversário, faleceu na Santa Casa de Misericórdia de Maringá (obra também criada sob sua liderança), após uma crise de insuficiência renal e foi sepultado na cripta da Catedral Basílica Nossa Senhora da Glória de Maringá (FOTO 172).

Designado como 1º bispo de Maringá por Pio XII em 03/12/1956, passou a arcebispo em 20/01/1980, após a criação da Província Eclesiástica de Maringá (28/11/1979), abrangendo as dioceses sufragâneas de Campo Mourão (PR), Umuarama (PR) e

**Foto 172** - Em 26 de julho de 2013, no 97º aniversário, Dom Jaime Luiz Coelho recebia, em sua casa, o abraço de seus amigos ao sabor de alguns goles de bom vinho, fonte de sua energia na velhice, como sempre dizia.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal. Instantâneo obtido por amigos.

Paranavaí (PR). Até então a abrangência de seu mandato de bispo compreendia a população católica paranaense de 24 municípios localizados após a Arquidiocese de Londrina, envolvendo a bacia baixa dos rios Ivaí e Paranapanema até às barrancas do rio Paraná.

Exerceu o episcopado de Maringá por 40 anos (24/03/1957 a 07/05/1997), entregando o governo da arquidiocese de Maringá a Dom Murilo Sebastião Krieger, catarinense natural da cidade de Brusque, posteriormente arcebispo metropolitano de São Salvador da Bahia e Primaz do Brasil.

Ao completar 75 anos, visitara o Papa João Paulo II para solicitar dispensa das funções (como praxe de idade), mas o pontífice não o dispensou, alegando vigor físico e intelectual invejáveis, com o que permaneceu em suas funções até os 81 anos.

Convivi com Dom Jaime, que esteve sempre à frente não só de empreendimentos que enalteciam a Igreja, mas que também engrandeciam a cidade de Maringá. Entre grandes realizações, em que foram decisivos seu apoio e sua liderança, podemos mencionar: a Santa Casa de Misericórdia Maria Auxiliadora, a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, o Núcleo Social Papa João XXIII (aqui exposto), a Universidade Estadual de Maringá (UEM) (derivada da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas, primeira instituição de ensino superior de Maringá, de que foi o primeiro diretor), a TV Terceiro Milênio (com apoio dado pelo Cônego Geraldo Schneider), o Jornal Folha do Norte do Paraná, entre outras mais iniciativas de que foi importante incentivador, levando-o a ser popularmente tido como o mais ilustre dos maringaenses até o presente.

Entende-se que sua missão foi fiel à nova orientação da Igreja Católica, após o Concílio Econômico Vaticano II (do qual participou de todas as sessões), que definiu “alternativas à missão da Igreja Católica para um sentido mais pastoral e menos sacramental”.

## 8.17 Cidadãos Beneméritos de Maringá

Maringá, como é comum ocorrer no seio de muitas cidades, mantém o Instituto da Cidadania Benemérita, objetivando dispor da oportunidade de homenagear pessoas que revelem destaque de reconhecimento público em atividades da comunidade.



Os participantes de equipes que nos têm acompanhado na administração do Núcleo Social Papa João XXIII, muitos deles também como associados e diretores junto à Associação Atlética Banco do Brasil de Maringá (AABB) e junto ao Rotary Club de Maringá Colombo, têm revelado sempre excepcionalidades em seu modo de atuar. Foram sempre excepcionais a seriedade (tudo visando ao que é certo), a efetividade (o certo e da maneira certa), a responsabilidade (se assumida, deve ser cumprida), a criatividade (sempre tem um jeito de melhorar), a constância (mesmo se já há mais de 30 anos), a coletividade (se cada um fizer sua parte, não sobrecarregará ninguém), a disponibilidade (os mais ocupados sempre têm tempo) entre outras mais características que marcam o companheirismo.

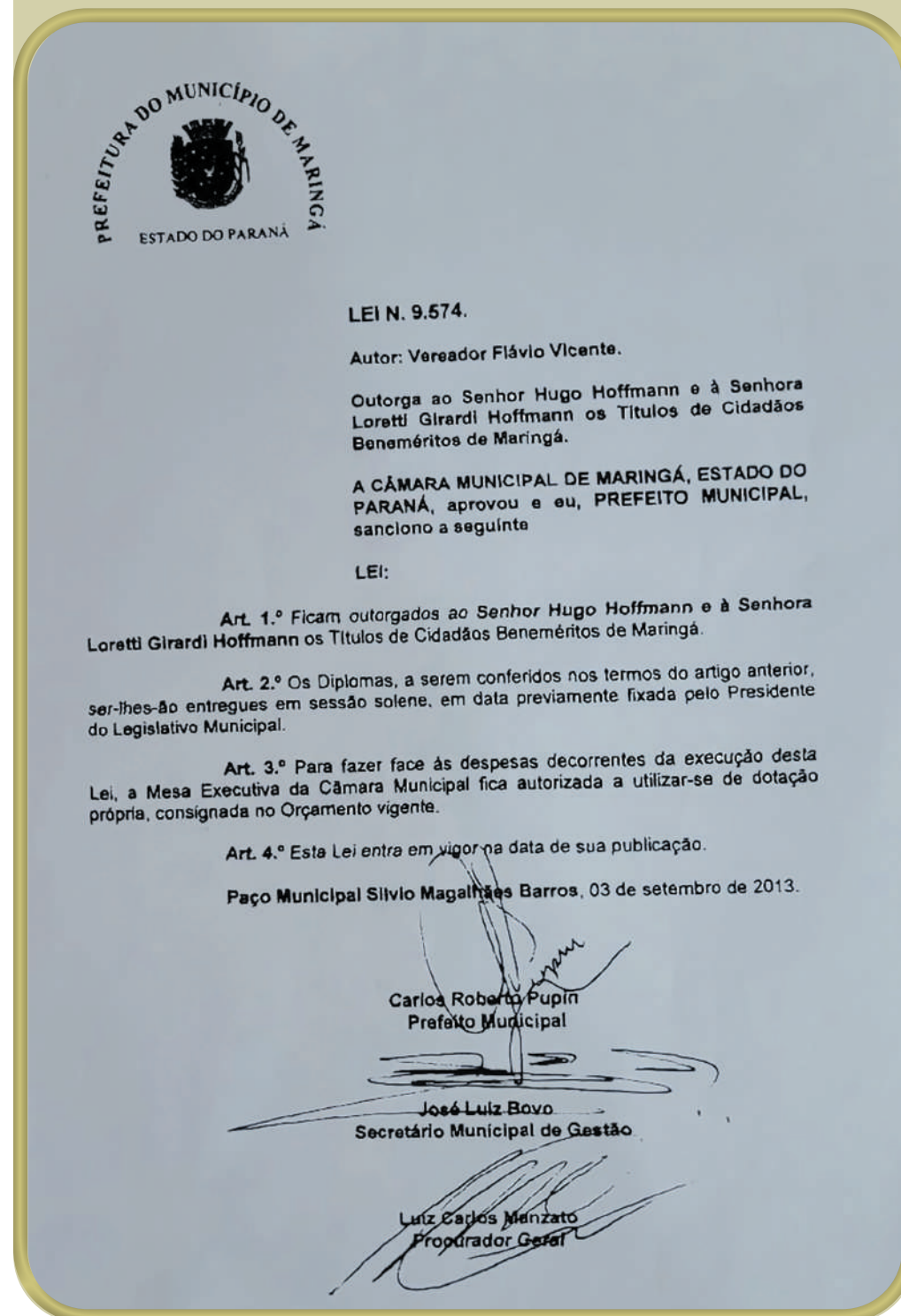
Se fosse nominar esse contingente de parceiros, que conosco vêm compartilhando desse esforço comunitário, chegaríamos certamente a algumas centenas deles e correríamos o desagradável risco de omitir muitos deles. No entanto, se esses tiverem a oportunidade de apreciar este escrito, saberão se incluir no precioso rol.

Em 2011, por ocasião da passagem do dia do voluntário (05 de dezembro), alguns companheiros haviam sido contactados, por integrantes da Câmara Municipal que reconheciam a excepcionalidade da atuação do Núcleo Social Papa João XXIII como entidade voltada para a promoção humana na cidade de Maringá, acolhendo continuamente mais de 300 pessoas.

Argumentava-se na ocasião que uma premiação ao Núcleo seria benéfica, em termos de divulgação, e que poderia despertar doações de recursos indispensáveis ao aprimoramento dos programas desenvolvidos, podendo o reconhecimento público até fazer muito bem ao ego da equipe envolvida nesse consistente esforço comunitário.

Em setembro de 2013, após muita conversa de conteúdo persuasivo com o casal Hugo e Loretta e extensas argumentações ligadas ao assunto, a premiação benemérita tomou contornos de realidade, ante a expedição da Lei Municipal Nº 9.674 (FOTO 173) assinada em 03/09/2013, com o que formou-se uma comissão de parceiros para viabilizar o evento, constituída por: Marco Antônio Deprá, Odair Roberto Herrerias Lopes, Helena Marques de Almeida Trzeciak, Estevam Trzeciak, Pedro Cezar Gomes Lemos e Eurico Venâncio de Mattos.

**Foto 173** - Texto da Lei Municipal nº 9.574 de 03/09/2013 que confere os títulos de Cidadãos Beneméritos de Maringá ao casal Hugo Hoffmann e Loretta Girardi Hoffmann.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Arquivo pessoal.



O contexto, a essa altura, estabelecia que o casal Hugo Hoffmann e Loretta Girardi Hoffmann (até então primeiro casal) seriam homenageados pelo Poder Público Municipal com o título de Cidadãos Beneméritos de Maringá, homenagens essas a serem entregues em 05/12/2013, por ocasião da passagem do dia do voluntário, representando a recorrente atuação da equipe liderada por mais de 28 anos, à frente do Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá, entidade voltada à promoção humana em busca da cidadania, que vem propiciando acolhimento a 75 famílias empobrecidas, com seus mais de 200 filhos pequenos entre crianças e adolescentes.

A equipe encarregada de programar a outorga da homenagem (efetiva e eficiente como o grupo do qual participavam) cobrou a elaboração de uma alocução a ser proferida no dia, por parte de cada um do casal, bem como, um festivo jantar comemorativo.

Detalhes do ocorrido na entrega do honroso título (em sessão solene da Câmara Municipal) e em jantar festivo (nos salões da Sociedade Rural de Maringá) constam na Revista TRADIÇÃO de Maringá, ano XXXIII, nº 372, às páginas 62 a 64, editada em dezembro de 2013, abaixo reproduzidas (FOTOS 174, 175, 176a e 176b, 176c, p. 180).

**Fotos 174, 175** - Cidadania Benemérita a Hugo Hoffmann e Loretta Girardi Hoffmann em atenção aos serviços conduzidos junto ao Núcleo Social Papa João XXIII de Maringá, liderando até então uma equipe de incansáveis voluntários por quase 30 anos.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Arquivo pessoal.

**Foto 176a** - Cópia das páginas da revista Tradição, cedidas gentilmente pela editora.



Fonte: REVISTA TRADIÇÃO (2013, p. 64).



**Foto 176b** - Cópia das páginas da revista Tradição, cedidas gentilmente pela editora.



» Loretto-Hugo Hoffmann com os títulos de cidadania benemérita maringaense, entregues pelo vice-prefeito Claudio Ferdinandi; secretário Flávio Vicente e Ulisses Maia, vereador

A sessão solene que homenageou o casal de pioneiros maringaenses Hugo Hoffmann e Loretto Girardi Hoffmann reuniu cerca de 300 pessoas dia 5 de dezembro de 2013 na Câmara de Maringá. Homenagem proposta pelo vereador Flávio Vicente, licenciado, e atual secretário da Assistência Social e Cidadania.

Flávio contou que conheceu o casal quando era menino e que era uma honra poder ir agora à tribuna do legislativo para homenageá-lo. *"A vida dá muitas voltas e hoje me sinto muito honrado em poder homenagear um casal que fez tanto por nossa cidade"*, destacou.

Ele também ressaltou que Maringá é um local tão especial por causa das pessoas que ajudam a construir a cidade. *"Vocês optaram por fazer a diferença na sociedade em que vivem; saíram do conforto do 'eu' para o trabalho do 'nós'; saíram do pessoal para o trabalho social. Vocês são exemplo de liderança e por isso mobilizam tantas pessoas para auxiliar nos projetos sociais que desenvolvem"*, elogiou.

O vice-prefeito Cláudio Ferdinandi disse que o executivo e toda a cidade estavam muito honrados em poder homenagear quem praticamente dedicou a vida a ajudar os mais necessitados. *"Esse título que vocês estão recebendo hoje é uma homenagem mais que merecida. Parabéns! E que Deus permita que vocês possam continuar ajudando os mais carentes."*

O casal agradeceu a homenagem. Hoffmann disse que estavam muito honrados e felizes por entrarem para o grupo de pessoas notáveis que já receberam o título. Ele contou que sempre procuraram ajudar no crescimento da cidade e também da Universidade Estadual de Maringá, onde foram alunos e depois professores. Ele agradeceu a todos que os auxiliaram no trabalho desenvolvido no Núcleo Papa João XXIII.

Segundo Loretto, o prêmio que eles estavam recebendo era para todos os que colaboram com a empreitada de amor ao próximo realizada no Núcleo, que já atende mais de 800 famílias.

O casal, que é pioneiro em Maringá, participou da Juventude Estudantil Católica no início da década de 1960. Os dois foram professores do Estado do Paraná e do Departamento de Estatística da Universidade Estadual de Maringá e há 28 anos presidem o Núcleo Social Papa João XXIII, entidade filantrópica de promoção humana, fundada por dom Jaime Luiz Coelho e pela irmã Vicentina Salomé Dets.



» Hugo Hoffmann agradece



» Flávio Vicente, cumprimenta o casal homenageado



» Padre Bruno Elizeu Versari, representa Dom Anuar, na oração ecumênica



» Loretto Girardi Hoffmann fala da tribuna após receber homenagem



» Platéia presente à cerimônia

12 REVISTA TRADIÇÃO - DEZEMBRO 2013

Fonte: REVISTA TRADIÇÃO (2013, p. 62).

**Foto 176c** - Cópia das páginas da revista Tradição, cedidas gentilmente pela editora.



» Mauro Carvalho Duarte Júnior, José Vanderley Santana, Aparecido Silva-Madalena Stocco Machado



» Loretto-Hugo, Marcos Moreschi, Laciir Brolesi (de pé); Dorival Moreschi-Leci, Laura, Elise (esposa do Marcos) e Gleisl (esposa do Laciir), sentados



» Benivaldo Ramos Ferreira, Hugo Hoffmann, Marco Antonio de Prá, Odair Roberto Herrerias Lopes



» Urbano-Marlene Buchweitz, com familiares e o casal homenageado



» Edna-José Toledo, Loretto-Hugo, Samarina Hopca Herrerias-Fábio Cesar Cardoso, Odair Herrerias Lopes (de pé); Antenor Herrerias Lopes, Luiz Antonio Romano, Ana Hopca Herrerias



» David Lopes, Norberto Velasques, Luis Martins-Tânia, Hugo-Loretto, Vera Elson Luiz Veit (de pé); Sonia e Isabela (esposa e filha de David), Ary Sonaglio Lourdes (sentados)



» Hugo-Loretto Hoffmann com irmãs vicentinas, do Núcleo Social Papa João XXIII: Edna, Zoé, Odete, Gení Zaffari



» Pedro Cesar Gomes Lemos, Aquilino Panichella, Luiz Antonio Martins esposa; Loretto e Hugo Hoffmann, Donald Serra e Ademar Antonio de Oliveira (de pé); Eurico Venâncio de Matos, Doralice (esposa de Ademar), sentados



» Berenice Vier, Ilka Vier-Edson Luiz Silveira Machado (sentados), filhas do casal Josefina-Arno W. Vier; Loretto-Hugo Hoffmann (de pé)



» Marco Antonio Deprá, vereador Humberto, Loretto-Hugo, Carapó, Tomires (de pé); Estevam-Helena Trzeciak (sentados)



» Lilene, filha do casal Hugo Loretto, e Vitória e Lorena

REVISTA TRADIÇÃO - DEZEMBRO

Fonte: REVISTA TRADIÇÃO (2013, p. 63).



Folheando, neste relato, páginas que recordam a singular homenagem, somos levados a reviver marcantes anos de agradável vivência junto a essa nobre equipe, cuja amizade sempre nos envaideceu e cujas alegres presenças emocionaram a todos naquele dia.

“Estou surpreso com a plateia aqui presente na outorga deste título, talvez a mais numerosa que presidi e mesmo a que assisti”, dizia-nos o ilustre presidente da Câmara Municipal de Vereadores Sr. Ulisses de Jesus Maia Kotsifas, atualmente prefeito municipal.

### 8.18 O Memorial do Núcleo

Ideias às vezes não passam de ideias, mas em equipe unida e dinâmica as realizações fazem a diferença. As velhas casas em madeira iam desaparecendo com o surgimento das novas casas em alvenaria, restando poucas em razoável estágio de conservação, inclusive a de nº 66, que por muito tempo acolhera as irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, antes de mudarem-se para a nova residência junto às instalações administrativas.

As novas casas em alvenaria passaram a dominar o visual do Núcleo e, à medida que iam despertando um clima de vitória, nascia também um sentimento de que o passado deveria ser preservado e reverenciado. Aí surgiu a ideia de transferir a casa 66 (uma das últimas ainda em pé) para um local que não prejudicasse a harmonia das construções e mantivesse a possível originalidade ainda guardada no tempo.

Definido o local, o Memorial do Núcleo Social Papa João XXIII foi construído graças às habilidades do marceneiro sr. Wilson Costa (da cidade de Quinta do Sol (PR), que nos atendia em outras construções (FOTOS 177, 178 e 179, p. 182).

Antes da conclusão física do Memorial, transparecera a habilidade de pesquisador, historiador e memorialista de Marco Antônio de Deprá (nosso parceiro de diretoria e colega de Banco do Brasil), para retratar no recinto dessa Casa de Memórias, através de fotos e ilustrações, toda a existência histórica do Núcleo desde seu nascimento até os dias atuais, seus primeiros barracos, as autoridades máximas da Igreja de Roma e de Maringá,

nesse tempo, as irmãs vicentinas que atuaram na Entidade até então, presidentes, colaboradores e até alguns móveis ainda preservados.

**Foto 177** - O Memorial do Núcleo Social Papa João XXIII em Maringá em dia de visitação por benfeitoras acompanhadas por irmã Romilda.



**Foto 178** - Galeria das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo que atuaram no Núcleo desde 09/12/1072 até 30/07/2019, lembradas no Memorial do Núcleo Social Papa João XXIII.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Memorial. Galeria de homenagens.



**Foto 179** - Fotos de Galeria Inacabada de Presidentes do Núcleo em seu Memorial, criado pelos memorialistas Marco Antônio Deprá, Helena Marques de Almeida Trzeciak e Estevam Trzeciak.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Memorial. Galeria de homenagens.

## 8.19 O Projeto Catedral (Minha História)

Em certa ocasião, já na segunda metade de 2019, visitávamos o recinto da Escola de Marcenaria do Núcleo em companhia do rotariano Odair Roberto Herrerias Lopes, integrante do Rotary Club de Maringá Colombo, parceiro do Núcleo há mais de duas décadas (tópico 8.13 acima), quando, mais uma vez, como sempre, nos chamou a atenção o empoeirado contingente de madeiras de peroba lá guardadas.

Marcou-nos sempre o caráter histórico e sagrado dessa madeira aí recolhida, que, utilizada inicialmente (1950) na edificação da Antiga Catedral de Maringá, foi reutilizada (quando da demolição em 1973) na construção das primeiras casas do Núcleo e aí acolheu famílias e seus filhos pequenos até a substituição dessas moradias por alvenaria (1990 a 2017).

Perseguia-nos a ideia de que deveríamos encontrar algum fim nobre para reutilizá-la com dignidade (íntegro era ainda seu cerne), pois sua singular biografia sugeria reconhecido merecimento.

Algumas semanas mais haviam passado, com inúmeras sugestões e palpites, quando uma ideia tomou asas e pousou no atelier do artesão David Lopes, um funcionário aposentado do Banco do Brasil e também integrante do Rotary Club de Maringá Colombo, nosso parceiro.

Revelando habilidade artística, ao nível da bravura do xará bíblico que abateu o gigante Golias, o competente David, em quatro meses, esculpiu cem elaboradas réplicas da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá (12cm de base por 36cm de altura) (FOTO 180, p. 183 ), quando cada uma dessas relíquias induziu este autor a apresentá-las como “Projeto Catedral” dentro do contexto “Minha História”:

### Projeto Catedral. Minha História.

*Sou a peroba rosa e aqui represento a Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá, por ora o mais alto monumento da América Latina, o qual eleva a Cruz de Cristo à altura de 124 metros, conclamando as pessoas a viverem a fraternidade cristã.*

*Fui exuberante mata, que cobria o Norte do Paraná, até quando, abatida para a construção da igreja da Paróquia Santíssima Trindade de Maringá, acolhi para a primeira missa em 20 de setembro de 1950 (mesmo inacabada) o padre Teófilo Carlos Almazán e pioneiros maringaenses, que não tinham ainda um local onde rezar na região do Maringá Novo (no Maringá Velho, já fora construída a Capela Santa Cruz).*

*Em 24 de março de 1957 Maringá recebia festivamente Dom Jaime Luiz Coelho, seu primeiro bispo, e com isso eu passava a ser a Catedral Nossa Senhora da Glória. Continuei a ouvir as orações dos maringaenses, inclusive os marcantes sermões do ilustre bispo natural da cidade de Franca, no interior paulista.*

*Em 10 de maio de 1972 (no 25º aniversário de Maringá) era inaugurada a meu lado a imponente Catedral em concreto armado e forma cônica, hoje símbolo de Maringá.*



Do chão fui levada, a partir dos primeiros dias de 1973, para um bairro pobre de Maringá, chamado Vila Vardelina, onde D. Jaime, com apoio de Irmã Michelina Salomé Dets, pertencente à Companhia das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo, projetara acolher famílias sem teto em casas construídas inclusive com materiais reciclados.

A entidade projetada fora constituída em 09 de dezembro de 1972 com o nome de Núcleo Social Papa João XXIII, onde, então como casas, acolhi por até 5 anos, famílias de baixa renda e com filhos pequenos até 2017, quando o apoio às famílias empobrecidas já passara a ser feito em residências de alvenaria, cumprindo sempre Programas de Promoção Humana com Fraternidade em Busca da Cidadania.

Pressentia ter chegado o meu fim, mas o presidente do Núcleo (1985 a 2017), Sr. Hugo Hoffmann, respeitando a nobreza de minha história e a ainda altivez de meu cerne, passou a abrigar-me na Escola de Marcenaria da Entidade.

Em agosto de 2019, sob a liderança do Sr. Odair Roberto Herrerias Lopes, recebi a visita de integrantes do Rotary Clube de Maringá Colombo, em cuja ocasião nasceu a brilhante ideia de instituir o Projeto Catedral, para o hábil artesão David Lopes, com minha madeira (histórica e sagrada para os maringaenses), criar 100 artes, desse singular monumento de Maringá, individualizadas por numeração e acompanhadas pelo presente histórico acordado pelas personalidades elencadas.

Visando a continuidade dos programas que desenvolve, a arrecadação líquida auferida no Projeto será doada ao Núcleo Social Papa João XXIII. Acolhendo hoje 75 famílias empobrecidas e seus filhos pequenos, tendo já atendido a 970 famílias, adianta que os doadores estarão sempre presentes nas orações das Irmãs Servas Adoradoras da Misericórdia, que ora acompanham as famílias.

O projeto prevê, ainda, que a arte de nº 050/100 fique exposta em local nobre da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória e a de nº 100/100, no Memorial do Núcleo, acompanhadas de painel com os nomes dos doadores benfeitores.

Em vídeo gravado em 2012 Dom Jaime Luiz Coelho nos dizia:  
"A melhor coisa que fiz em Maringá foi o Núcleo Social Papa João XXIII".

**Maringá (PR), 30 de setembro de 2019.**

**Mitra Arquidiocesana de Maringá**

Dom Anuar Battisti – 4º Arcebispo Metropolitano

**Prefeitura do Município de Maringá**

Miguel Fernando Perez Silva – pesquisador e secretário de Cultura do Município

**Núcleo Social Papa João XXIII**

Loretti Girardi Hoffmann - Presidente

**Rotary Clube de Maringá Colombo**

Leandro Massucato – Presidente

**David Arte e Restauro**

David Lopes – Artesão

Hugo Hoffmann – Autor do Texto

**Em 25 de outubro de 2021 com anuência de:**

Dom Frei Severino Clasen O.F.M. - 5º Arcebispo Metropolitano

Pe. Dirceu Alves do Nascimento – Reitor da Catedral Basílica Menor

**Nossa Senhora da Glória**

João Victor da Silva Simião – Secretário de Cultura do Município

Norvan Noronha Dias – Presidente do Rotary Club de Maringá Colombo.

**Foto 180** - Lembrando o Projeto Catedral (Minha História) a relíquia nº 100/100, doada por funcionários do Banco do Brasil, ficou em poder do Núcleo Social Papa João XXIII e acompanha o quadro exposto no Salão São José do Núcleo, contendo o histórico do projeto e o nome dos 100 benfeitores adquirentes das relíquias.



Fonte: NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. Memorial.





A esse tempo, porém, o mundo inteiro passava a retrair-se e curvar-se diante da tragicidade epidêmica da Pandemia Covid 19, que tolheu drasticamente as atividades das pessoas, inclusive a continuidade de nosso Projeto Catedral, que voltou a ser articulado somente após decorridos quase dois anos.

Transcorrendo, então, os primeiros meses de 2022, a ciência já nos havia presenteado com a vacina contra a pandemia, diante do que a normalidade começava a transparecer e já antevíamos a comemoração dos jubileus de ouro tanto da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória (10/05/1972), quanto do Núcleo Social Papa João XXIII (09/12/1972), levando-nos a direcionar esforços para concluir nosso Projeto Catedral no dia 26/05/2022, buscando homenagear as duas efemérides.

Nossa parceria Rotary/Núcleo foi agraciada, mais uma vez, com marcante e decisivo apoio dos parceiros e de forças da comunidade, notadamente, Mitra Arquidiocesana de Maringá, Maringá Histórica, Cortlaser, Grupo Maringá de Comunicação, Gráfica e Editora Santa Clara, Kökner Leilões, RIC TV, Sol Propaganda, Prefeitura Municipal de Maringá, David Arte e Restauro e Moinho Vermelho Eventos.

Cada uma das cem artes recebeu uma redoma em acrílico transparente, visando a preservá-las e uma base (3,5cmx16cm) também em acrílico, na cor preta, em que, na parte externa, foram apostas as logomarcas de nossos patrocinadores, reservando a parte interna para portar um pergaminho com a Minha História (de minha autoria) e um pequeno livro (10cmx15cm), contendo um resumo histórico do Núcleo Social Papa João XXIII, do Rotary Club de Maringá Colombo, da Antiga Catedral de Maringá e da atual Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória elaborado pelo memorialista Marco Antônio Deprá.

A noite de 26 de maio estava linda e incontida era a expectativa no engalanado salão do Moinho Vermelho em que iríamos receber nossos 300 convidados para um jantar festivo, com leilão e/ou venda de nossas 100 relíquias da Antiga Catedral, em homenagem ao jubileu de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, com renda em prol do Núcleo Social Papa João XXIII (com sérias carências financeiras), também antevendo seu cinquentenário em 09/12/2022.

Concluída a oração inicial conduzida por Pe. Dirceu Alves do Nascimento, reitor da Catedral Basílica, os presentes foram envolvidos em forte emoção ao serem exibidas em tela cenas documentais do Núcleo, envolvendo inclusive a imagem de Dom Jaime Luiz Coelho, 1º arcebispo de Maringá, idealizador da Entidade. A contagiante emoção manteve-se incentivada pelo hábil leiloeiro Klökner, quando as 20 primeiras artes foram leiloadas a preços que surpreenderam as expectativas, tanto pelos valores doados quanto pela nobreza dos gestos de solidariedade demonstrados.

As demais 80 relíquias foram todas adquiridas por doadores da comunidade ao preço mínimo de cinco mil reais, quando os nomes dos adquirentes figurarão em placa de bronze a ser exposta em memorial da Catedral Basílica acompanhada da arte de nº 50/100, devendo a de nº 100/100, doada por funcionários do Banco do Brasil, deverá permanecer no Núcleo e acompanhar o rol dos nomes dos doadores.

O Projeto Catedral (Minha História) teria sido talvez a comemoração mais efetiva do jubileu de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, por deixar em lares da comunidade maringaense cem septuagenárias relíquias, históricas e sagradas, da Antiga Catedral de Maringá, representando com extrema arte o Símbolo de Maringá (FOTOS 181, 182, p. 185; FOTOS 183, 184, p. 186; FOTOS 185, 186, p. 187).



**Fotos 181, 182** - Festiva apresentação do evento realizado no Moinho Vermelho em parceria Núcleo Social Papa João XXIII / Rotary Clube de Maringá Colombo em 26/05/2022, em que foram leiloadas/adquiridas 100 réliquis em madeira da Antiga Catedral de Maringá, representando a atual Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória em homenagem aos jubileus de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória e do Núcleo Social Papa João XXIII.



» Odair Herrerias Lopes, coordenador do Leilão, com esposa Ana Hopka Herrerias



» Verno Klöckner Júnior, diretor da Klöckner Leilões bate o martelo e vende a primeira estatueta



» Hugo Hoffmann e Loretta Hoffmann, presidente do Núcleo

EM LEILÃO		PROJETO CATEDRAL	
001		EM LEILÃO	
Investimento no Lote (R\$)		Lance atual	25.500,00
Valor Avaliação (R\$)	1,00	Comissão (0,00%)	0,00
Valor 1º Lote (R\$)	8.000,00	Total	25.500,00
Valor 2º Lote (R\$)	8.000,00	Apelido	Horário
Valor Incremento (R\$)	500,00	PLATEIA	20:44:38
		PLATEIA	20:44:23
		PLATEIA	20:44:03
		PLATEIA	20:43:50
		Valor	25.500,00
			25.000,00
			24.500,00
			24.000,00

» Painel do leilão com informações da réplica nº 1, arrematada com valor considerável, em prol do Núcleo Social Papa João XXIII



» Sergio Gentilin e Simone Gentilin, Nilza Muller Machado e Rogério Machado, diretor financeiro do SICREDI União PR/SP, Daniel Lopes da Silva



» Marcelo Scomparin, Evandro Quaglia, Kleber Luiz Fioes, Vera Tasca e Celso José Martins



» Associados do Colombo entre amigos



» Clarice-Ivo Dalla Costa, David Lopes e Daniel Lopes



» Odair Roberto Herrerias Lopes, David Lopes, Amilton Capristo, Ivo Dalla Costa-Clarice, Hugo Hoffmann e Edna Capristo



» Governador Carlos Roberto Neves Souza-Ana Marcia Casula Neves e Edna Oliveira



» Waldecir Dellalibera, Ovande Junior, José Maria Colombo, Deucides Moser, Celso José Martins e Odair Herrerias

Fonte: REVISTA TRADIÇÃO (2022, capa e p. 8).



**Fotos 183, 184** - Festiva apresentação do evento realizado no Moinho Vermelho em parceria Núcleo Social Papa João XXIII / Rotary Clube de Maringá Colombo em 26/05/2022, em que foram leiloadas/adquiridas 100 relíquias em madeira da Antiga Catedral de Maringá, representando a atual Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória em homenagem aos jubileus de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória e do Núcleo Social Papa João XXIII.



» Casal IDELLI-ambientes, José Carlos Casarotto-Creuz



» Hercules Kotsifas Maia, representando o prefeito Ulisses de Jesus Maia Kotsifas



» Daniel Lopes da Silva, Ivo Della Costa e Amilton Capristo



» Alex Antonio da Silva (Zacarias Veiculos), Rafael Guandalini (Venture), Evandro Quaglia (Loriela), Norvan Noronha Dias, Kleber Luiz Flóes (Vidraçaria Art Liberdade) e Wesley Silva (Venture)



» David Lopes, Amilton Capristo, diretor do evento; Fernando, gerente do Moinho vermelho-eventos; Daniel Lopes, Werno Klockner, leiloeiro oficial; Ivo Dalla Costa



» Alex Chaves(vereador), Clovis Augusto de Mello, Amilton Capristo, Djeyne, Hércules kotsifas, Evandro Quaglia e Fábio Ferreira (Gesso Agape)



» Odair Herrerias Lopes-Ana Hopka Herrerias, Socrates Hopka Herrerias(Juiz Federal em Maringá), Joel Coimbra, Aparecido Errerias Lopes e Adriano Carlos Ravaoli



» De pé, ouvindo a preleção do Padre Dirceu Alves do Nascimento



» Padre Dirceu Alves do Nascimento, Rector da Catedral, em momento de oração



» Sonia Trevisan, filha e neta



» Mauro Veroneze e José Antonio Ruis Castanheira



» David Lopes, artista plástico, confeccionou as esculturas

REVISTA TRADIÇÃO - Nº 479/2022 9



» Parte da equipe Rotary Club de Maringá Colombo, na noite de leilões das réplicas



» Marcos Moreschi, Renato Hoffmann e o pai Hugo Hoffmann



» Encontro de familiares e amigos



» Hugo Hoffmann, Hercules Kotsifas Maia, Alex Chaves e Padre Luiz Azevedo



» Celso José Martins, Evandro Quaglia, Ovande Junior, Waldecir Delalibera, Ricardo Hoffmann, Sergio e David Lopes



» Parte de Associados do Rotary Club Maringá-Colombo, que trabalhou para o êxito da promoção



» Evandro Quaglia, Sérgio Luiz Camurci, Fabio Margaridi Ferreira e Fábio Ferreira



» Alex Antonio da Silva, Rafael Guandalini e esposa, Wesley Antonio da Silva



» José Antonio Ruis Castanheira, Kleber Luiz Flóes, Amilton Capristo, Mauro Veroneze e Ovande Júnior



» Celso José Martins, Fábio Ferreira, Marco Aurélio e Osniir Moreira

REVISTA TRADIÇÃO - Nº 479/2022 10

Fonte: REVISTA TRADIÇÃO (2022, p. 9-10).



**Fotos 185, 186** - Festiva apresentação do evento realizado no Moinho Vermelho em parceria Núcleo Social Papa João XXIII / Rotary Clube de Maringá Colombo em 26/05/2022, em que foram leiloadas/adquiridas 100 réliquis em madeira da Antiga Catedral de Maringá, representando a atual Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória em homenagem aos jubileus de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória e do Núcleo Social Papa João XXIII.



» Carlos Roberto da Silva-Aline



» Mauro Veroneze, entre amigos



» Sérgio Luiz Camurci e Nilton Cezar Valensola



» Odair Herrerias, Alex Antonio da Silva e Ovidio Trevisan Júnior



» Izoiete-Valdecir Pietracatella (Ótica Leonel)



» Marcos Antonio Miguel e esposa, Sérgio Luiz Camurci



» Evandro Quaglia, Waldecir Delalibera, Jean Pierre Marques, Celso José Martins e David Lopes

**Agradecimentos**

O ROTARY CLUB DE MARINGÁ COLOMBO agradece, comovido, o generoso apoio da sociedade maringáense que prestigiu o evento; também enaltecer os méritos conquistados pelos organizadores: diretoria do núcleo, diretoria do Rotary e Mitra Arquidiocesana; e toda colaboração recebida na publicidade: Sol Propaganda, RICTV, RPCTV, BANDTV, Jorge Fregadolli-Coluna VITRINE (Jornal do Povo), Revista Maringá Missão, Edson Bursega (fotógrafo), Carta Mensal do governador do ROTARY, Secretaria de Cultura de Maringá, Grupo GMC de Comunicação, textos de Marco Antonio Deprá (escritor); certificados de Miguel Fernando (Maringá Histórica), Hugo Hoffmann-Minha História, Sergio Camurci (Gráfica Santa Clara); também aos envolvidos na arte: David Lopes (David Arte & Restaura), Delcídes Moser

(Cort Laser), Escritório de Contabilidade Santana; aos envolvidos na realização do evento: Amilton Capristo - diretor, Vanessa Rocha (fotógrafa), Juliane Guzzoni (repórter), Werno Klockner - Klockner Leilões, Lótus Decoração de Festas, Moinho Vermelho Buffet, Sergio Poppi (som). A todos o nosso, obrigado!

**Fato histórico**

Uma placa de bronze, fixada no 3º andar da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá, registrará para a posteridade esse espetacular evento que homenageou o Jubileu de Ouro da Catedral e do Núcleo Social Papa João XXIII, numa iniciativa conjunta do Rotary e do Núcleo Social. A escultura de nº 50/100, acompanhará a placa de bronze como nome das 100 pessoas que adquiriram uma escultura em madeira histórica da antiga catedral.



» Presença feminina

REVISTA TRADIÇÃO - Nº 479/2022

**RÉPLICAS**



» Kleber Luiz Fiões, Odair Roberto Herrerias Lopes, Waldecir Delalibera, Ovidio Trevisan Júnior, David Lopes, Lourenço Fadel Filho e Evandro Quaglia, competentes associados do Rotary Colombo, exibem belas rélicas da Catedral de Maringá (no seu Jubileu de Ouro), leiloadas e vendidas dia 26 de maio de 2022, no Moinho Vermelho, às 20h, seguida de jantar dançante.

Quem compareceu ao leilão de rélicas da Catedral de Maringá, na noite de 26 de maio de 2022, no Moinho Vermelho Buffet, assistiu a um dos leilões mais animados já realizados em Maringá, com uma disputa ferrenha para arrematar a rélica nº 1. No final, o empresário Ivo Dalla Costa, diretor-presidente do Palmali Industrial de Alimentos, ficou com a peça depois de oferecer um lance de R\$ 25.500,00.

A rélica nº 10 também foi bastante disputada e acabou arrematada por R\$ 19 mil, a nº 2 por 18 mil. As 20 rélicas leiloadas renderam R\$ 220 mil e outras 80 foram vendidas fora do leilão, somando mais R\$ 412 mil.

O Projeto Catedral foi criado pelo Rotary Club Maringá Colombo como uma forma de comemorar os 50 anos da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, 50 anos do Núcleo Social Papa João XXIII e, ao mesmo tempo, arrecadar dinheiro para melhorias nas 75 casas do Núcleo Social Papa João XXIII.

**O MAIOR PROJETO SOCIAL DE DOM JAIME**

O Núcleo foi originalmente construído com a madeira retirada da primeira Catedral de Maringá, demolida com a inauguração da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória. O aproveitamento da madeira foi a forma que o primeiro bispo de Maringá, dom Jaime Luiz Coelho, encontrou para promover um desenvolvimento na periferia

de Maringá. Com a madeira da catedral, foi possível construir casas para as famílias que estavam vivendo em barracos feitos com pedaços de compensados e papelão. Nesses 50 anos, o projeto social de dom Jaime fez a diferença para 1033 famílias que ganharam nova vida, dignidade e a possibilidade de adquirir a casa própria. As famílias atendidas pelo Núcleo podem viver gratuitamente lá por cinco anos, mas neste tempo cada uma faz uma poupança, que ao sair recebe de volta, para dar entrada em um imóvel próprio.

O Núcleo Social Papa João XXIII era a menina dos olhos de dom Jaime, que sempre disse que aquele foi seu maior projeto social – e ele foi a pessoa que mais criou projetos sociais em Maringá.

**MADEIRA CUMPRE IMPORTANTE PAPEL**

As 100 rélicas da catedral esculpidas pelo artista plástico David Lopes foram feitas com a mesma madeira da catedral antiga. Cerca de 20 anos atrás, a direção do núcleo começou a substituir as casas de madeira por casas de alvenaria e parte da madeira, perobarsa, foi cuidadosamente separada, guardada e agora cumpre mais um papel social ao levantar recursos para mais obras.

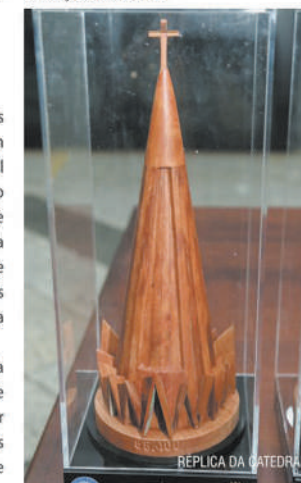
Muita perobarsa ainda está guardada para futuros projetos, mas a que serviu para as rélicas esculpidas por David Lopes agora será eternizada nas residências e empresas de pessoas que

colaboraram com o projeto.

**SUPERANDO EXPECTATIVAS**

O voluntário Odair Herrerias, rotariano e mentor do "Projeto Catedral", disse que estava confiante de que o evento desta noite seria um sucesso, mas que ele próprio se surpreendeu com o "tamanho do sucesso".

"A gente está acostumado a ver o povo de Maringá abrir o coração diante das promoções para ajudar os mais necessitados, mas às vezes ainda nos espantamos com o tamanho dessa generosidade", diz ele, satisfeito com a venda de todas as peças e pelo alto valor alcançado no leilão.



» RÉPLICA DA CATEDRAL

REVISTA TRADIÇÃO - Nº 479/2022

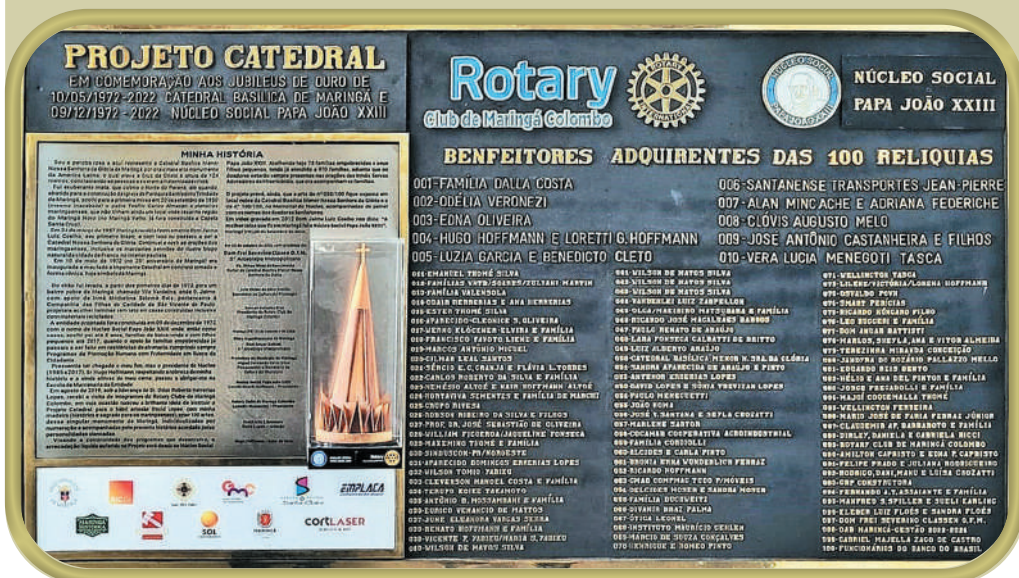
Fonte: REVISTA TRADIÇÃO (2022, p. 11-12).



### 8.19.1 Diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII

Integrantes da Diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII que em 30/09/2019 programaram o “Projeto Catedral” (Minha História), em parceria com o Rotary Club de Maringá Colombo, cuja realização culminou em expressiva homenagem da comunidade maringaense aos jubileus de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória (10/05/1972-2022) e do próprio Núcleo (09/12/1972-2022) (FOTO 186a).

**Foto 186a** - Placa em bronze (2,2m x 1,1m) afixada no Memorial da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá (5º pavimento), expondo a relíquia de nº 50/100, contendo o texto “Minha História” e o rol dos 100 benfeitores adquirentes das esculturas que protagonizaram a singular homenagem aos jubileus de ouro da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá (10/05/1972-2022) e do Núcleo Social Papa João XXIII (09/12/1972-2022).



Fonte: Arte de EMLPLACA, foto de Bruno Quirino dos Santos (2022?).

### Cargos Honorários:

- Presidente de Honra: Dom Anuar Battisti
- Vice-Presidente de Honra: Pe. Néelson Aparecido Maia

### Cargos Administrativos:

- Presidente: Loretta Girardi Hoffmann
- Vice-presidente Administrativa: Marinalda Wanderley da Cruz (Irmã Emanuela Catarina).
- Vice-presidente Tesoureiro: Oswaldo Pereira Ayres
- Vice-presidente do Programa Conquista da Casa Própria: Hugo Hoffmann
- Vice-presidente Secretário: Eduardo José Cota Carvalho.
- Vice-presidente de Promoção Humana: Cristiane Fernandes Possa (irmã Michaela Maria)
- Vice-presidente Social: Renato Hoffmann
- Vice-presidentes de Assuntos Jurídicos: Elson Luiz Veit e Manoel Ronaldo Leite Junior.

### Conselho Deliberativo Fiscal:

- Presidente: Mauri de Oliveira Brito.
- Membros: Oswaldo Ferrari e Odair Roberto Herrerias Lopes
- Suplentes: Sandra Herrig, Marlene Sartor, Maria de Lourdes Capellazzo e Engracia Galego de Camilo.

### 8.20 Senhoras voluntárias

O Núcleo Social Papa João XXIII tem contado sempre com a colaboração de um grupo de senhoras voluntárias, abaixo relacionadas, que, duas vezes por semana ou mais sempre que necessário, reúnem-se em seu cantinho na Entidade, desenvolvendo artesanato e programando promoções sociais e confraternizações. Dentre muitas realizações, foram as voluntárias que conquistaram recursos para a construção da casa nº 350/41, uma das 75 que o Núcleo detém para seus programas (FOTOS 186b, 186c, p. 189).



Nomes das senhoras voluntárias	
ALICE HARANO	MARIA DA GLÓRIA DE SOUZA
ANA AP. MICHELATO LOPES	MARIA DE FÁTIMA C. CRISPIM
APARECIDA BRANCO PACHECO	MARIA DE LOURDES CAPPELLAZZO
CLÁUDIA APARECIDA MODOS	MARIA DE LOURDES GIRARDI
DIRCETE TEREZINHA SWIERK	MARIA DE LOURDES PASCOTT
ELIANA DA SILVA MARQUETTI	MARIA DE LOURDES PINAFFI
ELISA UMEMURA	MARIA INES NORVILLA
ENEIDA GERMANI	MARIA PEREIRA DE SOUZA (ALBANY)
ENGRACIA GALEGO DE CAMILO	MYRNA ALMEIDA PUCETTI
EUNICE ANGELINA GERMANI	NAIR DE OLIVEIRA TOZELLI
FERNANDA SELLA DE AULA	NEUZA DANTAS LOPES
GILKA CESAK RENTE DA SILVA	SANDRA HERRIG FURLANNETO
IRIA TEREZA DORÉ	SONIA DA SILVA CAMPANINI
IZELDA APARECIDA VIDOTTI CAETANO	TOSHIE TOMINAGA
JOYCE RINCÃO	WILMA LUIZA GRACINO
LUIZA ANDÓ	ZENOIR BARCELLOS DE OLIVEIRA
MARIA APARECIDA REDER	ZULMIRA TRINDADE MARANGONI

Fotos 186b, 186c - Senhoras Voluntárias em dias de seus afazeres no Núcleo.



Fonte: Núcleo Social Papa João XXIII. Arquivos. Controles internos da Entidade.



## 8.21 As Irmãs Servas Adoradoras da Misericórdia

O Núcleo Social Papa João XXIII, com histórico apresentado neste Capítulo 8, foi fundado por Dom Jaime Luiz Coelho e pelas Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo em 09/12/1972 e essas estiveram junto às famílias assistidas até 30/07/2019 (47 anos), quando, por decisão administrativa de sua Companhia, deixaram de desempenhar suas preciosas funções na Entidade.

Dom Anuar Battisti, 4º Arcebispo de Maringá e Presidente de Honra deste Núcleo, em visita à cidade de Içara (SC), sede da Instituição que congrega as Irmãs Servas Adoradoras da Misericórdia, foi agraciado com um “sim”, ao estender convite a essas irmãs para assumirem o importante posto deixado pelas irmãs vicentinas. Assumiram em 15/08/2019 e somos imensamente gratos à sua cristã e fraterna missão junto às famílias assistidas (FOTO 186d).

A Instituição Servos Adoradores da Misericórdia (envolve servos e servas distintamente) é de origem recente, criada na cidade de Caçador (SC), detendo as missões em várias cidades brasileiras e até na África. A madre superiora é Irmã Sílvia Moser (Madre Rosa da Cruz), filha do famoso escultor, que hoje reside em Treze Tílias (SC), Conrado Moser, autor do Cristo na Cruz esculpido em madeira e exposto na Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória de Maringá. (<https://www.adoradorasdamisericordia.com.br/pt-br/pagina/fundacao>).

**Foto 186d** - Irmãs: Maria Paula, Cecília da Trindade e Madre Rosa da Cruz, servas adoradoras da misericórdia, que acompanham as famílias acolhidas nas 75 casas do Núcleo Social Papa João XXIII. (No Natal de 2022, 328 pessoas, entre pais, crianças e adolescentes).



Fonte: Núcleo Social Papa João XXIII. Arquivos. Controles internos da Entidade.



## CAPÍTULO 9

### 9.1 A Fazenda Maringá, no histórico caminho de Peabiru

Em 1994, aposentado no Banco do Brasil (1992), eu deixava também o magistério na Universidade Estadual de Maringá (UEM) e passei a envolver-me mais com a condução das atividades agrícolas que detínhamos. A essa altura a meu lado o filho Renato, formado em Agronomia, e o filho Ricardo, a esse tempo também formado em Agronomia, mas já um tanto afastado dessas iniciativas por tropeços nessa área (estufas: quebra da Cooperativa Cotia e na mecanização agrícola de soja, milho e trigo: insuficiências estruturais), buscava alternativas, ao ser aprovado em concurso público da Emater e atuando em serviços junto a municípios próximos de Maringá.

Trabalhavam conosco, nos lotes 183 (25 alq.) e 176 (12 alq.) da Gleba Pinguim de Maringá, Natanael Antônio de Araújo, esposa Maria e as filhas Elizângela, Eliana e Elaine, O Nilson Rodrigues (apelidado de "Ita", solteiro, de família vizinha à propriedade) e, na Estância Roda D'água no Distrito de Floriano (20 alq), Paulo Cezar, esposa e 3 filhas, era o encarregado na condução de vacas leiteiras naquela propriedade.

As atividades ocorriam em áreas que somavam 57 alqueires, localizadas em três locais diferentes, que embora próximos, determinavam certas dificuldades no manejo, culminando com falta de otimização na condução da mão de obra e na utilização dos maquinários.

Analisávamos que essas áreas (de alto valor de mercado), não retribuíam satisfatoriamente em termos de resultados financeiros, induzindo-nos à ideia de trocá-las por propriedade maior, menos valorizada em termos de área, visando aumentar resultados de produtividade.

Divagações nesse sentido vinham ocorrendo também com relação a outras pessoas desse ramo, muitos aventurando-se na Bolívia, outros buscando negócios no Mato Grosso e nós,

procurando não nos distanciarmos de Maringá, acabamos por adquirir, ao final do ano de 1997, uma área de 212 alqueires (350 sacas de soja por alq.) no município de Peabiru (PR), ao longo do histórico "Caminho de Peabiru" (como constatamos posteriormente) e demos o nome de "Fazenda Maringá", assumindo os compromissos de pagar sinal de R\$ 100.000,00 e mais 6 prestações anuais de valores equivalentes a 10.500 sacas de soja (R\$ 12,00 era na ocasião o preço da soja), responsabilidades essas a serem honradas com as vendas das propriedades rurais detidas em Maringá (FOTO 187).

**Foto 187** - Em 2004, vista da sede da Fazenda Maringá em Peabiru (PR) na cabeceira da área. Quatro casas, uma para a administração e três para colaboradores, próximas ao galpão dos maquinários, mostrando bem ao fundo as instalações de mangueira coberta destinada ao manejo de cria, recria e engorda de gado bovino.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.





O casal vendedor Dr. Aloysio Comes Carneiro e a Sra. Glória Olímpia Collares (mineiros de boa tempera e de agradável conversa), ajustou-se a nosso intento desde os primeiros contatos, de vez que Aloysio, agropecuarista e também com destaque regional na cultura do café, era conhecido cliente do Banco do Brasil em Maringá, fundador e participante da primeira diretoria da Cooperativa dos Cafeicultores de Maringá (Cocamar), hoje, Cooperativa Agroindustrial de Maringá (Cocamar).

A área adquirida compreendia pastagens e reservas, com pequena parte na cabeceira (à esquerda do Caminho de Peabiru), utilizada com cultura de café, constituía parte da Fazenda Boa Esperança, localizada em frente, já cinquentenária na região, no km 21, entre Fênix (PR) e Peabiru (PR), seguindo parte do histórico Caminho de Peabiru (ou a 16 km de Quinta do Sol (PR), por alternativa do mesmo caminho).

Dr. Aloysio era conceituado cafeicultor e de filosofia própria, defendendo que “A agricultura, para ele, só levaria a três possíveis resultados: “Um bom resultado (com cultura de café bem cuidado), um resultado mais ou menos (café mais ou menos cuidado) e um mau resultado (café mal cuidado)”.

Mais tarde, após alienar o restante dessa sua fazenda, transferiu-se para Minas Gerais, onde também detinha atividade cafeeira (mais longe de possíveis geadas), visando a dedicar-se exclusivamente à produção e comércio de cafés finos.

## 9.2 Primeiras avaliações e conquistas

Na compra do imóvel, recebêramos de bonificação 10 velhas casas em alvenaria (de tijolos produzidos na própria fazenda), pois na ocasião o casal melhorava as acomodações para trabalhadores (moravam na fazenda) e diminuía o contingente deles, que já fora bem maior. Com isso iniciamos a projetar nossas instalações na nova área, que a nível de benfeitorias, contava apenas com uma mangueira, bem estruturada para manejo de gado, junto a uma pequena casa para boiadeiro, sem energia elétrica, mais aos fundos da área adquirida (FOTO 188).

A família de nosso colaborador Natanael concordou em deixar o Pinguim em Maringá (já vendido) e enfrentar conosco o novo projeto, indo morar temporariamente (após alguns ajustes) na fazenda de Dr. Aloysio, numa das velhas casas a ser demolida.

Daí em diante o batente se configurou como de contínuos desafios necessários à implantação da então Fazenda Maringá no Município de Peabiru (PR).

Resolvemos fixar a sede do novo imóvel, no alto junto ao Caminho de Peabiru, logo à chegada (se procedendo de Quinta do Sol), ao longo de uma alameda de velhas grevileas, nas proximidades de um terreiro-de-café abandonado e a pouca distância de uma mina d’água.

**Foto 188** - Vista dos fundos da Fazenda Maringá, com áreas de mecanização e pastagens já implantadas, contendo imagens da casa e da mangueira coberta, com instalações destinadas ao manejo de gado a campo com cria, recria e engorda.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



Para a construção das três primeiras casas contratamos o velho amigo Néelson, cujo refúgio na cidade de Sarandi (PR) nos era bastante conhecido, desde a construção da Churrasqueira Nova da AABB, quando assentou todos os tijolinhos à vista do fino acabamento.

Com a primeira documentação em mãos, instalamos energia elétrica trifásica da Copel, contratamos a perfuração de um poço artesiano e instalamos uma caixa d'água para 10 mil litros, prevendo já a utilização nas lides da agricultura, que já havíamos iniciado a desenvolver.

Assim que a primeira casa (60 m<sup>2</sup> em alvenaria com laje) ficou pronta e instalada também um barracão (300m<sup>2</sup>) para abrigo de maquinários, Natanael e a família deixaram a velha casa de Dr. Aloysio e iniciamos a remoção dos restantes maquinários da área vendida na Gleba Pinguim em Maringá para a nova propriedade.

### 9.3 Reforços para o enfrentamento

O primeiro reforço para a nova empreitada foi a aquisição de um trator Ford traçado (com financiamento no Banco do Brasil), pois os outros dois que detínhamos eram simples e destinados a tarefas menos árduas, diversas das que programávamos para daí em diante. Resultados sobre o desempenho da nova máquina passaram a surgir por toda parte, sob o comando de nosso bravo colaborador Natanael, que não podia ver pedra, toco ou quiçaça em áreas destinadas a futuros plantios de soja, milho, trigo e café.

No decorrer de mais tempo, para implantação do que programávamos, fomos incorporando mais maquinários: roçadeira de rastro para limpeza dos pastos, subsolador, nova plantadeira, pulverizador, um pequeno caminhão e até nova colheitadeira Massey Ferguson financiada diretamente pela própria fábrica. Mais duas famílias de colaboradores passaram a ocupar duas casas já construídas e com isso, ao final do segundo ano do decidido desafio, conduzíamos cultivo de soja, milho e trigo em torno de 80 alqueires e detínhamos algumas dezenas de bovinos nas áreas de pastagens (FOTO 189).

Foto 189 - Os primeiros bovinos na Fazenda Maringá.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

### 9.4 Ajustes e aportes financeiros

A Fazenda Maringá fora adquirida em condomínio (Hugo, Renato e Ricardo) e constituía-se de nove matrículas, cujas escrituras definitivas foram sendo outorgadas gradativamente, assim que os pagamentos iam sendo realizados.

O condomínio envolvia os percentuais de 60% para Hugo, 15% para Ricardo e 25% para Renato. Os 10% a mais destinados a Renato (em relação a Ricardo) determinavam um incentivo a Renato, a ser por ele custeado, pois ficariam a seu cargo a administração e o acompanhamento técnico das atividades a serem implantadas, de vez que Ricardo já prestava serviços à Emater e/ou Cargil.

Os 15% de Ricardo e Renato foram custeados com a venda dos 12 alqueires (lote 176) na Gleba Pinguim, que haviam recebido em doação por mérito, ao obterem formação superior em escola pública na Universidade Estadual de Maringá (UEM).



Associamo-nos à Coamo Agroindustrial Cooperativa, para operar na unidade de Quinta do Sol (PR). Os recursos financeiros iam sendo obtidos com a venda dos imóveis em Maringá e com financiamentos para aquisição de maquinários e para custeios agrícolas, contratados todos junto ao Banco do Brasil, Agência do Maringá Velho (especializada para assuntos da área agrícola), de cujo atendimento lembramos a preciosa atenção que sempre recebemos de funcionários como: José Valdemir Bruno, Nilo Luiz Gasparetto, João Januário, Clóvis Ferreira, José Melo da Silva, João Eli Michels, Tomires Bastos Carvalho Deprá, José Carlos Lesniowski (Carapó), Elson Luiz Veit, Norberto de Freitas Velasques, Antônio da Silva Saura com quem nos relacionávamos com invejável excelência.

O empreendimento configurando-se aos poucos com surpreendente regularidade, havendo sempre pequenos aumentos da área de plantio a cada safra, com eliminação de pedreiras e áreas anteriormente tidas como impróprias (muito inclinadas e/ou pendentes de drenagem) e já detínhamos também um plantel de

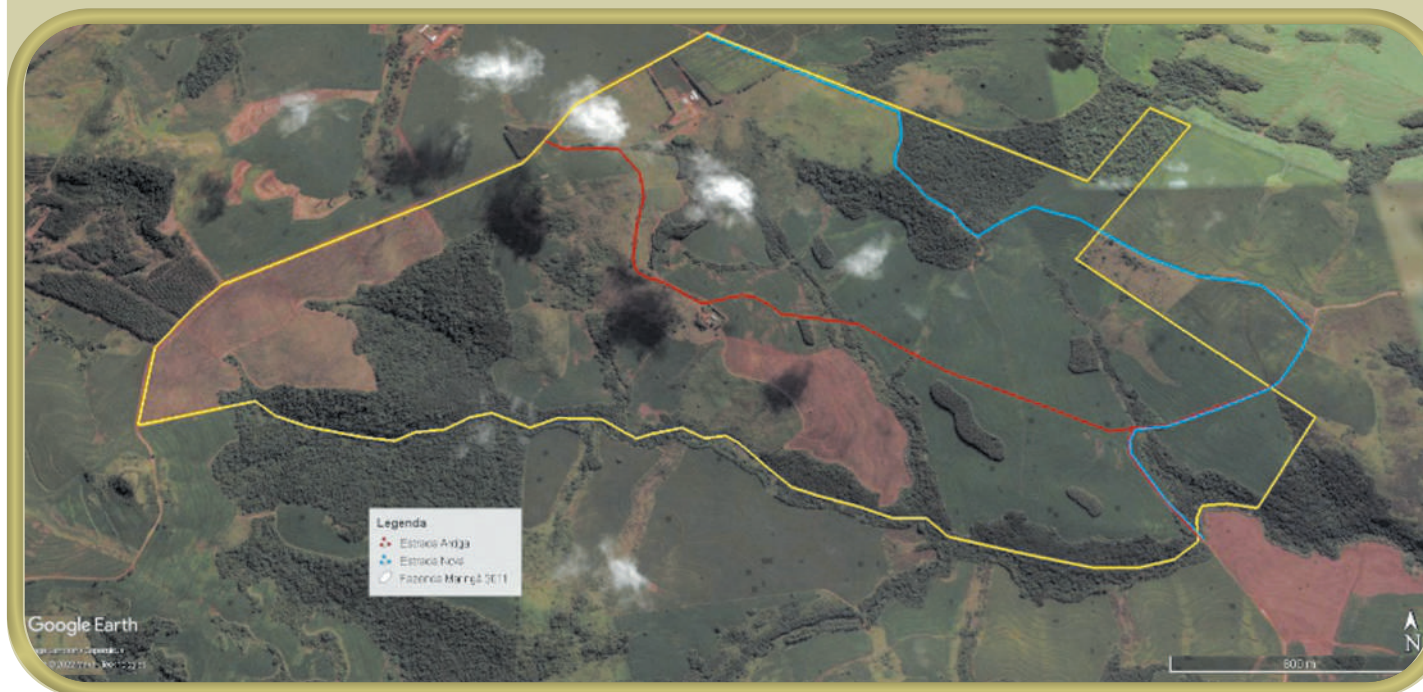
mais de cem vacas, conduzidas em manejo de cria, recria e engorda.

Fomos os pioneiros a implantar naquela região a agricultura mecanizada, produzindo soja, milho e trigo, pois até então predominava a cultura do café e/ou apenas pecuária, com cavaleiros, caracteristicamente indumentados, percorrendo todos os caminhos junto às muitas fazendas de gado existentes nos arredores, as quais exigiam o hábil serviço desses colaboradores montados em seus cavalos bem aparelhados ou não.

## 9.5 Construção de uma nova estrada

Uma estrada municipal (mais de 2 km) cortava nossa área ao meio e contava com alguns topos de curso, que seguidamente nos obrigava a socorrer caminhões carregados (principalmente com gado), para o que éramos constantemente solicitados a valer-nos de nosso trator traçado para solucionar os impasses que ocorriam (FOTO 190).

**Foto 190** - Limites da Fazenda Maringá (em amarelo), Nova Estrada aberta (em azul), resolvendo problemas que afligiam a região há longo tempo, foi retirada do centro da fazenda (em vermelho) para área lateral, no início limítrofe.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



Havíamos já utilizado os serviços de trator esteira para mecanizar algumas áreas fora do alcance de nosso Ford traçado e com isso nos nasceu a ideia de buscar gestão junto ao município de Peabiru para interromper a referida estrada, implantando-a, com vantagens para todos, nas divisas com as Fazenda Limoeiro (desde o alto) e Fazenda Calsawara (aos fundos). O tratorista Zezão viu viabilidade para o projeto e a prefeitura de Peabiru concordou com a mudança, mas prontificou-se a apenas posteriormente participar do encascalhamento e da manutenção da nova via.

O proprietário dos fundos liberou de pronto a passagem por sua área, mas o vizinho da Fazenda Limoeiro (junto à cabeceira), não permitiu compartilhar a divisa para passagem do novo caminho, levando-nos a abrir o leito da nova estrada exclusivamente em nosso área até aos fundos, devendo passar, na parte intermediária, por uma reserva de mata, por certo milenar (diríamos do tempo de Adão e Eva), onde o Renato, o Natanael e o Zezão recorreram até a uma bússola para se orientarem na definição do rumo e do leito do novo caminho.

Como indisfarçável represália (impedir a utilização da nova estrada pelo vizinho) ante à antipática intransigência do fazendeiro (não concordar com a coparticipação), o Renato instalou uma cerca (cinco arames) em toda a extensão da divisa, onde hoje viceja uma trincheira ecológica de capim colônio e outras mais inúmeras espécies, expondo a nada camarada e extremamente antipática discordância do vizinho.

O novo caminho agradou e beneficiou a todos, com o que o velho caminho, que nos importunava, foi totalmente aterrado e passou a fazer parte de talhões de áreas, que se prestam às atividades do empreendimento.

As conquistas na atividade iam aparecendo e vínhamos obtendo bons resultados com safras de soja, milho e trigo, colhendo anualmente até quase 15.000 sacas de produtos, tendo alcançado até quase 20.000 sacas em uma safra de bons resultados, quando havíamos arrendado uma boa área vizinha (FOTO 191).

**Foto 191** - Nossa MF 310, colhendo soja na Fazenda Maringá em Peabiru (PR).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

## 9.6 Geada no plantio de café e no milho safrinha

Nossas atividades desenvolviam-se com preferência decisiva para a cultura de soja, milho, trigo e gado (este, onde a área era tida como impossível à mecanização), mas um retalho de café existente no alto, junto à sede, além do entusiasmo contagiante do vizinho de frente Dr. Aloysio e seus belos cafezais e belas colheitas, acabaram nos seduzindo também para a cativante cultura do café, que se mostrava atrativa todo dia à nossa frente.

Feito um projeto, contratamos o plantio de 100 mil cafeeiros, na alta cabeceira da área, em sistema meio adensado (pés próximos um dos outros nas fileiras, mas fileiras em distância apropriada uma das outras, para permitir tratos com trator cafeeiro), linhas em níveis, para evitar a erosão, bem como prevendo bons resultados no tempo apropriado (Dr. Aloysio, nosso credor, garantia a compra do produto, pois detinha esquema seguro, inclusive para exportação).



Os cafeeiros já planados, adquirimos um trator MF 50 (chamado cinquentinha cafeeiro), um dos implementos próprios e indispensáveis para a atividade. Ao final do segundo ano, nosso terreiro suspenso já recebia uma pequena colheita, recolhida por uma família “afeita à essa lide”, que contratáramos e morava na pequena casa dos fundos junto à mangueira.

Até aí tudo razoável, mas a expectativa maior residia em safras seguintes, que deveriam juntar-se aos recursos programados para cumprir os compromissos assumidos com a implantação do empreendimento.

No quarto ano (2.000), porém, não adiantou deixar os agasalhos no armário para simular despreocupação com o frio. Ele chegou e chegou forte, com intensidade que já não era lembrada nesse nosso “micro clima”, assim batizado por Dr. Aloysio, o mais antigo entusiasta pela cafeicultura ainda presente na região. O café “foi ao chão” é a expressão consagrada para o fenômeno, quando a geada não deixa sequer um sinal verde (FOTOS 192, 193).

Entre lamentos e desencantos nos questionávamos: “Esperaremos mais dois anos para ter algum resultado?”; Restaria ainda aquela esperança? (Vai brotar?); Quanto tempo levará?), mas essa expectativa infelizmente foi aos poucos se dissipando, ao observarmos que apenas um ou outro pé dava algum sinal de vida, revelando pequenos e indecisos brotos.

A decisão foi drástica e única. Aquilo que fora, até há pouco, canteiros de verdes 100 mil pés de café transformaram-se num amplo cenário roxo (quase 10 alqueires), aguardando o plantio de soja e sepultando aquele sonho que deveria não ter sido sonhado, mas que trouxe pesadas consequências, rendas não auferidas, precioso tempo perdido, finanças atropeladas.

Se nada sobrou do café, que dizer de nosso plantio de milho safrinha e de trigo, com essa inesperada geada? Algo foi colhido, mas de péssima qualidade, cuja renda não cobriu os financiamentos contratados (FOTO 194, p. 197).

Fotos 192, 193 - Em 2.000, cafeeiros da Fazenda Maringá atingidos pela geada.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



**Foto 194** - Milho safrinha 2.000 da Fazenda Maringá queimado pela geada.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

Além disso, na safra anterior, havíamos contratado a venda da soja na COAMO, a preço prefixado em dólares, com o que, ao entregarmos o produto, recebêramos de fato o equivalente a pouco mais de 50% do preço de mercado vigente. Erramos, mas houve quem acertasse em anos anteriores, fechando venda antecipada a preço em dólares. Coube-nos, porém, como sempre honrar os compromissos firmados.

## 9.7 A Força da lei contra uma safadeza

Em 2002, com finanças feridas pelas ocorrências já descritas, vencia mais uma das prestações da compra da fazenda e faltava-nos o valor equivalente a 5 mil sacas de soja para tranquilizar Dr. Aloysio, que em Minas Gerais contava como certo o pagamento, pois havia negociado esse valor em banco.

Havíamos feito alguns negócios com um fazendeiro vizinho, que produzia, negociava e beneficiava soja e milho e era filho de um velho amigo de meu sogro João Girardi. Essa referência

facilitou nosso relacionamento e, em nossos contatos, eu e/ou Renato, acabávamos inclusive trocando ideias e experiências sobre as atividades que desenvolvíamos.

Diante dessa necessidade financeira que se impunha, propusemos ao vizinho um empréstimo de 5 mil sacas de soja para pagamentos anuais por conta de pagamento em produto, dando em garantia a hipoteca de 18 alqueires da fazenda, com o que o nosso impasse com o compromisso, próximo a vencer seria resolvido e seria também vantajoso e garantido para o vizinho, que operava com folga financeira. A mulher do vizinho, que era a responsável pela tesouraria (mais tarde constatamos que era uma “jararaca”), exigiu, nos últimos contatos, que fosse oferecida mais uma matrícula de 10 alqueires em garantia, no que não tivemos como discordar, dado o exíguo prazo ainda restante para eventuais negociações.

Ajustado o negócio, fomos ao Cartório de Araruna (PR) para formalizarmos a documentação, em que as escrituras seriam lavradas com cláusula de retrovenda. O cartorário (certamente atento a esse mundo de jararacas) levou-nos a alterar a documentação a ser firmada. Seriam feitas escrituras públicas de compra e venda dos dois lotes (oferecidos em garantia) e seria lavrado um contrato particular de recompra das áreas, o qual deveria permanecer aos cuidados do cartorário até o início do ano seguinte, para evitar possível configuração de lucro imobiliário (caso o contrato fosse registrado no mesmo exercício fiscal), ficando ajustado que a quitação do empréstimo nos garantiria o retorno da propriedade dos imóveis.

Feita toda a documentação às nossas custas, recebemos o valor do empréstimo (equivalente a 4.750 sacas, com desconto do Funrural) e com isso pudemos concluir o pagamento de nossa dívida, passando os cheques recebidos a Dr. Aloysio, nosso credor.

O quase impossível, porém, veio a ocorrer. No início de 2003, o vizinho (35 anos) faleceu de enfarte fulminante em plena rua em Campo Mourão (PR). Ao contactarmos o cartório para retirar o contrato de recompra (outro imprevisto) o cartorário, após encenar uma série de procuras em inúmeras gavetas, declarou-nos que não estaria encontrando o documento que solicitávamos, o qual por certo já teria sido retirado.



Eis aí mais um teste para avaliar resistência cardíaca. Estariam configuradas intenções escusas tramitando no bojo desse sumiço do documento? Diante disso, antes do vencimento do primeiro pagamento do empréstimo, respeitando um tempo razoável de pesar, diante da morte ocorrida, procuramos a viúva, que foi logo, junto a muitos lamentos, comprometendo-se a localizar o contrato de recompra que (a seu pedido) ficara sob os cuidados do oficial do cartório. De nossa parte, no vencimento, transferimos da COAMO as primeiras 1.500 sacas de soja relativas ao primeiro pagamento ajustado, esperando que no vencimento dos demais já estivéssemos de posse do contrato de recompra e/ou de algum ajuste do negócio.

Foram incontáveis, daí para a frente até maio de 2009, os telefonemas e as idas à fazenda vizinha e mesmo a Campo Mourão, no escritório do advogado que conduzia o inventário, buscando possível solução para essa enrascada, que à medida que o tempo passava, deixava transparecer, cada vez mais, sinais de uma tacanha safadeza. O advogado encarregado do inventário continuava nos alegando sempre que o problema estava em vias de ser resolvido e sinalizava, que contratando seus serviços, daria uma solução imediata para o caso, mas sentíamos incertezas, poderia ser outra fria. Algum tempo depois, porém, esse advogado foi substituído por outro, com quem não chegamos a fazer contato.

Em resumo havíamos decidido que, sem a posse de uma documentação concreta e robusta, não faríamos mais qualquer pagamento do empréstimo, mesmo porque, em consultas a inúmeros advogados sobre o assunto (sem séria análise do caso) a conclusão era invariavelmente a mesma: “As escrituras públicas de compra e venda dos imóveis, após esse tempo todo (mais de quatro anos), garantiriam em definitivo a propriedade dos imóveis para a impostora.

Em julho de 2008, após concluído o processo do inventário, fomos surpreendidos com notificação extrajudicial de que deveríamos desocupar os imóveis, pois a proprietária notificante estaria necessitando deles para utilização pessoal. Essa notificação aclarou a sordidez da safadeza até então envolta em dúvidas e incertezas.

Diante disso aclaravam-se as escusas intenções da credora e, atendendo à notificação, fomos à sua fazenda, blindados com a mais forçada boa educação e iniciamos negociações para a recompra dos imóveis, entendendo ser a iniciativa mais acertada para a delicada pendência, pois deveríamos evitar uma possível alienação dos referidos imóveis a terceiros, o que impactaria ainda mais a conturbada situação.

Em abril de 2009 acabamos concluindo negociação para a recompra dos referidos imóveis, com prazo de 3 anos para pagar, a preço de mercado (24.000 sacas de soja), e já em maio daquele ano fazíamos o pagamento do sinal de negócio no valor de 5.000 sacas de soja. Eram 5.000 sacas, um preço que entendíamos ser devido à credora (resultado de uma difícil condução de safra, quando o Requião, governador do Estado, entre outros mais arvorados a donos da verdade, criava sérios obstáculos ao plantio da soja transgênica, que já era plantada em todos os Estados do Sul).

Após registrar o contrato de compra e venda no cartório do registro imobiliário de Peabiru (PR), passávamos a deter, enfim, um documento que impediria sua venda e nos garantiria precariamente a propriedade dos dois imóveis (quase 30 alqueires) envolvidos nesse impasse de safadeza, cuja ocorrência esperávamos que sucedesse apenas em cenas de novelas e/ou impasses policiais.

Esse gesto extremo da recompra acabou sendo providencial, pois a tênue esperança que ainda alimentávamos, de que deveria haver uma saída para reverter essa lamentável safadeza, acabou aflorando, entre papos e cervejinhas, em um amistoso jantar de funcionários aposentados do Banco do Brasil, na acolhedora Churrasqueira Nova da AABB Maringá.

Dr. Raimundo Messias Barbosa Carvalho, funcionário aposentado do Banco do Brasil e advogado, com brilhante atuação em Maringá, perguntou-me despreziosamente como iam as coisas lá pela fazenda que havíamos adquirido. A ocasião não poderia ser mais propícia para expor-lhe, em rápidos lances, a sacanagem que enfrentávamos, cujo resumo histórico estava na “ponta da língua”.



“Esse caso despertou meu interesse... Você tem como apresentar provas documentais do ocorrido e/ou da documentação gerada para a negociação?”, foi uma consistente pergunta, feita por Dr. Raimundo naquela oportuna ocasião.

Em 5 dias a documentação constituída de cópias de cheques nominais de pagamentos do ITBI, da escritura pública e do contrato de recompra (despesas devidas a compradores e não a vendedores), tudo estava sobre a mesa do escritório de Dr. Raimundo, que em 31/10/2011 propôs “Ação Declaratória de Nulidade de Ato Jurídico C/C Condenatória a Restituição de Indébito” contra a impostora, que já nos havia notificado por inadimplemento, em vista de não termos pago a segunda prestação da recompra.

O texto jurídico produzido por Dr. Raimundo surpreendeu a todos pela lucidez e pela clareza dos princípios jurídicos apresentados, cujos teores legais impunham, para solução do conflituoso caso, a liquidação de um empréstimo que, para garantir negócio fiduciário e camuflar agiotagem, acabara tomando caminhos ilícitos configurados em escritura pública de compra e venda.

Os advogados que prestavam assessoria à credora, tomados de perplexidade na defesa da ação proposta, limitaram-se a levar ao extremo a tese de que um documento de fé pública (escritura pública de compra e venda) não poderia ser anulado depois de tanto tempo (mais de 4 anos), o que foi derrubado pela comprovada e cristalina tese de Dr. Raimundo de que a escritura pública fora ilícita na origem, sendo por tanto nula e sem prazo para prescrever.

Seguiram-se inúmeras audiências públicas e tomadas de depoimentos de testemunhas, incluindo o cartório que lavrara as escrituras (confirmou ao juiz a geração dos documentos, inclusive o contrato de recompra). Um vizinho da impostora testemunhou que ela lhe teria afirmado que assim procedia para se livrar de calotes e outras mais testemunhas, alegando sempre que tinham conhecimento do empréstimo, mas não, da venda dos lotes.

A juíza que passou a presidir o processo pronunciou-se com lucidez também a nosso favor, determinando o cancelamento das

escrituras públicas, com retorno da propriedade dos imóveis aos antigos donos.

Houve reiterados recursos/agravos a instâncias superiores (Curitiba e Brasília), solicitados sempre por parte da acionada “jararaca”, mas as decisões mantiveram-se sempre a nosso favor.

Em 2019 o cartório de Peabiru (PR) recebia a autorização judicial para cancelar o que fora gerado ilícitamente (para garantir um empréstimo) e se prestara a essa conturbada safadeza. Continuam, porém, sendo questionados os cálculos sobre se as 6.500 sacas de soja que foram transferidas à credora teriam quitado o empréstimo equivalente a 4.750 sacas de soja que recebêramos.

## 9.8 Venda da casa na Avenida Anchieta

As safras de 2004 e 2005 (soja, milho, trigo, gado) foram bastante conturbadas (créditos, clima e preços, empregos de não transgênicos), tanto assim que os agricultores brasileiros acalentavam esperanças de que o Governo Federal reeditaria uma securitização, como ocorrera no final do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, o que, porém, ficou só na esperança, quando cada atingido carregou sua cruz.

Vínhamos tentando a venda da casa na Zona 2, na Avenida Anchieta em Maringá, hoje Av. São Paulo/Santa Maria, pois o assalto que sofrêramos, o custo de manutenção despendido no amplo imóvel (então utilizado apenas pelo casal), os incômodos contatos divididos com os vizinhos quando saíamos (sistemas de alarmes sempre passíveis de defeitos), os compromissos financeiros além do desejado e a vontade de passar alguns dias na fazenda, com menos preocupações, eram justificativas para recorrer à venda do imóvel (FOTO 195, p. 200).

No segundo semestre de 2005 encontramos um comprador que nos ofereceu o valor que pedíamos (o equivalente a 20.000 sacas de soja) e, driblando emoções de mais de 40 anos morando no local, mudamo-nos, alugando o apartamento em que moramos hoje à Rua Rui Barbosa, n. 880 em Maringá. Posteriormente acabei adquirindo-o por financiamento em nome do filho Ricardo, por ser excessivo o prazo em meu nome, por questão de idade).





**Foto 195** - Hugo e Loretti nos jardins de sua casa na zona 2 em Maringá, cuja construção foi concluída em 1980 e que foi alienada em 2005 por valor equivalente a 20.000 sacas de soja.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

## 9.9 Traição sórdida de um colega de BB

Os recursos provindos da venda da casa haviam arejado, até então, nossas finanças, mas continuavam reflexos dos desajustes registrados nas frustrações de safras 2004/2006 (clima conturbado, preços baixos e sem a securitização esperada), motivo pelo qual era constante nossa preocupação em não incorrer em alguma irregularidade (temível inadimplência), em algum empréstimo junto ao Banco do Brasil, única empresa a que recorriamos na obtenção de créditos para a atividade que desenvolvíamos.

Como funcionário aposentado do Banco do Brasil após 30 anos, eu era fruto de uma escola vigente na própria Instituição bancária, em que se cultuava o princípio de que, no mundo dos negócios, deter bom crédito é muitíssimo mais valioso do que possuir expressivo patrimônio. Daí a forte razão para já ter alienado nossa casa na zona 2 de Maringá.

Em meados do 1º semestre de 2009, contactei o gerente da Agência do Banco do Brasil do Maringá Velho (vindo da cidade de Apucarana) e expus minha preocupação em não incorrer em possível irregularidade junto à sua agência, em vista da situação, embora normal em todos os contratos, mas com algumas incertezas latentes. O gerente, no mesmo ato consultou o superintendente local e me foi proposto (à viva voz, os três) contratação de uma composição de dívidas relativa aos contratos (todos regulares) que mantínhamos. O acordo seria com garantia hipotecária de 66 alq. da fazenda, envolvendo meu CPF em impedimento absoluto para futuras operações, deixando os CPF dos condôminos, relativamente impedidos, o que impunha que futuras contratações devessem passar por aprovação de esfera superior em Brasília.

Como ex-funcionário, eu via nisso uma decisão normal dentro da Instituição, pois as negociações de financiamento passariam a ser contratadas pelo Renato e pelo Ricardo, com anuência minha e garantias hipotecárias, uma praxe habitual do Banco do Brasil para contornar problemas financeiros de clientes (desde que não fosse constatada má fé e/ou estranha utilização dos recursos contratados), mesmo porque o programado para



o empreendimento fora ser conduzido pelos filhos, prevendo minha gradativa retirada dos negócios (após meus mais de 70 anos).

O acerto foi contratado em 18/06/2009, quando também foi recolhido o sinal da negociação. Algum tempo depois, porém, foi negado a Renato o acolhimento de uma proposta para financiamento de plantio de soja, ocasião em que foi surpreendido com a afirmativa de que os titulares da Fazenda Maringá, inclusive esposas, “constavam todos no sistema, como absolutamente impedidos de continuar operando com o Banco do Brasil, com anotação restritiva também no Banco Central do Brasil (Bacen)”.

Essa decisão, de colossais consequências no âmbito do crédito, incluía os titulares Hoffmann, da Fazenda Maringá, clientes há 15 anos do Banco do Brasil, no rol de infieis trapaceiros, após formalizarem um acerto (em comum acordo, sem a mínima conjectura para esse trágico desfecho), contemplando algo em torno de 10 contratações financeiras, todas em situação normal.

A situação envolvia extrema tragicidade financeira, mas tênues lampejos de mínima esperança ainda pareciam existir. Como ex-funcionário, detendo razoáveis conhecimentos sobre os princípios de atuação que o Banco do Brasil encontra, principalmente para recuperar financeiramente clientes, recorreremos a arrendamento de pequena parte da Fazenda para a filha Lilene, que não era condômina, com o objetivo de aos poucos irmos equacionando minimamente a cruel situação, buscando inclusive condições de cumprir o acerto que firmáramos e aos poucos restabelecer a continuidade do empreendimento.

Por orientação de funcionário do setor de crédito agrícola do Banco do Brasil, a filha Lilene encaminhou um contrato de arrendamento de parte da fazenda, com documentação hábil devidamente cumprida, para plantio de soja em área ainda não arrendada a terceiros. Nova imprevista decisão prostrou nossas expectativas, pois, somente quando a colheita dessa área já havia sido concluída, recebíamos finalmente a informação de que a verba se havia esgotado, o que, a essa altura, traduzia o caráter pessoal nefasto daquele gesto que sofríamos.

Há 30 anos, após ter trabalhado também por 30 anos no Banco do Brasil, não consigo entender até hoje a razão da sordidez desse tamanho golpe recebido por ex-colega de trabalho, mesmo porque nada me foi comunicado pelo Banco sobre a alteração do que havíamos combinado (eu cliente, o gerente e o superintendente, à viva voz) de vez que, detendo pleno conhecimento da grandeza ética que envolve os negócios que o Banco do Brasil conduz em suas atividades.

Justificar essa pesadíssima decisão passa por um espectro das mais adversas hipóteses, pois tive conhecimento (através de colegas ainda ativos no banco) de que, naquela ocasião, inúmeros casos idênticos ao nosso foram levados todos a bom termo, naqueles difíceis dias para a atividade agrícola, sendo concluídos com sucesso, tanto para o banco, quanto para os clientes, como digno, sábio e providencial acontecer.

O caso envolvia apenas duas safras frustradas com insuficientes resultados auferidos, fazendo parte de uma situação generalizada para os agricultores, mas o empreendimento já estava consolidado (212 alq. pagos, produzindo, dependendo então vitalmente de crédito) e apresentava apenas justeza temporária no cumprimento de compromissos de custeios e de investimentos, prospectando bons resultados, o que efetivamente passou a ocorrer, já após o ano de 2010, com o fortalecimento e a normalização do agro negócio.

Restou-nos recorrer ao apoio de amigos e parentes, que com invejável solidariedade, nos socorreram no cumprimento de uma série de compromissos já assumidos no envolvente projeto, pois até então nos havia sido fundamental e suficiente o crédito que utilizávamos junto ao Banco do Brasil, à Cocamar em Maringá e à COAMO, unidade de Quinta do Sol (PR). Após essa sórdida sacanagem nos restou apenas um restrito apoio por parte da Cocamar em Maringá

No rol de inesquecíveis parceiros e amigos, a quem fomos financeiramente recorrendo, não podemos deixar de lembrar, com incontida gratidão, os nomes de Oswaldo Pereira Ayres (colega de Escola Técnica de Comércio, de Juventude Estudantil Católica (JEC) , de Banco do Brasil e até hoje companheiro de Diretoria do Núcleo Social Papa João XXIII), Urbano Buchveitz (conterrâneo,



compadre, amigo de jornadas familiares, colega de bancos escolares e de magistério), Nemésio Altoé (marido da irmã Nair), o casal Líria Maria Hoffmann e Luiz Pegoraro Sobrinho (irmã e cunhado), Eliomar Gesualdo Tomasi (primo), e Paulo Tresóglia do Nascimento (vizinho e amigo de longo tempo, na Rua Santa Maria).

Os préstimos dessa preciosa plêiade de amigos, quando, uns com mais e outros com menos, através de parcerias e/ou de empréstimos, foram o porto seguro a que recorremos nessa torpe tempestade, que zerou nosso crédito em instituições financeiras, facultando, porém, a recuperação, ainda que tímida, de parte de nosso envolvente empreendimento (FOTO 196).

**Foto 196** - Em 2012 uma foto da sede da Fazenda Maringá em Peabiru (PR).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

## 9.10 O Enfrentando à sórdida traição

O tropeço, com crédito extinto no Banco do Brasil e por consequência também em todas as instituições de crédito (impostas por anotações restritivas no Bacen), forçou-nos a desmontar o projeto da Fazenda Maringá. Os compromissos pendentes não poderiam deixar de ser todos convenientemente cumpridos, tanto com as instituições quanto com os nobres amigos, pois encaramos a

torpe decisão do ex-colega de banco como um acidente de percurso, que costuma ocorrer no mundo da sordidez humana, mas que não poderia nos ferir eticamente.

Em 2010, tendo previamente negociado providências com credores, contratamos a subdivisão do Lote 24-I (uma área de 100 alq.) em lotes que foram devidamente escriturados a credores, em dação por dívidas, incorporando o restante de áreas a lotes arrendados a terceiros.

Sem recursos para custear plantios de safra (sempre pesadíssimos e com longo prazo para reversão financeira), o arrendamento fora a saída única, para não ficar parado no tempo, mesmo que os maquinários permanecessem no galpão.

O arrendamento de áreas, porém, revelara-se insuficiente para quitar as prestações do sombrio acerto feito com o Banco do Brasil. A essa altura, porém, a torpe traição sofrida nos relaxava moralmente diante desse compromisso, o que nos levou a buscar, por mais vezes, as benesses da Lei, através de aditivos e reacertos que se estenderam até 2019, quando a pendência foi quitada com a venda, a um cliente do Banco de Ivatuba, de parte da área da Fazenda Maringá.

## 9.11 Teimando na atividade com vacas leiteiras

Em 2005 já havíamos alienado 50% da área da Estância Roda D'Água no distrito de Floriano em Maringá (PR), ao amigo e compadre Urbano Buchweitz, onde desenvolvíamos atividade com vacas leiteiras, sob os cuidados dos casais Paulo/Aparecida (e suas três filhas) e Reinaldo/Francisca (com seus dois filhos).

Essa atividade, por nós conduzida por longo tempo, induzindo-nos inclusive a até participar da criação da Associação de Produtores de Leite de Maringá (APLEMAR), com marcante envolvimento de nossa parte (inicialmente com 30 e depois com mais 30 participantes). Infelizmente, como cooperativa, o empreendimento, que exigia muita dedicação/fidelidade, sucumbiu por interesses particulares que se sobrepuseram aos coletivos. Constituída em 1998 com a marca "União", mesmo tendo recebido um terreno da Prefeitura de Maringá, no Parque Bandeirantes, e tendo construído instalações



para recebimento do leite, empacotamento e distribuição na cidade, em 2011 estávamos envolvidos no processo de baixa e alienação do imóvel/instalações.

Por outro lado, o arrendamento das áreas de plantio da Fazenda Maringá levou-nos, após entendimentos com o companheiro Urbano, a alienar a Estância Roda D'Água em Maringá e transferir também a atividade leiteira para a nova propriedade em Peabiru (PR), onde detínhamos ociosas áreas próprias para a pecuária.

O negócio foi feito à base de uma série de trocas (carro, pousada à beira do rio Paraná, casa em Paiçandu (PR) mais alguns reais a prazo). O casal Reinado/Francisca que morava na Estância dispôs-se a nos acompanhar no novo esquema e Paulo/Aparecida permaneceram na propriedade a pedido do comprador.

A esse tempo (2013) a Caixa Econômica Federal iniciava a atuar em financiamentos à agricultura e como eu era correntista (nela eu recebia a aposentadoria relativa ao magistério da UEM), como bom cliente fui convidado a fazer um custeio pecuário, em que o prazo decorrido entre a entrega da proposta e o recebimento dos recursos não se estendeu por mais de uma semana, o que envolveu duas surpresas: a rapidez no atendimento e a desconsideração às restrições do Bacen (impostas pela notificação do BB).

O surpreendente atendimento da Caixa Econômica Federal nos levou a conceber um projeto para produção de leite, em que nossas áreas arrendadas a terceiros para cultura de safra de verão, disponibilizavam parte delas para safrinhas (safra de inverno), as quais eram destinadas à produção de feno (aveia) e silagem (milho e sorgo) (FOTO 197).

Gradativamente, dentro das limitações financeiras por que passávamos, construímos instalações apropriadas para desenvolvimento da atividade, constando de sala de ordenha com capacidade para atender 16 vacas por vez (8 sendo preparadas/higienizadas e 8 sendo ordenhadas), sala para resfriadores (dois com capacidade para 2.000 litros cada), uma estrebaria para tratar até 120 animais (36mx10m) e um bezerreiro (33mx8m) para atendimento a até 90 bezerros (FOTO 198).

O atendimento financeiro recebido da Caixa passou a nos ser fundamental, desde custeios para alimentação do gado até

recursos para melhoria de pastagens (implantação de piquetes e adubagem) e inclusive para investimentos (aquisição de 140 novilhas holandesas no Rio Grande do Sul), com o que chegamos a atingir, ao final do ano de 2015, a produção média de quase 2.000 litros por dia (FOTOS 199, 200, p. 204).

**Foto 197** - Processando silagem de milho na Fazenda Maringá em Peabiru (PR).



**Foto 198** - Vacas leiteiras no estábulo da Fazenda Maringá em Peabiru (PR).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



**Foto 199** - Sala de ordenha para 16 vacas por vez (8 sendo ordenhadas e 8, preparadas).



**Foto 200** - Sala de resfriadores (capacidade 4.000 litros).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

A lucratividade da atividade leiteira sempre fora mínima, com a vantagem, porém, no retorno de caixa (2 meses), se comparado ao da agricultura (8 meses), mas as desvantagens apareciam com marcante presença: descarte de uma vaca leiteira feito a 10% do seu valor enquanto produtiva, bezerros machos, sem mercado, significavam para nós, quase sempre, um prejuízo de no mínimo 300 litros de leite, pois ao invés de sacrificá-los ao nascer (como praxe praticada por quase todos os produtores de leite), preferíamos amamentá-los por alguns tempo, quando as mais das vezes, por não encontrarmos compradores, acabávamos doando-os a famílias de assentamentos rurais próximos, que os recriavam para consumo próprio.

## 9.12 Revés do BB repercute na Caixa Econômica

Nos primeiros meses do ano de 2016, após liquidar normalmente um financiamento de custeio anual, destinado a manejo/alimentação das vacas leiteiras, e aguardando novo financiamento proposto, fomos surpreendidos com a notificação de que existia uma irregularidade em nossa proposta. Debalde tentamos justificar que o faturamento do leite ocorria em nome de Renato, por ser condômino e administrador do empreendimento familiar, o que fora analisado como indevido pelo comitê da Caixa Econômica em Brasília (como se houvesse possibilidade de alterar a titularidade dos faturamentos já feitos). Posteriormente constatamos que a Caixa Econômica, incipiente na atuação do crédito rural em 2013, não tomara conhecimento de registros negativos do Bacen, constantes em nome dos Hoffmann.

Desnecessário afirmar que tal ocorrência desestabilizou também nossa atividade leiteira, levando-nos a manejar nossas vacas unicamente a pasto, com apenas uma ordenha diária e queda no faturamento para apenas 20%.

Solicitando alteração de prazo à Caixa para cumprir o contrato de investimento (compra de 140 novilhas holandesas no Rio Grande do Sul), esse nos foi equivocadamente negado. O questionamento judicial solicitado continuou até 2020, quando tivemos ganho de causa, mas continuamos até hoje administrando as perdas sofridas, já que fomos obrigados a substituir as vacas holandesas (com pesada desvalorização) por gado nelore.



### 9.13 Princípios feridos, mas leve compensação

Houve tempo, após 2009, em que mesmo a venda total da Fazenda Maringá não extinguiria a dívida junto ao Banco do Brasil (fruto do nefasto acerto), tais eram os desencontros de valores de mercado de imóveis e produtos agrícolas, mas em 2019 acabamos negociando a pendência, entregando 36,5 alqueires da Fazenda Maringá por conta de assunção da dívida por dois compradores da cidade de Ivatuba (PR), eliminando a trágica e indigesta ocorrência que conturbava nosso horizonte.

Por outro lado, eu me havia aposentado em 1992 como funcionário do Banco do Brasil em meio a uma série de regulamentações/incentivos, contestados por muitos estudiosos de direitos de aposentadoria, mas por princípios, desde sempre, eu decidira não recorrer a recálculos de vencimentos, pois nos 30 anos de serviços, nunca encontrara motivo para duvidar da lisura do Banco Brasil e da PREVI para com os direitos de funcionários e segurados.

O revés sofrido, como cliente do Banco do Brasil, porém, após a aposentadoria, acabou obscurecendo em parte esses princípios por mim acalentados, levando-me a aderir a um grupo de colegas de BB que recorriam à justiça para questionar os cálculos dos proventos de aposentadoria, no que não depositava, no entanto, esperanças significativas, embora, uma vez ou outra, algum colega recebesse uma boa notícia.

Desnecessário é justificar que o abalo de princípios (até então mantidos) não ocorria contra o Banco do Brasil, mas contra uma atitude adversa de um de seus funcionários, que desestabilizou por completo nosso empreendimento, quando a incontáveis outros clientes houve o atendimento próprio que também esperávamos ter recebido.

O colega Elson Luiz Veit, que fora gerente da agência do BB no Maringá Velho e acompanhava, como advogado, os trâmites de nosso acerto com o Banco do Brasil, era quem conduzia também, perante a justiça, uns tantos pedidos de recálculo de aposentadoria. Após certa insistência da parte dele (também

inconformado com esse meu caso do acerto no BB), acabei assinando procuração em 2010, incluindo-me no rol de seus assistidos, mas não alimentava expectativas de sucesso, talvez por certa contrariedade em quebrar um princípio que eu vinha sustentando.

Minha tênue expectativa, porém, teve desfecho com apreciável encanto, quando numa manhã de março de 2019, eu recebia de Dr. Elson um telefonema participando-me de que fora ganha, em última instância, a causa do pedido de recálculo de minha aposentadoria e que dentro em breve seriam disponibilizados os valores recalculados, retroativos há 5 anos do pedido.

Esse desfecho não poderia ocorrer em um momento mais propício, pois a esse tempo acabávamos de receber também a decisão judicial a nosso favor, porém, com pesadas custas processuais sobre o ganho de causa na sórdida tentativa da fazendeira vizinha, tentando nos tomar 30 alqueires da Fazenda Maringá, por conta de um empréstimo, em que déramos em garantia o referido imóvel (histórico longamente comentado neste escrito).

### 9.14 Baixando as velas do barco

Em 2009, após meus 70 anos, fora intenção minha afastar-me aos poucos do compartilhamento direto na condução da Fazenda Maringá, de vez que o empreendimento estava bastante consolidado, detendo, porém, um preocupante passivo momentâneo.

Em 2010, após o obscuro acerto com o Banco do Brasil, resolvemos individualizar entre os filhos as responsabilidades e resultados dos negócios, o que acabou ocorrendo no ano de 2018, ocasião em que, após extinguir o condomínio da Fazenda Maringá, eu e Loretta, atendendo a critérios então analisados e definidos, decidimos distribuir o patrimônio restante da Fazenda Maringá (66 alq.) e demais bens imóveis entre os filhos Ricardo, Renato e Lilene (FOTOS 201, 202, 203, p. 206).



**Fotos 201, 202** - Na casa nº1 da Fazenda Maringá, lembrando os tempos de magistério no Colégio Gastão Vidigal de Maringá, junto a figuras geométricas produzidas pelos alunos dos cursos ginásial e científico.



**Foto 203** - Loretta e Hugo, curtindo uma folga na Casa nº 1 da Fazenda Maringá. Na parede alguns "souvenirs" de belas viagens que juntos chegaram a realizar.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



# CAPÍTULO 10

## 10.1 164 Anos depois...

Em novembro de 2021 ponderei que poderia complementar este “Folheando Memórias”, visitando a outrora Picada Joanetha/São Leopoldo (RS), hoje município de Picada Café (RS), solo brasileiro em que se fixaram, após emigrarem da Alemanha em 1857, meu trisavô Jakob Hoffmann (\* 1814 Dirmingen-Alemanha) e Anna Fries de 2º casamento (\*1820 Dirmingen-Alemanha) e meu bisavô Johann Hoffmann (\*1850 Dirmingen-Alemanha), que casou com Magdalena Jung (\*1855 em São Leopoldo (RS)), ascendentes de meu avô paterno José Hoffmann (\*1881) e de meu pai Paulino Hoffmann (\*1915).

Conversas fluíram com Loretta, Renato e Lilene, que moram em Maringá, e concluímos que poderíamos viajar de carro e compartilharíamos bons momentos se Ricardo, que mora em São Paulo (SP), se juntasse a nós em Bento Gonçalves (RS), onde nos hospedariamos e programariamos, além de visita à Picada Joanetha/Picada Café (RS), alguns passeios pelo Vale dos Vinhedos na Serra Gaúcha.

Após Ricardo concordar com a proposta, programamos a turnê com passagens por Luzerna (SC), Bento Gonçalves (RS), Picada Café (RS), Canoinhas (SC) e Porto União/União da Vitória, por cujas cidades eu haveria de obter mais possíveis detalhes sobre descendentes dos avós José Hoffmann/Emília Ludwig, inclusive alguns saudosos papos e abraços.

## 10.2 Em Luzerna (SC)

Embora em Luzerna o sentimento maior seja sempre de muita saudade, confortam-me gratas recordações dos belos tempos lá vividos, onde passei toda a infância e parte da adolescência e onde meus pais viveram seus dias (FOTO 204).

Fomos recebidos pelos manos José Airton/esposa Ezair e por Milton Eugênio/esposa Marlene, luzernenses da cepa que aí firmaram pés, enquanto os demais irmãos debandaram. Esses dois manos não perdem tempo em sonhar, de vez que a vida deles já é um sonho.

O Airton mora à sombra de frondosas árvores, povoadas por passarinhos que, zelosamente tratados por ele, cantam o dia inteiro, a uns poucos passos do rio Limeira, cujas águas (não poluídas) marulham sem cessar por entre pequenas e grandes pedras e à noite sonorizam o merecido sono do casal (FOTO 205, p. 208).

**Foto 204** - Em 2021, Renato e Lilene diante da casa dos avós paternos em Luzerna (SC).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.





**Foto 205** - Residência de Airton junto ao rio Limeira em Luzerna(SC), onde é acolhido com muito respeito e carinho também o TL-VW, placa MDF 2050, herdado do pai Paulino.



O sonho do Milton também tem seus detalhes, à Rua Paulino Hoffmann, na Vila Alemanha de Luzerna (SC), asfalto impecável por volta de sua invejável morada, onde, logo à entrada, uma ampla varanda oferece confortáveis cadeiras para pôr as conversas em dia e saborear um bom chimarrão. Daí, deixando o local e passando por um bem cuidado gramado, fomos saborear um churrasco, ao sabor especial do anfitrião, em ambiente cercado ecologicamente por inúmeras fruteiras, que naquele domingo, com whisky (presenteado há cinquenta anos) e chopp, estendia as comemorações de bodas de ouro do casal (Milton/Marlene), em ambiente enriquecido no momento com a chegada também da mana Líria Maria e do Luiz, vindos de Chapecó (FOTOS 206, 206a).

Passando por Luzerna eu não poderia deixar de, mais uma vez, visitar Barra do Estreito, meu torrão natal de tantas e especiais lembranças (FOTOS 207, 208, 209, p. 209).

**Fotos 206, 206a** - Recebidos pelo casal Milton/Marlene em Luzerna (SC).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



**Foto 207** - Os três irmãos aproveitaram a ocasião para se confraternizarem no Aldo do Moro, em local de tempos modernos, na sua Luzerna, cidade natal.



**Foto 208** - Em Barra do Estreito/Luzerna(SC),sobre ponte do rio Estreito, onde no alto permanece, ao meio das águas, um dos pilares da antiga ponte de madeira, com cobertura em tabuinhas de pinho, por onde tantas vezes passei, às primeiras vezes, com um imenso receio de cair nas águas por uma das fendas do tablado .



**Foto 209** - Propriedade em Barra do Estreito/Luzerna (SC) em que vivi até meus 11 anos.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



### 10.3 Em Bento Gonçalves (RS)

Deixando Luzerna, via Campos Novos/Lages/Vacarias, chegávamos a Bento Gonçalves pelos Caminhos da Pedra e, após adquirir uns pacotes de erva-mate Ferrari, cancheada e triturada no local, após secagem em barbaquá e carijo, fomos almoçar em uma histórica estância, onde, além da excelência do cardápio e do vinho, nos encantou o bom gosto do ambiente marcado por rusticidade e forte presença de pedras, tecnicamente ajustadas com muito bom gosto em todos os ambientes (FOTOS 210, 211, 212).

Algum tempo mais e nos instalávamos na Casa Valduga (maior vinícola do Vale dos Vinhedos) e juntava-se a nós também o Ricardo, procedente de São Paulo/ Porto Alegre, conforme havíamos previamente combinado (FOTO 213, p 211).

Éramos visitantes da Capital Brasileira do Vinho, Bento Gonçalves (120.000 habitantes), cujo nome da cidade homenageia o líder da Revolução Farroupilha (1835-1845) e aí haveríamos de nos confraternizar, pais e filhos, apreciando alguns de seus vinhos e visitando o Vale dos Vinhedos, principal destino enoturístico do Brasil, que exibe mais de 60 unidades viníferas brilhantemente estruturadas.

**Foto 210** - Caminhos da Pedra, casa de erva mate Ferrari, Bento Gonçalves (RS).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

**Foto 211** - Idem, Hugo, Loretti e Renato na Ervateira Ferrari.



**Foto 212** - Interior de estância no Caminhos da Pedra em Bento Gonçalves (RS).





**Foto 213** - Em novembro de 2021, na Casa Valduga em Bento Gonçalves (RS).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

## 10.4 Em Joanetha/Picada Café (RS)

Destinamos o dia seguinte à visita a Joanetha, distrito do hoje município de Picada Café (RS) (emancipado de Nova Petrópolis em 1992), pois fora esse o objetivo primeiro programado.

Chamava-me sempre muita atenção o fato de constar (na maioria de documentos de nossos antepassados, imigrantes Hoffmann/1857), “Joanetha-São Leopoldo (RS)” como local de nascimentos. Esse detalhe passou a esclarecer-se assim que fomos tendo a noção de que, naqueles dias do passado, Picada Joaneta fora paróquia-matriz regional, sendo capelas as demais Picadas Café, Picada Holanda, Picada Jammerthal entre outras, sem esquecer que no Brasil Império (até 1889) era a Igreja Católica que mantinha o controle oficial dos registros civis das pessoas. Por outro lado, naquela época, o município de São Leopoldo estendia-se até o interior da Serra Gaúcha, onde nossos

imigrantes alemães se instalaram, após deslocarem-se por mais de 80 km, sendo mais de 15 km (dados do Google) unicamente por picadas (caminhos por íngremes escarpas da mata), abertas a facão/foice para passagem apenas de pessoas, animais e/ou pertences e mercadorias.

Quem alcançar aqueles locais, após percorrer/contemplar a gigantesca grandeza física da Serra Gaúcha, passa a avaliar melhor o desafio, o heroísmo e a bravura enfrentados por esses Hoffmann, meus/nossos ascendentes, cujos traços de conduta moldaram gerações de famílias destemidas que marcaram/marcam continuadas presenças por este Brasil a fora.

Diante do Pórtico de Picada Café sentimos que esse nos cobrava reverência para pisar o chão histórico e sagrado desbravado por nossos aguerridos antepassados. Bem por isso, nos detivemos diante dele para que uma foto registrasse o singular momento (FOTO 214).

**Foto 214** - Pórtico da Picada Café (RS).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



Como não tencionávamos procurar aí possíveis parentes, de vez que não detínhamos referências, por serem de parentesco muito distante (164 anos após) e principalmente por ser insuficiente o tempo de que dispúnhamos (tal como ocorrera com a prima Anita Hoffmann David, em sua visita no ano de 2008, quando lá buscava mais detalhes históricos para seu livro “Raízes e Memórias”, editado em 1915).

Decidimos então girar pela cidade (5.700 habitantes), apreciar alguns de seus pontos turísticos, como o Parque Histórico Municipal Jorge Kuhn, sem esquecer que Picada Café chegou a ser o berço dos calçados da famosa marca Dakota.

Percorrendo sempre vias caprichosamente asfaltadas, alcançamos Picada Joaneta, ora distrito de Picada Café, e estacionamos no alto, em frente à igreja católica dedicada a Santa Joana Francisca de Chantal (de Dijon-França, 1572-1641), levados intuitivamente pela certeza de que, aquele chão teria sido o local sempre procurado por nossos antepassados, dada a inabalável fé que os sustentou nos difíceis desafios de instalarem-se com suas famílias em plena mata virgem da Serra Gaúcha, a partir do ano de 1857 (após a retomada da imigração alemã, interrompida pelo governo brasileiro de 1830 a 1845) (FOTO 215).

Um solícito sacerdote nos atendeu e nos acompanhou pelo interior do templo, onde, além de breve prece interior, passamos a contemplar o ambiente altamente enobrecido por coloridos vitrais, onde três deles nos chamaram a atenção por deterem Hoffmann como ofertantes (FOTOS 216 e 217, 218, 219, p. 213).

**Foto 215** - Igreja Santa Joana Francisca de Chantal de Picada Joaneta (RS).



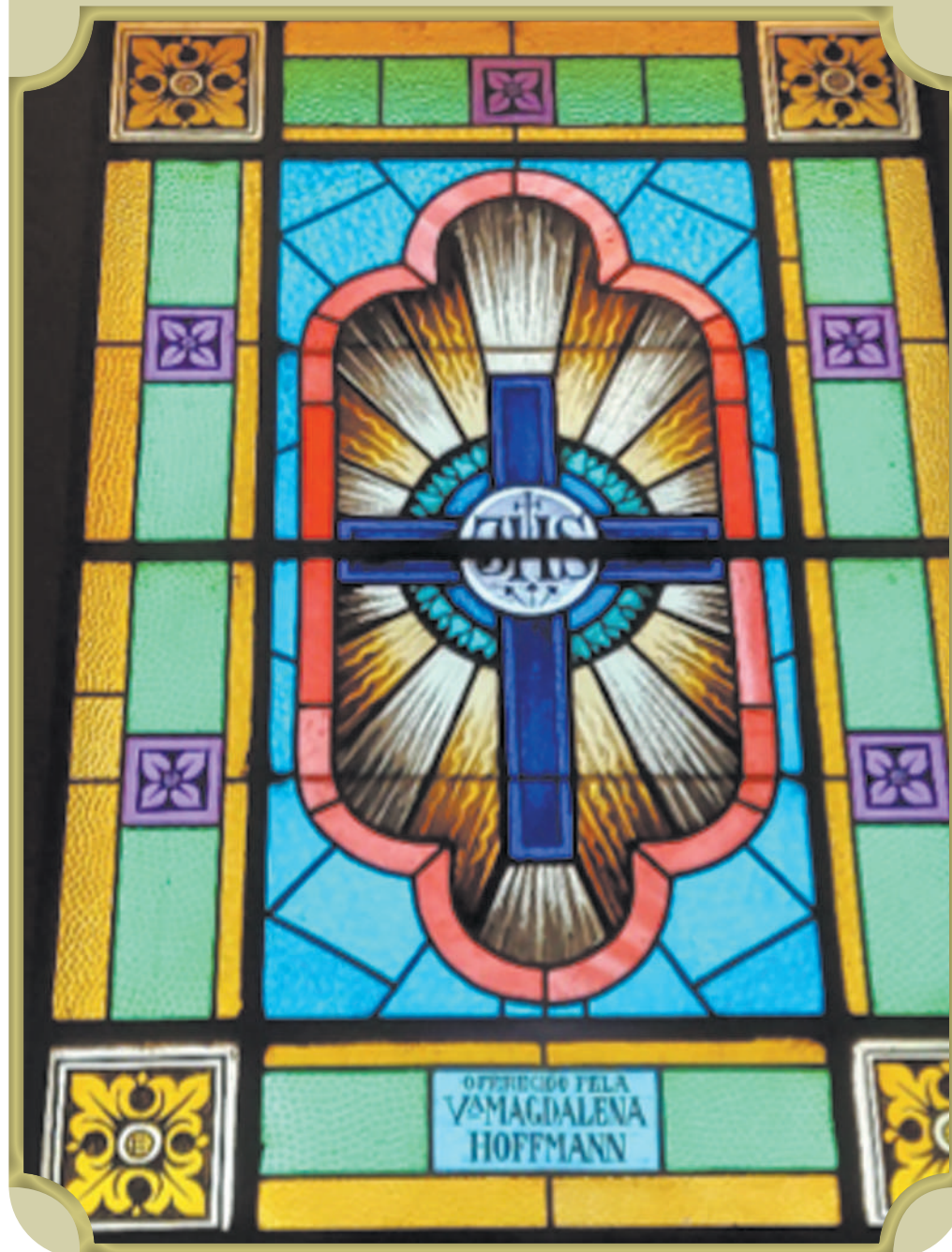
Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

**Foto 216** - Vitral, à direita da nave da igreja, contém dizeres de que foi ofertado pelo casal Jacob João e Paulina Hoffmann. Jacob João (Hoffmann \*1889), casado com Paulina Adams, foi o nono filho de Johann Hoffmann (\*1850) e Magdalena Jung (\*1855), meus bisavós. Johann Hoffmann, imigrante nascido em Dirmingen, chegou ao Brasil ainda criança (7 anos), casara-se com Magdalena, natural de Joaneta, e aí moraram todo o tempo de suas vidas, constituindo uma família de 12 filhos. Johann, ao falecer com apenas 50 anos em 1900 (2º túmulo à entrada do cemitério local), deixou Magdalena viúva, estando grávida do 12º filho. O avô José Hoffmann (\*1881), o quinto filho, ao casar-se em 1908, com Emília Ludwig, permaneceu morando com a mãe Magdalena, já viúva, que, além de criar os 12 filhos, acolheu também a nova família (o filho, a nora e seus 4 primeiros filhos), nela figurando também meu pai Paulino (\*1915) até 1919, quando deixaram Joaneta (RS) rumo ao vale do rio do Peixe, na Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC).





**Foto 217** - Em parede frontal, à esquerda da entrada, encontra-se outro vitral, oferta da bisavó Viúva Magdalena Jung (+1923), o que deixa transparecer que esses vitrais tenham sido ofertados, na primeira ou segunda década dos anos 1900, quando a igreja, passando por reforma/recuperação de vendaval, tenha sido enriquecida com os coloridos vitrais que ostenta (a pedra fundamental da primeira construção teria sido lançada em 1873, segundo Raízes e Memórias, pág. 58, da prima Anita).



**Foto 218** - Vitral à esquerda ofertado por João Hoffmann, que devido à existência muitos homônimos, não temos como identificá-lo.



**Foto 219** - Em restaurante no Alto da Serra Gaúcha nos despedimos do chão enfrentado por nossos antepassados, contemplando a imensidão da vasta natureza virgem que lhes foi confiada.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



## 10.5 Novamente em Bento Gonçalves

Deixando Joaneta, continuamos pela Serra Gaúcha, passando por Nova Petrópolis, o município mais alemão do Brasil (como querem alguns) e como não podia deixar de acontecer, optamos por preencher espaços disponíveis no porta-malas, com isopores, contendo os deliciosos e famosos chocolates de Gramado, obtidos em breve passagem pela conhecida e encantadora cidade, antes de retornarmos a Bento Gonçalves, evitando viajar à noite pela notavelmente sinuosa BR 116.

Mais uma vez na cidade gaúcha do Vale dos Vinhedos, nos programamos para continuar saboreando alguns de seus vinhos, visitando belas vinícolas e seus parreirais, ora verdes, cujo caprichoso visual encanta todo visitante.

Marcante foi a degustação de vinhos na Casa Valduga, em que estávamos hospedados, número um em vinhos espumantes da América Latina, onde nos foi exposta sua grandiosidade em extensão, tecnologia e qualidade, em que os degustadores, ao deixarem o local, foram envolvidos em surpreendente silêncio, ao desfilarem por longa galeria, margeada por centenas de pipas com seus vinhos, repousando ao longo das laterais, envoltas em leve penumbra e ao som de envolvente canto gregoriano (FOTOS 220, 221).

**Foto 220** - Casa Valduga, alguns espumantes, sua marca número um.



**Foto 221** - Casa Valduga, após sessão de degustação, caminho percorrido ao som de envolvente canto gregoriano.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



Nas três noites em que lá nos detivemos, aproveitamos para frequentar diversos ambientes noturnos, criados pela Casa Valduga, todos de extremo bom gosto e excelente atendimento. Não poderíamos, no entanto, deixar a cidade natal do Presidente Ernesto Beckmann Geisel sem nos confraternizar, pais e filhos, visitando algumas das tantas vinícolas que engrandecem e orgulham a Capital Brasileira do Vinho. Foi o que fizemos num belo dia de muito sol (FOTO 222).

**Foto 222** - Uma das mais de sessenta vinícolas de Bento Gonçalves (RS).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.

## 10.6 Em Canoinhas (SC)

Após irmos às compras e despacharmos nossas aquisições, deixamos Bento Gonçalves com destino a cidade de Canoinhas (55.000 hab.), no Planalto Norte Catarinense, onde residem descendentes das famílias de tia Maria Hoffmann (\*1922) / Germano de Coll e de tia Suzana Hoffmann (\*1930) / Almir Santi. O objetivo era fazer contatos com primos que lá residem e obter alguns possíveis dados (especialmente fotos) para enriquecer páginas deste “Folheando Memórias”.

Houve dificuldades contínuas em estabelecer antecipadamente contatos com os primos, que vivem em Canoinhas (SC), mas como dispúnhamos de alguns endereços, partimos para um possível encontro, que acabou envolvendo alguns imprevistos. O primo Gerson Santi, filho único de Tia Suzana, havia viajado. Após alguns contatos, acabamos obtendo o endereço de Gilberto dos Passos, filho da prima Tereza de Coll, neto de Tia Maria, então prefeito de Canoinhas. Na residência dele desfrutamos da cordialidade da família, saboreando um bom chimarrão (Canoinhas é cognominada capital da erva-mate), recebendo inclusive o presente de dois pacotes da marca Canoinhas, produzidos pela Ervateira Dranka. Gilberto, como neto de tia Maria, acabou nos indicando o endereço da tia dele, a prima Edilete De Coll, filha de tia Maria, com quem nos relacionamos brevemente, sem obtermos dados que buscávamos, principalmente fotos (Quem as detinha estaria ausente da cidade) (FOTO 223).

Com Edilete, filha caçula de Tia Maria, além de conhecê-la e contar com sua carinhosa atenção, pouco conseguimos, pois possíveis fotos estariam com a prima Armelinda (também ausente da cidade) ou com familiares da prima Tereza já falecida.

**Foto 223** - Em novembro de 2021, nós (Renato, Lilene, Loretti e Hugo) com Gilberto dos Passos, neto de tia Maria, a esposa e o filho pequeno em Canoinhas (SC).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.





## 10.7 Em Rio Negro (PR)

Tendo noção de que o Seminário Seráfico São Luiz de Tolosa em Rio Negro (PR) (em que estudei no ano de 1964) fora alienado (1999) à Prefeitura do Município de Rio Negro (PR), que lá instalou sua sede e administra um excepcional Parque Ecoturístico (ver Google), resolvemos que uma visita àquele local merecia nossa atenção, dada a oportunidade, já que estávamos hospedados a apenas 60 km e surgira disponibilidade de tempo (FOTOS 224, 225, 226).

**Foto 224** - Capela do Seminário Seráfico São Luiz de Tolosa em Rio Negro (PR).



**Foto 225** - O Seminário Seráfico São Luiz de Tolosa em Rio Negro (PR).



**Foto 226** - A Gruta N. Sra. de Lourdes em ambiente preservado no Seminário.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



## 10.8 Em Porto União (SC)/União da Vitória (PR)

Deixamos a bela cidade de Canoinhas naquela manhã de domingo, ligados na história de que a vizinha Três Barras (SC), fora a cidade sede da empresa americana Southern Brazil Lumber, criada após o término da Guerra do Contestado, para explorar/exportar a madeira pertencente à estrada de ferro Itararé-Uruguaí, valendo-se da variante férrea ligando Porto União (SC) ao Porto de São Francisco (SC).

Em União da Vitória a programação nos surpreendeu. Os primos haviam resolvido aproveitar a oportunidade para organizar um encontro que há muito ameaçava acontecer. Infelizmente, porém, a família da prima Marly, filha de tio Leonardo Hoffmann/Odete, não participaria em sinal de pesar pela morte recente do marido Walter. O primo Pedro Ratscop, nono filho de tia Filomena Hoffmann/Edvino, residindo em área rural um tanto distante de Porto União (SC), optara, dias antes, por não participar do encontro por motivos principalmente de saúde, e deixou carinhosamente as duas fotos abaixo (FOTOs 227, 228).

**Foto 227** - Parte de uma foto de 1933, contendo no verso os nomes de José Hoffmann (nosso avô) e do irmão dele Pedro Leopoldo Hoffmann (12º). A foto registra a cena vivida certamente, no dia a dia, daquele tempo pelos Hoffmann em Picada Joaneta e ou Picada Café na Serra Gaúcha.



**Foto 228** - No início dos anos 1940, na Linha Leãozinho/Luzerna (SC), foto do casal Filomena Hoffmann/Edvino Ratskop e os filhos Avelino, Célia e Arlindo.



Fonte: RATSCOP, Pedro. Uma recordação pessoal.



O almoço, que previamente havíamos combinado com a prima Margarida, seria às minhas custas, acabou sendo transformado num festivo e animado encontro com primos, filhos de tio Leo Hoffmann/Edviga Eich/Elizabeth Eich e de Tio Joselino Hoffmann/Rosalina Simon, alguns acompanhados de filhos e até netos. Festivo é o mínimo que se pode dizer, pois, além da cerveja trincando, de um bom vinho, de um churrasco no capricho e de uma série de iguarias, tudo conduzido com maestria e carinho pelos próprios primos, estava a nosso dispor também a magia do Clube Náutico Hobi de União da Vitória, às belas margens do majestoso rio Iguaçu.

Naquele encontro faziam-se presentes os primos descendentes das duas famílias Hoffmann mais prolíferas, em que tio Leo teve 11 filhos e tio Joselino, 12. Foram transbordantes a descontração e a alegria então vividas naqueles instantes, digo instantes porque passaram rápidos demais...

O passado foi revivido em alguns instantes com muita saudade, mas envolvente foi a cordialidade presente, retratada em parte nas fotos que se seguem neste modesto “Folheando Memórias”, cuja intenção maior é estender recordações, que o tempo inexoravelmente apaga. Envolvente foi o clima que nos contagiou naquele domingo, mas a saudade, que é de pouca conversa, já vem mostrando sua face (FOTOS 229, 230, 231 e 232, 233, p. 219).

**Foto 229** - No final de novembro de 2021, o encontro Hoffmann no Clube Náutico Hobi às margens do majestoso rio Iguaçu em União da Vitória (PR).



**Foto 230** - Com primos das famílias Leo Hoffmann e Joselino Hoffmann em União da Vitória.



**Foto 231** - Em 2021, familiares do casal Joselino Hoffmann/Rosa Simon em União da Vitória (PR).



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



**Foto 232** - Primas da família Leo Hoffmann/Edviges/Elizabeth em União da Vitória (PR).



**Foto 233** - Em novembro 2021, nós(Renato, Hugo, Loretti e Lilene) em União da Vitória (PR) retornando para Maringá (PR), após um domingo de muitos abraços, de muita descontração e de uma envolvente recepção pelos incomparáveis primos Hoffmann e seus nobres pares.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.





# CAPÍTULO 11

## Linha do Tempo I

Nesse capítulo procuro apresentar, em ordem cronológica, rápidas referências a descendentes de nossos avós José Hoffmann/Emília Ludwig com menção de nomes até gerações de netos (em vista de obtenção limitada de dados) e de João Delai/Rosa Tonetto,

até os bisnetos (exceto os 7 netos de Hugo e Loretta, já trinnetos), ilustrando esses dizeres, alguns já contidos em tópicos anteriores, com fotos obtidas (em sua maioria) da “Caixa de Recordações de Mãe Helena”.

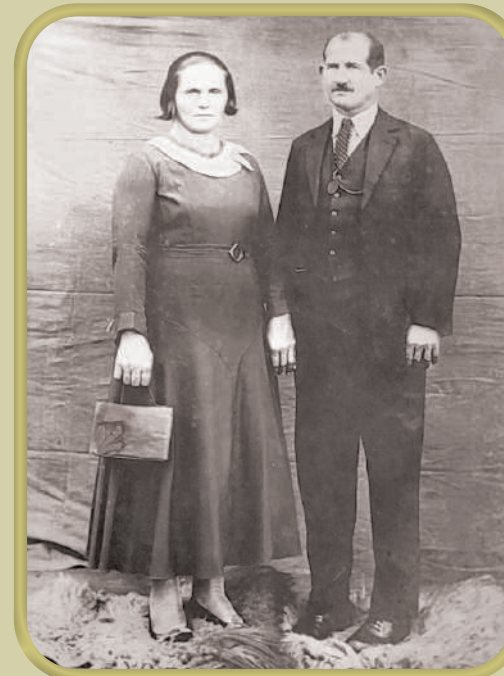
**Foto 234** - Em 10/04/1881, nascia meu avô paterno **José Hoffmann** em Joaneta (RS), 5º filho do imigrante Johann Hoffmann \*09/07/1850 em Dirmingen (Alemanha) e de Magdalena Jung \*05/05/1855 em Joaneta (RS). Casou-se em 1908 com **Emília Ludwig** \*15/05/1885 em São Pedro de Alcântara (SC), constituindo a **Família Hoffmann** (ver árvore genealógica), iniciada em Picada Café/Joaneta/ São Leopoldo (RS), onde tiveram 2 filhas (Vergínia e Filomena) e 2 filhos (Joselino e Paulino) e emigraram em 1919 para o vale do rio do Peixe na Linha Leãozinho de Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC), onde geraram mais 2 filhos (Leo e Leonardo) e 2 filhas (Maria e Suzana) e foram avós de 54 netos. Mudaram-se em 1948 para a cidade de Porto União (SC).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>35</sup>

<sup>35</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 235** - Em 21/02/1896, nasceu meu avô materno **João Delai** em Arroio Grande/Santa Maria (RS), 1º filho de Giuseppe Delai \*1864 em Formi (Itália) e de Angelina Sartori \*1872. Casou-se em 1916 com **Rosa Tonetto** \*21/08/1898 na Quarta Colônia Imperial de Silveira Martins/Santa Maria (RS), constituindo a **Família Delai** (ver árvore genealógica), onde tiveram 2 filhas (Josephina e Helena) e 2 filhos (José e Gentil Antônio), emigrando em 1925, para o vale do rio do Peixe, indo morar na Linha Pitoca/Bom Retiro (SC), hoje Luzerna (SC), onde tiveram mais 3 filhos (Ângilo, Iseo e Arlindo) e 2 filhas (Gentila e Anair), sendo avós de 44 netos e 120 bisnetos. Chegaram a mudar-se para o Norte do Paraná, indo morar em Cambuí/Marialva (PR), mas na década de 1960 retornaram para Luzerna (SC).



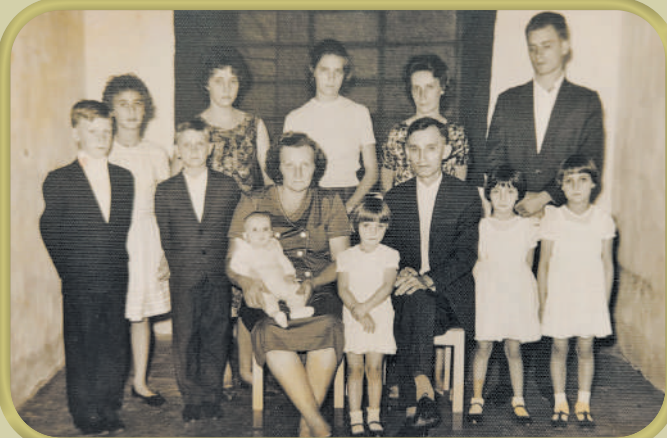


## Tios Hoffmann e Tios Delai

**Foto 236** - Foto de casamento dos tios Joselino Hoffmann e Rosalinda Simon.



**Foto 237** - A família Joselino Hoffmann/Rosalinda Simon com onze dos seus catorze filhos em União da Vitória (PR). (Foto obtida no encontro de União da Vitória em novembro de 2021). Em 16/04/1912, nasceu tio **Joselino Hoffmann** em Joaneta/São Leopoldo (RS) e aos 7 anos mudou-se com os pais para a Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Casou-se com **Rosalinda Simon** \*09/1922, indo morar na Linha Limeira/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Foram pais de 5 filhos (Jacó, José Luiz, João, Pedro Paulo e Antônio Carlos) e 9 filhas (Lúcia Maria, Amélia, Catarina, Ana Lídia, Paulina, Rosa Lourdes, Cristina, Vitória e Ana Rita). Ana Lídia, faleceu aos 3 anos em Luzerna (decorrência de sarampo) e lembro-me de que meu pai Paulino confeccionou o pequeno caixão em que foi sepultada no cemitério de Luzerna. Mudaram-se posteriormente para a cidade de União da Vitória (PR), cidade gêmea de Porto União (SC), onde tio Joselino também participou do empreendimento Casa do Bronze com os irmãos Leo e Leonardo.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1945).<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 238** - O casal Vergínia Hoffmann/Miguel David e seus 6 filhos.

Em 05/05/1910, nasceu tia **Vergínia Hoffmann** em Joaneta/São Leopoldo (RS) e aos 9 anos acompanhou a família José Hoffmann/Emília Ludwig, mudando-se para a Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Casou-se com **Miguel David** \*20/09/1903 em Ilok na Croácia (Europa) e foram morar às margens do rio Barra Verde em Herval d'Oeste (SC), onde instalaram um moinho tocado a roda d'água, cujas pedras de moagem foram lapidadas em Água Doce (SC) e transportadas para o local (42,9 km) por carroça tracionada por cavalos. Tiveram 2 filhos (José Alfredo e Pedro Paulo) e 4 filhas (Maria, Helena, Otília Lúcia e Anita), além de uma filha adotada, a Jacinta, lembrando que Anita, irmã catequista franciscana, que lá nasceu, é a autora do livro "Raízes e Memórias", que contém precioso histórico das famílias Hoffmann/David, por ela levantado historicamente até na Alemanha, com muitos detalhes referidos neste livro, mediante anuência e incentivo da competente prima. Mudaram-se em 1944 para São Pedro do Timbó/Porto União (SC). Na foto da esquerda para a direita: José Alfredo, Helena, Maria, Vergínia, Miguel, Otília Lúcia, Anita e Pedro Paulo.



Fonte: Familiares de Joselino/Rosalinda no encontro em Porto União (PR) em nov/2021.



**Foto 239** - Em 07/02/1915, nasceu **Paulino Hoffmann**, meu pai, em Picada Joanetha do Café/São Leopoldo (RS) e aos 4 anos mudou-se com a família para o vale do rio do Peixe na Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Casou-se em 29/05/1937 com **Helena Delai** \*13/07/1919 em Santa Maria (RS) e tiveram 3 filhos (eu Hugo, Milton Eugênio e José Airton) e 4 filhas (Rosalinda, Leonida, Líria Maria e Nair Terezinha) que lhes deram 21 netos. Na foto uma arte fotográfica de João Zeni (fotógrafo oficial do local Estação Bom Retiro-Santa Catarina), expondo a elegância dos recém casados.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1938).<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 240** - Casamento de tia Filomena Hoffmann com Edvino Ratskop. Em 21/03/1916, nasceu tia **Filomena Hoffmann** em Joaneta (RS) e com 3 anos a família mudou-se para a Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Ao casarem-se foram morar em propriedade rural à margem direita do rio Leãozinho e tiveram 5 filhos (Avelino, Arlindo, Hugo, Antônio e Pedro) e 4 filhas (Célia, Florentina, Nelcida e Lúcia). Lembro-me de que meus pais, quando morávamos em Barra do Estreito, costumavam visitá-los aos domingos, mas eu e minhas irmãs Rosalinda e Leonida não gostávamos dessas visitas pois os primos só falavam em alemão. Mudaram-se para Rondinha, local próximo a União da Vitória (PR).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai (1939).<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.





**Foto 241** - Em 12/09/1917, nasceu tia **Josephina Delai** em Santa Maria (RS) e aos 8 anos os pais mudaram-se para o vale do rio do Peixe, indo morar na Linha Ferreirinha (Pitoca)/Bom Retiro hoje Luzerna (SC). Casou-se com **Vitório Bortoli** e tiveram 4 filhos (João, Valdir, Antônio e José) e 2 filhas (Nair e Lourdes). Residiram inicialmente em Luzerna (SC), mudando-se posteriormente para o Norte do Paraná, indo morar em Cambuí/Marialva (PR), até a década de 1960, quando buscaram chão para prosperar na agricultura, próximos à cidade de Ubiratã (PR). Na foto em pés, acompanhando os noivos, da esquerda para a direita, tia Elda Libra Marquese e o esposo Tio Gentil Antônio Delai, ao centro, tio José Delai, meu padrinho de crisma, e à direita um casal não identificado.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 242** - Em 13/07/1919, nascia minha mãe **Helena Delai** em Santa Maria (RS). Aos 6 anos a família emigrou para a Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Na foto uma arte de João Zeni (fotógrafo oficial de Bom Retiro) em que expõe a jovialidade das duas irmãs **Helena** (de branco) e **Josephina** (de cinza).





**Foto 243** - Em 08/01/1920, nasceu tio **Léo Hoffmann**, o primeiro filho nascido em solo catarinense, dos pais José Hoffmann/Emília, morando na Linha Leãozinho/ Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Após cumprir o serviço militar foi convocado pelo Governo Brasileiro para combater na 2ª guerra mundial, partindo do Brasil para a cidade de Roma (Itália) em 20/09/1944 e retornando em 20/09/1945 após muitas orações e então o incontido júbilo dos familiares. No retorno, estabeleceu-se na cidade de Porto União (SC) como comerciante (Casa do Bronze) e casou-se com **Edwiga Eich** \*02/01/1929 na Croácia (Europa) de cujo casamento nasceram-lhes 4 filhas (Inês, Maria Tereza, Margarida e Verônica). A esposa Edwiga veio a falecer em 21/02/1959 após uma intervenção médica.



Fonte: (Fotos 243, 244) HOFFMANN, Margarida. Uma recordação pessoal.<sup>40</sup>

<sup>40</sup> Gentileza da prima Margarida, filha de tio Léo/Edwiga, via e-mail.

**Fotos 244, 245** - Tio **Léo** contraiu segundas núpcias com **Elizath Eich** \*11/02/1939, irmã de Edwiga e tiveram 4 filhas (Hedwiges, Ana Maria, Elis Fabiana e Léa Giovana) e 3 filhos (José Francisco, Antônio Roberto e Léo Junior). Tio Léo surpreendia sempre a todos com sua amabilidade e seu espírito prestativo surpreendente, procurando atender sempre a todos quantos o procuravam. Nossa avó Emília, acometida de cegueira na velhice, viveu seus últimos dias na casa de tio Léo e tia Elisabeth em Porto União (SC).



Fonte: (Foto 245) HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal, (sua Kodak caixote).



**Foto 246** - Em 05/09/1921, nasceu tio **José Delai** (meu padrinho de crisma) em Santa Maria (RS) e em 1925 os pais mudaram-se para a Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Casou-se com **Emília Piveta** de Vista Alegre/Ibicaré (SC) e foi morar em Barra do Estreito, em casa construída especialmente para o casal, em propriedade de meu pai Paulino, após arrendar-lhe uma área para plantio. Lá nasceram as duas primeiras de seis filhas que o casal teve (Nelly, Lenita Maria, Ivany, Dalila, Terezinha Ameire e Elinir). Mudou-se para Vista Alegre/Ibicaré (SC), para trabalhar em uma serraria e mais tarde mudou-se para Cambuí/Marialva (PR). Fixou-se posteriormente com a família em Cruzeiro do Oeste (PR), onde se dedicou à construção de casas em madeira.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>41</sup>

<sup>41</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 247** - Em 17/11/1922, nasceu tia **Maria Hoffmann** na Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Casou-se, após mudar-se para Porto União (SC) com **Germano De Coll** e fixaram residência em Canoinhas (SC), onde foram pais de três filhas (Tereza, Armelinda e Edilete) e um filho, o Mário. Tia Maria foi a mais longeva da família José Hoffmann/Emília, falecendo aos 92 anos na cidade de Canoinhas (SC), sepultada em Três Barras (SC). Na foto, em novembro de 2021 por ocasião de visita a Canoinhas, estamos acompanhados (Renato, Lilene, Lorette e eu), de Gilberto dos Passos (filho da prima Tereza, neto de tia Maria), da esposa e do filho pequeno na residência deles.



Fonte: HOFFMANN, Renato. Uma recordação pessoal.



**Foto 248** - Em 19/10/1923, nasceu tio **Gentil Antônio Delai** em Santa Maria (RS) e aos 2 anos os pais João Delai/Rosa Toneto mudaram-se para a Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Casou-se com a vizinha **Elda Libra Marqueze** e tiveram quatro filhas (Gelci Maria, Nelci, Geni Terezinha e Leni Inês) e um filho, o Nelito. Moraram algum tempo em Cambuí/Marialva (PR) e voltaram a fixar-se em Luzerna (SC). Tia Elda foi sempre muito solícita em relatar fatos dos primeiros tempos da família João Delai/Rosa Tonetto (seus sogros) na Linha Pitoca, ao chegarem do Rio Grande do Sul.



**Foto 249** - Em 1923, pai **Paulino Hoffmann** (\*07/02/1915), o segundo em pé, da esquerda para a direita, em uma recordação com colegas de escola e seu professor, após lições de catecismo ministradas por um frei franciscano, talvez seja frei Oswaldo Schlenger, que exercia missão religiosa na região, estando sediado em Palmas (PR), pois somente em 1925 foi inaugurada a primeira igreja católica em Bom Retiro/Luzerna (SC).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



**Fotos 250, 250a** - Casamento dos tios **Leonardo Hoffmann** e **Odete de Oliveira Lima**.

Em 1961 os seus quatro filhos: Alvir, Marilúcia, Marli e Junior. Em 04/08/1925, nasceu tio **Leonardo Hoffmann** na Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Foi o tio Hoffmann com quem mais convivi quando criança, pois quando íamos com meus pais à casa dos avós José/Emília ele sempre me convidava para andar pelas paragens, inclusive na garupa de sua bicicleta. Casou-se com **Odete de Oliveira Lima**, após mudar-se para Porto União (SC), onde foi sócio de tio Leo no empreendimento Casa do Bronze, cabendo-lhe administrar o setor de atacado. Tiveram dois filhos (Alvir Alberto e Leonardo) e duas filhas (Marilúcia e Marli). Resta-me particular lembrança de quando tio Leonardo nos visitou em Luzerna, em certa ocasião, acompanhado de tia Odete e o filho Alvir, quando eu os acompanhei, em visita a pé, até à Linha Leãozinho, ao local e à casa em que o tio nascera e morara até os 23 anos. O detalhe marcante ficou para o Alvir que já caminhava, mas preferia o colo do pai e da mãe e a garupa do primo Hugo em todo o percurso.



**Foto 251** - Em 28/04/1927, nasceu tio **Ângilo Delai** na Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) e casou-se com **Izaura Meneghini**. Moraram algum tempo em Cambuí/Marialva (PR) e mudaram-se para Cascavel (PR). Tiveram três filhos (Luiz, Walmir e Valdecir) e duas filhas (Ires Maria e Iria). Tio Angelim, como o chamávamos, ainda solteiro nos visitava muitas vezes, quando morávamos em Barra do Estreito e chegou a morar algum tempo conosco. Eu e minhas irmãs Rosalinda e Leonida não esquecemos as muitas bagunças que juntos aprontávamos, cabendo particular lembrança, quando certa vez, em uma brincadeira, ele tombou em um banhado o carro em que nos transportava, deixando que os três sobrinhos (eu e minhas irmãs) explicassem à mãe a origem da lama que portavam desde os pés até a cabeça, quando chegaram em casa.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>43</sup>

<sup>43</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



**Foto 252** - Em 28/04/1927, nasceu também tia **Gentila Delai**, gêmea de Ângilo, na linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) e casou-se com **Luiz Valler**. Luiz fixou-se logo após o casamento no Norte do Paraná e prosperou em suas atividades tanto na agricultura (café) como no comércio (máquina de café). Foi responsável por induzir os cunhados Delai, até os sogros, a mudarem-se também para o Paraná. Tiveram três filhos (Hugo, Valdomiro Jair e Luís Filho) e três filhas (Iracly, Maria de Lourdes e Odacira Zoraide). Moraram nas cidades paranaenses de Itambé, Maringá, Cruzeiro do Oeste e Cascavel. Um detalhe: Em 1960, em uma das primeiras viagens que fiz, quando trabalhava com o Dr. Arno (comércio de artigos dentários), localizei onde tia Gentila e tio Luiz moravam em Cruzeiro do Oeste (PR) e resolvi visitá-los. A última vez que tia Tila (assim a chamávamos) me havia visto, eu ainda era criança em Luzerna (SC). Tio Luiz estava viajando. Eu me apresentei a ela e disse que era o Hugo, filho da Helena. A conversa não ligou, até o momento em que eu lhe mostrei meu dedinho da mão direita, com amputação da falangeta. Aí a conversa fluiu, pois o caso do meu dedinho acidentado ela conhecia. Em muitas outras ocasiões visitei os tios em Cruzeiro do Oeste, incluindo tio José e tia Emília que também passaram a residir naquela cidade.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 253** - Em 14/06/1928, nasceu tio **Iseo Delai** na Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) e casou-se com **Edite Luíza Dalla Costa**. Inicialmente moraram em Luzerna (SC), mudando-se posteriormente para a cidade de Cianorte (PR). Tiveram quatro filhos (Airton, Gilberto, Névio e Oswaldemir) e duas filhas (Tereza e Vânia Maria). Em várias ocasiões visitei os tios em Cianorte, quando tio Iseo era funcionário da Associação Atlética Banco do Brasil de Cianorte (AABB), procurando surpreender sempre com uma carninha que assávamos e acabávamos almoçando juntos.





**Foto 254** - Casamento de tia **Suzana Hoffmann** e **Almir Santi**, acompanhados dos sobrinhos Inês Hoffmann e Alvir Alberto Hoffmann como pajens. Em 28/01/1930, nasceu tia **Suzana Hoffmann** na Linha Leãozinho/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) e lá morou até os 18 anos, mudando-se em 1948 para a cidade de Porto União (SC), acompanhando os pais e tios solteiros Léo, Leonardo e Maria. Tia Suzana foi a tia com quem mais convivi em minha infância, pois fomos vizinhos (apesar de separados por um alto morro) até os meus 10 anos e lembro-me de alegres momentos vividos ao seu redor, nas inúmeras vezes que enfrentávamos a montanha (entre Barra do Estreito e Linha Leãozinho) para visitar pais, avós e tios Hoffmann. Devo ter curtido também muito o seu colo. Em Porto União casou-se com **Almir Santi** e fixaram residência em Canoinhas (SC). Tiveram 1 filho, o Gerson, que teve trigêmeos. Entristeceu-nos muito a morte precoce de tia Suzana aos 30 anos, vítima de câncer.



**Fotos 255, 255a** - Em 07/06/1935, nasceu tia **Anair Delai** na Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Com a mudança de nossa família de Barra do Estreito para a Vila Luzerna (SC) em 1949 a proximidade passou a melhorar nossos contatos com os avós e tios Delai, que a esse tempo passara a morar junto à via Luzerna/Joaçaba às margens do rio Pitoca. Tia Anair casou-se com **Oswaldo Marqueze** e tiveram cinco filhas (Marilena, Marinês, Maristela, Marisa e Márcia Regina) e um filho, o João Oswaldo. Tia Anair dedicava-se a pinturas em porcelana e temos algumas belas peças dela com que fomos presenteados. O casal Anair/Oswaldo nunca recusava participar de festejos e comemorações, dado o espírito descontraído e sempre alegre que os caracterizava. Estiveram presentes também em meu casamento em Maringá (PR), participando da estratégia para fugir (em seu Simca Chambord Vermelho) do trote aos noivos, programado por uma equipe de bagunceiros (colegas do Banco do Brasil). O casal residiu sempre em Luzerna (SC) e/ou Joaçaba (SC), onde tio Oswaldo criou e idealizou a empresa TRITON de máquinas agrícolas e nela atuou até aposentar-se.



Fonte: MARQUEZE, Maristela. Uma recordação pessoal.<sup>45</sup>

<sup>45</sup> Gentileza da prima Maristela em e-mail, casamento dos pais, tios Oswaldo e Anair e na Foto 255a, os irmãos, filhos do casal.



**Foto 256 - Casamento dos tios **Arlindo Delai** e **Edi Spier**.**

Em 28/12/1936, nasceu **Arlindo Delai** na Linha Pitoca/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Com dois anos a menos que ele, eu era o herdeiro natural de tudo o que ele não conseguia destruir totalmente, inclusive um par de botas pretas presenteado por Eugênio Delai, tio dele, que não cheguei a utilizar por mera repulsa a ser chamado de “Zeca Tatu” pelos colegas de escola, preferindo enfrentar caminhos, em dias de inverno, calçando alpargatas rodas. Compartilhamos muitas pescarias e caçadas, inclusive com a fabricação de uma espingarda (cada um) com cano de armação de guarda-chuva, que minha mãe Helena a triturou ao encontrá-la escondida no porão de casa. Tio Arlindo casou-se com **Edi Spier** e tiveram uma filha, a **Érica**, que foi minha importante colaboradora na estruturação da árvore genealógica Delai. Moraram algum tempo em Luzerna (SC), mudando-se para Toledo (PR) e posteriormente para Palotina (PR), onde prima Érica detém renomado laboratório de análises clínicas.



Fonte: DELAI, Erica. Uma recordação pessoal, obtidas via e-mail.

**Foto 257 - Erica Delai**, com os pais Arlindo e Edi, engenheira química, formada na Universidade Estadual de Maringá (UEM), administra com competência e sucesso profissional, laboratório de análises clínicas na progressista cidade paranaense de Palotina. Casou-se com **Vicente José Doto** e tiveram os filhos Leonardo José e Gabriel José.







## O Casal Paulino/Helena e Filhos

**Foto 258** - Em 29/05/1937, casavam-se em Bom Retiro, hoje Luzerna (SC), **Paulino Hoffmann e Helena Delai**. Moraram inicialmente na Linha Leãozinho, na residência dos pais de Paulino, mas decorrido menos de um ano mudaram-se para Barra do Estreito, no mesmo município, em propriedade que adquiriram do próprio pai José e a desbravaram e colonizaram. Lá residiram até o ano de 1949, quando deixaram o local com seus cinco primeiros filhos (Hugo, Rosalinda, Leonida, Milton Eugênio e Líria Maria) e fixaram-se na Vila de Luzerna (SC), onde nasceram mais 2 filhos (Nair Terezinha e José Airton). Em Luzerna (SC), Paulino foi inicialmente funcionário do empreendedor alemão Francisco Lindner e posteriormente trabalhou na empresa Caetano Branco & filhos, responsável pela elaboração e montagem das estruturas em madeiras das máquinas agrícolas da marca Vencedora, acumulando também o encargo de ecônomo do Clube Vitória por 13 anos. Helena, nesse tempo, foi sempre a incansável mãe e competente companheira nos árduos trabalhos que eram prestados aos exigentes associados do Clube Vitória.

Na foto, em 29/05/1987, a família Paulino Hoffmann/Helena com seus 7 filhos na Associação Atléticas Banco do Brasil (AABB) de Maringá, onde, juntamente com a família João Girardi/Lidia Amboni (casados no mesmo dia), pais de Loretta e sogros de Hugo, eram homenageados conjuntamente em suas bodas de ouro.



**Foto 259** - Em 29/05/1987 a família João Girardi/Lidia Amboni com as filhas Iraci e Loretta e os filhos Altamiro, Edison e Celeste na AABB Maringá, comemorando as bodas de ouro do casal.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 260** - Em 04/04/1938, nasceu em Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) **Hugo Hoffmann** (eu) o primeiro filho do casal, que lá viveu até os 11 anos, onde a rusticidade vivida moldou-lhe muitos traços da personalidade que o inclinou a interessar-se sempre por atividades do meio rural. Tendo cursado o ensino primário até 3ª série, em escola rural, com aulas ministradas pelo respeitado professor Luiz Fioravante Dezanet, ao deixar a área rural de Barra do Estreito já cumpria tarefas, ajudando os pais em alguns dos muitos serviços. Na Vila Luzerna tentou acompanhar o pai em serviços de marcenaria, mas após 2 anos longe dos bancos escolares, voltou a frequentar a 4ª série primária no colégio das Irmãs Franciscanas de Bonladen. Foi seminarista franciscano em Luzerna (SC), Rio Negro (PR) e Agudos (SP) e após deixar o seminário em 1949, dispôs-se a aventurar-se no Norte do Paraná, indo para a cidade de Maringá, onde continuou os estudos (técnico em contabilidade, ciências econômicas e matemática), foi funcionário do Banco do Brasil (30 anos), lecionou no ensino secundário (8 anos, no Colégio Gastão Vidigal) e no ensino superior (22 anos, na Universidade Estadual de Maringá-UEM). Casou-se com **Loretti Girardi**, tiveram os filhos Ricardo e Renato e a filha Lilene, que lhes deram 7 netos (Ana Beatriz, Ana Giulia, Victória, Renan, Agnes, Lorena e Heron).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 261** - Casamento de **Rosalinda Hoffmann** com **Paulo Milton Vier**, pajeados pelos sobrinhos José Airton e Marilene Marqueze, ao lado dos padrinhos Tio Leonardo e tia Odete.



**Foto 262** - Os filhos de **Rosalinda** e **Paulo** (Neilor, Paulo Roberto e André) acompanhados dos avós João Delai/ Rosa em Luzerna (SC).



**foto 262a** - Rosalinda aparece com a filha Viviane à sua frente e **Fausto Moro** com a filha Rosi ao colo, residindo em Toledo (PR).

**Rosalinda Hoffmann** nasceu em 05/11/1939 em Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC) e foi também aluna até 3ª série do competente professor Dezanet, cumprindo os últimos meses morando na casa de Jacó Gelatti, enquanto eu Hugo ficava na casa de Olímpio Gomes, pois a família Paulino/Helena já se havia mudado da área rural. Em Luzerna fomos colegas na 4ª série no colégio das irmãs franciscanas de Bonladen, sendo ela sempre a primeira colocada na classe, sem dar chance ao irmão Hugo (ficava sempre em segundo). Casou-se com Paulo Milton Vier e, morando em Luzerna (SC), tiveram três filhos (Neilor, Paulo Roberto e André). Na década de 1960 o casal separou-se e Rosalinda, em segundas núpcias, casou-se com Fausto Moro e passaram a morar em Toledo (PR), onde tiveram duas filhas (Viviane (nossa afilhada) e Rosi Fabiane) e foram empresários de panificadora (panificadora Quincas) até a aposentadoria. Após o falecimento de Fausto, Rosalinda, acompanhada da filha Viviane, mudou-se para Piçaras, no litoral catarinense, buscando proximidade com os demais filhos.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>46</sup>

<sup>46</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



**Foto 263** - Em 29/01/1941, nasceu **Leonida Hoffmann** em Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna (SC). Embora a menor do trio, foi parceira sempre que possível dos irmãos Hugo e Rosalinda nos desafios de prestar alguma ajuda aos pais no trato dos animais, buscando mandioca e pasto, com o Pitico puxando a litra pela roça, descascando milho, buscando água para os porcos, bem como, cuidando do leite para não ferver e derramar-se na chapa do fogão (algumas falhas infelizmente aconteciam). Não chegou a frequentar as aulas do professor Dezanet, tendo estudado somente em Luzerna com as Irmãs Franciscanas de Bonladen. Leonida e a irmã Rosalinda foram por longo tempo preciosas parceiras de mãe Helena na pesada incumbência de atender a extrema exigência de associados do Clube Vitória, cujo peso aumentou ainda mais quando eu fui para o seminário. Casou-se com **Alberico Moro** e continuaram morando em Luzerna (SC) por bastante tempo, tendo assumido inclusive, em certa ocasião, o atendimento aos associados do Clube Vitória, cujo mister Leonida conhecia muito bem. Lá nasceram as filhas Giovana Raquel e Eliana Cristina. Mudaram-se depois para Toledo (PR), onde associaram-se ao casal Fausto/Rosalinda (cunhado e irmã) em empreendimento de panificadora. Lá nasceram o filho Paulo Eugênio e a filha Suzana (nossa afilhada).



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.

**Foto 264** - As primas Giovana e Eliana Moro, filhas de Leonida e Alberico, no dia de sua primeira comunhão.



**Foto 265** - Batizado de Isabela Moro, ao colo da mãe Lucélia ao lado do pai Paulo Eugênio Moro e dos padrinhos Suzana Moro e Jairo Puntel.





**Foto 266** - Em 12/08/1944, nasceu **Milton Eugênio Hoffmann** em Barra do Estreito/Bom Retiro, hoje Luzerna SC), empatando o escore de meninos e meninas na descendência do casal Paulino/Helena. Não chegou a envolver-se com as atividades com que os outros irmãos já peleavam, pois aos 5 anos já passava a ser morador de cidade (nem tanto). cursou o ensino primário com as Irmãs Franciscanas e ao concluí-lo, decidiu seguir a profissão do pai Paulino, no sentido de não perder dele (pai) nem em perfeição nem em habilidade. Revelou-se um perfeccionista em tudo o que se propõe realizar. Acompanhou por algum tempo o pai Paulino na Empresa Caetano Branco & Filhos, mas acabou associando-se à Empresa Triton, fundada por tio Oswaldo Marqueze, cuja organização também atuava na fabricação de máquinas agrícolas em Luzerna (SC). Exímio marceneiro construiu a própria casa onde mora e esteve sempre ao lado do pai na especial reforma da casa paterna com madeiras aparelhadas em pinho, quando a família deixou o Clube Vitória. Casou-se com **Marlene Mott** e tiveram um filho, o Marlos, e uma filha, a Adriana, morando sempre no mesmo local em Luzerna (SC). Ao aposentar-se adquiriu do irmão Airton propriedade contendo instalações de empresa de prestação de serviços em vidros planos, telas e artefatos metálicos, atividade que desenvolve no dia a dia na comunidade. Embora tenha deixado o meio rural aos 5 anos, seu hobby preferido é dar atendimento à área agrícola na Linha Nogueira que herdou, onde cuida dos animais que cria, com aquele capricho. Na foto de casamento em Luzerna (SC), acompanhados dos padrinhos Luiz Pegoraro/Líria Maria e Loretta/Hugo com o pequeno sobrinho Ricardo.



**Foto 267** - Adriana e Marlos, filhos de Milton/Marlene em plena bonança.



Fonte: HOFFMANN, Helena Delai.<sup>48</sup>

<sup>48</sup> Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena.



**Foto 268** - Em 12/01/1947, nasceu **Líria Maria Hoffmann** em Barra do Estreito/ Luzerna (SC), (em abril de 1946 Bom Retiro passou a chamar-se Luzerna) deixando o ambiente rural aos 2 anos. Foi mais uma aluna brilhante da família Paulino/Helena no colégio das Irmãs Franciscanas de Bonladen, acompanhando por algum tempo o mano Milton, que era especialista em infernizá-la o tempo todo com sacanagens (sapos, lagartas e lagartixas). Desde cedo grande parceira de mãe Helena. A expansividade e descontração que lhe foram sempre peculiares levaram-na a empregar-se com sucesso como vendedora em uma empresa de armarinhos, onde conheceu o futuro marido **Luiz Pegoraro Sobrinho**. Moraram inicialmente em Luzerna (SC), onde tiveram os dois primeiros filhos, o Álisson e o Fábio (esse nosso afilhado), que foi batizado na pitoresca capela da Linha Triângulo/Ibicaré (SC). O esposo Luiz, algum tempo depois, negociou uma concessão de mercado, envolvendo representação e venda de máquinas de terraplenagem, constituindo a empresa Macromaq, que posteriormente levou o casal a mudar residência para a cidade de Chapecó (SC), onde nasceu o 3º filho do casal, o Fernando. De família procedente de área rural, Luiz não se contentou com o sucesso do empreendimento comercial e adquiriu uma bela área no município de Ponte Serrada (SC), onde estruturou a modelar Fazenda São Luiz (soja, feijão, milho, gado, peixes, frutas e vinho, e até turismo familiar), que costuma, vez ou outra, acolher familiares em seu cinematográfico Galpão Crioulo, erigido no centro de um aprazível lago próximo a pinheiros seculares e imbuías milenares.



Fonte: HOFFMANN, Líria Maria. Uma recordação pessoal obtida via e-mail.

**Foto 269** - Os filhos do casal Luiz Pegoraro Sobrinho/Líria Maria Hoffmann: Fernando, Alisson e Fábio.





**Foto 270** - Em 16/09/1950, nasceu **Nair Terezinha Hoffmann** em Luzerna (SC) no alto da Vila Alemanha, à Rua Bom Retiro esquina com a (atual) Rua Paulino Hoffmann, na bela casa nova que tinha no telhado duas águas furtadas e à frente um alpendre com flores pintadas na parede, caprichosa obra do pai Paulino. Neninha ou Nica como sempre é chamada, nasceu na cidade em meio a privilégios e com 5 irmãos para cuidar dela (em hipótese). Estudou também com as Irmãs Franciscanas de Bonladen e, a essa altura, pode frequentar o curso normal regional (equivalente ao ginásio) já implantado na localidade. Como pretendesse continuar os estudos, pais e irmãos a liberaram para morar em Maringá, na casa de Hugo e Loretta, ocasião em que se formou normalista, estudando no Instituto de Educação de Maringá e posteriormente graduando-se em Letras na Universidade Estadual de Maringá-UEM. Casou-se com **Nemésio Altoé**, funcionário do Banco do Brasil e Prof. Universitário na UEM e fixaram residência em Maringá, onde nasceu o primeiro de dois filhos, o Cássio Alexandre. O casal transferiu-se provisoriamente para Porto Alegre (RS), onde Nemésio cursou pós-graduação em Economia, ao final do que retornaram a Maringá. Atendendo a determinação da direção do Banco do Brasil o casal transferiu-se para Brasília (DF), onde Nemésio passou a atuar com cargos na administração do próprio Banco do Brasil e por algum tempo junto ao Ministério da Fazenda. Na capital federal nasceu Andrey Vinícius, nosso afilhado, o segundo filho do casal. Na foto, os noivos Nair/Nemésio no dia do casamento no Clube Teuto Brasileiro de Maringá, junto à mesa dos pais da noiva Helena/Paulino.



**Foto 271** - Cássio Alexandre e Andrey Vinícius, filhos do casal Nemésio/Nair diante do Colégio Militar de Brasília, onde estudaram.



Fonte: HOFFMANN, Nair Terezinha. Uma recordação pessoal obtida via e-mail.

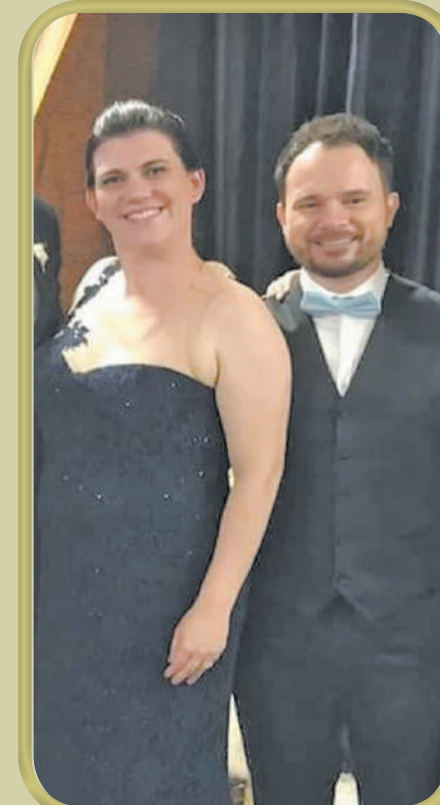


**Foto 272** - Em 15/05/1954, nasceu **José Airtton Hoffmann** em Luzerna (SC), filho caçula do casal Paulino Hoffmann/Helena Delai. Convivi pouco com a infância desse meu irmão, de vez que seu nascimento ocorrera quando eu era estudante interno, ainda no segundo ano, no Seminário de Rio Negro (PR). Airtton notabilizou-se sempre por postura pessoal extremamente comunicativa e agregadora, contrapondo-se à certa sisudez e pouca conversa dos descendentes Hoffmann. Estudou também no colégio das irmãs Franciscanas em Luzerna e, embora tenha iniciado a continuação de estudos em Joaçaba (SC), preferiu envolver-se logo em atividades ligadas ao comércio, empregando-se em empresa que comercializava móveis e eletrodomésticos, ramo esse em que acabou se estabelecendo por conta própria. Cercado sempre de muitos amigos, acabou por envolver-se em política partidária e foi eleito vereador da Câmara Municipal de Joaçaba (SC), como um dos representantes do distrito de Luzerna (SC). Nesse tempo integrou consistente liderança de seu partido político, movimento público esse, que apoiado por forças políticas de Florianópolis, levou Luzerna a emancipar-se como município em 29/12/1995, marcante fato e de notável importância para a prosperidade e o progresso verificados na sua querida Luzerna, "Capital da Amizade", Ex-Vila de Bom Retiro. Casou-se com **Ezair Bender** e, morando sempre em Luzerna, tiveram um filho, o Guilherme e uma filha, a Estela. Na foto os noivos acompanhados por padrinhos.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 272a** - Os Irmãos Estela Hoffmann e Guilherme Hoffmann, filhos do casal José Airtton Hoffmann e Ezair Bender.



Fonte: HOFFMANN, Ezair Bender (mãe). Via e-mail.





## O Casal Hugo/Loretti e Filhos

**Foto 273** - Em 1978, morando na Av. Anchieta, 660 (hoje Av. São Paulo), esquina com Rua Santa Maria, em Maringá (PR) tivemos nossos três filhos Ricardo, Renato e Lilene.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 274** - Casamento de Ricardo Hoffmann e Sílvia Regina Gasparotto Hoffmann.





**Foto 275** - Em 17/11/1967, nasceu em Maringá (PR) **Ricardo Hoffmann**, filho primogênito do casal. Estudou no Colégio Santo Inácio de Maringá e gradou-se em Agronomia na Universidade Estadual de Maringá (UEM), tendo prosseguido capacitação profissional em área de finanças junto à Fundação Getúlio Vargas em São Paulo. Casou-se com **Sílvia Regina Gasparotto**, tiveram 2 filhas (**Ana Beatriz** e **Ana Giulia**) e moram em São Paulo capital, onde Sílvia é professora e Ricardo administra e participa de empresa de procedência portuguesa. Na foto o casal, as duas filhas e Dona Helena, avó paterna.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 276** - Em 01/10/1970, nasceu em Maringá (PR) **Renato Hoffmann**, tendo tido sempre a especial atenção do irmão Ricardo, além da dos pais Hugo e Loretta. Acompanhou o irmão no Colégio Santo Inácio e também na Universidade Estadual de Maringá (UEM), graduando-se no mesmo curso do irmão. Ao invés do irmão, porém, resolveu continuar teimando na área da agricultura ao lado do pai e tem-se envolvido no cultivo de soja, milho, trigo, canola, café bem como cria, recria e engorda de gado e carneiros, além de produção de leite, essa abandonada após mais de 20 anos de teimosa insistência (do pai?...). Casou-se com **Suzana Karling** e tiveram dois filhos, **Renan** e **Heron**, e uma filha, a **Agnes**. Suzana acompanha o pai na administração de entidade de ensino superior que detêm em Maringá.



**Foto 277** - Os filhos de Renato e Suzana: Agnes, Heron e Renan.

Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 278** - Em 04/12/1972, nasceu **Lilene Hoffmann** em Maringá. Acompanhou os irmãos ao Colégio Santo Inácio e, como não poderia ser diferente, assumia o compromisso de ser a portadora de recados disciplinares que eventualmente ocorressem, que na realidade nem eram tantos. Após a conclusão de curso pelos irmãos transferiu-se para o Colégio Regina Mundi, alegando uma implicância com certa professora (japonesa) e também pelo fato de o novo colégio localizar-se próximo de nossa casa. Gradou-se em odontologia na cidade de Presidente Prudente (SP) e estabeleceu-se com consultório em Maringá, onde atua em atendimentos gerais, tendo obtido especialização em implantes dentários e ortodontia. Mantém bom rol de atendimentos em vista de sua habilidade profissional e da franca descontração com que recebe e atende seus pacientes. Casou-se com **Adriano Bezerra de Oliveira** e tiveram duas filhas, a **Victória** e a **Lorena**.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Fotos 279, 279a** - Victória Hoffmann de Oliveira e Lorena Hoffmann de Oliveira, filhas de Adriano Bezerra de Oliveira e Lilene Hoffmann.



**Foto 280** - Lilene e seu ora companheiro Carlos Eduardo Mendes Pereira.





**Foto 281** - Em 2010, os sete netos de Hugo e Loretti almoçando a comida da vovó: Lorena, Ana Beatriz, Ana Giulia, Agnes, Renan, Victória e Heron.



**Foto 282a** - Natal de 2021 avós e netos: Victória, Heron, Renan, Agnes, vô Hugo e vô Loretti, Lorena, Ana Beatriz e Ana Giulia.



**Foto 282** - Em 2011, uma confraternização na casa de Renato/Suzana no Jardim Novo Horizonte em Maringá com avós, pais, filhos e netos: Victória, Lilene, Sílvia Regina, Ana Giulia, Loretti com Lorena, Hugo com Renan, Ricardo com Ana Beatriz, Renato com Heron, e Suzana com Agnes.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.





# CAPÍTULO 12

## Linha do Tempo II

**Complementando Linha do Tempo I, apresento mais fotos que apontem fatos e vivências de momentos e/ou situações que registrem recordações do passado**

**Foto 283** - Em 1948, em Barra do Estreito, meu professor Luiz Fioravante Dezanet em frente à escola (casa dele) com a esposa Amália e seus 10 filhos. Em um salão logo à entrada eram ministradas as aulas de 1ª a 3ª séries do primário. Os alunos vinham até de longas distâncias, inclusive margens esquerdas do rio Estreito e Linha Triângulo/Ibicaré (SC) e da margem esquerda do rio do Peixe/Herval do Oeste (SC), pois o mestre era respeitado pela competência, dedicação e seriedade com que conduzia o magistério que abraçara com envolvente idealismo. A profunda admiração e gratas recordações da conduta ética e profissional do professor Dezanet, nesses meus distantes primeiros anos de bancos escolares, não deixaram de acompanhar meus honrosos 30 anos de magistério em Maringá, primeiramente no Colégio Gastão Vidigal (8 anos) e depois na Universidade Estadual de Maringá (UEM) (22 anos).



**Foto 284** - Em 1952, a família João Girardi/Lídia Amboni, após cumprir uma quase épica maratona (amplamente registrada no livro "João Girardi" editado em 2019 por sua filha professora Iraci Girardi). Primeiramente em São Bento Alto/Criciúma, hoje Nova Veneza (SC), o casamento e início em trabalho rural no terreno do pai e o nascimento de Iraci e de Altamiro. Nesse tempo também como comerciante, ocorrendo o nascimento do filho Édison. Depois em Morro Grande/Nova Veneza (SC), com máquina de arroz e o nascimento de Loretti. Novamente em São Bento Alto, nascimento de Celeste e daí na cidade de Nova Veneza com salão de festas. Outra vez em São Bento Alto com comércio de fumos, bovinos e corridas de cavalos, acreditando sempre na égua Curuíra. Daí em Laranjeiras do Sul (PR), com compra de posse e criação de suínos a campo (com perda total pela peste). Retornando a Meleiro (SC) para produzir e comercializar fumos entre outros e, então, na foto, em Araranguá (SC), junto à balsa do rio de mesmo nome, contando sempre com o apoio incondicional de sua prendada esposa Lídia, também extremosa mãe, envolvendo-se com hortifrutigranjeiros e com caminhão de transporte. Depois disso, no Noroeste do Paraná em Cidade Gaúcha (PR), sob lonas, comandando equipe de quase jagunços e empreitando derrubadas de mata virgem. Em Ivatuba (PR), derrubando mata e fazendo seu próprio plantio de café, além de exercer o cargo de delegado de polícia e, então, em Maringá, novamente com caminhões de transporte e até serraria em Xambrê (PR). Após sua filha Loretti, sentir por mim o que juntos sentimos até hoje, tornou-se meu sogro e sócio em um empreendimento agrícola no rico solo da gleba Pinguim em Maringá. Naquele chão de agricultura mecanizada aprendi a admirar melhor esse destemido chefe de família João Girardi, senhor de uma mente aberta para desafios, que os enfrentava sempre com marcante destemor.



Fonte: VEIT, Elson Luiz. Uma gentileza, via e-mail, através de familiares Dezanet que residem em Nova Londrina (PR).



**Foto 285** - Em 1956, no Seminário Franciscano Santo Antônio de Agudos (SP) o time de basquete de minha classe, nele dois amigos conterrâneos de Luzerna: Renato Preis (o 3º em pé, da esquerda para direita), mais tarde colega de Banco do Brasil em Maringá e Irineu Weiller (2º agachado, neto do carroceiro que em Barra do Estreito comprava de mãe Helena tudo o que ela preparava para vender: frangos, queijos, manteiga, melado, ovos, banha, frutas etc. O esporte marca sempre amizades e essas estavam presentes também em inesquecíveis piqueniques e andanças por extensas fazendas das quais o seminário também era uma delas.



**Foto 286** - Em 1958, a Velha Catedral de Maringá, cuja recordação histórica lembra também momentos interessantes vividos a seu redor por muitos maringaenses. Na década de 1960, após as missas, as quermesses reuniam a comunidade, onde a juventude buscava oportunidades de conhecer novas pessoas. Nela Pe. Cônego Benedito Vieira Teles oficiou nosso casamento Hugo/Loretti em 16/07/1966. Após ser demolida a partir de 1973, quando da inauguração da majestosa Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, Símbolo de Maringá, sua madeira foi encaminhada para a Vila Vardelina, bairro de Maringá, hoje Jardim São Jorge, prestando-se à construção de casas para acolher famílias sem teto e com filhos pequenos em um programa de promoção humana conduzido pelo Núcleo Social Papa João XXIII, de cuja administração participamos eu e Loretti desde 1985.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 287** - Em 1959, no Clube Vitória de Luzerna (SC), minha mãe Helena e minhas 4 irmãs Líria Maria, Rosalinda, Leonida e Nair Terezinha. A grandeza dos desafios, que essa valente mãe e suas valorosas filhas enfrentaram nas lides daquela associação, foge da possibilidade de ser convenientemente reconhecida, de vez que os deveres impostos encontravam sempre direitos sem limites.



**Foto 288** - Em 1960, o capitão Paulino Hofmann e sua equipe titular do jogo de bolão do Clube Vitória de Luzerna (SC): de pé Pedro Vier, Olinto Mezzaroba, André Anrain, Paulino Hoffmann, Álvaro Engel, Ângelo Branco, não identificado e Oswaldo Marqueze e agachados: Nenê Tonin, Valdir Marqueze, Nílson, Werner Kratowil, Fausto Moro e Arnaldo Dapper. Essa equipe fez história a seu tempo, conquistando títulos locais, municipais, estaduais e até interestaduais em Porto Alegre (RS) e no Clube Teuto Brasileiro em Maringá (PR).



**Fotos 289, 290** - Em 1960, eu e o amigo Irineu Almeida Muchagatta no Horto Florestal de Maringá, que àquele tempo, administrado e zelado pela Cia. Melhoramentos Norte do Paraná, era um habitual convite a frequentes e agradáveis contatos com a natureza em belas tardes de domingo. O maringaense do ano 2020 ouve histórias do que foi o Horto Florestal de Maringá e até pensa hoje em tê-lo de volta para desfrutá-lo como nos anos 1960, um incomparável recanto de lazer em meio à magia exclusiva da natureza.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.





**Foto 291** - Em 1961, uma tarde de domingo reunindo participantes de Juventude Estudantil Católica (JEC), na Chácara Bueno Neto próxima ao antigo aeroporto de Maringá. Dom Jaime, irmão marista Joaquim e irmã Dorilda acompanhando o grupo. Eu de preto, sentado na grama, aguardando o final do encontro para então retornar à cidade, quando para o regresso quase todos se valiam da "Generosa", o ônibus de Dr. Arno que fui buscar em Luzerna, o qual muitas vezes era o meio utilizado para levar a turma de jecistas a esses encontros.



**Foto 293** - Em 14/12/1963, um encontro de Hugo e Loretta, no salão social (redondo) do Maringá Clube, por ocasião do baile de formatura do amigo e vizinho Adroaldo Knabben de quem ambos eram convidados. A oportunidade envolvia ansiosa expectativa por parte de Hugo, que aguardava de Loretta uma sonhada decisão, que naquele dia acabou não fluindo ainda.



**Foto 292** - Em 1963, Hugo Hoffmann, calouro da 3ª turma da Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Maringá (FECOM), sendo posto à venda pelos veteranos por inutilidade comparada à Copel naquele tempo. O cidadão maringaense, que usufrui hoje dos fantásticos benefícios disponibilizados pela Copel, a maior empresa paranaense, poderá não entender a mensagem dos acadêmicos veteranos, naquele longínquo 1963, mas poderá tomar conhecimento de que os pioneiros maringaenses enfrentaram uma "Copel Fundo de Quintal", em que os benefícios oferecidos eram sofríveis e contingenciais, quando diariamente, às 23 horas, 3 piscadas (interrupções rápidas de energia), sinalizavam que os motores a diesel seriam desligados, voltando a serem religados somente no dia seguinte.



**Foto 294** - Em 05/06/1964, após desfeitas, já há algum tempo, as dúvidas sobre sonhos, Loretta pedia-me uma foto, para driblar a saudade do dia a dia (palavras dela), pois, já namorando, nos víamos apenas em fins de semana. Eu, porém, já a detinha em uma foto obtida (ampliada) retirada de desfile das meninas do Colégio Santa Cruz em comemoração cívica de sua escola na cidade.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 295** - Em 1965, titulares de “república” (alojamento) denominada popularmente de “Pombal dos Inocentes”, na Rua Basílio Sautchuck, 26 em Maringá (PR), onde arranjavam-se (cama e mesa) nove funcionários do Banco do Brasil aos cuidados de Dona Tereza e sua filhinha. A foto mostra os bem tratados meninos: Clécio E. Córdua, Márcio Ordini, Jair, Hugo Hoffmann (apenas tomava refeições, pois morava no “Castelino” no alto da agência do BB), Jaime Leonel, José Ernesto Varjão, Benedito Malachini e Paulo Bauru (esse, apelido).  
 Algum tempo depois o time foi reforçado pelo colega Oswaldo Pereira Ayres que acabou levando o apelido de “perdeção”, por se sentir “perdendo pontos” aos domingos ao retornar das compras na feira (carregado até o possível), tendo que passar pela frente da Catedral de Maringá, onde as meninas buscavam a igreja para assistir à missa.



**Foto 297** - Em 01/12/1969, o casal Loretta e Hugo no baile de formatura em medicina do irmão/cunhado Edison Girardi em Curitiba (PR). A festa foi a nível de capital com duração de 3 dias.



**Foto 296** - Em 07/03/1968, Ricardo Hoffmann aos 4 meses indo visitar em Luzerna o vovô Paulino e vovó Helena e os tios, num lance de extrema “corujice” de seus pais, pois o caminho (750 km em Fusca 66 por estradas na maioria ruins e sem asfalto) desindicava totalmente tal atitude: Maringá, Ponta Grossa, Irati, Porto União, Irani, Joaçaba e então Luzerna, mas os avós Paulino e Helena ficaram muito contentes por conhecer mais um netinho.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 298** - Em 1975, Ricardo Hoffmann e Renato Hoffmann aos 8 e 5 anos respectivamente. São poucas as fotos disponíveis dessa dupla nessa idade, pois costumávamos mais filmar os artistas em super 8 e/ou fazer registros em slides.



**Foto 298a** - Em 15/11/1975, casamento dos cunhados Hélio Presa e Iraci Girardi, recordação em frente à Igreja Bom Jesus do Cabral em Curitiba. Desde o alto, da esquerda para a direita: Não identificado, Sérgio Filla, Maria Luíza Filla, José Riva Sobrinho, Lídia Amboni Girardi, Giles Amboni, Jucelia Presa Riva, Delir Amboni, Helena Girardi Presa, Marcos Antonio Presa, Hélio Presa (noivo), Loretta Girardi Hoffmann, Iraci Girardi (noiva), Márcia Presa, Hugo Hoffmann, João Girardi, Altamiro Girardi, Edison Girardi, Marlleusi Podolan Girardi e Celeste Girardi.



**Foto 299** - Em 1981, o casal João Girardi/Lídia Amboni e familiares no jardim da residência de Hugo e Loretta na Av. Anchieta,660 (hoje Av. São Paulo) em Maringá: Alberi, Iraci e Hélio, Altamiro e Maria, Celeste, Hugo e Loretta, Marleusi e Edison com Maximiliano ao colo, Lídia e João, Aparecida (esposa de Celeste) com Fernanda ao colo, Lilene, Ana Rosa, Ricardo, Renato, Halan, Hilton, Flávio, Altamiro Júnior, Fernando e Altemar.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 300** - Em 1982, Hugo participando de um campeonato de bochas na AABB Maringá, cuja cancha reinaugurada em 1979 seria logo mais demolida para a construção do ginásio de esportes. Atrás, aos fundos, após a cabeceira da cancha, o abebeano Remo Longo, então gerente da Agência única do Banco de Brasil em Maringá, conduzindo uma de suas inúmeras e folclóricas "costeladas ao fogo de chão".



**Foto 302** - Em 1985, atletas do time de futebol de salão da AABB Maringá comandado pelo professor Odair Roberto Herrerias Lopes e, uniformizados: Yasuchi Shima, Maurício Okamoto, Hugo Hoffmann, José Eduardo Cota Carvalho, Jairo Marucchi, Júlio Manoel Dorini, Érgio Messias dos Santos, Ângelo Edval Roman e Elson Jorge Zanatta.



**Foto 301** - Em 1983, um flagrante, após o expediente no Banco do Brasil (madrugada), na residência de Hugo e Loretta, comemorando o fechamento (conclusão) da compensação de cheques no Banco do Brasil. No detalhe o mais jovem integrante da equipe Marco Antônio Deprá, hoje respeitável historiador e escritor maringaense, dando asas à sua gentileza, servindo a dona da casa Loretta.



**Foto 303** - Em 1985, atletas do time feminino de Volley da AABB Maringá em que atuava Loretta Girardi Hoffmann (em pé à extrema direita) no comando do técnico Bombinha.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 304** - Em 1985, Jubileu de Prata da AABB Maringá Da esquerda para a direita: Hugo Hoffmann, Antônio Ney dos Santos, Antenor Errerias Lopes, Francisco José Martini, Angelo Filho Moro, Vanderley Luiz Zarpelon, Joel Motta de Mendonça, Roldão Alves de Moura, João Aparecido Lorite, Pedro Cezar Gomes Lemos, Tarutaro Maeda, Néelson Prado Sampaio, Sérgio Augusto Pereira, Benjamin Pinto de Oliveira, Nilson Luiz Paes Leme Gonçalves Damasceno, Edgard Ferreira, Benito Malaghini, José Maria Camargo e Paulo Roberto Ventura.



**Foto 306** - Em 1990, Loretta e Hugo numa noite de Bailes do Hawaí, que marcavam com destaque o aniversário da AABB Maringá. A comemoração era sempre tão bem programada, tal que a ampla participação de colaboradores permitia que até o presidente do clube e sua esposa pudessem envolver-se na alegria das festividades.



**Foto 305** - Em 1985, saboreando um sukiaki na "Shiniti Ueta House", na Rua Piratininga em Maringá, com nossos compadres Urbano Buchweitz e Marlene Ruggeri, protagonistas da mais rara amizade vivida em Maringá. Comemorações que vinham sempre desde antes de nossos casamentos, o foram também depois do casamento dos 3 filhos de cada casal. A maioria das férias, bem como fins de semana, eram curtidos em conjunto/família, marcando sempre momentos inesquecíveis e de boas lembranças.



**Foto 307** - Em 1995, em nossa casa na Av. Anchieta, 660, Maringá (PR) com o casal vizinho por 40 anos Paulo Trisóglio do Nascimento e Sônia Martoni, cujos alô diários marcaram sempre nossa amizade, desde as trocas de visitas e comemorações familiares até a admiração por parte também de nossos 3 filhos, que todos os elegeram como padrinhos em seus casamentos.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 308** - Em 1995, em nossa casa na Av. Anchieta, com o casal de amigos Néelson Bravo Cezar/Suzete. O Bravo, como era conhecido por todos, desde que assumiu suas funções no CESEC de Maringá, transferido do Banco do Brasil de Cianorte (PR), foi sempre companheiro inseparável na administração da AABB Maringá, tanto em cargos da diretoria como em acompanhamento de tomada de decisões que envolvessem melhorias do clube e também do Núcleo Social Papa João XXIII.



**Foto 310** - Em 1995, a turma da caxeta (sem ranking de classificação) seguida de jantares servidos pelos casais (em que o último era sempre o melhor). Na foto Sueli Carbonieri, Cidinha Romano, Loretti, Acione Carbonieri, Hugo e Celso Romano, ausentes (na foto) Helena Marques de Almeida e Estêvam Trezeciak, este, por ser o fotógrafo e Helena, em solidariedade ao marido, aparecem na foto anterior.



**Foto 309** - Em 1995, em nossa casa na Av. Anchieta, eu e Loretti com o casal Estêvam Trezeciak/Helena Marques de Almeida, colegas de trabalho, ela singular companheira desde que fomos incumbidos de programar as comemorações de inauguração do CESEC do Banco do Brasil de Maringá em 12/05/1981. Tempos depois, parceira em gestões na presidência do Núcleo Social Papa João XXIII e da AABB Maringá, competente colaboradora na área social, promovendo incomparáveis jantares dançantes e inesquecíveis bailes (até a caráter: bruxas, cafona, caipira) inclusive os memoráveis Bailes do Hawái nos aniversários do clube. Hoje o casal é companheiro em troca de jantares alternados em nossas residências, acompanhados sempre de um bom papo, além das gostosas fugidas noturnas às quintas-feiras para um chopinho esperto.



**Foto 311** - Em 1999, em um esforço comunitário, (inicialmente com trinta entusiastas e algum tempo depois com mais 30), constituímos uma cooperativa de produtores de leite em Maringá com a marca "União". Chegamos a industrializar e marcar pontos em qualidade com o "leite barriga mole" no mercado maringaense, mas fomos vencidos pela marcante fragilidade associativa da maioria de nossos cooperados.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 312** - Em 2003, recebíamos, eu e mais alguns funcionários aposentados do Banco do Brasil de Maringá, o honroso convite para participar da solenidade alusiva aos 40 anos da COCAMAR (hoje COCAMAR COOPERATIVA INDUSTRIAL). Ao sermos enaltecidos no convite como “Ilustres da Cocamar”, na expressiva grandeza dos seus 40 anos, nos enchemos de extremo orgulho por percebermos que não foram esquecidos os dedicados esforços, que juntos inicialmente dispendemos (dirigentes do Banco do Brasil/dirigentes da COCAMAR), ao ser gestada essa empresa, ora gigante, que envaidece a todos os maringaenses e seus cooperados.



Sr. HUGO HOFFMANN

É com imensa satisfação que convidamos V.Sa. e família, para participar da solenidade alusiva ao aniversário de 40 anos da COCAMAR, que acontecerá no dia 27 de março de 2003 – 5ª. feira, na Associação Cocamar, sito a Av. Constâncio Pereira Dias, 1000 – Complexo Industrial Cocamar, em Maringá – PR, conforme programa abaixo:

16h – Inauguração ACERVO  
17h – Homenagens  
18h - Visita Fábrica de Sucos e Maionese, seguido de Jantar

Na oportunidade gostaríamos de agradecer e prestar-lhe homenagem pela relevante contribuição dada à COCAMAR, resultado do nascimento de uma empresa pioneira que com muito trabalho e obstinação conseguiu driblar as dificuldades e se consolidar no mercado como exemplo de empresa cooperativa.

A sua contribuição, na história da COCAMAR, será imortalizada nos anos de luta e de trabalho árduo da sociedade, a qual gostaríamos de simbolizar pelo ato de plantar uma árvore no PARQUE DA COOPERAÇÃO, espaço especialmente reservado aos ILUSTRES da COCAMAR.

No aguardo de seu comparecimento, uma vez que é de extrema importância comemorarmos juntos, um trabalho sério e comprometido, iniciado há quatro décadas, com participação expressiva de V.Sa., aguardamos confirmação por meio dos telefones: 44-221-3650, 44-221-3655 ou pelo fax: 44-221-3057.

Atenciosamente,

  
LUIZ LOURENÇO  
Presidente

COCAMAR COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL  
Estrada Oswaldo de Moraes Corrêa, 1000 – Caixa Postal 932 – 87065-240 – MARINGÁ – PR-BRASIL  
Fone: 44-221-3650 – 44-221-3655 – Fax: 44-221-3057 – E-mail – [diretoria@cocamar.com.br](mailto:diretoria@cocamar.com.br)

**Foto 313** - Em 03/05/2014, Jorge Fregadoli, Hugo e Pedro Cezar recepcionando os comandantes paraguaios do “Club Deportivo de Puerto Sajonia” (em amarelo): Rubén Maciel Giret, Cândido Osório Alderete (Lulo), Bernardino Ariola e Raúl Acuña. A foto retrata líderes de um intercâmbio AABB Maringá/Club Deportivo de Puerto Sajonia de Assunção (Paraguai) mantido por singular amizade que se estende desde 1974 (quase 50 anos), marcada por encontros com muitos abraços e disputas de futebol (lá e cá), hoje apenas na versão máster. Nas comemorações festivas e sociais, quando o grupo visitante lota sempre um ônibus, é muitas vezes lembrado o envolvente pensamento de um dos amigos “Sajones”, que em um dos primeiros encontros, assim se expressava: “O mérito não está em fazer uma amizade, mas em mantê-la”.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



## Bodas de Ouro

### Em 16/07/2016 envolvente comemoração de Bodas de Ouro do casal Hugo/Loretti em Maringá entre amigos e parentes

Como protagonista, ousou tecer algumas considerações pessoais sobre o casamento, essa ultra milenar instituição que sustenta a humanidade.

Deus ao criar o casal humano, buscou caprichosa perfeição ao plasmar o homem e a mulher e só então os chamou à nobre parceria da geração humana, garantindo que o “homem que

encontrar a companheira certa em sua vida, conquistará um tesouro”, (deixando claro ser verdadeira a recíproca), aí então lhes falou: “Ide e multiplicai-vos”. (Se questionados, os nubentes jubilados dirão que foram agraciados com esse tesouro).

Efetivamente, o homem e a mulher maravilham-se como casal, ao se envolverem afetivamente e, ao compartilharem da geração da vida, são levados à sublimidade do sobrenatural, comparado à conquista de um tesouro que transcende à natureza humana. Ainda mais, a magnanimidade do Criador esmerou-se em estender essa magia afetiva, que envolve o casal, até mesmo para tempos de bodas de ouro.

**Foto 314** - Convidados na Capela Santa Cruz de Maringá (primeira Igreja de Maringá).



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

**Foto 315** - Ouvindo as palavras de Dom Anuar Battisti, arcebispo metropolitano de Maringá.







**Foto 316** - Dom Anuar e Pe. Israel Zago oficiando a bênção das alianças portadas pelos netos Heron e Lorena.



**Foto 318** - Com Suzana, Eliana e Giovana Moro, o casal Vicente/Erica e Ricardo Hoffmann e família.



**Foto 317** - Dom Anuar entregando a comunhão às netas Ana Beatriz e Ana Giulia.



**Foto 319** - Lilene Hoffmann, Victória e Lorena.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 320** - Com o casal Fausto Moro/Rosalinda, o casal André Vier/Ivanir, com Viviane Moro ao meio.



**Foto 322** - Com as famílias dos três filhos.



**Foto 321** - Com colegas do BB: Sílvia, Akemi, Tomiko. Néelson Perez e Gazone.



**Foto 323** - Com Líria Maria, Leonida, Luiz Pegoraro, o casal Fábio Pegoraro/Raquel e mãe Helena.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 324** - Casal Fábio Pegoraro/Raquel e casal Líria Maria/Luiz Pegoraro.



**Foto 326** - Com os familiares do casal amigo Urbano Buchweitz (in memorian)/ Marlene Ruggeri.



**Foto 325** - Hugo e Loretti brindando as Bodas de Ouro.



**Foto 327** - Com o casal Hugo Moreschi/Rosângela e o casal Marcos Moreschi / Elise Karling.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 328** - Com os sobrinhos Dagoberto/Ana Girardi e o casal Flávio Girardi/ Patrícia.



**Foto 330** - Com familiares Moreschi, Karling e Spieler.



**Foto 329** - Com os sobrinhos Allan Girardi Presa /Juliana e o filho Leonardo.



**Foto 331** - Com os casais Celso Romano/Cidinha e Estêvam Trezeciak / Helena Marques de Almeida.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 332** - Dançando na roda.



**Foto 334** - Com mãe Helena, as 4 irmãs e o cunhado Nemésio.



**Foto 333** - Com o filho Ricardo/Sílvia e as netas Ana Beatriz e Ana Giulia.



**Foto 335** - Como o casal Hélio Presa/Iraci Girardi.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 336** - Renato/Suzana e filhos.



**Foto 338** - Com Milton/Marlene, Alberico/Leonida, Airtton/Ezair, Nemésio/Nair, Luiz/Líria, Fausto/ Rosalinda e mãe Helena.



**Foto 337** - O casal com os três filhos.



**Foto 339** - Com os primos Erica Delai/Vicente Dotto.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 340** - A turma que aguentou firme até o fim da festa.



**Foto 342** - Com o casal Estêvam Trzeciak/ Helena Marques de Almeida.



**Foto 341** - Com os sobrinhos casal Andrey Vinícius Altoé/Mariana e o filho Arthur Giuseppe.



**Foto 343** - Com o casal Marco Antonio Deprá/Tomires.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.



**Foto 344** - Ricardo e vó Helena.



**Foto 345** - Em especial à sua dignidade e bravura de mulher e mãe, em 2009, foto de mãe Helena Delai Hoffmann ao completar seus 90 anos.



Fonte: HOFFMANN, Hugo. Uma recordação pessoal.

Finalizo esta Linha do Tempo II com a imagem rara (FOTO 346), lembrando a família de meus avós maternos, festejando suas Bodas de Diamante, sem esquecer de enaltecer os nobres princípios que os acompanharam sempre em suas vidas.

**Foto 346** - Em 1976, ao celebrarem gloriosamente as Bodas de Diamante, meus avós maternos, João Delai (82) e Rosa Tonetto (80), acompanhados de seus 9 filhos. Na sequência da esquerda para a direita: Arlindo (40), Iseo (48), Angelim (49), Gentil Antônio (53), José (55), Josephina (59), Helena (57), Gentila (49) e Anair (41), que por sua vez geraram 44 netos e esses, 120 bisnetos.









# CAPÍTULO 13

**Genealogia de 1.10.5.5 JOSÉ HOFFMANN \*20/04/1881 em Picada Joanetha Café/São Leopoldo (RS), pai de 1.10.5.5.3 PAULINO HOFFMANN \*07/02/1915, pai de 1.10.5.5.3.1 Hugo Hoffmann \*04/04/1938**

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
1. JOHANN HOFFMANN *04/05/1771 em Dirmingen - Alemanha, + 26/07/1816, oo1 (1791) Ana Maria Müller, oo2 (1798) Anna Catharina Krämer (de Rudersdorf- Alemanha)							
oo1	1. MARGARETHA HOFFMANN *06/04/1792 + 25/04/1792 em Dirmingen						
oo1	2. JOHANN HOFFMANN *14/04/1793 + 08/06/1794 em Dirmingen						
oo1	3. ANNA MARIA HOFFMANN *02/07/1795 em Dirmingem oo Franz Zimmer.						
oo2	4. BÁRBARA HOFFMANN *1799 + 17/03/1804						
oo2	5. PETER HOFFMANN *21/12/1801 + 06/04/1804						
oo2	6. ODILA HOFFMANN *25/12/1804 + 18/11/1821						
oo2	7. PETRUS HOFFMANN *13/02/1807 + 25/07/1807						
oo2	8. JOHANN HOFFMANN *06/06/1808 oo Magaretha Bronder						
oo2	9. CATHARINA HOFFMANN *13/09/1811 oo Johann Eisenbart						
oo2	10. JAKOB HOFFMANN *31/08/1814 Dirmingen + 21/03/1876 Picada Café (RS), oo1 Bárbara Shirra *06/06/1813 + 03/04/1852 em Dirmingen, oo2 Anna Fries *25/07/1820 Theley + 21/05/1878 em Picada Café, túmulos em Picada Holanda (RS). Jakob e Anna chegaram ao Brasil em 12/07/1857 no Porto de Rio Grande (RS), indo para o então município de São Leopoldo, que se estendia até às Picadas Joaneta, Café, Holanda na Serra Gaúcha, levando consigo os filhos sobreviventes da Alemanha: 1.10.4 Anna Maria, 1.10.5 Johann (meu bisavô), 1.10.6 Friedrich e 1.10.8 Miguel, que nasceu no navio.						
oo1	1. ANNA MARIA HOFFMANN *02/01/1843 + 25/03/1852 em Dirmingen - Alemanha						
oo1	2. JOHANN HOFFMANN *01/11/1845 + 12/02/1847 em Dirmingen - Alemanha						
oo1	3. BARBARA HOFFMANN *06/08/1848 + 10/09/1849 em Dirmingen - Alemanha						
oo1	4. ANNA MARIA HOFFMANN *1849 em Dirmingen, emigrou para o Brasil, oo Felipe Vogel em 04/07/1870 em Ivoti (RS)						
		1. ISABEL VOGEL *29/10/1876					
		2. MARIA VOGEL *17/04/1880					

(continua)



GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
	oo1	5.JOHANN HOFFMANN *07/09/1850 em Dirmingen + 07/05/1900 Joaneta (RS) túmulo Picada Holanda oo Magdalena Jung *05/05/1855 São Leopoldo (RS) + 09/09/1923					
		1.JACOB HOFFMANN *18/12/1873 + 20/12/1944, SJH B3, 158, oo1 (11/10/1897) Bárbara Stein lv Cl,56v em Ivoti (RS), oo2 Isabel Schuck					
		2.ELIZABETH HOFFMANN *15/08/1875 lv Bl, 25, oo FREDERICO SULZBACH					
		3.MARIA HOFFMANN *25/07/1877 lv Bl, 36, oo 25/08/1896 ALBRECHT BARTSCH lv Cl,55 em Ivoti (RS)					
		4.CATHARINA HOFFMANN *03/12/1878 lv Bl, 45, oo GUILHERME SCHNEIDER lv Cl,60v em Ivoti (RS)					
		5.JOSÉ HOFFMANN *20/04/1881 Joanetha (RS) lv Bl, 61 + 25/10/1953, oo Emília Ludwig *15/05/1885 Pedro de Alcantra (SC) + 14/03/1974 túmulos em Porto União (SC).					
		1.VERGÍNIA HOFFMANN *05/05/1910 Joaneta (RS) + 27/01/1980 S. Pedro do Timbó (SC), oo Miguel David *20/09/1903 Croácia + 13/02/1987 S. Pedro do Timbó/Porto União (SC)					
		1.MARIA DAVID *10/11/1935 Herval do Oesste (SC) reside em S.Pedro do Timbó/Porto União (SC)					
		2.HELENA DAVID *02/05/1937 Herval D'Oeste (SC), oo Leonardo Zipperer reside em Nova Prata/Porto União (SC)					
		1.NATALINA ZIPPERER *25/12/1976, oo José Ronaldo Hortmann					
		1.CARLOS EDUARDO HORTMANN *26/02/2006					
		2.PEDRO RAFAEL HORTMANN *17/09/2009					
		3.DANIEL RODRIGO HORTMANN *07/03/2012					
		4.KAÍKE HORTMANN *13/04/2015					
		3.JOSÉ ALFREDDO DAVID *11/03/1939 Herval D'Oeste (SC)+ 28/01/2019, oo Waltraude Zipperer , reside em São Pedro do Timbó/Porto União (SC)					
		1.JOSÉ MAURO DAVID *14/08/1963 em São Pedro do Timbó/Porto União (SC), oo Dulceli Dubinski					
		1.BÁRBARA DAVID *28/12/1990 EM São Pedro do Timbó/Porto União (SC), oo William Baumann (veteriário)					
		2.MAURA DAVID *07/04/1993 em Sõ Pedro do Timbó/Porto União (SC) estudante de medicina em Santa Cuzdo Sul (RG)					
		3.ALINE DAVID *29/11/2001 em São Pedro do Timbó/Porto União (SC)					
		2.RITA DE CASSIA DAVID *06/11/1964 em São Pedro do Timbó/Porto União (SC), oo Norberto Ludwig					
		1.GUSTAVO LUDWIG *08/02/1992, graduado em medicina					
		2.MARIA VITÓRIA LUDWIG *01/03/1997, estudante de medicina					

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
							3.JANE RAQUEL DAVID *04/08/1966, oo Jorge Antônio Reisdörfer
							1.GEORGE HENRIQUE REISDÖRFER *04/02/1986
							4.JAIME LUIZ DAVID *11/12/1967, oo Lucilda Sneider
							1.JAIME LUIZ DAVID JUNIOR *08/01/1994
							2.FERNANDA DAVID *17/03/2004
							3.JOSÉ AUGUSTO DAVID *27/07/2005
							5.ORLANDO CARLOS DAVID *24/07/1969, oo Edilva Werle
							1.DIÓGENES DIEGO DAVID *06/03/1995
							2.DANIEL DIOGO DAVID *09/03/2002
							6.SIMONE DENISE DAVID *11/08/1975, oo Márcio Scatena
							1.LORENZO DAVID SCATENA *18/01/2016
							7.EVERTON LUIZ DAVID *20/01/1977, oo Marilene Caribatti
							1.ELIZA GABRIELA CARIBATTI DAVID *01/09/2001
							2.FELIPE CARIBATTI DAVID *11/09/2004
							4.OTÍLIA LUCIA DAVID *14/12/1940 Herval D'Oeste (SC), oo Oswaldo Zipperer reside em Nova Prata/Porto União (SC)
							1.DARCI ZIPPERER *02/09/1962, oo1 Márcia de Oliveira, oo2 Rosária Maria Ferreira
						oo1	1.WILIAM ZIPPERER *02/09/1962
						oo1	2.ÁDRIA ZIPPERER *21/07/1989
							2.CESAR ZIPPERER *22/05/1965, oo1 Andréia Rasera, oo2 Jane Tessari
						oo1	1.MAIRA ZIPPERER *09/06/1969
							3.SÉRGIO ZIPPERER *02/11/1969, oo Silvana Ritzmann
							1.DIULY TAMIRESW ZIPPERER *23/07/1966
							2.GUILHERME ZIPPERER *22/03/2005

(continua)



GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						4.EDVANE ESTER ZIPPERER *20/06/1977, oo Everson Nissen	
						1.NADINE NISSEN *27/01/1997	
						2.NATAN NISSEN *22/12/1909	
						3.NÍCOLAS NISSEN *23/03/2008	
						5.ANITA DAVID *11/06/1943 Herval D'Oeste (SC) Irmã Catequista Franciscana - Escreveu o livro Raízes e Memórias, sobre sua família. Mora hoje em Joinville (SC)	
						6.PEDRO PAULO DAVID *18/05/1946 São Pedro do Timbó (SC), oo1 Almi Vera Carbona (+ 20/02/2005), oo2 Joana Krupacz residem hoje em Garuva (SC)	
					oo1	1.DALTON DANY DAVID *26/04/1974, oo Lucimara Holovaty	
						1.LEONARDO DAVID *19/09/2002	
					oo1	2.DELANI DANNA DAVID *13/12/1977, oo MarcosAntonio Soares	
						1.JOSÉ VITOR SOARES *12/08/2002	
						2.MARIA FERNANDA SOARES *23/03/2015	
					oo2	3.DIELEN DAVID *20/11/1995, engenheira civil	
						7.VILMA JACINTA ZIMMER (ADOTADA) *24/04/1974, oo Osni Fogaço	
						2.JOSELINO HOFFMANN *16/04/1912 Joaneta (RS) + 25/10/19? Em União da Vitória (SC), oo Rosalina Simon *09/1922	
						1.JACÓ IVO HOFFMANN *1940 + 1999 oo Zilda Ferreira	
						1.LUIZ MARCOS HOFFMANN *1959, oo Anilda Walk Caldas	
						2.ROSANGELA MARIA HOFFMANN *1970, oo Walter Correia da Silva *1958	
						3.RONALDO LUIZ HOFFMANN */+ 1970	
						4.IVO RONALDO HOFFMANN *1980, oo Liliale Koning	
						5.ALEXANDDRE LUIZ HOFFMANN *1990	
						2.LUCIA MARIA HOFFMANN oo1 Francisco Leandro, oo2 Ivalino Cechin	
					oo1	1.FRANCISCO JOSÉ LEANDRO *1963, oo Lucelia Regina Frei	
					oo1	2.LUCIANO ROBERTO HOFFMANN *1973 +1989	



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					3.AMÉLIA HOFFMANN oo Moacir Silva		
						1.SONIA MARIA DA SILVA *1963	
						2.JOSÉ DE ARIMATEIA DA SILVA */+1964	
						3.LEILA BEATRIZ DA SILVA *1965	
						4.WAGNER DOUGLAS DA SILVA *1969, oo Jucimary Koguta	
						5.GILBERTO MAURO DA SILVA *1972, oo Vanira Martins	
						6.ROSANA CLAUDIA DA SILVA *1973	
						7.DANIELLE SIMONE DA SILVA *1976	
						8.DANIEL RODRIGO DA SILVA *1987	
					4.CATARINA HOFFMANN * 1946, oo Roberto Herlemann		
						1.MARCIA REGINA HERLEMANN *1963, oo Roberto Paganini	
						2.MARISA DE LOURDES HERLEMANN *1965, oo Flori Torres da Costa	
						3.MARINEZ HERLEMANN *1966, oo Sidnei Aquino Ochoa	
						4.ROSE CRISTINA HERLEMANN *1968, oo Luiz Carlos de Oliveira	
					5.ANA LÍDIA HOFFMANN *1948 + 1951 em Luzerna SC		
					6.PAULINA HOFFMANN *1951 oo Afonso Krepsz		
						1.WILSON ROGERIO KREPSZ *1970, oo Deise Josefina Mendes de Moraes	
					7.JOSÉ LUIZ HOFFMANN *1953, oo Elizabete Aparecida dos Santos		
						1.JULIANA APARECIDA HOFFMANN *1983, oo Ciro Roberto Tobias	
						2.FERNANDO LUIZ HOFFMANN *1984, oo Michele de Souza Prestes	
						3.ELIZANGELA CRITINA HOFFMANN *1986	
						4.SOLANGE ALINE HOFFMANN *1987, oo João Carlos Guchoner	
						5.FELIPE ARTUR HOFFMANN *1990	

(continua)



GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					8.JOÃO HOFFMANN *1955, oo1 Oksana Mudrek, oo2 Erica Elizabete Lenartowicz		
					oo1	1.JOCIMARA OKSAKA HOFFMANN *1976, oo Edson de Freitas	
					oo1	2.CRISTIANE ELIZATETE HOFFMANN *1977, oo Ricardo dos Santos Oliveira	
					oo1	3.JOÃO DANIEL HOFFMANN *1983	
					9.ROSA LOURDES HOFFMANN *1957, oo Jose Antônio Lichowski		
						1.ISABELE VIVIANE LICHOWSKI *1978, oo Andreoli	
						2.ANDERSON LUIZ LICHOWSKI *1981	
					10.CRISTINA HOFFMANN *1958, oo Divonzir Daniel Cordeiro		
						1.DIEGO DANIEL CORDEIRO *1984	
					11.VITÓRIA HOFFMANN *1960, oo Abel Seroiska		
						1.KARINE HOFFMANN SEROISKA *1991	
						2.MARCIELE HOFFMANN SEROISKA *1996	
					12.PEDRO PAULO HOFFMANN */+ 1961		
					13-ANTONIO CARLOS HOFFMANN *1963, oo1 Luciane Rodrigues, oo2 Kelly von Knoblauch		
					oo1	1.LUIZI HOFFMANN *1994	
					14.ANA RITA HOFFMANN *1966, oo Edson Roberto Luza		
						1.EDSON ROBERTO LUZA FILHO *1997	
					3.PAULINO HOFFMANN *07/02/1915 joaneta/ São Leopoldo (RS) + 15/03/1993 Luzerna (SC), oo Helena Delai *13/07/1919 Santa Maria (RS) + 16/04/2018 Luzerna (SC)		
						1.HUGO HOFFMANN *04/04/1938 em Barra do Estreito/ Luzerna (SC), oo Loretta Girardi *27/06/1944 Nova Veneza (SC)	
						1.RICARDO HOFFMANN *17/11/1967 em Maringá (PR), oo Silvia Regina Gasparotto *26/03/1969 Maringá (PR)	
						1.ANA BEATRIZ HOFFMANN *16/10/1999 em Maringá (PR)	
						2.ANA GIULIA HOFFMANN *26/07/2001 em São Paulo (SP)	

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						2.RENATO HOFFMANN *01/10/1970 em Maringá (PR) oo Suzana Karling *23/06/1973 em Mandaguari (PR)	
						1.RENAN KARLING HOFFMANN *25/07/2005 em Maringá (PR)	
						2.AGNES KARLING HOFFMANN *17/07/2007 em Maringá (PR)	
						3.HERON KARLING HOFFMANN *09/07/2009 em Maringá (PR)	
						3.LILENE HOFFMANN *04/12/1972 EM Maringá (PR) oo Adriano Bezerra de Oliveira *04/05/1973 em Presidente Prudente (SP)	
						1.VICTORIA HOFFMANN DE OLIVEIRA *15/09/2003 em Maringá (PR)	
						2.LORENA HOFFMANN DE OLIVEIRA *21/03/2009 em Maringá (PR)	
						2.ROSALINDA HOFFMANN *05/11/1939 em Barra do Estreito/ LUZERNA (SC), oo1 Paulo Milton Vier oo2 Fausto Moro	
					oo1	1.NEILOR VIER *24/06/1960 em Luzerna SC oo1 Neusa *09/11/1964, oo2 Wanderlene *20/03/1992 residem em Blumenau (SC)	
					oo1	1.PRISCILA VIER *15/10/1985	
					oo2	2.ANNA CRISTINA VIER *20/03/1992	
					oo1	2.PAULO ROBERTO VIER *20/08/1964 em Luzerna (SC), oo Cláudia *18/06/1966	
						1.PAULA DUANA VIER *13/01/1993	
						2.NAIRA BEATRIZ VIER *07/12/1996	
					oo1	3.ANDRÉ VIER *18/07/1968 em Luzerna (SC), oo Ivanir *29/02/1964	
					oo2	4.VIVIANE HOFFMANN MORO *11/01/1971 em Maringá (PR)	
					oo2	5.ROSI HOFFMANN MORO *05/11/1973 em Toledo (PR)	
						3.LEONIDA HOFFMANN *29/01/1940 em Barra do Estreito/Luzerna(SC), oo Alberico Moro *29/01/1938	
						1.GIOVANA RAQUEL MORO *15/10/1965 em Luerna (SC), oo Jairo Antônio Puntel *21/08/1967	
						1.GABRIEL MORO PUNTEL *06/04/1995 em Toledo (PR) + 24/06/1995 em Toledo (PR) (Sepultura 10.105)	
						2.ELIANA CRISTINA MORO *24/06/1967 em Luzerna (SC), oo Sebastião Celso B.da Silveira	
						1.JOÃO PAULO MORO B. DA SILVEIRA *12/10/2005 em Toledo (PR)+ 28/10/2006 em Toledo (PR) (Sepultura 11.645)	
						3.PAULO EUGÊNIO MORO *20/03/1973, oo1 Lucélia Ribeiro , oo2 Ana Cristina Oliveira	

(continua)





GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						oo1	1.ISABELLA MORO *14/07/2003
						oo2	2.LAURA OLIVEIRA MORO *06/08/2014 em Maringá (PR)
							4.SUZANA REGINA MORO *19/11/1984 em Toledo (PR)
							4.MILTON HOFFMANN *12/08/1944 em Barra do Estreito/ Luzerna (SC), oo Marlene Mott *08/05/1948 residem em Luzerna (SC)
							1.MARLOS HOFFMANN * 25.04/1973 em Luzerna (SC), oo1 Samara *02/02/1976 em Florianópolis (SC) e oo2 Juliana Demétrio
						oo1	1.ISADORA HOFFMANN *05/08/2008 em Florianópolis (SC)
						oo2	2.MARIA GUILHERMINA DEMÉTRIO HOFFMANN *07/06/2016 em Florianópolis (SC)
							2.ADRIANA HOFFMANN *29/12/1977 em Luzerna (SC), oo Alexandre *31/08/1964
							5.LÍRIA MARIA HOFFMANN *12/01/1947 em Barra do Estreito/ luzerna (SC), oo Luiz Pegoraro Sobrinho *23/02/1947 residem em Chapecó (SC)
							1.ALISSON HOFFMANN PEGORARO *05/12/1975 em Luzerna (SC) oo Alessandra Barauna
							1.DAVI PEGORARO *27/04/2007 em Curitiba (PR)
							2.LUCA PEGORARO *30/01/2009 em Curitiba (PR)
							2.FÁBIO HOFFMANN PEGORARO *28/12/1977 em Luzerna (SC), oo Raquel Tcheker
							1.KATHARINA TCHEKER PEGORARO *09/09/2019 em Florianópolis (SC)
							2.HELENA TCHEKER PEGORARO *01/07/2021 em Florianópolis (SC)
							3.FERNANDO HOFFMANN PEGORARO *05/09/1985 em Luzerna (SC), oo Mariana Albuquerque
							1.ALICE PEGORARO em Florianópolis (SC) *12/12/2020
							2.BENÍCIO PEGORARO *16/03/2022 em Florianópolis (SC)
							6.NAIR TEREZINHA HOFFMANN *16/09/1950 em Luzerna (SC), oo Nemésio Altoé * 18/07/1949 residem em Brasília (DF)
							1.CASSIO ALEXANDRE ALTOÉ *23/03/1980 em Maringá (PR), oo Sarah Mendes
							1.JOAQUIM MENDES ALTOÉ *29/03/2019 em Brasília (DF)
							2.FELIPE LORENZO MENDES ALTOÉ em Brasília (DF)
							3.MARIA CATARINA MENDES ALTOÉ *16/04/2023 em Brasília (DF)

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
							2.ANDREY ALTOÉ * 17/05/1982 em Brasília DF oo Mariana Pereira de Mello
							1.ARTHUR GIUSEPPE DE MELLO ALTOÉ *09/02/2015 em Brasilia (DF)
							2.ALVARO DE MELLO ALTOÉ *20/04/2017 em Brasília (DF)
							3.ANTÔNIO DE MELLO ALTOÉ *22/05/2019 em Brasília (DF)
							4.MARINA DE MELLO ALTOÉ *22/07/2022 EM Brasília (DF)
							7.JOSÉ AIRTON HOFFMANN *15/05/1955 em Luzerna (SC), oo Ezair Bender *16/11/1955 residem em Luzerna (SC)
							1.GUILHERME HOFFMANN *28/05/1983 em Luzerna (SC), oo1 Araceli oo2 Erica Karolina de Oliveira
						oo2	1.MURILO DE OLIVEIRA HOFFMANN *05/08/2021 em Florianópolis (SC)
						oo2	2.ADAM DE OLIVEIRA HOFFMANN *01/05/2023 em Florianópolis (SC)
							2.ESTELA HOFFMANN, oo 25/11/1985 em Luzerna (SC), oo Juan Paz
							1.BERNARDO HOFFMANN CONRADO *27/09/2012 em Luzerna (SC)
							2.ANTONIO HOFFMANN CONRADO *13/09/2016 + 13/09/1916 EM Luzzerna (SC)
							3.LUÍZA HOFFMANN PAZ *17/09/2019 + 18/09/2019 em Luzerna (SC)
							4.JUNA HOFFMANN PAZ *18/02/2021 em Luzerna (SC)
							4.FILOMENA HOFFMANN *21/03/1916 Joaneta (RS) + 29/01/2007 em Rondinha (PR), oo Edvino Ratskopf
							1.AVELINO RATSKOP *em Linha Leãozinho/Luzerna (SC), oo Rita
							2.CÉLIA RATSKOP *em Linha Leãozinho/Luzerna (SC), oo Otto Schneider
							3.ARLINDO RATSKOP *em Linha Leãozinho/Luzerna (SC), oo Tereza Sandra Coch
							4.FLORENTINA RATSKOP, oo Walter Schneider
							5.HUGO RATSKOP, oo Olinda Sarturi
							6.NELCIDA RATSKOP, oo Teodoro Krulicowsli
							7.ANTÔNIO RATSKOP, oo Verônica Laliki
							8.PEDRO RATSKOP, oo Inês Voreczuk
							9.LÚCIA RATSKOP, oo José Voreczuk

(continua)



GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
				5.LEO HOFFMANN *08/01/1920 Luzerna (SC) + 11/12/1992 Porto União (SC), oo1 Hedviga Eich *02/01/1929 Croácia + 21/02/1959, oo2 Elizabeth Eich			
				oo1	1.INÊS HOFFMANN *19/02/1950 Porto União (SC) + 11/04/2005 Florianópolis (SC), oo Germano Martins		
					1.ALISSON LEO MARTINS		
					2.AYSLAN GERMANO MARTINS		
				oo1	2.MARIA TEREZA HOFFMANN *28/12/1952 Porto União (SC), oo João Luis Codagnome Moreira residem em Londrina (PR)		
					1.MIRELLA HOFFMANN MOREIRA (psicóloga)		
					2.MURILO HOFFMANN MOREIRA (advogado)		
				oo1	3.MARGARIDA HOFFMANN *18/01/1953 em Porto União (SC), oo Domício Dornels Scaramela residentes em União da Vitória (PR)		
					1.PABLO DORNELES SCARMELLA *27/07/1977 em Porto União (SC), oo Fernanda Metnek		
					2.DOMÍCIO SCARAMELLA *15/06/1981, oo Luciana Wacholz *20/12/1983		
				oo1	4.VERÔNICA HOFFMANN *04/03/1954 em Porto União (SC), oo Dirceu Manoel Reis		
					1.PAOLA HOFFMANN REIS *09/11/1977, oo Cleber Mariano		
					2.ANGELA HOFFMANN REIS *01/09/1989		
				oo2	5.HEDWIGES HOFFMANN *19/01/1961 em Porto União SC oo Luiz Carlos Sotter		
					1.LUIZ CARLOS SOTTER JUNIOR *22/06/1987 Porto União (SC)		
					2.FRANCISCO HOFFMANN SOTTER *28/06/1990 Porto União (SC)		
				oo2	6.JOSÉ FRANCISCO HOFFMANN *24.02.1962 em Porto União (SC), oo Márcia Terezinha Moura		
					1.JOSÉ FRANCISCO HOFFMANN JUNIOR *03/01/1983		
					2.RAFAEL HOFFMANN *17/01/1986		
				oo2	7.ANA MARIA HOFFMANN *15/10/1963 em Porto União (SC), oo Marcos Passero		
					1.VICTOR HOFFMANN PASSERO *10/03/1991		
					2.MATEUS HOFFMANN PASSERO *30/07/1994		

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
				oo2	8.ANTONIO ROBERTO HOFFMANN *23/11/1964 + 03/07/2011 vítima latrocínio em Porto União (SC)		
				oo2	9.ELIS FABIANA HOFFMANN *03/09/1967 em Porto União (SC) gêmea com Lea, oo Ingo Frost residentes em Porto União (SC)		
						1.GABRIEL HOFFMANN FROST *18/11/1996	
						2.ROMANA HOFFMANN FROST *21/09/1998	
				oo2	10.LEA GIOVANA HOFFMANN *03/09/1967 em Poro União (SC) gêmea com Elis, oo Heron Monte Castelo Flores (militar)		
						1.LEO HOFFMANN FLORES *15/06/2006	
						2.HERON HOFFMANN FLORES *21/04/2009	
				oo2	11.LEO JUNIOR HOFFMANN *18/08/1972, oo Eliza Arrabar		
						1.BRUNO ARABAR HOFFMANN *21/09/2006	
				6.MARIA HOFFMANN *17/11/1922 Leozinho/ Luzerna (SC) + 22/04/2014 em Canoinhas/Três Barras (SC), oo Germano de Coll			
					1.TEREZA DECOL *1947, oo1 Paulo dos Passos, oo2 Antônio Carneiro		
				oo1	1.MARIA DOS PASSOS		
				oo1	2.MARA DOS PASSOS		
				oo1	3.MARCIO DOS PASSOS		
				oo1	4.GILBERTO DOS PASSOS em nov/2021 Prefeito de Canoinhas SC		
				oo2	5.SILVANA CARNEIRO		
				oo2	6.SUELI CARNEIRO		
				oo2	7.IRACI CARNEIRO		
				oo2	8.JOSÉ GERMANO CARNEIRO		
				oo2	9.SONIA CARNEIRO		
				2.MARIO DECOL, oo Joana			
					1.MARIO DECOL, oo Veridiane		
					2.JUNIOR DECOL		
				3.ARMELINDA DECOL, oo José Newton da Silva			

(continua)



GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
							1.DOUGLAS ALAN DA SILVA
							2.JOSÉ NEWTON DA SILVA FILHO, oo Cintia Silva
							3.ETNA APARECIDA DA SILVA
							4.EDILETA DECOL, oo Zeno Maia
							1.TATIANE MAIA, oo Carlos
							2.TANIA MAIA, oo Sidnei Costa
							7.LEONARDO HOFFMANN *14/08/1925 Leozinho/Luzerna (SC) + 09/03/1976 em Porto União (SC), oo Odete de Oliveira Lima
							1.ALVIR ALBERTO HOFFMANN, oo Camila Martins residem em Brasília (DF)
							1.ANDREIA HOFMANN *1980, oo Alberto Formiga
							2.BRUNO HOFFMANN *1983 em Brasília DF
							2.MARILÚCIA HOFFMANN *1955 Residem em Curitiba (PR) (Molino Rosso), oo Romeu José Massignan
							1.RAFAEL MASSIGNAN * 1977, oo Juliana
							2.RODOLFO MASSIGNAN, oo Giovana
							3.MARIANA MASSIGNAN, oo Rodolpho
							3.MARLI HOFFMANN, oo Walter L. Missau residem em União da Vitória (PR)
							1.RICARDO MISSAU
							2.CARINE MISSAU, oo Jonas
							3.ANDERSON MISSAU, oo Taine
							4.WAGNER MISSAU
							5.SCHEILA MISSAU
							6.SIMONE MISSAU

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					4.LEONARDO HOFFMANN reside em Florianópolis (SC) *1961 em Porto União (SC)		
				8.SUZANA HOFFMANN *28/01/1930 Leozinho/Luzerna (SC) + 20/08/1960 em Porto União (SC), oo Almir Santi			
					1.GÉRSO SANTO Reside em Canoinhas (SC), oo Lucimeri		
					1.ALMIR JOSÉ SANTO NETO e os trigêmeos abaixo		
					2.GERSON SANTO FILHO		
					3.GUILHERME SANTO		
					4.BRUNO SANTO		
			6.THERESA HOFFMANN *29/05/1883 lv Bl,77, oo Pedro Holz lv Cl,69 Ivoti (RS)				
			7.MARIA VERÔNICA HOFFMANN *18/11/1885 lv Bl,98, oo Pedro Fernando Schneider lv Cl,73v Ivoti (RS)				
			8.PEDRO HOFFMANN *01/08/1887 lv Bl,112 Ivoti (RS), oo 26/04/1912 Katarina Spengler *08/11/1886 + 18/03/1933				
				1.JOÃO HOFFMANN (*1919) visitado por Ir Anita e Ir.Angelina em Picada Holanda em abr/2008			
				2.ANA HOFFMANN, visitada em abr/2008 em Picada Holanda por Ir. Anita e Angelina			
			9.JACOB JOÃO HOFFMANN *15/06/1889 lv Bl,139, oo Paulina Adams lv Cl,88v Ivoti (RS)				
			10 MARTIN HOFFMANN *29/08/1891 lv Bl,199, oo Margaretha Stein Ivoti (RS) lv Cl,111v				
				1.ANTONIO CERENO HOFFMANN			
				2.LEONIDA HOFFMANN			
				3.WILLIBALD HOFFMANN			
			11.MARIA MAGDALENA HOFFMANN *14/02/1894 lv Bl,169 Ivoti (RS), oo Pedro Anschau em Ivoti C 1,120v				
			12.PEDRO LEOPOLDO HOFFMANN *27/07/1900 Joanetha, + 01.09.1975 . Acompanhou a mãe MAGDALENA JUNG (minha bisavó) até a morte dela, oo Veronika Holz (19 filhos e 2, de criação)				

(continua)



GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
	oo2	6.FRIEDRICH HOFFMANN * 18/12/1853 Dirmingen + 16/11/1904 em Joaneta (RS), oo1 Anna Weber + 25/04/1893 Túmulo Picada Holanda (RS), oo2 Magdalena Dilly					
		oo1	1.JACOB HOFFMANN *11/04/1878, oo Elizabeth Anschau de Cerro Azul (RS)				
		oo1	2.MARIA HOFFMANN *28/01/1881, Ivoti Bl, 59 + ainda criança				
		oo1	3.JOHANN HOFFMANN *11/06/1882, Ivoti B l, 70 , oo Maria Paulina Schabarum, sempre em Nova Harmonia (RS)				
		oo1	4.FREDERIC HOFFMANN *24/06/1884, Ivoti B l, 87, oo Elisabeth Seibel em Joaneta				
		oo1	5.ANNA CATHARINA HOFFMANN *24/05/1886, Ivoti B l, 101, oo Felipe Müller lv C l,74 v				
		oo1	6.PEDRO HOFFMANN *21/08/1887 Ivoti B l, 113, oo Maria Holz lv. C l, 76 - sem filhos				
		oo1	7.JOSÉ HOFFMANN *19/04/1890 + 23/09/1933, oo Magdalena Trocourt				
		oo1	8.FRANCISCO LUIZ HOFFMANN *03/12/1891, Ivoti B l, 151				
		oo1	9.PAULINA MARGARIDA HOFFMANN *24/04/1893, Ivoti B l, 160				
		oo2	10.ALOYSIO HOFFMANN *18/07/1894 +20/03/1985, oo Maria Hansen *11/11/1897 + 10/08/1934 (9 filhos)				
		oo2	11.ISABETH HOFFMANN *25/02/1896, Ivoti B l, 189				
		oo2	12.CAROLINA HOFFMANN *29/05/ 1897, Ivoti B l, 193				
	oo2	7.PETRUS HOFFMANN *23/06/1856 + 09/07/1856 na Alemanha					
	oo2	8.MIGUEL HOFFMANN *1857 no navio brasilleiro "Vapor Marquês de Caxias", São Leopoldo B 3, 219 + 09/12/1860					
	oo2	9.PEDRO HOFFMANN *16/11/1859 + 11/12/1860 em Picada café - São Leopoldo (RS)					
	oo2	10. ELISABETHA HOFFMANN *21/09/1861 JOANETA, São Leopoldo (RS) B 5, 56, oo 03/06/1879 Jakob Schmidt, lv C l, 18v					

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES							
I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
BISAVÓS	AVÓS	PAIS (Tios)	JOSÉ HOFFMANN (irmãos e primos)	FILHOS (sobrinhos)	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
			1.MARIA SCHMIDT *23/04/1880 Ivoti (RS) + 29/03/1937 Pinhal Alto/Nova Petrópolis (RS), oo Nicolau Hansen				
			2.ANNA SCHMIDT *14/06/1881 + 02/01/1966 Joaneta (RS,) oo Jaccob Sander				
			3.JOÃO SCHMIDT *18/02/1893 + 13/01/1963, oo Catarina Staudt				
			4.PEDRO SCHMIDT *25/11/1885 + 14/06/1905 Picada Holanda/Picada Café (RS)				
			5.ELIZABETH SCHMIDT *25/10/1886 + 08/09/1965, oo José Philipsen				
			6.JACOB SCHMIDT FILHO *19/07/1888 + 28/04/1948 Picada Café (RS), oo Karolina Reisdörfer				
			7.JOSÉ SCHMIDT *26/03/1890, + 30/09/1972, oo Paulin Trocourt				
			8.PAULINA SCHMIDT *24/05/1892, Ivoti B I, 154 + 25/03/1973 Pinhal Alto oo José Zilles				
			9.CATHARINA SCHMIDT *14/07/1894 + 23/04/1948 Novo Hamburgo (RS)				
			10.ALOYSIO SCHMIDT *04/08/1896 +12/10/1970 em Porto Alegre (RS), oo Emília Jaeger				
			11.BALDOINO SCHMIDT *05/02/1898 + 14/05/1978, oo Maria Schneider				
			12.AMÁLIA SCHMIDT *20/01/1900 + 13/05/1986 sepultada em Joaneta (RS), oo Jacob Zilles				
			13.Pe. AFONSO SCHMIDT *17/02/1905 + 24/07/1977 sepultado em Joaneta (RS)				
	oo2		11.BÁRBARA HOFFMANN *1864, São José do Hortêncio B2, 37				

(conclusão)





## NOTAS:

- 1) A maioria dos dados ( dessa Árvore Genealógica) estruturados em planilha EXCELL por Hugo Hoffmann, filho de Paulino Hoffmann, provêm de fundamentadas pesquisas em parte retirados do livro "Raízes e Memórias", editado em 2015, pela prima Anita David , filha de 1.10.5.5.1 Vergínia Hoffmann. **1.10.5.5.3.1 - Hugo** (e-mail: hugohoffmann@uol.com.br) e **1.10.5.5.1.5 Anita** (e-mail: anitadavid04@yahoo.com.br) são netos de **1.10.5.5 José Hoffmann** .
- 2) Anita David iniciara algumas pesquisas já em 1996, visitando no Rio Grande do Sul locais referenciados por nossos antepassados, quando fêz contatos com vários "Hoffmanns", alguns também pesquisando sobre suas origens.
- 3) Anita, que é Irmã Catequista Franciscana e domina bem o idioma alemão, trabalhou em Bonn-Alemanha no período de 2004 a 2009. Naquela oportunidade apurou as origens dos Hoffmann que emigraram de Dirmingen-Alemanha. Na ocasião Anita teve fundamental colaboração do casal Benno Lernen/ Gisella Büttner Lernen (e-mail: bennolernen@terra.com.br), professores universitários aposentados residindo em São Leopoldo (RS), ela , doutora em história da imigração. Esse casal (com singular dispionibilidade) forneceu dados à Anita na Alemanha, após acessar o códice 234 do Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande do Sul e registros da Arquidiocese de Porto Alegre e de Novo Hamburgo, bem como paróquias (Ivoti, Picadas Holanda e Café -Joanetha), em que Hoffmanns se estaleceram, permitindo classificá-los por suas origens, o que foi feito com fontes seguras e competentes.
- 4) Houve também valiosa colaboração, para a estruturação dessa Árvore Genealógica, de outro casal de pesquisadores que reside em Porto Alelgre (RS) , o qual tem ligação com a descendência Hoffmann, cuja colaboiração marca este registro de dados. Trata-se do casal Breno Bina Kessler/Maria Cristina Zilles Kessler (e-mail: cristina@kessler.com.br), ela, bisneta de 1.10.10 Elisabetha Hoffmann, tia por parte de pai de 1.10.5.5. José Hoffmann.
- 5) Abreviaturas: \* (nascimento), + (morte), oo (casamento), oo1 (primeiro casamento), oo2 (segundo casamento), Iv B l 16v (paróquia de Ivoti,livro de Batismos nº 1, às folhas 16 verso), C (livro de Casamentos)
- 6) Há famílias Hoffmann com menos nomes/dados registrados. Por não os termos conseguido a tempo, fica o desafio para que outros Hoffmann (que não a Anita e o Hugo) os complementem, enriquecendo essa iniciativa.
- 7) Os dados aqui referidos ficam disponíveis a familiares que tiverem interesse/oportunidade de completá-los, legando-os à posteridade.



# CAPÍTULO 14

Árvore geneológica de 1.3.1 JOÃO DELAI \*1894 em Arroio Grande/Santa Maria (RS),  
pai de 1.3.1.2 HELENA DELAI \*1919 Mãe de 1.3.1.2.1 Hugo Hoffmann \*1938 em Luzerna (SC)

GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
1.IZIDORO DELAI - *ITÁLIA, VICENZA - SCHIO, FORMI, oo Angela Lorenzini (tiveram 4 filhos)						
1.GIUSEPPE DELAI *1864 em FORMI (Itália)+1903, oo Angelina Sartori *1872 (tiveram 2 filhos e 1 filha)						
1.JOÃO DELAI *21/02/1896 em Arroio Grande/Santa Maria (RG) + 07/06/1980 Luzerna (SC), oo Rosa Tonetto						
1.JOSEPHINA DELAI *12/09/1917 em Santa Maria (RS) + 17/11/2012 em Ubiratã (PR), oo Vitório Bortoli						
1.JOÃO BORTOLI *em Luzerna (SC), oo Maria						
1.ANGELA BORTOLI *Ubiratã (PR)						
2.RICARDO BORTOLI *Ubiratã (PR)						
1.ANDRÉ BORTOLI						
2.ARTHUR BORTOLI						
3.ANA CLARA BORTOLI						
2.WALDIR BORTOLI *06/11/1947 em Luzerna (SC)						
1.ALEXANDRE BORTOLI *21/12/1979						
1.PEDRO ANTONIO BORTOLI *28/12/1987						
2.ALEX BORTOLI *19/03/1986						
1.VICTOR GABRIEL BORTOLI *15/10/2009						
3.ANTÔNIO BORTOLI *19/03/1950, oo Regina Müller						
1.ROSANE CRISTINA BORTOLI *05/08/1980, oo Nelson Antonio Leme de Souza						
1.LUCAS GABRIEL *30/07/2003						
2.VINICIUS *22/11/2006						
2.RONALDO BORTOLI *23/03/1984, oo Lucineide Alves Lessa						
1.MARIA VITORIA BORTOLI *22/08/2011						
2.HEITOR BORTOLI *30/04/2014						

(continua)



GERAÇÕES						
AVÓ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						3.REGILAINE BORTOLI *14/12/1988
						4.JOSÉ BORTOLI *19/03/1950 oo Sonia Sgarbi
						1.GISELLE APARECIDA BORTOLI *07/08/1982, oo Maurício Capana
						1.EMILLY BORTOLI CAPANA *10/12/2013
						2.LEANDRO SGARBI BORTOLI *18/08/1983, oo Juliana Aparecida Simeão
						3.LUCIANO JOSÉ BORTOLI, oo Jaqueline Marchi
						1.DAVI LUCCA MARCHI BORTOLI *11/05/2015
						5.NAIR TEREZINHA BORTOLI *30/08/1954, oo Umbelino Antonio Pansera *05/10/1939
						1.ADRIANO PANSERA*04/06/1977 em Ubiratã (PR), oo Fábica C. Zampronio
						1.HELOISA ZAMPRONIO PANSERA *25/11/2004 em Ubiratã (PR)
						2.DAVI ZAMPRONIO PANSERA *04/06/2007 em Ubiratã (PR)
						2.ANDREIA CRISTINA PANSERA *27/01/1982 em Ubiratã (PR), oo Emir Simionato Sabião
						6.LOURDES BORTOLI *17/07/1958, oo Altair Sgarbi
						1.ELISANDRO SGARBI *14/01/1983 em Ubiratã (PR), oo Alexandra Basanello
						2.ELISANGELA ALINE SGARBI *07/02/1986 em Ubiratã (PR)
						3.ELISANE CRISTINA SGARBI *26/12/1992 em Ubiratã (PR)
						2.HELENA DELAI *13/07/1919 em Santa Maria (RS) +16/04/2018 em Luzerna (SC), oo Paulino Hoffmann
						1.HUGO HOFFMANN *04/04/1938 em Barra do Estreito/ Luzerna (SC), oo Loretta Girardi
						1.RICARDO HOFFMANN *17/11/1967 em Maringá (PR), oo Silvia Regina Gasparotto
						1.ANA BEATRIZ HOFFMANN *16/10/1999 em Maringá (PR)
						2.ANA GIULIA HOFFMANN *26/07/2001 em São Paulo (SP)
						2.RENATO HOFFMANN *01/10/1970 em Maringá (PR), oo Suzana Karling
						1.RENAN KARLING HOFFMANN *25/07/2005 em Maringá (PR)
						2.AGNES KARLING HOFFMANN *17/07/2007 em Maringá (PR)
						3.HERON KARLING HOFFMANN *09/07/2009 em Maringá (PR)
						3.LILENE HOFFMANN *04/12/1972 em Maringá (PR), oo Adriano Bezerra de Oliveira

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						1.VICTÓRIA HOFFMANN DE OLIVEIRA *15/09/2003 em Maringá (PR)
						2.LORENA HOFFMANN DE OLIVEIRA *21/03/2009 em Maringá (PR)
						2.ROSALINDA HOFFMANN *05/11/1939 Luzerna (SC), oo1 Paulo Milton Vier oo2 Fausto Moro
				oo1		1.NEILOR VIER *24/06/1960 em Luzerna (SC), oo1 Neusa oo2 Wanderlene
					oo1	1.PRISCILA VIER *15/10/1985
					oo2	2.ANNA CRISTINA VIER *20/03/1992 em Blumernau (SC)
				oo1		2.PAULO ROBERTO VIER *20/08/1964 em Luzerna (SC), oo Cláudia
						1.PAULA DUANA VIER *13/01/1993 em Blumenau (SC)
						2.NAIARA BEATRIZ VIER *07/12/1996 em Blumenau (SC)
				oo1		3.ANDRÉ VIER *18/07/1968 em Luzerna (SC), oo Ivanir
				oo2		4.VIVIANE HOFFMANN MORO *11/01/1971 em Maringá (PR)
				oo2		5.ROSI FABIANE HOFFMANN MORO *05/11/1973 em Toledo (PR)
						3.LEONIDA HOFFMANN *29/01/1941 em Luzerna (SC), oo Alberico Moro
						1.GIOVANA RAQUEL MORO *15/10/1965 Luzerna (SC), oo Jairo Antonio Puntel
						1.GABRIEL MORO PUNTEL *06/04/1995 +24/06/1995 em Toledo (PR)
						2.ELIANA CRISTINA MORO *21/06/1967 Luzerna (SC), oo Sebastião Celso B. da Silveira
						1.JOÃO PAULO MORO DA SILVEIRA *12/10/2005 + 28/10/2006 em Toledo (PR)
						3.PAULO EUGÊNIO MORO *20/03/1973 em Maringá (PR), oo1 Lucélia, oo2 Ana Oliveira
					oo1	1.ISABELLA MORO *14/07/2003 em Toledo (PR)
					oo2	2.LAURA OLIVEIRA MORO *06/08/2014 em Maringá (PR)
						4.SUZANA REGINA MORO *19/11/1984 em Toledo (PR)
						4.MILTON EUGÊNIO HOFFMANN *12/08/1944 em Luzerna (SC) oo Marlene Mott
						1.MARLOS HOFFMANN *25/04/1973 em Luzerna (SC) oo1 Samara oo2 Juliana Demétrio
					oo1	1.IZADORA HOFFMANN *05/08/2008 em Florianópolis (SC)
					oo2	2.MARIA GUILHERMINA D. HOFFMANN *07/06/2016 em Florianópolis (SC)

(continua)



GERAÇÕES						
AVÓ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						2.ADRIANA HOFFMANN *29/12/1977 em Luzerna (SC), oo Alexandre
						5.LIRIA MARIA HOFFMANN *12/01/1947 em Luzerna (SC), oo Luiz Pegoraro Sobrinho
						1.ALISSON HOFFMANN PEGORARO *05/12/1975 em Luzerna (SC), oo Alessandra Barauna
						1.DAVI HOFFMANN PEGORARO *27/04/2007 em Curitiba (PR)
						2.LUCCA BARAUNA PEGORARO *30/01/2009 em Curitiba (PR)
						2.FÁBIO HOFFMANN PEGORARO *28/12/1977 em Luzerna (SC) oo Rachel Tcheker Silveira
						1.KATHARINA TCHEKER PEGORARO *09/09/2018 em Florianópolis (SC)
						2.HELENA TCHEKER PEGORARO *01/07/2021 em Florianópolis (SC)
						3.FERNANDO HOFFMANN PEGORARO *05/09/1985 Chapecó (SC), oo Mariana Albuquerque
						1.ALICE PEGORARO *18/12/2020 em Florianópolis (SC)
						2.BENÍCIO PEGORARO *16/03/1922 em Florianópolis (SC)
						6.NAIR TERESINHA HOFFMANN *16/09/1950 em Luzerna (SC), oo Nemésio Altoé
						1.CÁSSIO ALEXANDRE ALTOÉ *23/03/1980 em Maringá (PR), oo Sara Mendes
						1.JOAQUIM MENDES ALOÉ *29/03/2019 em Brasília (DF)
						2.FELIPE LORENZO MENDES ALTOÉ *24/06/2021 em Brasília (DF)
						3.MARIA CATARINA MENDES ALTOÉ *16/04/2023 em Brasília (DF)
						2.ANDREY VINÍCIUS ALTOÉ *17/05/1982 em Brasília (DF), oo Mariana Pereira de Mello
						1.ARTHUR GIUSEPPE DE MELLO ALTOÉ *09/02/2015 em Brasília (DF)
						2.ÁLVARO DE MELLO ALTOÉ *20/04/2017 em Brasília (DF)
						3.ANTÔNIO DE MELLO ALTOÉ *22/05/2019 em Brasília (DF)
						4.MARINA DE MELLO ALTOÉ *22/07/2022 em Brasília (DF)
						7.JOSÉ AIRTON HOFFMANN* 15/05/1954 em Luzerna (SC) oo Ezair Bender
						1.GUILHERME HOFFMANN *28/05/1983 em Luzerna (SC), oo1 Araceli, oo2 Erica Karolina de Oliveira
					oo2	1.MURILO DE OLIVEIRA HOFFMANN *06/08/2021 em Florianópolis (SC)
					oo2	2.ADAM DE OLIVEIRA HOFFMANN *01/05/2023 em Florianópolis (SC)



(continuação)

GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					2.ESTELA HOFFMANN *25/11/1985 em Luzerna (SC), oo1 Conrado, oo2 Juan Paz	
					oo1	1.BERNARDO HOFFMANN CONRADO *27/09/2012 em Luzerna (SC)
					oo1	2.ANTONIO HOFFMANN CONRADO */+ 16/09/2016 em Luzerna (SC)
					oo2	3.LUIZA HOFFMANN PAZ *17/09/2016 + 18/09/2016 em Luzerna (SC)
					oo2	4.LUNA HOFFMANN PAZ *18/02/2021 em Luzerna (SC)
				3.JOSÉ DELAI *05/09/1921 em Santa Maria (RS) + 25/02/2003 em Cruzeiro do Oeste (PR), oo Emília Piveta		
				1.NELY DELAI *01/10/1947 em Luzerna (SC), oo Valmir Pereira da Silva		
				1.WANDERLEY PEREIRA DA SILVA *29/06/1967, oo Marcia de Fátima Zequi		
				1.NAYARA ZEQUI SILVA *14/08/1998		
				2.MÁRCIO ROGERIO PEREIRA DA SILVA *10/03/1970, oo Lucélia Batista Medeiros		
				3.MARISTELA PEREIRA DA SILVA *04/04/1971, oo Eber Ezequiel Gambi		
				1.MAICON BRENDON GAMBÍ *29/04/1996		
				2.PAULO HENRIQUE GAMBÍ *10/06/1999		
				4.LEANDRO PEREIRA DA SILVA *14/11/1980, oo Solange Cristina Pereira da Silva		
				1.JONATHAN DA COSTA SILVA *24/02/2000		
				2.VIKTOR HUGO PEREIRA DA SILVA *21/12/2001		
				2.LENITA MARIA DELAI *21/01/1949 em Luzerna (SC), oo Vanir José Batista Bastos		
				1.SHEILA ALINE DELAI BASTOS *28/09/1976, oo Paulo Albano da Costa		
				1.BRUNA LETÍCIA BASTOS DE MELO *31/08/1994 em Plotina (PR)		
				2.CECÍLIA BASTOS DA COSTA *24/07/2010		
				2.SAMANTHA DELAI BASTOS *12/09/1979, oo Jandir Gris		
				1.BEATRIZ GRIS *08/03/2008 em Palotina (PR)		
				2.MATHEUS GRIS *18/03/2015 em Palotina (PR)		
				3.PABLO ULISSES DELAI BASTOS *09/12/1983, oo Juciara Santiago		
				1.YURI GALLE BASTOS *13/08/2004 em Palotina (PR)		

(continua)



GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						2.YAGO SANTIAGO BASTOS *14/08/2010 em Palotina (PR)
						3.IVANY ANTONIETA DELAI *20/06/1950, oo Genaro Antonio da Silva
						1.GIANCARLO DELAI DA SILVA *23/03/1979, oo Sirlene Elis S. Weimar
						2.KATIUCIA LEILA DA SILVA *11/07/1986, oo Jairo de Campos Ferreira
						1.PEDRO HENRIQUE DA SILVA SALES *14/10/2006
						2.MARIA EDUARDA DE CAMPOS FERREIRA *16/03/2011
						3.TAINÁ SILVA DE CAMPOS FERREIRA *20/06/2014
						4.DALILA DELAI *18/03/1953 (mora em Joinvile (SC), oo Luiz Carlos de Souza
						1.CRISTIANE DELAI SOUZA *19/02/1978, oo André Luiz de Camargo Rocha
						1.ALICE ELIZ DE CAMARGO ROCHA *22/03/2013
						2.FRANCIELLE KARLA DELAI SOUZA *24/09/1979, oo Humberto Braum Inocencio
						1.GABRIEL DELAI INOCENCIO *22/09/2011
						3.FRANCIELLE LILIAN DELAI SOUZA *13/09/1983, oo Romenito Silva Siewerdt
						1.LAURA DELAI SIEWERDT *05/07/2012
						5.TEREZINHA AMEIRE DELAI *22/09/1957, oo Milton Tanoue
						1.ANDRESA DELAI TANOUE *10/12/1984 Cruzeiro do Oeste (PR), oo Rafael Petineli
						2.LARISSA DELAI TANOUE *05/12/1988 em Cruzeiro do Oeste (PR)
						1.GUSTAVO TANOUE SOUZA *10/09/2013 em Cruzeiro do Oeste (PR)
						3.VINICIUS DELAI TANOUE *21/07/1990 em Cruzeiro do Oeste (PR), oo Juliana Deliberai
						6.ELINIR ANTONINHA DELAI *12/06/1959, oo Agostinho Pizaia
						1.PATRÍCIA DELAI PIZAIA *22/04/1982, oo Rafael Neuman de Menezes
						2.GUILHERME DELAI PIZAIA *08/12/1988
						4.GENTIL ANTONIO DELAI *19/10/1923 Santa Maria (RS) + 24/08/2000 Luzerna (SC), oo Elda Libra Marqueze
						1.GELCI MARIA DELAI *08/12/1945, oo Norico Arenhart
						1.CLÓVIS ARENHART *11/08/1964, oo Rosangela

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						1.MATHEUS ARENHART *18/05/2002
						2.CLÁUDIA ARENHART *28/10/1970, oo Valdecir Ceron
						1.ANA CLÁUDIA CERON *11/10/1993
						2.NELITO DELAI *05/10/1947, oo Judith
						1.VIVIANE CRISTINA DELAI *27/09/1974, oo Vagner Piaia
						1.MANUELA PIAIA
						2.CRISTIANE DELAI *30/11/1979 em Joaçaba (SC)
						3.NELCI DELAI *23/06/1949, oo João Carlos Machado
						1.JEANDERSON MACHADO *04/11/1976, oo Karine Lopes
						1.GUSTAVO ANTONIO MACHADO *08/01/2013
						2.DEIVERSON EDUARDO MACHADO *10/11/1977
						4.GENI TERESINHA DELAI *09/02/1951, oo Navir Fiorin
						1.LUCIANE FIORIN *31/07/1970, oo Irio Colla
						1.KIANY FRANCINI COLLA *02/07/1993
						2.ALISSON HENRIQUE COLLA *31/01/2000
						2.ROSANA FIORIN *19/11/1975, oo1 Ernani, oo2 Geisson
						1.IZADORA FIORIN *22/07/2012
						3.JORGE LUIZ FIORIN *04/05/1981, oo Karine
						5.LENI INES DELAI *04/05/1953, oo José Antonio Regensburger + 13/04/2013 em Joaçaba (SC)
						1.SIMONE REGENSBURGER *01/09/1977 + 26/10/2002 em Joaçabsa (SC)
						2.JOSIANE REGENSBURGER *10/01/1980, oo Rafael de Camargo Catapan
						1.BENJAMIN REGENSBURGER CATAPAN *22/11/2012 em Chapecó (SC)
						2.ARTHUR REGENSBURGER CATAPAN *20/03/2016 em Joinville (SC)
						3.LUIZ ANTONIO REGENSBURGER *29/07/1981, oo Andreia Sviderski
						1.TULIO SVIDERSKI REGENSBURGER *30/04/2013 em Joaçaba (SC)
						5.ANGILO DELIAY *28/04/1927 em Luzerna (SC) + 03/06/2013 em CASCAVEL (PR), oo Izaura Meneghini

(continua)





GERAÇÕES						
AVÓ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						1.LUIZ DELAY *16/03/1953 oo Antonia Ilza Souza
						1.CÉLIO ROBERTO DELAY *29/03/197800 Jakeline Araujo
						1.BRYAN LUIZ DELAY *12/11/2014
						2.GISELE ADRIANA DELAY *19/09/1981, oo Donizete Alves
						1.GABRIEL DELAY ALVES
						3.JOSIANE MORGANA DELAY *18/03/1985, oo Franchesco Martins
						1.JASMINE DELAY MARTINS *05/01/2015
						2.IRES MARIA DELAY *30/06/1958, oo Nivaldo Luiz de Donato
						1.VANESSA DELAY *15/01/1982, oo Celino Barradas Sebastão
						1.JOAQUIM BARRADAS
						3.IRIA DELAY *25/02/1965, oo José Vieira da Silva
						1.PATRÍCIA DELAY DA SILVA *29/06/1982, oo Edmar Lorivaldo Garcia
						1.KAUÃ DELAY GARCIA
						2.LUAN DELAY GARCIA
						2.MICHELY DELAY DA SILVA *02/04/1985, oo Geovani Silakoski
						3.JANAHARA DELAY DA SILVA *23/07/1995
						4.WALMIR DELAY *11/03/1969, oo Dirce Maria Pereira
						1.LARISSA PEREIRA DELAY *26/05/1993
						5.WALDECIR JOSÉ DELAY, oo Anelci Freitass Carneiro
						1.THIAGO JOSÉ CARNEIRO DELAY *03/12/1997
						2.MYLENA FERNANDA CARNEIRO DELAY *19/03/2003
						3.IZABELA CARNEIRO DELAY *03/04/2006
						6.GENTILA DELAY *28/04/1927 em Luzerna (SC), oo Luiz Valler
						1.IRACY VALLER, oo Januário Nascimento
						1.EDSON RONEY NASCIMENTO, oo Sirley Brambilla

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
						1.EDSON RONEY HASCIMENTO JUNIOR
						2.EDMILSON MARCELO NASCIMENTO, oo Ana Leda Araújo de Souza
						1.EDUARDO CRISTHIAN NASCIMENTO
						2.TATIANA NASCIMENTO
						3.ESTELA MARY NASCIMENTO, oo Paulo Eduardo Alves
						1.KAMILLE NASCIMENTO ALVES
						2.CARLOS EDUARDO BOAVENTURA NASCIMENTO
						3.LUIZ PAULO NASCIMENTO ALVES
						4.ELEANDRO CEZAR NASCIMENTO, oo Edna Barbosa Barreto
						1.ELEANDRO CEZAR NASCIMENTO JUNIOR
						5.EDNEY LUIZ CARLOS NASCIMENTO, oo Geslaine Aparecida Api
						1.JAQUELINE NAIARA NASCIMENTO
						2.MARCOS VINICIUS NASCIMENTO
						3.EDINEY LUIZ CARLOS NASCIMENTO FILHO
						6.ELOIR JOSÉ CARLOS NASCIMENTO, oo Elisangela Mendes de Oliveira
						1.LUIS GABRIEL ARNALDO NASCIMENTO
						2.LIRIEL NASCIMENTO
						3.CELESTHY VALLER NASCIMENTO
						2.MARIA DE LURDES VALLER, oo Faustino Domanesk
						1.JOSÉ LUIZ DOMANESK
						2.MARCOS DOMANESK
						3.MARCIO DOMANESK
						3.HUGO VALLER, oo Aparecida Sprisido
						1.ANA CLAUDIA VALLER
						2.MARCELO VALLER

(continua)



GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
				4.WALDOMIRO JAIR VALLER, oo Ana Maria Colhado		
					1.WAGNER JAIR VALLER	
					2.PATRICIA VALLER	
				5.ODACIRA ZORAIDE VALLER, oo Sebastião Dorizotti		
					1.ADEMIR DORIZOTTI, oo Maxwella Barella	
					1.ALINE DORIZOTTI	
					2.GABRIEL DORIZOTTI	
					3.RAQUEL DORIZOTTI	
					2.CRISTIANO DORIZOTTI	
					3.VALDINEI DORIZOTTI, oo Walquiria	
					1.LEONARDO DORIZOTTI	
					2.MILENA DORIZOTTI	
				6.LUIZ VALLER FILHO, oo Marcia Maria Serratto		
					1.MARCIO LUIZ VALLER, oo Luciana Alamani	
					1.LARISSA VALLER	
					2.LAISA VALLER	
					2.SANDERSON VALLER, oo Luana Felix	
					1.BEATRIZ VALLER	
					3.RAFAEL VALLER	
					4.ANDRÉ VALLER	
				7.ISEO DELAI *14/06/1928 em Luzerna (SC) + 25/07/2003 CIANORTE (PR), oo Edite Luíza Dallacosta		
				1.AIRTON DELAI *14/12/1951, oo Rosenilde dos Santos		
					1.MARLON SANTOS DELAI	
					1.IAN SANTOS DELAI	
					2.LUNA SANTOS DELAI	

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES						
AVÓ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					2.RAFAEL SANTOS DELAI, oo Priscila	
					3.DUARDO SANTOS DELAI	
				2.GILBERTO DELAI *03/05/1953, oo Vera Lúcia Previatti		
					1.FABIO PREVIATTI DELAI, oo Cristiane	
					1.BÁRBARA PREVIAATTI DELAI	
					2.FABIO PREVIATTI DELAI FILHO	
					2.GILBERTO DELAI FILHO, oo Vanessa Verones	
				3.TEREZA DELAI *11/08/1955, oo Sinezio Santos		
					1.MARCOS DELAI SANTOS, oo Vanessa	
					1.GABRIEL DELAI SANTOS	
					2.MARCIO DELAI SANTOS, oo Rose	
					1.JULIA DELAI SANATOS	
					2.GABRIELA DELAI SANTOS	
					3.RAFAELA DELAI SANTOS	
				4.NEVIO DELAI *28/12/195?, oo Andreia Alcântara		
					1.ANDERSON ALCANTARA DELAI	
					1.GABRIELA DELAI	
					2.JOYCE ALCANTARA DELAI	
					3.JULIANA ALCANTARA DELAI, oo Alisson	
					1.JULIA	
				5.VANIA MARIA DELAI *16/06/1963, oo Valdemir Turqueti		
					1.GUILHERME DELAI TURQUETTI	
					2.DANIELA DELAI TURQUETTI, oo Marcos Vinicius	
					1.VITOR	
				6.OSWALDEMIR DELAI *16/02/1966 + 02/01/2005, oo Sandra Cabeleira		

(continua)



GERAÇÕES						
AVÔ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					1.JESSICA CABELEIRA DELAI	
					2.FERNANDA CABELEIRA DELAI	
					8.ANAIR DELAI *07/06/1935 LUZERNA (SC), oo Oswaldo Marqueze	
					1.MARILENA MAZRQUEZE *29/08/1954, oo Vitorino Luiz Machado	
					1.MELISSA MARQUEZE MACHADO *01/12/1978 em Luzerna (SC) oo Daniel Luiz Franzoi	
					1.FERNANDA MARQUEZE MACHADO FRANZOI *27/11/2011 em Florianopolis (SC)	
					2.KARINA MARQUEZE MACHADO *28/12/1980 em Luzerna (SC), oo Robson F. de Carvalho Jr.	
					1.MATEUS MACHADO DE CARVALHO *21/12/2012 em Florianopolis (SC)	
					2.DAVI MACHADO DE CARVALHO *08/06/2018 em Florianopolis (SC)	
					3.MARIANE MARQUEZE MACHADO *28/04/1984, oo Alexandre Lopes da Rosa	
					1.JULIA MARQUEZE LOPES DA ROSA *22/09/2018 em Florianopolis (SC)	
					2.MARINÊS MARQUEZE *09/01/1956 + 07/01/2009 em LUZERNA (SC)	
					1.MARIA GABRIELA MARQUEZE *13/04/1993 (adotiva)	
					3.MARISTELA MARQUESE *11/01/1962, oo1 Natalino Zamboni, oo2 Juarez Henrique do Nascimento	
				oo1	1.FELIPE MARQUEZE ZAMBONI *29/09/1983 em Luzerna (SC), oo Renata Waltrick	
				oo1	2.CAMILA MARQUEZE ZAMBONI *20/03/198 em Luzerna (SC), oo Pedro Soeth da Cunha	
					1.LAURA MARQUEZE SOETH DA CUNHA *21/02/2016 em Florianopolis (SC)	
					4.MARISA MARQUEZE *15/08/1963 em Luzerna (SC)	
					1.THALITA MARQUEZE *16/01/1983 em Luzerna (SC)	
					5.MARCIA REGINA MARQUEZE *16/11/1965 em Luzerna (SC), oo Wilson Batista	
					1.ARTHUR MARQUEZE BATISTA *17/12/1997 em Florianopolis (SC)	
					6.JOÃO OSWALDO MARQUEZE *05/03/1967 em Luzerna (SC)	
					9.ARLINDO DELAI *28/12/1936 em Luzerna (SC) + 17/09/2013 em Toledo (PR), oo Edi Spier	
					1.ERICA DELAI *02/08/1962, oo Vicente José Dotto	

(continua)



(continuação)

GERAÇÕES						
AVÓ	PAI	JOÃO DELAI e irmãos	FILHOS e Sobrinhos	NETOS	BISNETOS	TRINETOS
					1.LEONARDO JOSÉ DOTTO *19/02/1993 Palotina (PR)	
					2.GABRIEL JOSÉ DOTTO *27/03/1996 Palotina (PR)	
	oo1	2.EUGÊNIO DELAI				
	oo1	3.MARIA DELAI, oo João Sartori				
			1.ROMILDA SARTORI, oo Angelo Branco			
			2.JOSÉ SARTORI, oo Letícia Cardoso			
			3.ELSA SARTORI, oo Nim Doré			
	oo2	4.MARIO AGOSTINI, oo Regina Toaldo(Mario é filho de Angela Sartori Delai, oo2 Felice Iluminato Agostini *1873				
			1.MARIO REGIS AGOSTINI, oo JANICE VERÍSSIMO AGOSTINI			
			2.DARTAGNAN LUIZ AGOSTINI, oo IRMA AGOSTINI			
			3.FLÁVIO AUGUSTO AGOSTINI, oo SOLANGE M. AGOSTINI			
			4. MARTA BEATRIZ AGOSTINI, oo DAVID PEREIRA FILHO			
			5.MARIA MEDIANEIRA AGOSTINI, oo JOSÉ CARLOS MELLO			
			6.ANGELA TOALDO AGOSTINI, oo MÁRIO LUIZ CONDE PINTO			

(conclusão)

**NOTA:**

- 1) A coleta de nomes, de locais e de datas desta árvore genealógica provêm de pesquisas e apontamentos ocorridos em encontros de famílias DELAI, a maioria deles, sob a liderança da prima 1.3.1.9.1 **Érica Delai** e estão apresentados em planilha excell, com estruturação criada por mim 1.3.1.2.1 **Hugo Hoffmann**, após muitas trocas de mensagens que envolveram inúmeros DELAI e HOFFMANN, que disponibilizaram esses dados para serem continuados e aperfeiçoados.
- 2) Convenções: \*(nascimento), + (morte), \*/+ (nati morto), oo2 (segundo casamento), número que precede o nome (ordem entre irmãos).
- 3) Em razão de haver divergências na grafia entre familiares, optei por usar unicamente Delai, do nome de minha mãe.





## REFERÊNCIAS

DAVID, Anita. **Raízes e memórias**: família de Miguel David e Vergínia Hoffmann David. Joinville, SC: Edição do autor, 2015. p. 58-59.

DEPRÁ, Marco Antonio. **Arte cartográfica**. Maringá, PR, 2023.

FRANCISCANOS. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (OFM). **Agudos - Fraternidade do Seminário Santo Antônio**. Agudos, SP: OFM, c2023. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/quemsomos/ondeestamos/fraternidade-franciscana-do-seminario-santo-antonio/#gsc.tab=0>. Acesso em: 20 nov. 2023.

FRANCISCANOS. Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil (OFM). **Igreja Matriz São João Batista de Luzerna (S) e da casa paroquial**. Luzerna, SC: OFM, c2023. Disponível em: <https://franciscanos.org.br/quemsomos/ondeestamos/fraternidade-sao-joao-batista-luzerna/#gsc.tab=0>. Acesso em: 9 maio 2023. (Foto 2)

GAZETA ABEBEANA. Maringá: Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), ano 7, n. 28, dez. 1990. Edição comemorativa dos 30 anos da fundação da AABB-Maringá.

GAZETA ABEBEANA. Maringá: Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), ano 7, n. 28, p. 17, 19-20, dez. 1990. Edição comemorativa dos 30 anos da fundação da AABB-Maringá.

HOFFMANN, Helena Delai. **Coletânea de fotos - Caixa de recordações de Mãe Helena**. Luzerna, SC, 1925-1968.

LUZERNA (SC). Prefeitura Municipal. **Imagem aérea da cidade de Luzerna (SC)**. Luzerna, SC, 2023. Disponível em: <https://www.ederluiz.com/vc/luzerna-se-destaca-em-indicadores-do-previne-brasil-e-garante-recursos-para-a-saude>. Disponível em: [https://www.facebook.com/PrefeituraLuzerna?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/PrefeituraLuzerna?locale=pt_BR). Acesso em: 9 maio 2023. (Foto 1)

MOURA, Roldão Alves de; DEPRÁ, Marco Antonio. **Associação Atlética Banco do Brasil - Maringá**: meio século de história. Prefácio Hugo Hoffmann. Maringá, PR: Edição do autor, 2018. 384 p., il. (algumas color.).

NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. **Atas...** Maringá, 1972. p.1. (1º Livro de Atas).

NÚCLEO SOCIAL PAPA JOÃO XXIII. **Planta arquitetônica**. Maringá.

REVISTA DA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ. Maringá: Arquidiocese de Maringá, p. 7, 1972. Edição em comemoração aos 15 anos de sua fundação.

REVISTA MARINGÁ MISSÃO. Maringá, p. 10, julho 1998.

REVISTA TRADIÇÃO. Maringá: Vitrine Propaganda, ano 33, n. 372, p. 62-64, dez. 2013.

REVISTA TRADIÇÃO. Maringá: Tradição Publicações, ano 41, n. 470, capa e p. 8-12, 2022.

RIGHI, José Vicente; BISOGNIN, Edir Lúcia; TORRI, Valmor. **Povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre, RS: EST Edições, 2021. p. 160. ISBN 9786589717003.

ROSA, Valdir Vicente da. Ponte Emílio Baumgart, da construção a queda em 84 anos de história. 15 nov. 2014. In: **PORTAL DE NOTÍCIAS CACO DA ROSA**. Joaçaba, SC, c2021. Disponível em: <https://www.cacodarosa.com/noticia/6582/ponte-emilio-baumgart-da-construcao-a-queda-em-84-anos-de-historia>. Acesso em: 9 maio 2023.

SANTOS, Altair. **Há 30 anos, ruía ponte-referência para a engenharia**. In: PORTAL ITAMBÉ CIMENTO. Curitiba, 19 abr. 2013. Disponível em: <https://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzenta/ha-30-anos-ruia-ponte-referencia-para-a-engenharia/>. Acesso em: 9 maio 2023.





SEMINARISTAS Franciscanos - Luzerna - Agudos - Rio Negro - Ituporanga. Site criado para comunicação entre ex-seminaristas franciscanos dos Seminários São João Batista de Luzerna - SC e Seminário Santo Antônio de Agudos-SP. [S. l.], 2012. Disponível em: [https://seminaristasfranciscanos.blogspot.com/2012\\_06\\_10\\_archive.html](https://seminaristasfranciscanos.blogspot.com/2012_06_10_archive.html). Acesso em: 9 maio 2023. (Fotos 3, 4)

SEMINARISTAS Franciscanos - Luzerna -Agudos - Rio Negro - Ituporanga. Site criado para comunicação entre ex-seminaristas franciscanos dos Seminários São João Batista de Luzerna - SC e Seminário Santo Antônio de Agudos-SP. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://seminaristasfranciscanos.blogspot.com/2019/03/normal-0-21-false-false-false-pt-br-x.html>. Acesso em: 9 maio 2023. (Foto 5)